

Kresley Cole - Crônicas Arcanas 03

A Morte do Inverno





Decisões de Cortar o Coração

Evie estava quase seduzida pela vida e conforto que Morte lhe ofereceu; até que Jack foi enganado por dois dos mais aterrorizantes Arcanos, Os Enamorados. Ele fará qualquer coisa para salvá-lo, até mesmo escapar da misteriosa prisão de Morte, cheia de belos objetos, conforto material... e olhares roubados de um antigo amor.

Vitória Incerta

Apesar de ter deixado uma parte de seu coração por trás com a Morte, Evie se estabelece em um perigoso deserto pós-apocalíptico para se encontrar com seus aliados e lançar um ataque contra Os Enamorados. Inimigos tão formidáveis exigem um plano de batalha, e a única maneira de matá-los pode significar uma aliança entre Evie, Jack, e Morte. Evie não sabe o que vai ser mais impossível: escravos sobreviventes, a peste, Bagmen e outro Arcano, ou convencer Jack e Morte de trabalharem em conjunto.

Dois heróis retornando

Há uma linha fina entre o amor e o ódio, e Evie apenas não sabe onde fica entre Jack e Morte. Será que este trio improvável será capaz de derrotar Os Enamorados sem matar um ao outro antes?

OS ARCANOS MAIORES

- 0. O Louco, Guardião dos Antigos (Matthew)*
- I. O Mago, Mestre das Ilusões (Finneas)*
- II. A Sacerdotisa, Soberana das Profundezas*
- III. A Imperatriz, Nossa Dama de Espinhos (Evie)*
- IV. O Imperador, Soberano das Rochas*
- ~~*V. O Papa, O dos Ritos Sombrios (Guthrie)*~~
- VI. Os Enamorados, Duque e Duquesa Mais Perversos (Vincent & Violet)*
- VII. A Biga, Campeão Cruel*
- VIII. A Força, Senhora da Fauna (Lark)*
- ~~*IX. O Eremita, Mestre da Alquimia (Arthur)*~~
- X. A Roda da Fortuna, Senhora do Destino*
- ~~*XI. A Justiça, Aquela que Atormenta (Spite)*~~
- XII. O Enforcado, Nosso Misterioso Senhor*
- XIII. A Morte, O Cavaleiro Eterno (Aric)*
- ~~*XIV. A Temperança, Coletora de Pecados (Calanthe)*~~
- ~~*XV. O Diabo, Vil Profanador (Ogen)*~~
- XVI. A Torre, Senhor dos Raios (Joules)*
- ~~*XVII. A Estrela, Navegador Arcano*~~
- XVIII. A Lua, Portadora da Dúvida (Selena)*
- XIX. O Sol, Saúde e o Glorioso Iluminador*
- XX. O Julgamento, O Arcanjo (Gabriel)*
- XXI. O Mundo, A Extraordinária (Tess)*

O CAMPO DE BATALHA

Durante o Flash, uma explosão global cataclísmica, a superfície da Terra foi transformada em cinzas, e corpos d'água evaporaram. Toda flora foi destruída, a maior parte da fauna também. A grande maioria dos humanos pereceu, as mulheres sendo as mais atingidas. Depois de meses de uma seca absoluta, a chuva começou a cair constantemente. O sol deixou de nascer, deixando o mundo em uma noite eterna. Pestes se espalharam.

OBSTÁCULOS

Milícias se unificam, consolidando o poder. Traficantes humanos e canibais caçam novas vítimas. Todos empenhados em capturar mulheres. Os Bagmen, zumbis contagiosos criados pelo Flash, vagam no escuro, sedentos por líquidos, especialmente sangue.

INIMIGOS

Os Arcanos. A cada era de trevas, vinte e dois garotos nascem com poderes sobrenaturais e são destinados a lutarem em um jogo de vida ou morte. Nossas histórias estão descritas nas cartas de Tarô dos Arcanos Maiores. Eu sou a Imperatriz; voltamos a jogar agora. Em meu campo de visão estão Os Enamorados, que aprisionaram Jack.

ARSENAL

Para derrotar Os Enamorados e os demais, terei que usar os meus poderes de Imperatriz: cura acelerada, a habilidade de controlar qualquer coisa que tenha raízes ou floresça, tornados de espinhos e veneno. Porque sou a princesa da flora...

CAPÍTULO 01

DIA 372 D.F.? (TALVEZ 373?)

EM ALGUM LUGAR NO TERRITÓRIO DE MERCADO ESCRAVO

Inspira... expira... inspira... expira...

Enquanto eu corria à cavalo pela paisagem rural, continuava ouvindo as respirações irregulares.

A chuva caía de um céu enegrecido, pingos bombardeando meu rosto. O vento jogava a crina do meu cavalo e agitava o capuz do meu poncho.

Porem, eu ainda ouvia a respiração.

Os pelinhos de trás do meu pescoço eriçaram. Minha égua exalava com força, as orelhas apontando para frente. Eu não possuía a agudeza animal de Lark, nem sentidos de caçador como Selenia, mas, podia sentir alguém, ou alguma coisa, me observando.

Me seguindo?

Inspirar... expirar...

Cavalei mais rápido, forçando a mim, forçando minha espantosa égua a navegar pelo terreno rochoso mais depressa do que o indicado.

Não dormia desde que fugi do refúgio da Morte dias atrás, se é que poderia chamá-los de “dias” naquela escuridão sem fim. Pura determinação me mantinha em cima da sela. Estava começando a delirar.

Talvez nada estivesse me seguindo e minha própria respiração parecesse estranha aos meus ouvidos. *Se eu pudesse descansar só por uns minutos...*

Concentre-se, Evie! Havia muita coisa em jogo. A vida de Jack estava em jogo.

Eu estava determinada a salvá-lo dos Enamorados, Vincent e Violet Milovnici.

O sádico Vincent o capturou; Violet viajava para se encontrar com o irmão. Assim que estivessem juntos, aqueles gêmeos assassinos seriais iriam torturar Jack com seus instrumentos.

Eu corria para chegar antes de Violet, correndo riscos gigantescos. Ainda agora eu não acreditava no que tinha feito para escapar de Aric.

A cada minuto, uma gota de chuva caía bem dentro de um dos meus olhos, a ardência turvando a minha visão. Eu piscava para limpar os olhos, e detalhes do meu último encontro com Morte desabrochavam em minha mente...

A sensação provocada pelas as palmas de pele grossa pelo uso da espada quando ele me segurou pela cintura e me deitou em sua cama. Suas palavras ásperas: “Se se render a mim, será apenas minha. Minha esposa em verdade. Farei qualquer coisa para ter isso.” Mesmo me coagindo, prometendo salvar Jack, por um preço.

Pisco os olhos.

Seu cheiro masculino de sândalo, pinho tinha enfraquecido a minha determinação como uma droga, sufocando o calor da batalha dentro de mim. Ainda assim, consegui dizer: “Isso não sairá como planeja”.

Pisco os olhos.

Sua cabeça tinha se aproximado, decididos olhos cor de âmbar, pouco antes dos seus lábios cobrirem os meus. Seu beijo tinha um jeito de confundir os meus pensamentos, me fazendo esquecer todas as coisas que precisava lembrar.

Pisco os olhos.

“Pronto. Bem melhor”, ele havia murmurado ao remover minhas roupas. “Deixe-me apenas vê-la... tocá-la”. Com sua força sobrenatural, ele deve ter se controlado firmemente para não rasgar a renda da minha calcinha.

Quando fiquei deitada nua à frente dele, aqueles olhos ambarinos brilharam como estrelas. Dois pontos de luz que me enfeitiçaram. “Tão bela, sievã. Deuses, você me rebaixa.” Ele tinha me dado um dos seus raros sorrisos sem resguarda. “É júbilo isso que sinto, não é?” Senti vontade de chorar.

Pisco. Pisco. Pisco.

Sacudi a cabeça com força. Precisava prestar atenção. Não podia me dar o luxo de me perder em lembranças. De me perder, ponto final.

Quando, em pânico, preparava uma mochila e minhas roupas, Matthew me dirigiu telepaticamente: *“Siga rio acima até o Território de Mercado Escravo. Encontre o Vale da Fuligem, e o atravesse. Se encontrar as valas comuns, foi longe demais. Suba a próxima montanha para a floresta de pedra.”*

Mas, desde então, ele não respondia nenhum dos meus chamados.

Cheguei até o fim de um vale cheio de fuligem e comecei a subir. Chuva começou a cair.

Minutos? Horas? Dias? Passaram-se. Apesar da ameaça que eu pressentia, mal conseguia ficar acordada. Minha cabeça ficava caindo. *Talvez pudesse fechar os olhos... só por um segundo.* Caí para frente, descansando a bochecha na crina do cavalo, um braço em cada lado de seu pescoço.

Meus olhos se fecharam.

Quando os abri, estava em Haven.

A égua tinha desaparecido. Sem chuva, sem vento. O céu estava preto e repleto de estrelas. Tudo à minha volta, aquele silêncio sombrio do D.F.

Matthew, estou em uma de suas visões? Todos os detalhes pareciam tão reais. Gosto amargo de cinzas na língua. O cheiro de carvalho e cana-de-açúcar queimados coçava o meu nariz. À distância, Haven House era uma ruína negra. A pira do funeral da minha mãe.

Eu incendiei seu corpo e o nosso lar.

Jack secretamente a ajudou a morrer. Eu entendia o porquê. Não aceitava o como. Não conseguia aceitar o depois.

Quantas mentiras ele contou.

Pesar me rasgou por dentro, pela minha mãe, pela nossa vida antes do Flash. A minha nova existência era tão brutal e visceral que eu me perguntava se as minhas lembranças pré-apocalipse eram na verdade um sonho benevolente e indistinto.

O que era real? O que não era?

Embora Matthew tivesse virado o rosto quando minha mãe morreu, ele ainda conseguia acessar cenas do passado. Estava me dando a lembrança de sua morte?

Uma brisa passou pela cinza no chão, um som belo... como uma canção. Ouvi a voz fraca da minha mãe dizer a Jack, "Use o travesseiro..."

Não, Matthew! Não estou preparada para ver isso! Não estou...

O uivo de um lobo cortou a noite.

* * *

Acordei de um pulo na sela. A chuva havia se transformado em uma garoa nebulosa. *Quanto tempo apaguei?*

Esfreguei os olhos ardidos. Quase gritei. Estava cercada por figuras obscuras.

Espera, não eram figuras. À minha volta havia pilhas enormes de pedras, alinhadas como lenha em uma fogueira. Havia tantas pilhas que a área parecia mais uma floresta. Uma floresta de pedra.

Quem desperdiçaria as calorias para fazer aquilo? E por que as achava tão arrepiantes?

Matthew, está aí?

Finalmente, senti a presença dele em minha mente! *Imperatriz!*

Violet já se reuniu ao irmão?

A Violet não está lá.

Oh, graças a Deus.

Em breve.

Merda! Você me disse que Vincent acampou em um lugar que fica à distância de dias do castelo de Morte. Estou cavalgando há DIAS.

Arcanos por todo lugar.

Ouvi os chamados deles, como de um aparelho de som...

“Olhos no céu, rapazes!” Joles.

“Aprisionado na palma da minha mão.” Tess.

“Como um falcão eu o observo.” Gabriel.

“Contemplem a Portadora da Dúvida!” Selena.

“Não olhe para a mão dele, olhe para aquela.” Finn.

“Louco como uma raposa.” Matthew.

“Iremos amá-lo. Do nosso próprio modo.” Os Enamorados.

Muitos Arcanos estavam bem perto. O que significava que *eu* estava perto.

Terror do abismo!

Hã?

Antes que pudesse perguntar sobre o novo chamado, minha sensação de ser observada retornou. Olhei ao redor.

Imperatriz, está a uma floresta de pedra e a uma clareira de distância. Alguns... obstáculos entre nós.

Movimento. Pelo canto do olho, vi um homem se aproximando, usando as pilhas de pedra para se ocultar.

Outro homem se apressou em se juntar ao primeiro. O par armado vestia uniforme e óculos de visão noturna bem sinistro. Soldados do exército dos Enamorados?

As pedras eram para dar cobertura, como um campo de paint-ball! Há quanto tempo aqueles homens estavam ali quietos, esperando?

Matthew, estou em apuros! Bati as rédeas na égua. Ela reclamou, mas aumentou a velocidade. Com a respiração pesada, ela foi evitando as pilhas.

Virei a cabeça para trás. Dois soldados se transformaram em dez, todos com os rifles preparados. Agora andavam sem se esconder. Por que eu já estava cercada?

Quando o chão começou a ficar mais nivelado, as pilhas foram diminuindo. Levantei a mão para proteger os olhos, me esforçando para enxergar. À frente, a clareira da qual Matthew falou.

Minha alegria passou. Sem vegetação, era um atoleiro, com água e lama formando poças em enormes crateras.

Além disso, havia um muro de cerca de nove metros de altura. O que havia detrás dele?

Um disparo soou; uma bala passou ao lado da minha cabeça. Minha montaria correu mais forte com o som.

— Vamos! VAMOS!

Em meu pânico, minhas unhas se transformaram em garras de espinhos. As pontas, afiadas como navalhas, cortaram minhas luvas. Minhas gravações despertaram, movendo-se pela minha pele.

Um segundo disparo. A bala que por pouco não me atingiu, perfurou a lama ao lado dos cascos da égua. Ela relinchou, galopando mais rápido.

Os atiradores erravam de propósito. Eles me queriam, e a égua... vivas.

Mulheres e cavalos eram duas valiosas comodidades no mundo D.F.

Desesperada por proteção, apertei os olhos examinando a parede. Homens faziam a guarda de um portão bem iluminado.

— Nessa direção, Imperatriz.

Minha égua teria de correr uma boa distância para atravessar a clareira. Era como um fosso diante daquela parede. Então os soldados me capturariam muito antes que chegasse.

Uma cor berrante chamou minha atenção. Atada a um poste havia uma placa feita à mão enfeitada com uma caveira vermelha e ossos cruzados, junto com o aviso: PERIGO! MINAS!

E isso explicava as crateras.

Está de brincadeira, Matthew? Soldados atrás de mim; minas à frente. Como eu atravesso um campo minado?

Um grito agonizado soou atrás de mim.

Ousei olhar para trás. Apenas nove soldados seguiam. Eles corriam atrás de mim em um ritmo mais veloz. Os que ficaram miravam as armas... para o lado.

Outro grito terrível.

E mais outro.

Um tiroteio eclodiu. Canos de armas guerreavam com a neblina; eu não conseguia discernir nada.

Virei para frente. Gritei.

Três soldados estavam parados à minha frente, os rifles apontados para meu rosto. A égua levantou as patas dianteiras, socando-os com os cascos.

Os outros pistoleiros só me levaram até eles!

Mas, atrás deles, uma fera negra se confundia com as sombras. Um brilhante olho dourado iluminava como uma lanterna.

Cyclops! Lark mandou seu lobo de um olho só, para me proteger?

Exibindo presas do tamanho de adagas, a fera maciça deu um rosnado de gelar a coluna. Os homens se viraram...

Cyclops se atirou nos soldados abalados pelo pânico, derrubando-os no chão. Suas presas poderosas se fecharam em membros e rifles, perfurando ossos e metal.

Partes de corpos voaram pelo ar. Sangue jorrou como uma fonte de shopping. Eu fiz careta, embora devesse estar acostumada a coisas como aquela.

O lobo ergueu a cabeça da carnificina e rosnou para os estupefatos soldados posicionados detrás de mim. Aqueles bastardos tinham me levado a uma armadilha; Cyclops devorou a armadilha.

Avistando o focinho pingando sangue, eles correram.

Para mim, Cyclops balançou a calda cheia de cicatrizes. — Lobão bonzinho. Muito bonzinho.

Matthew disse: *Vá até o forte! Precisa chegar à muralha.*

O que tem atrás da muralha? Eu não duvidava que Matthew estivesse me mandando bem para dentro do acampamento dos Milovnicis.

VÁ!

Para as minas? Nós vamos explodir! Esqueça os meus poderes de regeneração; não dava para regenerar uma decapitação.

À esquerda.

Me desviando do perigo?

Me virei para Cyclops. — Não sei se consegue me entender, ou se Lark está dirigindo o seu animal. Mas siga o meu cavalo com cuidado a não ser que queira fazer seus membros voltarem a crescer. — Ele ainda estava mancando por causa da nossa luta contra a Carta do Diabo.

Ele emitiu um som orgulhoso, e bolhas de sangue se formaram em seu focinho. Com um balançar da cauda, mordeu desafiadoramente um braço desmembrado, carregando-o como um brinquedinho de morder. Mas, me seguiu.

Estou confiando em você, Matthew. Engoli em seco e guiei meu cavalo para a esquerda.

MINHA esquerda!

Correção rápida. Cyclops seguiu.

Mais rápido, Imperatriz. Ou os Ase vão saber o caminho do nosso fosso labirinto minado.

Do quê? Quem são os Azey?

A.S.E.: Army of the Southeast – Exército do Sudeste. Puxe para a direita por três segundos. Depois esquerda.

Prendendo o fôlego, puxo as rédeas mais uma vez. *Mil e um, mil e dois, mil e três.* Puxei as rédeas para a direita.

Mais rápido!

Logo eu galopava pelo campo minado, um Arcano telepata em minha mente e um lobo gigante em meus calcanhares.

Dava para ouvir aquela mesma respiração. Era o lobo que me seguia! Se eu sobrevivesse àquela noite, ia dever uma grande à Lark.

O portão abriu à frente, esporei a égua, correndo para alcançar o forte. Sem ideia alguma do que me esperava...

CAPÍTULO 02

Os portões se fecharam com força atrás de Cyclop.

Matthew estava lá para nos receber, com um sorriso vazio no rosto. Quando ele veio até mim e estendeu os braços, eu despenquei da sela, as pernas bambas. Ele me segurou contra o corpo, me ajudando a ficar em pé.

— Que lugar é esse? — Perguntei com a respiração ruidosa, absorvendo os detalhes. A muralha era feita de entulhos de metal: capôs de carro, placas de estrada, barras de reforço. Barracas grandes, em estilo militar, se espalhavam por uma área bem considerável. Tochas cobertas penduradas em linhas no alto, forneciam iluminação.

— O Caçador andou ocupado enquanto você esteve ausente.

— Isso é do Jack? — Cavalos cochilavam em um estábulo, galinhas em um galinheiro, e dúzias de pessoas andavam de um lado para outro.

Todos homens, claro. Eles não só me secaram com os olhos — uma mulher— mas também fitaram o meu colossal guarda-costas caolho, que no momento devorava o que restava do seu brinquedinho mastigável humano. Lobos precisam se alimentar.

Matthew me afastou de si, levantando a manga da camisa. — Tire as luvas, Imperatriz.

Foi o que fiz, cansada demais para protestar. Minha cabeça rodava como se eu tivesse acabado de sair de um roda-roda de parquinho.

Ele pegou uma faca e cortou o braço pálido antes que eu pudesse impedir. Então usou o sangue para desenhar uma linha em cima dos ícones da minha mão. — Este é o sangue do Guardião. Aqui há proteção. — O vermelho cruzou as duas marcas das minhas vítimas Arcanas, como se assim cancelasse as mortes. — Muitos Arcanos por aqui, mas nós temos as *true*s. Ninguém ataca em solo sagrado.

— Truces¹?

— As Trues. As cartas leais, — ele disse, acrescentando em tom ameaçador, — por enquanto. — Matthew tinha criado uma área livre de conflito com um poder do qual eu desconhecia.

Olhei para ele. Nos últimos três meses, ele cresceu ainda mais. Seu aniversário tinha passado? Já estava com dezessete? Ele usava uma capa à prova d'água, uma camisa de botões de lã, jeans e botas de caminhada, tudo de aparência nova. *Jack tinha conseguido roupas novas para ele?*

Como Aric conseguiu para mim?

Tremor interno. — Obrigada, Matthew. Você me trouxe para cá a salvo.

¹ Evie confunde *true*s com a palavra trégua, em Inglês.

Com seus olhos castanhos tão adoradores quanto os de um cãozinho, ele perguntou, — A Imperatriz é minha amiga? — Isso ele costumava declarar. Agora tinha que perguntar primeiro.

Ainda estava com raiva por ele ter encoberto as mentiras de Jack? Fiquei furiosa quando ele ensinou Aric a neutralizar os meus poderes, mas Matthew provavelmente salvou a minha vida ao fazer isso.

Talvez eu precisasse aceitar que havia uma razão em tudo o que ele fazia. Confiei nele para me guiar por um campo minado (que exercício melhor para unir um time?). Confiei em sua orientação misteriosa para fugir de Morte.

Mas, confiar completamente em Matthew seria como me jogar para trás. Uma queda livre. Eu estava preparada?

A vida era curta demais para se guardar as mágoas de antes do Flash. Agora... — Evie é sua amiga. — Passei os braços em volta dele, abraçando-o com força. Quando me afastei, perguntei, — Matthew, cadê o Jack?

— O Caçador está perto.

— Como chego até ele?

— Cavalo.

Um homem de meia idade de aparência comum se aproximou. Com uma olhada cautelosa ao lobo, ele pegou as rédeas da égua, prometendo cuidar dela. Oh. Cavalo.

Quando o cara a levou até o estábulo, me lembrei de presenteá-la com uma guloseima. — Quem é toda essa gente? — Alguns limpavam armas debaixo de uma lona bem clara, daquelas que se costumava ver em festinhas. Outros ferviam água e lavavam roupa.

— Humanos. Jack os recolhe. Gosto da sopa deles.

— Eles sabem o que somos?

— Jack deixa que pensem que somos deuses. Eles chamam aqui de Forte Arcana, fundado no ano um D.F.

— E quanto a manter a nossa existência em segredo? Você me disse que Arcanos e não Arcanos não se misturam. Me disse que os humanos queimam o que temem.

Um brilho de algo preocupante atravessou as feições de Matthew. — Não sobrou muitos humanos para se pensar assim.

Bem, eu teria que pensar nisso depois. — Matthew, eu preciso...

— A torre de guarda! — Ele caminhou por um caminho estreito que atravessava o acampamento enlameado como uma via expressa. Uma via feita de tábuas. E por lá ele foi.

— A o quê? — Minhas pernas estavam tão cansadas que eu mal conseguia equilibra-las ao tentar acompanhar.

Cyclops vinha ao meu lado, sua pelagem frisada e negra sacudindo. Seu focinho cheio de cicatrizes bem à direita da minha cabeça, os bigodes imundos quase roçando a minha bochecha. As patas enormes atirando lama em minhas calças.

Aquilo era um dedo preso nos pelos embaraçados debaixo do seu queixo?

Fui seguindo Matthew até o outro lado do forte. — Você me mandou uma visão da minha mãe? Ou eu sonhei?

Por cima do ombro, ele disse, — Nossos inimigos dão risada. Doente e Louco. Caído e Morto.

Essa era a resposta? Às vezes sentia vontade de dar uma sacodida nele.

— Chegamos. — Junto à muralha interna havia uma estrutura de três andares, protegida em metal. Matthew subiu uma escada até o topo.

Eu segui, deixando o lobo vigiando embaixo. A cada degrau, meu fôlego se perdia mais e eu fazia careta. — Podemos... por favor, falar sobre... um plano para resgatar o Jack?

No último andar, Matthew levantou uma placa de carro, revelando uma pequena brecha. — Imperatriz. — Ele indicou para que eu espiasse.

— Ok, estou olhando para o que? Oh, uau. — Estávamos bem alto, em uma posição privilegiada ao lado de um abismo. Um rio que parecia tão largo quanto o Mississipi corria lá embaixo. Uma paisagem incrível. Antes das chuvas, não havia concentrações de água como aquela.

— A posição desse forte é genial. — O pântano minado confinava três lados da muralha, enquanto o penhasco e o rio protegiam o quarto.

— Jack, — ele disse, com simplicidade. — O Forte Arcana nasceu por sua causa. A missão...

Quando ele não conseguiu me achar com Morte, Jack se concentrou nos Enamorados por minha causa, e por motivo próprio. Ele tinha a sua própria vingança contra os Milovnicis.

Olhei para a água e para o penhasco do lado oposto. Fogueiras pontilhavam a área. Barracas se estendiam pelo o que pareciam quilômetros. Algumas formações rochosas eram altas, oferecendo proteção contra ataques.

— Aquele é o Exército do Sudeste? — Era enorme. Eu tentei imaginar onde Jack estava sendo mantido preso. Estar tão perto assim dele...

— Metade do Azey. Azey Sul. Azey Norte não está muito longe.

O que queria dizer que Violet também não estava muito longe. Como chegar até Jack antes dela? — Esse vento nunca para? — *Eu poderia lançar meus esporos dali, fazendo com que todos os soldados dormissem. Depois atravessaria o rio de barco, entraria no acampamento e arrastaria Jack de lá.*

— O vento soprara a noite inteira. Que é o dia inteiro.

E lá se foi a minha ideia...

Tiros soaram do outro lado do rio, vários e ao mesmo tempo. Meu estômago desabou quando os sons ecoaram acima da água. Virei para Matthew. — Não é ele?

— Não. Execução diária. — Como os Milovnicis mantinham as suas tropas na linha.

Relaxe com um alívio tão grande que quase senti culpa. Então me perguntei o quanto aqueles tiros afetaram Jack.

— Ele acha que nenhuma ajuda virá, — Matthew sussurrou. — Sabe que não pode escapar. Acha que seus amigos estão mortos.

A ideia de Jack sozinho, sem esperança, me destroçava. — Ele... ele está com medo?

— Certo de que vai morrer. Surpreso por estar tão calmo.

— Dá para saber mesmo? Você sempre teve dificuldade em fazer uma leitura dele.

Balançar de cabeça. — Três meses de prática.

— Mas não consegue ver o seu futuro?

Matthew franziu a testa. — Nunca quis que isso acontecesse.

— Pode dizer que vamos atrás dele?

Sem palavras, Matthew foi até a escada e desceu. Eu o segui, toda desajeitada. De volta ao chão, ele disse, — Sua aliança foi prejudicada.

Ele queria dizer que os meus aliados deram para trás ou que a minha aliança estava abalada?

— Vai me levar até Finn e Selenia? — Eu não os via há meses.

— Do outro lado do pátio, nas barracas. — Matthew começou a se afastar novamente, indo a uma direção diferente, equilibrando-se nas tábuas.

Com Cyclops ao meu lado, fui andando pelas tábuas cheias de lama até uma área central, que parecia um quadrado (chamar aquilo de pátio já seria demais).

Quando Matthew parou em frente a uma barraca, pedi ao lobo que esperasse fora. Ele bufou de indignação, batendo com as patas na lama.

Respirando fundo, baixei o capuz do meu poncho e entrei, Matthew atrás de mim.

Selenia e Finn estavam deitados em camas portáteis. O braço da Arqueira enfaixado, o braço que segurava o arco. Uma flecha no colo, e ela mexia no rêmige de penas, o som igual ao embaralhar de cartas. Ela, aparentemente, fitava o nada.

Uma perna de Finn estava imobilizada, elevada em cima de uma mochila. Uma muleta de metal ao lado da cama.

Uma fogueira ardia no meio da tenda, com uma abertura no teto. Mais Arcanos sentavam em bancos em volta dela: A Torre, A Justiça, E a carta do Mundo, uma aliança de três.

Joules me olhou de cima abaixo. Gabriel inclinou uma de suas asas negras em cumprimento. Tess Quinn acenou modestamente, as unhas das mãos completamente roídas. Matthew sentou ao lado dela.

— Ora, ora, se não é a nossa bela Imperatriz, — disse Joules em seu forte sotaque irlandês.

Selena deu um pulo, o cabelo loiro platinado caindo por cima dos ombros.

— Evie! — falou Finn. — Como escapou de Morte?

Essa era uma pergunta bem delicada. — Hã, tive uma oportunidade de... fugir. — De roubar o cavalo e a sela de Morte, roubar uma nova mochila, roubar as minhas vestes modernas e apropriadas para todo tipo de clima. — Não importa. Estou aqui agora.

— E, ainda assim, não aceitou a minha oferta. — O cabelo castanho avermelhado de Joules estava desgrehado, seu olhar astuto.

Selena, que não havia me cumprimentado, disse, — Se conseguiu passar a perna em Morte a ponto de escapar, então poderia ter trazido o pagamento de Joules.

Aric não foi o único a oferecer um acordo para salvar Jack. Joules tinha exigido a cabeça de Morte em troca de um resgate. — Não é tão simples, — disse a eles. — As coisas não são como pensávamos.

— Teve a chance de matar o Anjo da Morte, ou não? — O que quer que Joules leu em minha expressão o fez dizer, — Porra, você teve! Uma oportunidade contra o Cavaleiro Eterno! Aquele que sempre ganha!

Selena abriu os lábios. — Morte morre; J.D. vive. Que parte dessa equação você teve problema para entender?

— Podemos discutir sobre tudo depois. — Eu estava quase engasgando de preocupação e exaustão a ponto de cair dura. — Por enquanto, vamos nos concentrar no...

— Éramos uma aliança para derrotar Morte, — Selena cuspiu. — Uma que você começou. Quando Matthew nos disse que tinha recuperado seus poderes, acreditamos que faria o que quer que fosse para libertar J.D.; principalmente dos Enamorados psicopatas. — Selena passou uma mão pelo rosto lívido. — Ao invés disso, traiu todos nós. J.D. mais do que qualquer um! Sabe o que farão com ele?

Minha avó tinha me dito que eles pervertiam e distorciam suas vítimas, fazendo-as confundir dor e tortura com prazer. — Eu faço ideia! — Minhas inscrições se moveram em minha pele, um sinal de grande emoção, ou agressão. Mas, lutei por paciência. — E é por isso que

precisamos parar de discutir sobre coisas que não podem ser mudadas e começarmos a planejar um resgate!

Talvez Gabriel tivesse voado para averiguar o exército; ele saberia o mapa da terra do outro lado do rio. Poderíamos planejar a missão.

— Começar a planejar? — Selena perguntou com desprezo. — Você não tem um plano? Tem muita coragem de aparecer aqui sem respostas nem pagamento, desfilando em suas roupinhas novas, com a cara de quem não perdeu uma refeição.

Exatamente a aparência que tinha na primeira vez que a vi.

— Por sua causa, J.D. está sofrendo agora. — A voz se elevando com cada palavra, ela disse, — Deveria ter pagado à Torre! — Com sua velocidade sobrenatural, ela pulou da cama, atirando-se para atacar.

CAPÍTULO 03

A mão boa de Selenia voou no ar, posicionada para me estapear; instintivamente, as minhas garras de espinhos brotaram.

— O sangue do Guardiã! — gritou Matthew.

Selenia e eu gritamos de dor, linhas vermelhas iguais brilhando em nossas mãos.

Cyclops entrou correndo na tenda, mostrando as presas monstruosas para ela. Usei o seu momento de choque para me afastar.

Tess choramingou e se afastou o quanto pôde da fera; Gabriel abriu as asas.

— Es..esse lobo estava morto! — Finn gaguejou de sua cama de armar. — Os canibais mataram todos os lobos de guerra de Lark.

Joules abriu a mão com a palma para cima; um bastão prateado se materializou do nada, uma de suas lanças de raio. Em um borrão, ele se ampliou, ficando em seu tamanho real. — Meu raio já fritou esse mesmo animal!

Por isso a pelagem de Cyclops era toda frisada. — Os familiares de Lark são... fortes. — Oculti a verdade: seus três lobos eram imortais, contanto que ela vivesse.

— Ele está te protegendo? — Selenia parecia perplexa.

— Ele não machucará ninguém a não ser que eu corra perigo.

— É aliada de Lark agora? — O olhar de Finn foi de mim a Matthew, como se O Louco tivesse que ter informado aquilo. — Mesmo depois de ela nos ter vendido?

Matthew se balançava para frente e para trás no banco.

— Lark não nos conhecia quando fez o pacto de nos entregar à Morte, — expliquei. — Pelo que sabia, podíamos muito bem ser canibais como os seguidores do Papa.

Finn olhou para Cyclops. — Mas, depois ela nos conheceu, — ele disse para o lobo.

Esperando que Lark ouvisse?

— E ainda assim nos traiu. Me traiu. Ficamos lá por dias, no escuro por causa dela, e a água continuava a subir, prestes a nos afogar. — Ele ficou visivelmente abalado com a lembrança, e um grunhido leve saiu do peito do lobo. — Quando percebi que ela tinha me usado, isso... acabou comigo.

— Se a Imperatriz é aliada de Lark, então é aliada de Morte, — disse Joules. — Ela pode estar aqui só para abrir os portões para eles enquanto dormimos.

Esfreguei a mão que ainda queimava. — Não temos tempo para isso!

— Você não tem ideia do que aconteceu nesses meses. — Selenia sentou na cama portátil, ajustando o apoio do braço. — E tudo para te salvar de Morte!

Finn colocou o cabelo de cor “loiro sujo” atrás das orelhas. — Enquanto ficava íntima dos nossos inimigos, embarcamos em um cruzeiro para o inferno.

Eles falavam como se eu tivesse ido para o outro lado sem me importar com nada. — Já chega! Vocês todos passaram por provas, mas eu também.

Selenia me deu uma cara de *me poupe querida*, me provocando para que falasse mais.

— Um cruzeiro para o inferno é quando um monstro com pés de bode lhe diz que está prestes a fazer um banquete com os seus ossos; e você acredita nele. — Deixei que interpretassem. — Lark ficou ao meu lado na luta contra Ogen, mesmo quando ele ficou do tamanho de um prédio de três andares! Por causa dessa lealdade, agora ela está em uma cama cheia de ossos quebrados.

Finn fez uma careta quando disse isso. Ele não tinha deixado de gostar da garota, não mesmo.

— Estaria morta se não fosse por ela e por aqueles lobos. — Quando gesticulei para Cyclops, ele se deitou, como um rei, em posição de esfinge. O efeito foi prejudicado pelo dedo que ainda estava preso ao seu pelo.

— Ouvimos quando Ogen bateu as botas. — Joules usou a cauda do casaco para polir a lança mortal. Símbolos enigmáticos adornavam o metal já brilhante. — Não acreditei muito no responsável.

— Foi Morte. Para salvar eu e Lark.

O olhar de Joules brilhou, animado. — Ele eliminou um da sua própria aliança. Estará mais fraco agora. A não ser que você seja a substituta de Ogen.

Apertei a ponte do nariz, aceitando que nunca faria com que aquelas pessoas entendessem Aric. E como poderia colocar a mão no fogo, verdadeiramente, por ele? — Joules, vai me ajudar a resgatar Jack?

— Pelo que sabemos, você pode ficar toda amiguinha de Vincent e Violet, igual fez com Morte e Lark. Minha aliança não vai se estender a esse ponto. Viemos aqui para fazer um trabalho. O trabalho foi cancelado. Partimos amanhã.

Embora Gabriel e Tess não tivessem dito uma palavra, eu pressentia que queriam ajudar. Mas, Joules era como o líder todo poderoso do sindicato deles.

— Se você é um mercenário, então com o que mais posso lhe pagar? — Estudei seu rosto, tentando medir meu oponente e obter alguma vantagem, como o perceptivo Jack sempre fazia. — Vamos, Joules. Todo mundo quer alguma coisa.

Morte me desejava em sua cama; Selenia desejava Jack. Lark ansiava sobreviver à adolescência. Ogen tinha fome de sacrifícios em um altar.

Joules era impossível de ler, como um caldeirão borbulhante. Tess era um livro aberto, mas não vi nada que pudesse usar. O misterioso Gabriel tinha uma expressão de jogador de pôquer.

— Tudo o que eu quero é a cabeça de Morte. — Porque Aric tinha matado a sua namorada (em legítima defesa). — No fim, parece que será possível. virá atrás de você. Igual aos outros jogos.

O insustável Cavaleiro Eterno. Estremeci.

— E estaremos esperando. — Joules se levantou para sair, girando aquela lança, rodeando Cyclops.

Roendo a unha, Tess o seguiu. — Desculpa, pessoal.

Gabriel hesitou na entrada da tenda. — Adeus. — Seu olhar foi até Selena e desviou tão rápido que quase não vi o desejo estampado em seus olhos verdes.

Alguns meses atrás, suspeitei da sua atração pela belíssima Arqueira, mas seus sentimentos tinham crescido. Como usar isso?

Ele saiu, me deixando com Selena, Finn e Matthew.

Em um tom derrotado, Selena disse, — Não sabe o que isso fez com o J.D., imaginar o quanto Morte te machucava.

— Tenho uma boa ideia, já que fiquei fora de mim de tanta preocupação pensando nele enfrentado o exército dos Enamorados e os outros Arcanos. Posso muito bem culpar vocês três por ele ter sido capturado!

— J.D. não via a razão. — Ela voltou a pegar aquela flecha, alisando as penas como que em conforto. — Ele ficou louco por meses; e então você o abandonou, simples assim.

Finn exalou forte. — Olha, Eves, eu sinto muito pelo péssimo comitê de boas-vindas. Se você bolar um plano de resgate, vou querer ouvir. Ajudarei como puder.

— Como, Mago? — Selena desdenhou. — Não consegue andar sem uma muleta. Eu não posso segurar meu arco. Como derrotamos um exército? Joules e Gabriel eram a nossa melhor opção.

— Vou me infiltrar no acampamento, — falei. — Finn pode me disfarçar de soldado antes que eu vá. — *Se sua ilusão durasse o bastante.* — Ele não precisa deixar o forte. Assim que atravessar o rio, apago os guardas com os meus esporos.

— O acampamento é enorme, — disse Selena. — Como vamos saber em que tenda Jack está?

Nós? Plural? — O lobo pode farejar. — Cyclops emitiu um som, sua exalação aumentando o fogo.

Finn ajeitou a tala da perna. — No meu estado, não sei se posso disfarçar um lobo tão grande. Pessoas são mais fáceis.

— Além do mais, não podemos atravessar o rio de barco. — Selena bateu a ponta da flecha no queixo. — É controlado pela Sacerdotisa. Se chegarmos perto da água, ela nos arrasta para o fundo do rio.

Terror das profundezas! — Ela está aqui? Está trabalhando com os Enamorados? — Todos olhamos para Matthew, procurando respostas, mas ele fitava a própria mão. O que significava que para ele o assunto estava encerrado.

Virei para Selena. — Continua dizendo nós. Como me disse, não pode segurar um arco.

— Acho que vou usar uma pistola. Ou uma espada. Mesmo ferida, ainda tenho os meus reflexos e força super-humanos. — *E era bem modesta, também!*

Eu vacilei e depois assenti. — Ok, temos que descobrir outro modo de atravessar. Tem uma ponte?

— A alguns quilômetros, — respondeu Selena. — Onde J.D. foi pego de surpresa. O Azey tem uma patrulha enorme nela.

A cada palavra que ela dizia, meu coração afundava mais. Como chegar até Jack? Como chegar no...

Uma ideia surgiu. — Se não podemos atravessar o rio e nem dar a volta, então iremos por cima dele.

CAPÍTULO 04

— Vou fazer com que Gabriel nos leve.

Selena girou os olhos castanhos escuros. — Jesus, criatura! Vamos tratar esse DDA? Eles acabaram de dizer que não vão se envolver por nada que não seja Morte.

— Eles disseram isso? Tenho o pressentimento de que Gabriel vai me ajudar. — Porque ia fazer com que Selena paquerasse com ele. *Tempos desesperados...* — Eles tem esse lance de mercenários, mas quem disse que não podem variar de vez em quando?

— Ele é um cara decente, — disse Finn. — Perguntar diretamente a ele não dói.

— Vou falar com ele. — Virei para a Arqueira. — Eu lhe informo do que acontecer quando tiver tempo.

A reação de Selena? Sua expressão patenteada de “que se dane”. — Tudo bem! Eu mostro onde fica a barraca deles. — Ela jogou um casaco por cima dos ombros, como uma capa.

Virei para Cyclops. — Você fica aqui com Finn e Matthew. — Falar com o animal sempre me deixava me sentindo ridícula (ainda que ele fosse mais inteligente que muitas feras, e que eu realmente pudesse estar me comunicando com Lark).

No CLC, o sanatório em que me internaram, só clássicos programas de tv a cabo eram permitidos aos pacientes, como Lassie. Eu temia que a qualquer momento falasse, “O que foi, Cyclops? Timmy caiu no poço?”.

Selena e eu mal saímos da barraca e ela já começou a me criticar. — Vai apostar alto assim. Joules e Gabe são tipo, — ela levantou dois dedos, — assim. Os dois tem um bromance² tórrido. Eu dou uma chance em um bilhão. Ou seja, você é uma idiota.

Olhei para ela com raiva. — Sabe como a hera gruda nos tijolos? Ela cutuca e cutuca até achar um ponto fraco por onde se enterrar. Podemos fazer o mesmo. A não ser que tenha algo melhor para fazer com o seu tempo.

Ela apertou os lábios. Mas, deve ter visto que eu estava no meu limite, porque falou, — Estou aqui, não estou?

— Ok, vamos falar dos Enamorados. — Quando Matthew me deu as lembranças dos jogos anteriores, ele disse que elas viriam esporadicamente (para proteger a minha sanidade... haha).

Tentei me lembrar dos Enamorados do passado, mas nada. Talvez nunca os tivesse enfrentado.

Tudo que eu continuava vendo era uma lembrança fugaz de um piquenique com a minha avó. “O que tem aí, Evie?”. Lembrava vagamente dela cortando o polegar na casca de uma noz, de propósito, o sangue se juntando.

² Amor e afeição compartilhados por dois homens heterossexuais.

— Fale, então. — Selena saltava como uma gazela de uma tábua a outra, toda graciosa com seus membros longilíneos.

Eu me arrastava atrás dela, como se minhas botas pesassem. — Morte me disse que eles sentem fome de dor, mas eu não sei o motivo.

— Talvez porque são ruins, como o Papa e o Alquimista?

E Ogen? Possivelmente a Sacerdotisa? E se todos os Arcanos tivessem a capacidade de se tornar puro mal? E se era isso o que nos tornava Arcanos? Meu álter ego, a bruxa vermelha, assustava até a mim mesma. — Me diga o que sabe sobre os poderes dos Enamorados.

Selena hesitou.

— Essa não é hora de ocultar informação. — Parei no meio do pátio. — Precisamos trabalhar juntas. Eu vou dar tudo de mim nesse resgate. E você?

Ela voltou para se colocar à minha frente. — Eu fui treinada para nunca revelar a informação dos meus cronistas. Matthew sempre diz, “Colete e conserve”. Fui ensinada a “Coletar, conservar, ocultar.”.

Cruzei os braços, tão inflexível quanto um carvalho.

Depois de um bom tempo, ela disse, — Pelo J.D. vou contra todo o meu treinamento. Porque sempre dei cobertura a ele, sempre vou dar, e infelizmente preciso que você me ajude.

Sempre?

— Na minha cartilha Arcana, sempre houve muita especulação sobre os Enamorados.

Ela tinha uma cartilha? Eu queria uma cartilha.

Ao invés de uma, tive a minha avó, uma Tarasova, uma sábia do Tarô. Ela forneceria conhecimentos valiosíssimos, se eu conseguisse encontrá-la, alcançá-la.

Mas, Selena também poderia me oferecer, se conseguisse confiar nela.

— Alguns dizem que se os dois sussurrarem em seus ouvidos ao mesmo tempo, podem te hipnotizar e fazer com que confunda dor com prazer. Se baterem palmas, darem as mãos e balançarem os braços, podem te deixar tentado a amar coisas ruins, como assassinato e suicídio. Isso combina com o que já ouviu?

— Sim, na parte de hipnotizar. Mas não me lembro de muita coisa mais.

— Outros cronistas foram totalmente vagos sobre eles. O Imperador? Todos te dizem que ele move montanhas, provoca terremotos, e usa lava para matar. A Sacerdotisa manipula a água, afogando os inimigos. Coisas claras. Mas os Enamorados estão cercados de mistério. Pode ser porque sempre morrem cedo no jogo. Pode ser que sejam bons em esconderem os poderes que possuem. Como a maioria de nós.

— Eu já disse tudo o que posso fazer. O que vocês estão escondendo?

Ela me dispensou com a mão. — Não sabia que Lark tinha animais à prova de balas nem que Ogen podia crescer tanto. Falando nisso, você falou do que o Diabo fez com você, mas não falou nada de Morte.

Morte? Ele quase me seduziu a ponto de me apaixonar por ele, e então partiu meu coração.

— Vamos nos concentrar nos gêmeos, ok? Vou tentar arrancar mais detalhes de Matthew.

— Boa sorte com isso. Se é que é possível, ele está fazendo ainda menos sentido do que antes, e anda tendo ataques. Só J.D. consegue acalmá-lo.

Senti uma pontada por Jack ter cuidado dele. — Joules e o time dele não têm informações?

— A ascendência de Gabe foi a única que escreveu Crônicas, e seus livros foram destruídos há séculos.

Apostava que Aric sabia tudo sobre os Enamorados. Como atual e três vezes campeão Arcano, ele vivia há mil anos, coletando informações do mesmo modo que recolhia preciosas relíquias...

Dois sentinelas armados passaram por nós. Vestiam um poncho com capuz de camuflagem e levavam um rifle. Acenaram com educação.

Bem baixo, eu disse, — Arcanos não apavoram eles? Só as asas de Gabriel chocariam qualquer um.

— No começo, sim. Mas, eles se espelham em J.D.. Adoram “o Caçador” como um herói.

O carismático Jack conseguia ser tão irresistível quando queria.

— Ele usa a nossa ajuda para manter a ordem, — disse Selenia. — O Azei pode ter os gêmeos, mas J.D. tem três Arcanos: um vidente, uma incrível deusa do arco e um ilusionista.

— Como esse lugar surgiu?

— Ele construiu boa parte da muralha com as próprias mãos, trabalhou até desmaiar. Isso aguentaria até um tanque. — Ela não tinha como parecer mais orgulhosa. — Ele recrutou os dissidentes do Azei que tinham talentos, deixando mensagens para os espiões. Com a sua liderança e as ilusões de Finn, roubamos toneladas do exército: comida, combustível, até as minas que J.D. plantou no fosso.

— Parece que vocês estão progredindo.

Selenia assentiu. — Por isso que o Azei mandou metade da força operacional para o outro lado do rio. As armas não nos alcançam, por enquanto, mas achamos que estão transportando uma artilharia mais pesada do Azei Norte. Se chegarem aqui...

Outra preocupação adicionada à minha lista. — Como Jack foi capturado?

— Íamos explodir a ponte da qual falei, enquanto Vincent passasse por ela. Tomamos posição em um penhasco com vista para a zona de ataque, esperando que o comboio passasse. J.D. com o dedo no detonador.

— Matthew me disse que Vincent o surpreendeu.

— O bastardo parou pouco antes da ponte. Enquanto pensávamos em um novo plano, um dos carros do comboio já disparava na gente com uma Browning de calibre cinquenta.

Assenti como se soubesse que arma era. Parecia uma bem ruim. — Continue...

— As balas racharam a montanha. Finn caiu, mas J.D. e eu conseguimos nos segurar. Ele subiu para tentar atirar em Vincent, então subi também, mas, em outro lugar, para atrair os disparos. Quando me dei conta, também estava despencando.

— Como eles sabiam que vocês estariam ali?

Ela deu uma olhada em volta. — Acho que temos traidores aqui, homens plantados pelos Milovnicis.

Esfreguei a nuca.

— Se conseguirmos libertá-lo, descobriremos quem são. — Ela apontou para trás de mim. — A barraca do Gabe é ali, pouco depois do pátio. Como vamos fazer com ele?

— Você vai paquerar com ele.

— Enlouqueceu?

— Ele é que está louco por você.

Selena bufou com impaciência. — Compreensível. Mas, como isso vai ajudar? Quer que eu finja que gosto dele? Ele é altamente bizarro.

Sim, ele sempre usava um terno retrô com uma gravata estranha. E sim, o seu modo de falar era ultrapassado. Mas... — Eu diria excêntrico.

Ela ridicularizou, e então baixou a voz. — Tess me disse que ele foi criado no alto de uma montanha isolada, em um tipo de monastério Arcano. Os cronistas dele eram fanáticos religiosos adoradores de asas. Eles se separaram da sociedade por gerações, esperando que ele nascesse.

Não era de admirar que parecesse tão antigo. — Disse que os livros dele foram destruídos?

— Os aldeões tentaram queimar o culto, à la Frankenstein; as Crônicas viraram fumaça.

Aldeões também tentaram me queimar em uma vida passada. Eles queimam o que temem.

— Selena, não estou pedindo que more com Gabriel. Tudo que tem que fazer é pedir com muita gentileza que nos leve voando para o outro lado. — Estendi o braço para ajeitar o seu cabelo loiro platinado, colocando uma mecha sedosa detrás da orelha. — Sinto falta de um gloss, e é claro que você também.

— Cala a boca. Não acredito que estou concordando com isso. Odeio quando as mulheres usam esses truques. Em uma situação normal eu o estrangularia até que concordasse.

Eu suspirei. — Esse é o plano B. Às vezes, as heras também fazem isso.

CAPÍTULO 05

— Ei, Gabe! — Do lado de fora da tenda, Selena me olhava com ódio. — Preciso falar com você.

Ele saiu apressado, ajeitando as asas negras para passar pela abertura. Seu longo cabelo negro estava amarrado em um rabo de cavalo. Como Lark, ele tinha garras e um conjunto de presas. Seus olhos eram verde-folha.

Ele era um carinha lindo e de aparência pouco comum.

— Selena, — ele exalou, as bochechas coradas. — É... e a Imperatriz, também.

Por que eu estava mesmo ali? Como Matthew diria, “Natureza e curso. Amar e desabrochar”.

— Saudações às duas. — Ele ajeitou o casaco do paletó. Devia ser horrível alinhar os cortes nas costas da roupa com as bases das suas asas. — Qual é o assunto iminente, senhoras?

Selena revirou os olhos. — Não seria melhor um: tudo em cima?

Uau, que jeito lindo de paquerar. Ela era mesmo uma profissional do flerte.

Ele assentiu. — Por mim, sim, creio que as coisas ficam melhores quando de fato apontam para cima.

Eu e ela o olhamos. O cavaleiro Gabriel provavelmente nem imaginava que suas palavras soaram meio maliciosas.

— Que seja. — Sem perder tempo, Selena disse, — Vamos resgatar J.D. e você vai ajudar.

Ele olhou para trás, por cima do ombro. — Joules já falou acerca do assunto. Nossa aliança não...

— Não peço nada à sua aliança, — ela interrompeu. — Estou pedindo à você. A gente só precisa do transporte. Não precisa fazer nada a não ser nos levar voando até o outro lado do rio.

Eu lembrei outro de seus talentos: sentidos similares aos dos animais. — E farejar Jack. Ia significar muito para mim, e muito mais para a Selena. — Dou uma olhada para ela.

— É. Ia significar muito, mesmo, Gabe, — ela acrescentou, colocando a mão em seu braço musculoso.

Ele abriu os lábios e suas asas pareceram mexer incontrolavelmente. *Espera, o movimento fez com que ele fizesse careta? Tinha alguma coisa errada com o nosso “transporte”?*

— Tudo bem? — perguntei.

Ele não respondeu, só ficou olhando para a mão em seu braço.

Para não dizer que ela não se esforçou, Selena deu um aperto de leve. — Então, a gente pode contar com você?

Quando ele continuou indeciso, ou embasbacado devido ao toque dela, eu falei, — Nos ajude a acabar com os Enamorados esta noite. — Bem, pelo menos com um deles.

Se recompondo, ele disse, — Achei que não desejasse jogar este jogo, Imperatriz.

— Não desejo. Mas, preciso de tempo para encontrar um jeito de pôr um fim nele. — Eu visionava o jogo como uma máquina com engrenagens, uma que eu ansiava explodir. — Os gêmeos vão continuar vindo atrás de todos nós.

— Qual é o seu plano?

— Finn nos disfarça. Você nos transporta. Entramos no acampamento dos Enamorados. Eu encho a barraca deles com os meus vapores. Selena e eu extraímos Jack.

Gabriel ficou calado por um bom tempo.

De cara feia, Selena tirou a mão; no mesmo momento, ele disse, — Eu devo auxiliá-las com mais do que o meio de transporte, como membro mais experiente do time. Mas, tenho uma condição.

Isso vindo de um o garoto com asas. — Vamos ouvir.

— Vamos até lá para assassinar qualquer Milovnici. Não para pedir uma aliança. Não para poupá-los.

Eu concordava totalmente, mas não tinha imaginado que ele fosse tão *hardcore* assim.

— Vamos para eliminar, — garanti.

Ele ofereceu a mão com garras, e eu a apertei. — Joules ficará descontente. Pressinto um momento AC/DC em meu futuro.

Hã? — Como a banda?

— Não, como a corrente elétrica. Mas, lidarei com ele.

— Faça isso, — disse Selena. — Traga uma bandana para fazer uma máscara contra os esporos e nos encontre na torre de vigilância. À meia-noite em ponto.

Eu franzi o cenho. — Isso vai demorar muito.

— Os soldados tem uma rotina bem regular, — ela explicou. — Como fazem aqui. Toque de alvorada, mesmo que não tenha sol algum. À meia-noite, a maior parte do acampamento está dormindo. — Para Gabriel, ela disse, — Não deixe que nenhum humano saiba o que estamos planejando.

— Entendido.

Eu dei um chute furtivo na bota de Selen; ela se endireitou e disse, — Oh. Valeu, Gabe. Não vou esquecer essa.

— O prazer será meu, Selen. Não vejo a hora. — Seus olhos se abriram mais. — O que quero dizer é que a situação é prazerosa.

Selen o libertou de qualquer constrangimento. — Não vejo a hora de acabar com aqueles assassinos em série também.

Ele sorriu. — Precisamente.

Começamos a voltar para a barraca de Selen e Finn. Na metade do caminho, ela murmurou, — Não acredito que ele vai se opor à Jules! Teria apostado o meu arco que ia recusar. Meu Deus, podemos mesmo libertar J.D. hoje. Evie, se isso der certo... — Embora Selen fosse cem por cento durona de carteirinha, seus olhos brilharam, uma rachadura em sua fachada irascível. — Se recuperarmos ele, eu e você vamos voltar a nos entender.

— Já nos entendemos antes? — Eu era tão diferente dela, e nos odiamos muito a princípio. Mas, acabamos nos misturando até começarmos a confiar uma na outra. E agora ela baixava mais um degrau de sua guarda.

Assim que o pensamento passou pela minha cabeça, sua expressão endureceu. — Em todos os jogos, a Arqueira sempre tem uma flecha reservada para a Imperatriz.

Eu exalei. — É, eu lembro.

— Nesse jogo, pode ser que eu a perca. — Com os ombros erguidos, ela deu as costas para mim.

Enquanto caminhava, percebi duas coisas:

1. Isso é o mais perto que ela vai chegar de dizer que somos amigas.
2. E por mim tudo bem.

CAPÍTULO 06

— A batalha vem para a Imperatriz.

Perto da meia-noite, Matthew e eu tínhamos nos metido no andar mais alto da torre de vigilância. Sentamos um de frente para o outro, as pontas das botas se tocando. Falávamos em voz baixa, como fizemos na traseira daquela van, com Jack e Selenia.

Uma lanterna a gás fornecia luz. Lá fora, uma tempestade se formava. Cyclops estava de vigia no chão.

— Estou preparada. — Para matar assassinos psicóticos em massa. Para voar aos céus em um garoto alado. Um vento forte atingiu a torre, fazendo-a balançar. Não eram exatamente as melhores condições de voo...

Depois que Selenia e eu garantimos a ajuda de Gabriel, fui ver como a égua estava (muito melhor; ainda irritada comigo), depois fui até a barraca que Jack dividia com Matthew.

Tentei descansar, mas, assim que deitei na cama de Jack, seu cheiro familiar, de acelerar as batidas do meu coração, me cercou. Alternei entre ataques de saudade e de pânico pelo seu cativo.

O sono foi pouco.

— Quer ir esta noite? — Perguntei a Matthew.

Ele encolheu os ombros, como se eu lhe oferecesse um pedaço de fruta.

— Tenho coisas a fazer.

— Tipo o quê?

— Coisas, — ele respondeu, parecendo um adolescente típico.

— Vai me contar sobre os Enamorados? Alguma coisa que seja?

— O Duque e a Duquesa Mais Perversos. — Ele baixou ainda mais a voz. — As cartas deles estão de cabeça para baixo. Invertidas. Pervertidas.

— Mas, o que isso quer dizer?

Ele balançou o corpo como se estivesse em uma cadeira de balanço. — Rancor, paixões selvagens, desarmonia, conflito, inveja. Quando dizem amar, querem dizer destruir. Querem vingança porque escrevem Crônicas e se lembram.

— Quais são os poderes deles?

Seu balanço diminuiu. — Eles não os usam como antes.

— O que quis dizer com doente, caído, louco e morto?

Ele assentiu. — Às vezes, o mundo gira ao contrário. Às vezes batalhas fazem o mesmo. A palavra carrossel quer dizer pequena batalha.

Assenti também, como se aquilo fizesse sentido. — Matthew, o que eles vão fazer com Jack se eu falhar? Vão hipnotizar ele? Controlar a sua mente?

— Eles são vaidosos. Praticam a sua arte. Com ferramentas afiadas, removem coisas, as descartam, transformam pessoas. Você começa como uma coisa e morre como outra. — Um sopro forte acentuou suas palavras baixas.

Arrepios me percorreram. Ali estávamos, sentados em uma estrutura de três andares, contando histórias de horror só com a luz de uma lanterna. Como crianças costumavam fazer antes.

No pós-apocalipse, todas as histórias eram verdadeiras.

— Não queira saber mais sobre a arte deles. — Matthew estremeceu. — Eu não queria. Poder é o seu fardo; saber é o meu.

— Que poder?

— Tem mais habilidades agora.

Embora eu estivesse enfraquecida no geral por falta de luz solar, tinha aprendido um novo talento.

Quando estava nos jardins debaixo da casa de Morte, me preparando para o ataque do Diabo, inconscientemente absorvi o conhecimento daquelas plantas, junto com o de todos os seus parentes.

Antes, eu revivia e controlava plantas e árvores, mas nunca as conheci. Agora conseguia recriá-las sem sementes; conseguia regenerar esporos diferentes que fariam alguém dormir por certo tempo, ou para sempre. O mesmo com a toxina dos meus lábios.

— Phytogenesis³, — eu disse.

— Phytogenesis, — ele ecoou com formalidade.

— Era seu plano, que eu lutasse com Ogen? Para que eu ficasse perto de toda aquela vegetação enquanto o sangue se derramava? — Confiar nele era como se jogar em queda livre.

— Já reivindicou sua coroa?

Era a centésima vez que eu franzia a testa naquela noite. — Tipo, a da minha carta? — A cena da Imperatriz e a sua carta no Tarô mostravam ela/eu com uma coroa de doze estrelas brilhantes. — É dela que está falando?

Ele ficou olhando para a mão. Assunto encerrado.

³ A origem e o desenvolvimento evolucionários das plantas.

Ok... — Mesmo quando lutei com Ogen, poupei Morte e Lark. Eu controlei a bruxa vermelha. — *Matthew deveria me parabenizar.*

— Você pode colocar uma mordaca nela, pode invocá-la? — Ou não.

Invocar a bruxa? — Ela aparece quando estou sob ataque. — Dor a trazia correndo. Fúria também. — É meio que automático. Por que a invocaria?

— Jack não está aqui.

Eu suspirei, resignada a deixar que ele dirigisse a nossa conversa. — Sim, é verdade.

— Seu coração dói novamente. O dele também. Esperanças. Altas. Amor. Destruído. Ele reflete sobre a própria vida.

— Tipo o quê?

— Encruzilhadas e oportunidades perdidas. Ele tem mais arrependimentos do que os mais velhos. Queria nunca ter mentido para você.

— Eu também queria que ele não tivesse mentido. — Ele mentia com tanta maestria quanto lia as pessoas. Levantei e caminhei até a fresta, procurando, como se pudesse vê-lo dali.

Mesmo que temesse nunca mais conseguir confiar novamente nele, eu ainda o amava.

— Ele queria ter visto você só mais uma vez. — O tom de Matthew parecia travesso. — Eu posso lhe mostrar as reflexões dele.

Invadir a mente de Jack? Por outro lado, ele tinha escutado aquela fita com a minha história de vida; sem permissão. — No que ele está pensando agora? Me mostre.

— Dos olhos dele, — sussurrou Matthew.

Uma visão começou a se formar, tão envolvente que o mundo ao meu redor desapareceu. Quando uma lembrança de Jack se transformava em uma lembrança minha, eu era transportada para a cabana decrépita onde ele morou com a mãe. Por uma porta aberta, dava para sentir o cheiro do canal, ouvir os sapos e as cigarras.

Sua mãe sorria para ele. Ela tinha aquela beleza magnífica, com a pele bronzeada, maçãs do rosto altas, e cabelo comprido, negros como as penas de um corvo. Jack herdou as mesmas cores dela.

Mas, sombras enchiam os seus olhos cinzentos quando ela o apresentava para dois visitantes.

Maman me chamou para conhecer elas: uma mulher de meia idade e uma garota perto da minha, de talvez oito anos. Todos dizem que eu e Maman somos pobres de pobres, mas aquelas duas não pareciam muito melhores.

— Jack, essa é Eula e a sua filha, Clotile. Clotile é sua meia-irmã.

Ela era magrinha, só pernas finas e olhos grandes, cheios de sentimento. Eu me enchi de tristeza porque sabia o destino que Clotile teve.

Em menos de dez anos depois daquele dia, ela sobreviveria a um apocalipse, somente para depois ser capturada por Vincent e Violet.

Clotile escapou deles, tempo suficiente para dar um tiro na cabeça. Jack ainda não sabia o motivo. Ela tinha se matado para lhe dar uma chance de fugir? Ou porque não conseguia viver com o que os Enamorados lhe fizeram?

Eu digo à Maman, — Eu não tenho irmã. — Mas tenho um meio-irmão menor. No começo do verão, Maman nos levou até Sterling para me mostrar a mansão do meu pai. Ela disse que a mansão deveria ser nossa. Nós vimos Radcliffe e o seu outro filho, Brandon, arremessando uma bola de futebol americano no jardim.

Meu meio-irmão meio que se parecia comigo. Mas, aquela garota era esquelética, com o cabelo castanho claro e a pele branca.

— Vocês têm o mesmo pai, Radcliffe. — Maman mal conseguia falar o nome dele.

— Talvez, Hélène. — Eula riu. — É uma chance em três.

Clotile olha para o teto. Tenho a sensação de que ela tem vergonha por não saber quem é o seu père⁴, mas, que também já está meio que acostumada.

Eula caminha até mim e agarra o meu rosto de um jeito que eu odeio. — Oh, você tem o sangue dele, com certeza. Não que isso importe. Nunca vai conseguir um centavo dele. — Ela solta o meu rosto. — Vá brincar com Clotile. Sua mère⁵ e eu vamos beber um pouco.

Quando Maman bebe ela vira uma pessoa diferente. Eu olho para ela como quem diz, “Não faz isso”. Mas ela desvia os olhos. O que eu esperava?

Clotile pega na minha mão com um sorriso largo, e nós saímos. Ela é muito doce, eu penso. E não tem culpa de ser minha irmã.

Eu a levo até o píer flutuante que fiz, mostrando como ver as armadilhas. Ela observa encantada, como se eu transformasse água em vinho ou coisa assim.

Do nada, ela diz, — Acho que você é meu irmãozão.

Não sei como me sinto. Ela não é má companhia, não fala muito. Seu estômago estava roncando, mas ela não admitia que estivesse com fome. Pelo menos eu aprendi a me alimentar, sabia caçar, pescar e cozinhar o que conseguia. Podia ajudar ela de vez em quando.

— Talvez eu seja. — E então fecho a cara, chutando uma armadilha na água. Justo o que eu precisava: mais uma boca para alimentar!

Uma caminhonete barulhenta vem pela estradinha enlameada que dá na nossa cabana, estacionando na frente. Dois homens entram, gritando, fazendo nossas mães darem risada.

⁴ Père: do francês, Pai.

⁵ Mère: do francês, Mãe.

Consigo ouvir o abridor de metal batendo nas garrafas de cerveja, o gargalo de uma garrafa de uísque bater em um copo. Eles aumentam a música de um rádio que eu “achei” e consertei uns meses atrás.

A zydeco⁶ não disfarça o que acontece lá dentro. Pela primeira vez, Clotile parece chateada. É aí que eu percebo que faria qualquer coisa para evitar que aquela fille⁷ pequenina e magricela chorasse.

— A gente pode pegar emprestada uma canoa e ir mais longe. Eu tenho mais armadilhas.

Ela se agarra àquela oportunidade com toda vontade, e nós ficamos fora por horas.

Perto do pôr-do-sol, voltamos subindo os degraus da cabana em silêncio. — Fica atrás de mim, menina, — eu sussurro. Quando os beaux⁸ da Maman bebiam, eles sempre precisavam dar uns socos, geralmente nela ou em mim.

Dentro, tudo está uma bagunça. Eula e um homem estão nus e desmaiados no sofá onde eu durmo. Clotile encolhe os ombros ao ver isso, como se não se importasse, mas suas bochechas estão vermelhas, os olhos vidrados.

A porta do quarto da Maman está aberta, eu ouço um homem roncando na cama, mas sei que não devo olhar naquela direção.

Ao lado do sofá está a minha pilha de livros da biblioteca; álcool derramado sobre eles. Isso me deixa tão bravo, que é como se fosse eu quem precisasse dar uns socos.

Apertando os dentes, tiro algumas cervejas de dentro do isopor. Clotile não perde nada, e pega o abridor. Voltamos para o pîer. Enquanto assistimos o sol se pôr entre dois ciprestes, ela abre as cervejas como se já fizesse isso há um tempo.

Eu nunca bebi, mas pensei, por que não? Dou um gole e não gosto muito do gosto. Vou gostar com o tempo.

Na segunda cerveja, me sinto ótimo, relaxado e à vontade. — Clotile?

— Hum? — Ela parece mais alegre, também embriagada.

— Todo mundo diz que a gente não tem esperança de ir para lugar nenhum. Já pensou que a gente pode merecer mais que o Basin⁹?

Sem hesitar, ela diz, — Non.

Penso nisso dando outro gole. — Ouais¹⁰, eu também não.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

Mesmo assim Jack tinha planos de ir embora do Basin e de lutar por uma vida melhor. Ele queria se libertar de tudo em que cresceu acreditando.

Eu achava isso incrivelmente corajoso.

⁶ Música típica do sul da Louisiana.

⁷ Fille: do francês, Menina

⁸ Beaux: do francês, Namorados.

⁹ Pântano.

¹⁰ Ouais: do francês, Sim.

Ele ainda sentia que não merecia coisa melhor? Se Clotile alguma vez teve esperança de algo melhor, ela foi castigada com algo muito, muito pior do que a vida no Basin.

Comigo de testemunha de seus pensamentos, a mente de Jack se voltou para outra época.

Ele e eu caminhávamos de mãos dadas, logo depois de transarmos pela primeira e única vez, e pouco antes da nossa batalha contra os canibais.

Prestes a enfrentar merdas piores do que já enfrentei, totalmente sóbrio, e nunca me senti tão bem. É isso que é se sentir em paz? Não é de se admirar que todo mundo queira se sentir assim.

Evie me olha com aqueles olhos azuis, e porra, ela é tão linda que eu quase tropeço. Seu cheiro é de madressilva, o que quer dizer que ela está quase ronronando. Seus lábios se curvam, e aquele sorriso me atinge mais forte que um murro. Ela não se arrepende de nada.

Ótimo. Porque do meu lado ela nunca mais sairá. Pode ser querer demais tê-la para mim, mas ela não pensa assim. Eu quero dizer alguma coisa, dizer como me sinto com o que acabamos de fazer. Tudo que eu penso em dizer pode ser interpretado do modo errado.

Então eu aperto a sua mão e deixo tudo simples, — Â moi, Evangeline. — Minha.

Ela me promete: — Sempre.

E eu acredito nela.

— Ei, loirinha! — Finn chama de baixo. — Nessa casinha da árvore aí é proibido entrada de meninos?

Eu levanto a cabeça, meu elo com Jack rompido.

CAPÍTULO 07

— Chegou cedo, — digo ao Mago quando eu e Matthew descemos. Ainda tínhamos vinte minutos.

— Queria evitar o tráfego da meia-noite.

Nós três fomos logo para o primeiro andar. As paredes eram feitas de lâminas de metal. Feno mofado cobria o piso. Uma mesa tosca e dois bancos eram os móveis do ambiente.

Finn sentou em um, apoiando a perna no resto do comprimento. Matthew sentou ao seu lado.

Quando Cyclops entrou, com hesitação, Finn resmungou, — O forte é livre, vá sentar onde quiser. — Mas, ele meio que sorriu quando o lobo sentou bem ao seu lado.

— Podíamos ter lhe procurado, — falei. Andar por aquele acampamento devia ser terrível para ele.

Seu lábio estava coberto de gotas de suor, e ele estava sem fôlego. — Quanto mais perto de vocês eu estiver, melhores serão as ilusões.

A torre de vigilância não era assim tão longe da sua barraca. *De qual distância falávamos?*

Ele colocou a muleta no colo. Adesivos de gatos envelhecidos decoravam as partes de metal. *De quem era aquilo?* — Então, uma Imperatriz, um cavalo e um lobo entram em um forte...

— Se for uma piadinha pesada, eu dispenso. — Sentia falta do humor do Mago. Inclinando a cabeça para ele, falei, — Não parece muito bem, Finn.

Será que tinha sobrado algum analgésico? O braço de Selena tinha que estar doendo, também, mas com o treinamento que recebeu, ela provavelmente conhecia truques Jedi que limitavam a dor.

— E me sinto um balde cheio de merda, mas vou estar preparado, — ele me garantiu. — Certo, Matto?

— Preparado, Mago!

Eu sentei no outro banco. — Ouvi dizer que vocês arrancaram o cume de uma montanha.

— Obra do Azey. Aquele exército atira Baggers¹¹. A minha ferida da armadilha de ursos nunca cicatrizou totalmente. Não foi preciso muita coisa para perna quebrar de novo. Mas, Selena ficou bem pior. Ela quebrou o braço em dois lugares, fraturou as costelas e a clavícula.

Isso só tinha uma semana? Eu já suspeitava que ela se curava mais rápido.

— Não sei como ela me arrastou de volta ao forte.

¹¹ Ou Bagman/Bagmen: Zumbis do pós-apocalipse.

Selena se conter e não matar um Arcano era uma coisa. Outra coisa bem diferente era ela salvar outra carta. Ela tinha mostrado lealdade a alguém que não era Jack.

Acho que ela e Finn superaram a animosidade que sentiam.

— Que bom que vou morrer jovem, — Finn continuou em um tom despreocupado, — ou teria muito azar com essa merda de perna.

— Morrer jovem? — Ele não estava brincando.

— Já me conformei. — Ele encolheu os ombros. — Meio que acho que todos nós devíamos nos conformar.

— Por causa do jogo? Ainda não sabemos. — Enquanto falava, outra rajada soprou, fazendo com que a chuva caísse na horizontal contra as paredes metálicas.

Finn me olhou com cautela. — Não só por causa do jogo.

Depois de três meses de chuvas torrenciais quase que constantes, o clima estava mudando. Ocasionalmente, havia ventos com a força de um furacão, e uma névoa tão espessa que era quase tangível. — Já nevou por aqui? — Achei que tinha visto um floco na noite em que escapei de Aric.

— Não estou muito ansioso por isso. Garoto surfista do Sul da Califórnia, lembra? Só imagina: se a neve cair como essa chuva...

— Nevamargedom! — gritou Matthew, fazendo com que os dois caíssem na risada.

— Isso, Matto, aquela marmota¹² saiu para prever um inverno nuclear. Mas daí um Bagger comeu ela!

Ele quase me fez rir. Só depois que Jack estivesse a salvo.

O comportamento de Finn voltou a ficar sério. — Eves... — Ele abriu a boca, fechou, e depois franziu para o lobo. Provavelmente queria falar de Lark, sem que ela ouvisse.

Eu ajudaria. — Tem um médico que está cuidando dela.

Ele assentiu, mas uma pergunta permanecia em seu olhar. Ele puxou o adesivo de um gatinho laranja.

— Ela ficou muito mal com o que aconteceu, — falei para ele. — Quando ela percebeu que vocês sobreviveram à queda da mina, seu rosto inteiro se iluminou. Os olhos se encheram d'água. Ela estava tão a fim de você quanto você dela.

— Temos uma missão aqui, pessoas. — Selena entrou. — Não estamos em uma terapia de grupo.

Gabriel estava bem atrás dela, observando a Arqueira, como um falcão.

¹² Tradição em que se acredita que o comportamento de uma marmota ao sair de sua toca pode prever a duração do inverno nos EUA e Canadá. Conhecido internacionalmente como o Dia da Marmota foi inclusive tema de filme, O Feitiço do Tempo.

Ela me olhou de cima a baixo. — Vai ter energia bastante para isso? Não estou vendo as inscrições.

Meu indicador de poder de Imperatriz. — O suficiente. — Já que emoções alimentavam os meus poderes, eu temia que tivesse até demais. — E você?

Debaixo da jaqueta, ela tinha um coldre; por cima, o apoio do braço. Um cinto de prender espada circundava sua cintura fina. — Tenho uma Glock e um alfanje¹³. Me considere bem preparada.

Joules invadiu o local, a pele brilhando de raiva. AC/DC. — Vai mesmo fazer isso? — Ele exigiu que Gabriel respondesse. — Se infiltrar em um acampamento inimigo com uma Arqueira sem arco, e uma Imperatriz não confiável? Como sabe que ela não vai pirlar e te matar metendo as garras em você?

Idiota.

— Selenia tem armas, — acentuou Gabriel. — E eu confio na Imperatriz quanto a isso.

Sim, eu tinha mais controle da terrível bruxa vermelha; não queria dizer que era infalível. Se falhássemos hoje e eu não voltasse com Jack, ela arrancaria a corrente que a prendia?

Ai, cara, esperava mesmo que não acabasse matando Gabriel e Selenia.

Limpei a garganta. — Vocês trouxeram as bandanas? — O tecido molhado serviria como filtro contra os meus esporos. Era o que eu esperava.

Gabriel tirou uma do bolso do paletó. — E peguei uma coisa com o cheiro de Jack, da barraca dele. Mas preciso examiná-la lá, depois que vocês estiverem posicionadas.

— Só me avise quando estiver pronto. — Eu agia como se tivesse controle absoluto sobre os meus poderes. Não importava se a situação ficasse cada vez mais estressante, dolorosa ou letal.

Joules criou uma lança na palma da mão, girando-a. — O outro lado do rio está fora do meu domínio, Gabe. Você vai ficar por conta própria. Sem ninguém para dar cobertura, sem reforços.

— Eu já dei minha palavra de que irei.

Joules brilhou ainda mais. — E eu lhe disse que eu não iria, não sem pagamento.

— Então, nos separamos aqui, por um período, — Gabriel disse com seriedade.

— Já deu com esse bromance! — Disparou Selenia. — Joules, esta área aqui é reservada para pessoas que vão fazer alguma coisa. Então, por gentileza, retire esse seu traseiro irlandês daqui.

— Um dia, Arqueira... — Mas ele se virou para ir embora, passando por Tess que se aproximava.

¹³ Uma espada curta e pesada com uma lâmina.

— E aí, pessoal? — Ela tirou o capuz, ajeitando o cabelo castanho comprido, cor de camundongo. — Posso ir também?

Dividi um olhar com Selena, e então perguntei, — Hã, por que?

— Posso ajudar a carregar Jack se ele estiver machucado. Selena só pode usar um braço e Gabe pode estar ocupado.

Quando continuamos não muito convencidos, ela disse, — Eu já decepcionei você, Evie. Quero me redimir por isso.

Tess havia hesitado quando teve a chance de apunhalar Morte, mas, e se não tivesse? Eu nunca teria conhecido o verdadeiro Aric.

Mesmo assim, será que realmente o conheci? O homem por trás da armadura? — Tess, se tivesse agido naquele dia, já seria tarde demais. Morte já estava se libertando. Você não me deve nada.

— Eu sei que sou objeto de riso dos Arcanos, — ela disse em voz baixa. — Mas, não posso deixar de ser isso a não ser que faça algo significativo. Estou pedindo. Por favor.

Gabriel estudou a expressão dela. — Ela vai, — ele decidiu. — Ela pode ajudar. Trouxe sua bandana?

Tess assentiu com avidez.

Selena arqueou as sobrancelhas olhando para o anjo. — Sabe alguma coisa sobre os poderes dela que eu não saiba? Como se, tipo, alguma vez já funcionaram?

No dia em que conheci Tess, Matthew tinha listado algumas de suas magníficas habilidades. Tele transporte, levitação, manipulação do tempo, e mais. Ela era a Carta do Mundo, a grande Quintessência¹⁴. Infelizmente, ela batalhava com seus dons.

— Ela pode surpreendê-la, Arqueira.

— Então ela vai. — Selena endireitou os ombros. — Está com sorte, Evie. Se nos perseguirem, ela ainda vai ser mais lenta do que você. — Para Tess, disse, — Você ferra com esse resgate e eu te espeto com a minha espada nova. — Ela mostrou um pouco da dita espada com um olhar ameaçador.

Gabriel franziu o cenho, mexendo as sedosas asas negras. E outra vez fez careta com o movimento.

— Fale logo desse seu ferimento, Gabriel, — falei.

— Fui atingido durante um voo na semana anterior. — Ele esticou uma asa, revelando um ferimento de bala naquela expansão de penas. Um buraco que atravessava a parte com ossos. — Ainda não me recuperei totalmente.

¹⁴ O quinto elemento.

Da semana passada? Então ele se curava mais rápido, como Morte e Selena.

— Infelizmente, asas fornecem um alvo gigante. Como Joules diz, “Essa, até um cego acerta!”— Uma fraqueza do Arcano. — Podemos esperar alguns dias, senhoras, ou posso levar uma de cada vez esta noite.

— Vai ser hoje, — disse rapidamente.

— O problema é que também vamos um de cada vez na volta.

— Temos que ir atrás do Jack, agora; nada mais importa. — Me virei para Matthew. — Alguma dica? Alguma coisa que queira me dizer sobre a nossa missão?

— Eu já disse. — Ele me deu um olhar de pura confusão. — Carrossel? Doente? Ah! Você não ouve direito!

Ele já tinha ficado tão chateado comigo assim? — Claro que sim, coração. Só falei de algo fora isso. Ei, talvez possa me dizer quanto tempo falta para Violet chegar?

— De certo modo, ela está aqui.

— Como assim? Achei que tínhamos mais tempo até os gêmeos se reunirem. — Eles já tinham começado a tortura de Jack?

— Ela está aqui, de certo modo. — Ele só trocou a ordem das palavras.

Minha respiração acelerou. — Gabriel, vou atravessar primeiro, e serei a última na volta. — Me virei para Finn. — Comece a trabalhar.

— Pode deixar. — Ele girou a cabeça. — Vocês vão conseguir se ver, mas para as outras pessoas, parecerão soldados. — Ele começou um cântico na sua misteriosa língua mágica, o ar ficando turvo na altura de seus lábios.

Quando terminou, nós quatro parecíamos homens barbados de meia-idade armados com armas automáticas.

Finn ficou ainda mais pálido. — Só tentem não se estressar muito. Suor e batimentos acelerados afetam as minhas ilusões. Boa sorte, galera.

— Obrigada, Mago. — Eu corro para fora, os outros seguindo.

Gabriel se coloca na minha frente. — Imperatriz, está pronta?

Eu estava confiando demais nele, em um Arcano. Embora devesse uma a Lark, a sua traição tinha mexido sim comigo. — Hã, pronta.

Quando Gabriel me agarrou debaixo dos braços, Selena levantou o queixo. — Te vejo do outro lado. — Ela sabia que eu tinha dúvidas.

As trues só funcionavam naquele forte. Assim que saíssemos, Gabriel poderia me soltar no rio.

Para que a Sacerdotisa me arrastasse para as profundezas.

Eu poderia usar as minhas heras corporais, as que cresciam da minha pele, para me prender à ele, mas isso poderia acabar com a ilusão de Finn. Eu arriscaria uma queda para salvar Jack. Eu arriscaria tudo.

— ... do nosso modo, do nosso modo...

O chamado dos Enamorados. Estava alto por causa da proximidade, mas soava meio estático. — Vamos, Gabriel!

Sem aviso, ele voou em disparada, afundando meu estômago. Apertei os olhos com força, lutando para não gritar.

— Não há nada a temer, — ele disse. — Pode olhar agora.

Abri as pálpebras. — Por... por que tão alto? — Parecíamos estar a mais de um quilômetro acima do rio. Ali em cima, os ventos eram tempestades. Estávamos prosseguindo, ao menos? Ou flutuando no mesmo lugar?

— Desconheço o alcance da Sacerdotisa. — Outro segredo Arcano. — Melhor prevenir que remediar. — Sua voz parecia forçada. Da dor em sua asa? E se ela cedesse?

Meu coração trovejava. Com os seus sentidos agudos ele com certeza podia ouvir.

— Por mais que seja a Imperatriz, ainda é uma garota como qualquer outra, não?

Acabei de revelar um medo de altura. Eles achavam que eu não sentia medo?

Apertei os olhos contra o vento, olhando para o forte. Fora do campo minado eu podia ver pontos de luz em um solo enegrecido. A floresta de pedra. Depois do Flash, não havia mais abrigos que os protegessem em um tiroteio; ao invés de... ah, sei lá, não atirarem uns nos outros, eles construíram árvores de pedra.

Gabriel seguiu o meu olhar. — Do alto, vejo coisas que são pouco casuais: formas, desenhos, pistas, o tempo todo.

Pisquei outra vez. Daqui, aquelas pilhas brancas meio que pareciam estrelas em um céu negro.

— Imperatriz, tenho os sentidos tanto de um anjo quanto de um animal, e reconheço o retorno dos deuses.

— Um, ok. — Culto dos loucos, culto dos loucos. Estou prestes a morrer.

— Não importa o que aconteça, quero que saiba que desejo com sinceridade que seja capaz de encerrar este jogo.

O que aconteça? Ele fala de, tipo, daqui a qualquer segundo? Eu devia ter me amarrado a ele com a hera!

Bem quando estou certa de que ele vai me soltar, ele desce até a beira do barranco, do outro lado. — Você é o único Arcano que luta por um futuro diferente daquele que nos deram.

Quando tocamos o chão, me senti culpada por duvidar dele.

— Eu vou agora. Buscar Selenia. — Será que estava ansioso? Ele fez uma saudação, e então voltou a voar, o vento soprado por suas asas sacudindo o meu poncho.

Um bom tempo depois ele voltou com a Arqueira nos braços, abraçando-a bem junto ao corpo, relutante em soltá-la quando aterrissaram.

Sem perceber nada, Selenia o empurrou para se colocar em pé. Gabriel limpou a garganta. — Voltarei com a Quintessência. — Ele desapareceu mais uma vez na escuridão.

Enquanto eu e Selenia esperávamos, dúvidas sobre o meu plano despertaram. — E se algo der errado? — Enfie o rabo de cavalo no capuz do meu poncho. — O que acha que os Enamorados usariam em retaliação? Será que armas? — Até o momento, a maioria dos Arcanos sentia rejeição por elas.

Selenia alongou uma das pernas longas. — Alguns dizem que os Enamorados atiram flechas de veneno, igual ao próprio Cupido. Isso não seria adorável? — Ela acrescentou em um tom enojado. — Mas, esperaria armas, considerando o exército deles.

Veneno não me afetava, e uma bala não me mataria. O mesmo não valia para os outros. Será que estava guiando todos para a morte? Eu me acostumei a ser líder, a dizer às pessoas o que precisava ser feito. Ainda assim, não me acostumei com a responsabilidade.

— Mas, quer saber, Evie, minha flecha já está vindo. Então, não dou a mínima para o que O Duque e a Duquesa Mais Perversos têm debaixo da manga. Se me dissesse que os gêmeos podem evaporar arqueiros com os olhos, ainda tentaria salvar J.D..

Estranhamente, isso fez com que eu me sentisse melhor, como se ela tivesse me dado um pequeno discurso de incentivo.

Quando Gabriel retornou com uma Tess de olhos arregalados, ele disse, — Me permitam detectar o cheiro de Jack e me familiarizar com a área. Pode demorar um pouco com esses ventos.

Enquanto esperávamos, a Carta Mundo roía as unhas e batia com um pé. Para todos, ela parecia um soldado de quase cem quilos com um distúrbio nervoso.

Selenia bateu na mão da garota. — Calma, Quintessência.

— Você pode ficar aqui, — disse a Tess. — De vigia ou algo assim.

— Ela vai onde eu for, — disse Gabriel. — E eu consegui farejar. Senhoras, vamos ao resgate do Caçador?

CAPÍTULO 08

O acampamento parecia uma cidade fantasma. Nenhum soldado fazia rondas enquanto navegávamos por um labirinto de barracas e abrigos.

Uma tenda enorme estava com as luzes acesas, e vozes masculinas vinham dela.

Uma mulher de meia-idade estava perto de um fogão à lenha, colocando comida em tigelas. Seus tornozelos estavam acorrentados, os pés descalços no chão gelado.

Uma escrava. Sob as ordens do General Milovnici, esse exército sequestrava mulheres, “recrutas involuntárias”.

Minhas unhas cresceram, virando garras arroxeadas de espinhos.

Selena deve ter notado a minha tensão. — Nem pense nisso. Se concentre em J.D. Assim que libertarmos ele, nos preocupamos com esses prisioneiros.

Com dificuldade, me afastei da mulher.

Gabriel inalava constantemente. — Sinto o cheiro de Jack bem no canto daquele sulco, mais à frente. Ele está em barraca isolada, uma vantagem para nós.

Selena varreu a área com os olhos. — Pode dizer quantos guardas?

— Acho que vinte, mais ou menos.

Levantei a manga para alcançar a inscrição brilhosa de esporo em meu antebraço. — Coloquem as bandanas. Está na hora.

Assim que os demais se aprontaram, eu “puxei” a inscrição, enchendo a mão com uma toxina que causava sono. Ao dobrarmos a curva, soprei a palma para espalhar os esporos. Como a primeira chama em um graveto.

Dúzias de homens vigiavam a tenda gigante. E todos eles usavam...

Máscaras de gás.

Meu ataque invisível passou por eles sem lhes fazer mal algum, levado pelo vento.

Tess ofegou, murmurando. — Não dá para fazer com que durmam.

— Fique calma! — Selena tirou a bandana, e os outros também fizeram.

E agora, o que íamos fazer? Não havia motivo para que nós, ou os quatro soldados com quem parecíamos, estivéssemos tão distantes da parte principal do acampamento.

— Gabriel, você precisa falar com eles, — sussurrei. — Diga que Vincent nos chamou aqui.

Ele falou aos guardas, — Saudações! — podia muito bem ter dito “Olá, companheiros, mas que prazer imenso!”.

Eu grunhi internamente. Tess ofegou mais uma vez.

— Vincent nos convocou.

Um soldado alto e magricela, o líder aparentemente, disse, — Ele nos disse que não quer ser perturbado. — O homem soava bem sinistro com aquela máscara de gás. — Por ninguém... — Ele foi dizendo e parou, os olhos se arregalando.

Para Tess.

A imagem da ilusão dela piscava como a de uma televisão velha, indo de garota a soldado robusto. Garota. E depois soldado.

— Inimigos no acampamento! — berrou um dos guardas.

Nós rodamos e corremos. Com os gritos, metade dos homens nos perseguiu.

Gabriel abriu as asas, pegando Selena.

— Não me leve primeiro! — Ela lutou contra ele. — Elas morrem se deixarmos as duas!

Ele explodiu no ar como um bungee jump no sentido contrário, formando um arco para bem longe.

Tess e eu continuamos correndo. Reunir os meus poderes correndo daquele jeito parecia impossível. Eu precisava de tempo para me concentrar e semear o meu arsenal. Ou precisava da bruxa...

Se pudéssemos ganhar tempo até que Gabriel voltasse! O barranco dava em um penhasco escarpado, então fui pela beirada, descendo a montanha. — Por aqui! — Gritei, correndo como louca por uma trilha em espiral.

Lá embaixo, chegamos a uma vala de pedras, com os guardas no nosso encalço. Finalmente, a vala dava em uma enseada, uma praia arenosa nas margens do rio. O domínio da Sacerdotisa.

— Terror das profundezas!

Respirando com dificuldade, Tess perguntou, — Ou-ouviu ela, Evie?

Os guardas entraram na praia, nos encurralando contra um Arcano. Ia preferir ser prisioneira dos Enamorados? Ou apostaria que a Sacerdotisa não me mataria se eu invadissem o seu elemento?

Escolho os Enamorados. — Pare, Tess. Não se aproxime mais da beirada...

Um ruído de água soou atrás de nós. Nos viramos.

Plumas gigantescas formadas por água explodiram da superfície. Como tentáculos, elas roçaram a areia.

Para afogar Tess e eu.

Corremos na direção dos soldados embasbacados, mas os tentáculos se concentraram em mim. A pressão da água se fechou em volta da minha bota. Capturada!

Ai. Caí de cara no chão, cuspiendo areia, meio que cega por ela.

A coisa me puxou para o rio, meu corpo arando a areia. Tentei me virar, mas o tentáculo me rodou como se eu fosse um peixe.

Tess pulou para agarrar a minha mão. Eu estendi o braço em sua direção. Sempre que ela se aproximava, o tentáculo me puxava.

Como se brincasse conosco.

A voz sem corpo de uma garota disse, — Inimigos todo-poderosos. — O rio estava falando? — Achei que me daria mais trabalho, Imperatriz.

Me provocando? Depois do meu resgate mal sucedido?

Fúria se amontoou dentro de mim, como combustível, ou isca, para a bruxa vermelha. Minhas inscrições se moveram, meu cabelo se avermelhou. Minhas garras penetraram minhas palmas até sangue escorrer para semear os meus próprios soldados.

Cuspi mais areia. — Saia da frente, Tess!

Ela engatinhou para longe.

Heras brotaram do chão, atirando-se como foguetes naqueles tentáculos. As cordas verdes se enroscaram em cada braço de água, estrangulando-os, forçando-os a voltarem a se formar.

Gabriel gritou lá de cima. *Ele voltou!*

Mas não podia passar pela água e pelas videiras para alcançar Tess e eu.

Sempre que a Sacerdotisa atirava um tentáculo de água, minhas plantas já estavam prontas para interceptar e estrangular o membro. Meu arsenal se alimentava do dela, se avolumando diante dos meus olhos, absorvendo a água.

Quando o tentáculo em volta do meu tornozelo perdeu a força e virou uma poça, me coloquei em pé. As heras me rodearam, me ajudando a levantar.

— Vamos, Sacerdotisa, toque. — Levantei a palma e três farpas apareceram. — E pague o meu preço! — Atirei as farpas no ar, e um furacão de espinhos criou vida.

A Sacerdotisa me atacou mais uma vez, mas o tornado estraçalhou a água como uma hélice. Os tentáculos ficaram mais lentos, se regenerando com dificuldade. Ela estava enfraquecendo!

Ri dela. — A terra ficou tanto tempo sem água, Sacerdotisa. Ainda deve estar sentindo os efeitos disso.

— Só por um tempo, minha inimiga irmã. — Sua voz aquosa carregava um sotaque melódico. — Ah, essa chuva, ela cai sem trégua, não?

Os tentáculos exaustos caíram, um último *splash* no rio. Uma última onda se formou. — Nos encontraremos outra vez, Imperatriz. — A superfície ficou calma como um vidro quando a Sacerdotisa recuou.

Gabriel pousou fora do alcance dos meus espinhos, abrindo as asas, mostrando as garras e as presas para a nossa outra ameaça.

Os soldados estavam de queixo caído, mas as armas continuavam miradas em nós.

A bruxa vermelha dentro de mim estava despreocupada: Nada que um bom e velho redemoinho de espinhos não resolva. Eu sorri para eles, e sabia que a visão que eu formava devia ser assustadora. Sim, senhores, todos vocês estão prestes a morrer.

— Atrás de mim, Tess. — Quando ela se arrastou para ficar às minhas costas, levantei a mão para esfolar a pele deles...

Aquele líder alto indicou que os outros baixassem as armas. Para mim, ele perguntou, — Vo-você pode matar os gêmeos?

CAPÍTULO 09

— Na verdade, vou fazer exatamente isso, — prometi. — Logo depois que cair como um chicote em cima de vocês. — O furacão se estreitou com mais força e as heras se ergueram, preparadas para atacar.

Ponto para o líder, que não perdeu o controle da própria bexiga. — Eu... meu nome é Franklin. Não queremos lhe impedir. Queremos ajudar.

Tess sussurrou, — A gente devia ouvir o que ele tem a dizer.

Já que o meu plano prévio não tinha dado em nada, eu ouviria o que aquele tal de Franklin tinha a dizer. Inalei tentando me acalmar e expirei o ar. Outra vez.

Volta, Eves. Amordaça a bruxa. — Vamos discutir isso, — disse a eles, — assim que tirarem as máscaras.

Ele assentiu para os seus homens, e um por um, eles foram tirando as proteções. Franklin parecia estar no final dos vinte, tinha cabelo preto, olhos castanhos largos e um espaço entre os dentes da frente.

Quando Gabriel recuou as garras, deixei meu tornado desacelerar, um ciclone comprimido girando próximo ao chão. — Fico surpresa que se voltem contra os seus... líderes. — Tinha dificuldade em dar esse adjetivo aos Enamorados.

— A maioria do exército odeia os Milovnicis, mas eles têm espiões por toda parte. Qualquer um que suspeitem sair um pouco da linha é executado, junto com os amigos e família. Ou pior, o general entrega essas pessoas aos gêmeos.

Se o Papa manipulava os seus seguidores controlando suas mentes, os Milovnicis faziam do jeito mais antigo: usando tirania.

Inclinei a cabeça para Franklin. — Já tentaram matar os gêmeos sozinhos?

— Sim. Eu selecionei um grupo pessoalmente, e estamos preparados. Mas, toda vez, coisas estranhas acontecem. Vocês podem ter mais sorte nisso já que é tudo tão... — ele nos indicou com a mão, — ... é, hã, estranho.

— Me fale de Vincent e Violet, — pedi. — Que coisas estranhas?

— Achamos que eles conseguem se tele transportar. Como nos quadrinhos. — Franklin deve ter esperado que fôssemos rir da sua cara.

Nós, os três Arcanos, escutávamos com atenção. — Continue, — disse dando uma olhada para Tess. Ela tinha a mesma habilidade. Em teoria.

— Algumas semanas atrás, planejamos assassinar Violet. Bem antes da hora, recebemos pelo rádio que ela estava no outro acampamento. Mas, eu a tinha visto poucas horas antes.

Não era de admirar que Matthew tivesse dificuldade em localizá-la!

Como enfrentar alguém que conseguia se tele transportar? Claro que eles não conseguiriam se sofressem os efeitos dos meus esporos tóxicos. — Posso matar os dois, — disse a Franklin. — E é o que farei. Mas Jack Deveaux é a minha principal preocupação.

Ele assentiu. — Temos que nos apressar, então. Os gêmeos estão ansiosos.

— Violet está aqui?

— Eu a vi na tenda pouco antes de Vincent ordenar que colocássemos as máscaras.

Meus espinhos subiram, voltando a formar um tornado. Os soldados recuaram.

Gabriel inclinou a cabeça. — É verdade. Posso ouvir os Enamorados daqui. Jack se recusa a torturar outro prisioneiro, então é ele que irão torturar.

Voltei a correr de volta ao acampamento, Gabriel e Tess atrás de mim, meus espinhos e heras atrás deles. Os soldados seguiam a certa distância.

Alcançamos o barranco em que pousamos. Entre inspirações, falei para Gabriel, — Temos que chegar nele antes que...

O urro de dor de Jack soou. Mais dois gritos se juntaram ao seu, simultaneamente. Os gêmeos estavam imitando ele?

Virei para o anjo com os olhos arregalados. — O que fizeram?

Ele vacilou para trás, tapando a boca com o braço.

— O que foi, Gabriel?

Ele baixou o braço, revelando o rosto pálido. — É ruim. — Parecia um médico prestes a dar um prognóstico terminal. — Imperatriz, eles usaram uma colher quente para... para arrancar um dos seus olhos.

— O QUE? — Eu ouvi errado, ou Gabriel que ouviu. Aquilo não aconteceu. Minhas garras rasgaram minhas palmas, sangue escorrendo.

— Ele está cego, — murmurou Gabriel, atordoado. — Eles riem. Acabou. Eles o deixaram por enquanto.

Eu... falhei.

Falhei com Jack. Caules de rosas brotaram à minha volta. O chão começou a se mover, raízes crescendo, como cobras rastejando sob a superfície.

A bruxa vermelha ardia para fazer com que seus inimigos pagassem! Para fazer chover espinhos e veneno nos Enamorados e em cada alma viva daquele acampamento.

Mas, o que eu realmente queria era não ter decepcionado Jack.

Por que não fui mais rápida? Por que não lutei com a Sacerdotisa mais rápido? Por que corri dos soldados ao invés de ter levado as balas?

Imaginei a dor de Jack e berrei minha fúria. Quando os gêmeos removeram o seu outro olho, ele sabia que ficaria cego para sempre. E que seria incapaz de evitar a mutilação.

Uma colher quente.

Sentia como se meu coração tivesse parado. O meu mundo parou...

Por entre o caos da minha mente, uma memória me sussurrou. Algo que Matthew disse.

Empurrei as fantasias de forçar Vincent e Violet a arrancarem os olhos um do outro, a usarem um o escalpo do outro, e me concentrei naquele frágil broto de lembrança que procurava a superfície.

O ar me deixou.

O que eu queria era não ter falhado com Jack.

Virei para Tess, os lábios entortando quando as heras cercaram a inocente garota. Andei até ela, meus espinhos nos envolvendo. — Tem um trabalho a fazer, Mundo. — Enfie as garras em seus ombros.

Ela deu um grito. — Evie?

Atrás de mim, Gabriel urrou, — Solte-a, Imperatriz. — Mas ,ele jamais conseguiria passar pelos meus espinhos.

Hoje, Matthew tinha dito, — Às vezes, o mundo gira ao contrário. Às vezes, batalhas também. — O que ele queria dizer era que a Carta do Mundo podia girar ao contrário.

Ela podia fazer o mesmo com o tempo.

— Por favor, ã-ã me machuque!

— Sabe o que tem de fazer, Tess. Não injetarei veneno em você, se deixar o carrossel girar e voltar o tempo.

Ela ficou boquiaberta. — Eu não tenho o meu bastão para me apoiar!

Eu a vi carregando um, meses atrás. — Oh, eu serei o seu apoio.

— Cada segundo que eu volto me consome a vida. Não sei como evitar isso. Isso poderia me destruir.

Sem piedade, apertei as garras em sua carne. — Então é melhor nos apressarmos.

CAPÍTULO 10

Olhei para os olhos azuis escuros de Tess e o seu poder começou a se manifestar.

Sua pele esquentou em minhas mãos, e um zumbido abafado foi ouvido. Uma brisa soprava em um círculo à nossa volta. Dos meus espinhos? Não, a corrente de ar seguia em sentido horário.

Seu poder aumentou, o calor em seu corpo crescendo até queimar minhas mãos. Mas, eu me recusava a soltá-la. O zumbido cresceu. Cada vez mais alto. Mais alto.

Nossos cabelos ficaram em pé. Quando seu corpo começou a levitar, cravei minhas garras mais fundo. Se eu não tivesse ali para ancorá-la, ela sairia flutuando para sabe-se lá onde?

O ruído ficou tão alto que as orelhas dela sangraram. Um líquido quente também escorreu pelo meu pescoço.

De repente, Tess jogou a cabeça para trás e deu um grito. Pude perceber a terra, ou a nossa existência, ou a realidade, ou seja lá o que for, parar por menos de um segundo... antes de tudo se movimentar com velocidade. Ao contrário.

Girávamos para trás! A Carta Mundo, o próprio quinto elemento, fazia o tempo correr ao contrário.

Primeira rotação. À distância, um barulho de água caindo, quando a Sacerdotisa deferiu seu primeiro ataque. O que sobrou do arsenal que usei contra ela começou a desaparecer, dentro do círculo de Tess, eu continuava a mesma, molhada e ensanguentada.

Tess me olhou. A pele pálida, as bochechas afundando.

Segunda rotação. Versões prévias minhas e de Tess fugiam dos soldados pelo canal rochoso.

Debaixo das minhas garras, ela perdia peso em uma velocidade alarmante. — Por favor, Imperatriz. — O branco dos seus olhos estava vermelho, os vasinhos estourados. Da pressão?

Jack não tinha mais olhos. Foram brutalmente roubados. Então enfiei as unhas mais forte nela.

Terceira rotação. Os soldados tinham começado a nos perseguir.

Tess respirava com dificuldade. Seu rosto emaciado, os ossos das maçãs evidentes. Pedacos do seu cabelo caíram, longas seções arrancadas, absorvidas pelo éter.

Quarta rotação. Quatro Arcanos disfarçados andavam pelo acampamento, quase chegando à tenda dos gêmeos.

Os olhos vermelhos e afundados de Tess imploravam. Ela parecia com uma das minhas vítimas famintas de um jogo passado. Frágil. Morrendo.

Seus braços perderam a força, minhas garras sangrentas raspam ossos. Raspa, raspa...

Eu mataria aquela garota para salvar a visão de Jack? — Ainda não, Tess! Ainda não!

Quinta rotação. Ainda disfarçados, Gabriel e uma versão anterior de Tess pousaram ali, encontrando-se com Selena e com uma versão anterior minha. O começo da nossa missão.

— Já basta! — gritei.

Igual ao fim de um acidente de carro, os giros abruptamente... pararam. Tess perdeu a força no pescoço e a cabeça despencou para trás, o que restava do seu cabelo cobrindo o rosto.

A terra se endireitou em movimentos irregulares, parecendo ofegar de cansaço. Com um tremor, a rotação, como uma engrenagem, voltou ao normal.

As nossas versões anteriores desapareceram, nos deixando, duas garotas, cientes do futuro próximo, mas fisicamente mudadas. Eu sem poder algum, esgotada, sem arsenal para exhibir.

E Tess... eu soltei seus ombros, segurando-a quando caiu, inconsciente. Suas roupas agora folgadas engoliam o seu corpo esquelético. Os dentes batiam, e ela estremecia, pedindo para ser aquecida. Ela sobreviveria?

— Que diabos, Evie? — gritou Selena.

Ela e Gabriel não teriam ideia do motivo de Tess estar naquela condição. Para eles, só um segundo tinha se passado.

— Ela usou os poderes? — Quis saber Gabriel, seu disfarce vacilando.

— Leve-a de volta, rápido! Deixe-a bem aquecida e ajude como puder. Garanta que ela sobreviva.

— Irei imediatamente. — Ele a pegou nos braços e partiu para o céu.

Quando sua ilusão sumiu, Selena estreitou os olhos. — Você e Tess não têm disfarces. Está sangrando e toda molhada. Foi um portal para outra dimensão? Ou voltaram no tempo?

— Violet está aqui. Temos que salvar Jack nos próximos minutos ou ele vai ficar sem os olhos.

— Quantos minutos? — Selena já corria na direção do acampamento. Ela mexia em um relógio de pulso em seu braço imobilizado.

Tive dificuldades em lhe acompanhar. — Tempo bastante para eu e Tess chegarmos à beira da água e lutarmos com a Sacerdotisa.

Selena arqueou as sobrancelhas ante essa informação. Então voltou sua concentração para a missão. — Vamos dizer que quatro minutos de corrida. Por quanto tempo você e a Sacerdotisa se desentenderam?

Desentender? — Não faço ideia. Três minutos? Trinta?

— Vou dar uns onze minutos no total. — Selena ajustou o timer do relógio. — Em que barraca J.D. está? Sem Gabriel...

— Eu sei qual é.

— Não estamos disfarçadas!

— Não tem soldados aqui. — Guiei Selena pelo acampamento fantasma.

Quando passamos pela mulher acorrentada, levei o dedo aos lábios, pedindo silêncio. Depois de um segundo de hesitação, ela assentiu.

Selena e eu continuamos, acelerando quando viramos a esquina.

— É aquela tenda.

Ela desacelerou. — A altamente vigiada por caras com máscaras?

— Continue correndo! — Passei por ela.

— Isso é suicídio! — Mas ela acelerou.

— Quer salvar Jack ou não? — Perguntei quando ficamos uma ao lado da outra.

— Droga, Evie!

— Tire o suporte de imobilização do braço e ligue o modo Arcano. Mesmo sem o seu arco dá para continuar parecendo esquisita. Como me disse uma vez: faça com que pareça de verdade, irmãzinha, ou vamos morrer. — Eu segui o mesmo conselho, invocando as minhas heras.

Elas saíram de uma inscrição brilhante em minha nuca. Nada de heras delicadas, dessa vez eu as transformei em um caule de rosa sem espinhos. Lembrando a menção de Matthew a uma coroa, deixei que se enroscassem em volta da minha cabeça, as folhas gigantes apontando para cima, como arcos. No lugar da dúzia de estrelas, fiz com que doze rosas brotassem, enfeitando-a.

Rosas eram as flores da bruxa vermelha.

As minhas flores.

Selena rasgou o suporte de pano do braço e o jogou de lado. A cada pisada, o braço sofria um solavanco, mas ela apertou os dentes para conter a agonia.

Por Jack, Selena Lua faria qualquer coisa.

Ela começou a brilhar, a pele no tom vermelho luminoso da lua do caçador¹⁵. O cabelo prateado dançava em volta de sua cabeça como diáfanos raios de lua, uma visão intimidante.

— Ok, Arqueira, que tal meter dúvida nesses caras? — Um dos poderes da Carta Lua.

— Não é tão fácil. — Seus olhos iam de um lado a outro. — Não dá para ter uma mira de laser com isso.

¹⁵ Lua cheia que ocorre no hemisfério norte no outono onde a lua exibe uma cor avermelhada.

Outro poder secreto? — Ah, isso me lembra de uma coisa, acho que os gêmeos conseguem se tele transportar.

— Puta que pariu! — Ela olhou para o meu rosto. — Suas inscrições estão fracas. Consegue fumigar a tenda?

— Acho que gastei todas as fichas com a Sacerdotisa. — E lá se foi a intenção de conservar os meus poderes.

Selena fechou a cara. — Eu vou com tudo, mesmo contra teleporters¹⁶.

— Como se eu não?

Quando os soldados nos avistaram, eles apontaram as armas, os olhos arregalados pela aparência de Selena, sem mencionar a minha.

Paramos em frente à unidade. Selena uma vez me disse que a Imperatriz do Velho Mundo era “como uma cobra, assustadora e sexy”. Levei um precioso segundo para recuperar o fôlego. — Estamos aqui para libertá-los dos gêmeos, — disse em uma voz rouca enquanto pétalas caíam do meu imenso cabelo avermelhado. — Saiam do caminho, e eu arrancarei as cabeças deles. Seu exército será liberto.

Os homens olhavam de Selena a mim. Nós duas tínhamos uma expressão sobrenatural de maldade.

— É preciso criaturas como nós, para destruir criaturas como eles. Deixe que façamos nosso trabalho, soldados. Vão embora.

Eles continuaram parados em choque.

A tenda atrás deles era tão grande que caberia um pequeno circo. Jack estava em algum lugar lá dentro! *Tão perto...*

Levantei minhas asquerosas garras gotejantes. Em um tom que poderia dar uns calafrios até em Morte, falei, — Se Jack Deveaux perder os olhos, rasgarei suas carnes em tiras e esmagarei seus pulmões com minhas heras. Eu-fui-clara, Franklin?

Finalmente, um homem se urinou. Franklin se assustou quando eu disse seu nome. Um risco.

E então, engolindo em seco, ele acenou para que os seus homens se afastassem.

Agora era com a gente.

Selena verificou o relógio. — Nove minutos. Detona e toma. E cuidado com as aberrações que se tele transportam. Vamos levar J.D. para casa.

¹⁶ Quem tem o dom do tele transporte.

CAPÍTULO 11

Na entrada da tenda, Selenia tirou a arma e moveu a boca em *Um... dois... três*. Invadimos.

O mau cheiro. O ar fedia fumaça, e putrefação.

Lanternas a gás posicionadas aleatoriamente iluminavam o ambiente. Sombras em movimento cobriam a maior parte do espaço. Vigas largas sustentavam o telhado de lona. Serragem rara de se encontrar cobria o chão. Com a madeira tão escassa, aquela extravagância seria equivalente à seda.

Nas laterais da tenda, os gêmeos fizeram áreas separadas com lonas, como baias de um estábulo. Na primeira havia uma jaula cheia de Bagmen rosnando.

Bagmen sem roupas? Suas peles, vazando secreções, totalmente expostas. Eu nunca tinha visto um deles completamente nu.

Embora as criaturas parecessem bem alimentadas; será que havia canais para que o sangue escoasse dentro da jaula? Eram tão hostis como sempre. Como cães de guarda do pós-apocalipse. Como que em loucura, eles esticavam os braços melecados pelas barras que os confinavam.

Cada ser sem inteligência daqueles tinha uma marca a ferro no peito, algum tipo de símbolo, mas eu não consegui discernir debaixo de tanto pus e sujeira.

Atrás daquela jaula tinha outra igual. Dentro, quatro jovens nus em posição fetal no chão, os corpos cobertos de mordidas. Eles ofegavam pelos lábios cheios de bolhas como se morressem de sede.

Foi então que entendi. Os gêmeos estavam fabricando Bagmen. Aqueles quatro estavam em fase de transformação, e sabiam disso. Um chorava em cima de uma gamela de sangue.

Selenia continuava estoica. — Continue andando. Oito minutos.

A baia seguinte abrigava um equipamento que parecia um espremedor de fruta gigante. Estava cheio de sangue coagulado.

Em outra partição havia algo que parecia um cavalete de serrador com um metal afiado e comprido em cima. Mais sangue e material orgânico.

Na outra baia... uma bancada com bastões, varas, chicotes e pinças. Outras coisas que eu não sabia o que eram.

Aqueles mesmos instrumentos foram usados em Clotile?

Em Jack?

O Papa matava pessoas por comida, e o Alquimista assassinava devido à sua busca doentia por conhecimento. Eu não conseguia compreender por que os Enamorados torturavam. — Onde diabos Jack está?

— Vamos encontrar.

Deparando-me com mais e mais instrumentos de fazer o sangue gelar, me senti o mais desligada que já me senti de tudo. Anos atrás, no Halloween, eu fui à uma casa mal-assombrada repleta de cenas grotescas, para me divertir. Nenhuma daquelas coisas nojentas de lá eram de verdade.

Isso estava realmente acontecendo. Certo? Mesmo que me sentisse como se houvesse entrado em umas das visões de Matthew.

Era real? Irreal?

Chegamos até outra vítima, um homem ajoelhado com os pulsos amarrados e pendurados no teto. Ele estava sem camisa, o corpo esquelético, os ombros em ângulos estranhos. Deslocados?

Achei que estivesse com os punhos cerrados, mas depois percebi que seus dedos foram cortados.

A estoica Selenia chegou a ter um calafrio. Aquele seria o seu pior medo, não seria? Nunca mais segurar outra flecha.

A boca dele estava aberta. Sem dentes. Um corte foi feito em seu estômago. Ele tinha uma daquelas marcas debaixo da clavícula, mas era mais antiga. A cicatriz era do tamanho de um marcador de páginas e exibia um estranho símbolo: um par de triângulos sobrepostos, atravessados por duas flechas, uma apontando para cima, outra para baixo.

Na frente dele havia outro instrumento que parecia uma manivela em cima de um poço antigo. Uma corda nojenta estava enrolada à manivela.

— Eles estão puxando, — murmurou Selenia.

Puxando o quê? Ela podia ver melhor do que eu! Ainda assim alguma parte minha deve ter entendido porque me enchi de náusea.

Eles removem as coisas, se desfazem delas, transformam pessoas.

O homem voltou a cabeça em nossa direção. Seus olhos eram de um negro absoluto. Não, não eram olhos. Buracos. Os gêmeos planejavam fazer isso com Jack.

— Seis minutos, Evie. Vamos voltar para ajudar aqui. — Quando nos aproximamos do fim da tenda, ela sussurrou, — Atrás da partição lá atrás. Ouça.

Gemidos? De dor? Selenia preparou a pistola. Eu coloquei as garras para fora. Nos aproximamos.

Mais perto. Depois da divisão, vimos...

Os gêmeos.

Eu quase vomitei. Eles estavam... se beijando. Incesto.

Quando começaram a se agarrar, Selenia disse, — Jesus. Voltem para o útero, aberrações.

Vincent e Violet demoraram para se afastar, os olhos presos nos do outro. Os olhos de um azul claro eram exatamente como Jack uma vez os descreveu: vazios, como os de um peixe morto.

Por que não se sentiam ameaçados por nós? Por que não tentavam nos hipnotizar?

Embora fossem gêmeos não-idênticos, eram quase, com a pele parecida com o mármore e as feições finas.

Suas roupas eram totalmente negras, muito bem passadas. Violet usava uma jaquetinha curta e uma saia que mais parecia um vestido de baile. Um casaco estilo militar moldava o corpo alto e musculoso de Vincent.

Traços perfeitos de delineador realçavam seus olhos sem vida. Suas unhas estavam pintadas de preto, nenhuma quebrada.

Vaidosos? Ah, sim. Eles não eram bonitos fisicamente, mas eram impecáveis.

Cada um tinha um soco inglês na mão esquerda, bem como uma tatuagem que parecia gótica. Na mão direita, Violet segurava o que parecia ser um controle remoto.

Os gêmeos finalmente se voltaram para nós. Eles me fitaram com muita intensidade. Como se vissem um fantasma...

— Nos perguntávamos quando chegaria, Imperatriz, — disse Vincent. Sua voz carregava um traço de algum sotaque europeu.

A cena ou tableau dos Enamorados apareceu na frente deles, mas a imagem era diferente da dos outros Arcanos. A deles estava de cabeça para baixo; reversa, perversa; e piscava como uma cópia mal feita. Porque dividiam uma só?

— Onde ele está? — Selenia perguntou atrás do cano da arma.

Eu olhei em volta, vi baús, mesas, e uma cama; dos gêmeos, claro. Mas nada de Jack.

— Vocês chegaram na hora, — Violet falou. — O nosso valete se recusou a rodar a manivela. — Ela se afastou rodando a saia armada, recuando mais um pouco para revelar...

— Jack! — Ele estava de joelhos com as mãos amarradas e penduradas acima da cabeça, como o outro homem. Estava sem camisa, o torso coberto de machucados. Parecia estar inconsciente, tentando levantar a cabeça bamba.

Seus braços estavam deslocados, o lado direito do rosto ensanguentado. Tinham surrado ele com os socos ingleses.

Perdi o ar. Aquele símbolo foi marcado em Jack, bem na altura do seu coração.

Os gêmeos estavam juntos, eles começaram a tortura. Queimaram a pele macia em que me apoiei e beijei.

Eles marcaram o meu Jack.

Quando imaginei aquela dor profana, minhas inscrições se inflamaram, radiando por debaixo das roupas. Fúria bombeou dentro de mim. Minha coroa de rosas deslizou em volta da minha cabeça e pescoço enquanto eu me fortalecia.

Aqueles dois Arcanos não iam apenas morrer; a bruxa vermelha faria com que morressem uma morte sangrenta.

Selena era puro gelo ao mirar a arma. — Vamos levar ele agora.

— Notou alguma coisa? — Violet agarrou o cabelo de Jack com a mão livre. Ele não reagiu, no momento completamente inconsciente. Ela puxou sua cabeça para trás, expondo uma coleira de metal em volta do seu pescoço, com arames e pontas afiadas. — Se alguma coisa me acontecer e eu soltar esse sensor de pressão, — ela levantou o controle remoto, — o Caçador é perfurado. E então o jogo termina.

Pavor me invadiu, e eu lutei para controlar a bruxa, para conter a minha fúria.

— Se quer que ele viva, solte a arma, Arqueira. — Vincent apontou para a pistola. — E chute para cá.

Externamente calma, Selena obedeceu. Então ela olhou para os gêmeos com muita determinação, esperando por uma chance.

Vincent pegou a arma, sorrindo para a irmã. — Isso nunca falha. Controle o ser amado, controle quem ama.

Violet devolveu o sorriso, soltando Jack. — Entramos no coração de uma pessoa e vemos quem ela quer. Depois, escravizamos os dois.

Vincent enfiou a arma na bainha da calça, virando-se para mim e Selena. — Imagine a nossa surpresa quando descobrimos que o Caçador ama a Imperatriz. Será que era correspondido? Ouvimos o seu chamado se aproximando e soubemos...

— ... que veio aqui para salvar ele, — Violet continuou perfeitamente. — Nossos soldados podem ter falhado em lhe capturar na floresta de pedra, mas a forçamos a nos procurar. Podemos lhe controlar totalmente, por causa dos seus sentimentos por Deveaux.

Eles eram loucos, e isso os tornava difíceis de medir, mas eu não detectei uma animosidade real voltada para Selena. Para mim? Eles pareciam me detestar.

— Mas sinto outra coisa. — Violet arregalou os olhos. — Seu amor está diluído! Outro reivindicou o seu coração. E não foi qualquer um!

Vincent deu risada. — É o velho inimigo dela!

Os gêmeos acharam aquilo espantoso. E bem, eu achava que realmente era.

— Infelizmente, só temos um homem que ama, — disse Vincent. — Por enquanto.

Violet franziu o cenho para Selena. — A Arqueira também ama o Caçador? O que ele tem de tão especial? Tudo o que faz é roubar. — Quando ela estapeou o rosto de Jack, minhas garras doeram de vontade de se meter naquele pescoço como se fossem agulhas hipodérmicas. — Oh, minha nossa. Ele já apagou outra vez. O egoísta só acorda para levar surra. O que obviamente quer dizer que adora levar uma!

— Nós lhe demos uma escolha, — Vincent falou para um Jack inconsciente. — Torturar ou ser torturado? Vocês mortais sempre escolhem errado, até que os apresentamos à dor, educando suas mentes. Então nunca mais repetem a mesma escolha!

Eu cortei as minhas palmas de modo furtivo, fazendo sangue pingar no chão. Videiras podiam passar por baixo de Violet, e então irromperem, segurando aquele sensor. Mas o risco...

Selena não tinha essas hesitações, e se aproximava, sem fazer som algum por cima da serragem. *Com os seus reflexos super-humanos, poderia atacar antes que Violet reagisse?*

— Então, como vamos educa-lo? — Violet batia com uma unha negra no queixo. — A Pera da Angústia, a Filha do Carniceiro, o Garfo do Herege ou a Aranha Espanhola? Ou quem sabe um desmembramento simples.

— Excelente ideia, Vi. Seus olhos de caçador vem nos observando de tão perto que voto por arrancar os dois com uma colher. — Ele foi até uma mesa próxima, acendendo um forno portátil. Havia uma colher tostada ao lado.

Um nó apertou o meu estômago quando ele colocou o utensílio na chama. Enquanto ela esquentava, ele me deu um sorriso casual, despreocupado, como se esperasse a água do chá ferver.

Mas, Selena se aproximou bem mais, e eu precisava distrair os gêmeos. — Por que fazer isso? Por que torturar?

— Para praticar a nossa arte, explorando as dores e os prazeres da carne, — falou Vincent. — Somos ferramentas usadas pelo Primeiro. O Primeiro aprenderá através de nós.

— Primeiro? — Ver a Arqueira rodear sua presa daquele modo assustador me deixava feliz por estar ao lado dela.

Vincent virou a colher. — O Santificado Primeiro, a quem servimos.

— Não entendo.

Ele exalou. — O que ouvimos é ouvido. O que vimos é visto. O que sabemos é conhecido. — Se está dizendo. — Mas, logo desenvolvemos um gosto pela tortura, porque somos Arcanos.

Lógica insana de gêmeos. — Isso não quer dizer que precisem torturar.

— O Papa e o Alquimista morreram em paz? — A expressão de Vincent era superior.

Ambos morreram em agonia. — Eu agi em legítima defesa, não por outro motivo. — Mesmo assim, a bruxa vermelha não tinha ficado louca de alegria com as mortes deles?

Violet disparou, — Você gostou bastante no último jogo! — Finalmente, uma emoção visível de sua parte. — Duvido que os seus gostos tenham mudado.

— Do que está falando?

Quando ela olhou para Vincent, as íris deles ficaram brevemente negras. — Diga a ela. O Primeiro vai ver a sua reação.

— É por sua causa, — Violet disse entredentes. — Praticamos tortura, por sua causa.

CAPÍTULO 12

— Nunca se perguntou por que marchamos até Haven? — me perguntou Vincent. — Nosso plano era lhe fazer prisioneira do nosso amor, conseguindo assim a nossa vingança. Mas, isso aqui é ainda melhor. Sabemos como é mais difícil ver um amado ser atormentado. Você nos ensinou isso.

Eu?

Violet acrescentou, — Uma vez nos disse que “O amor é a força mais destruidora do universo.” Você tinha razão.

Eu sacudi a cabeça. — E-eu nunca vi vocês. Não sei do que estão falando.

— Não se finja de esquecida! — Saliva voou dos lábios de Vincent. — A sua linhagem é cronista, igualzinho a nossa.

— Eu nunca li a minha história. Só sei de alguns fragmentos.

Eles me estudaram e devem ter decidido que eu falava a verdade.

— Então vamos lhe atualizar. — Violet chegou perto do irmão. — No último jogo, formamos uma aliança. Até você nos trair. Você me prendeu com as suas heras, mas não conseguiu capturar o meu amado. Para atrair ele, me torturou tão brutalmente...

— que eu me entreguei, para poupar a minha amada, — continuou Vincent. — Fiz a escolha de me sacrificar. Ao menos no final foi fiel à sua palavra: nos eliminou rapidamente.

— Tudo o que fazemos é por sua causa. — Violet tocou Vincent, brincando com o cabelo de sua nuca. — Cada ação que nossa família toma leva você em consideração. Meu pai me deu o nome de Violet porque sou a única flor que você jamais irá controlar. Nunca mais.

Ela falava como seu eu tivesse... criado eles? Como eles criavam novos Bagmen. Minha náusea voltou a ferver.

Palavras horripilantes pularam na minha língua: Eu só estava jogando. Mas, continuei calada.

Se a história deles fosse escrita, eu seria a vilã.

Então percebi que ela foi sim escrita.

Narrada em Crônicas.

— Nós somos escolha, Imperatriz, — Vincent e Violet me disseram ao mesmo tempo. — Somos vingança. E nós lembramos. Logo você verá. Vamos lhe amar tanto.

Eu esperava que dessem as mãos e balançassem os braços, mas Violet continuou brincando com o cabelo dele enquanto segurava aquele sensor. Ele continuava a esquentar a colher. Quando revelariam os seus poderes?

Meu olhar voou para Selena. O que ela pensava de tudo aquilo?

Ela estava tão perto. Eu precisava lhe dar mais tempo. — Eu sou diferente do que fui no último jogo, — falei aos gêmeos. — Tenho nojo do que foi feito com vocês. Mas, ainda vão me castigar?

Vincent me deu um sorriso de predador. — De maneiras como se deve mencionar.

Juntos, eles disseram, — A prática levou à perfeição.

Contive um calafrio.

— Você nos verá reduzir e matar o homem que ama, — disse Vincent. — Então levaremos você e a Arqueira ao norte, como prisioneiras do nosso amor. Vocês vão contemplar o Primeiro com seus próprios olhos, antes que os arranquemos, naturalmente. — Ele olhou para Selena; ela já tinha ficado imóvel. — Quando chegarem lá, Arqueira, seu braço já estará curado, — ele disse a ela. — Uma tela em branco para o Primeiro transformar.

Como ele sabia do braço dela? Espiões? — Por que torturar Selena? Ela não fez nada com vocês.

— O corpo da Arqueira fica vermelho, da cor da sangria, — refletiu Violet. — Isso fascina o Primeiro. O Primeiro vai atormentar ela pessoalmente.

— Ela satisfaz os nossos gostos. — Vincent tirou os olhos de Selena. — Você é só por vingança.

Disse a ele, — Isso jamais vai acontecer.

— Como vai nos impedir? Uma Imperatriz em um mundo de cinzas? — Zombou ele. — Esperávamos que você e os outros fossem um desafio maior. Ouvimos todos os seus chamados quando se reuniram. Mas, somente duas nos enfrentam? Isso não é nada divertido.

Violet desceu a mão para esfregar as costas do irmão. — Gostamos de jogos e de diversão. Vocês não nos deram nenhum dos dois.

— Mais estão vindo, — eu disse, blefando. — A cavalaria principal da nossa aliança. Somos apenas o primeiro ato.

— Alianças forçam escolhas, — disse Vincent. — Quando entrar em uma. Quando não honrar uma. Logo, logo, nenhum Arcano será verdadeiramente um aliado. Vocês apenas se usam temporariamente.

Meu relacionamento com Morte mostrava que isso era verdade. Mas, e quanto a Selena arrastar Finn de volta, mesmo com os ossos quebrados? — Isso não é verdade. Não é mais. Este jogo é diferente. Nós somos diferentes.

Como se eu não tivesse falado, Violet soltou o irmão para andar para trás de Jack, com aquele sensor na mão. — Prisioneiros do nosso amor forçam escolhas. Agora que temos as duas e o Caçador, o resto da sua aliança vai tentar libertar vocês?

— Claro, — menti. Gabriel voltaria? A única coisa que ele sabia era que eu fiquei louca e meti as garras em Tess, exatamente como Joules alertou que eu faria.

— Está pronta aí, Vi? Está quase bom. — Para mim, Vincent falou, — Quando a colher queima a pálpebra sem que o metal toque a carne, a temperatura está perfeita.

Violet agarrou o cabelo de Jack e voltou a sacudir a sua cabeça. — Acorde, valete! — Ela o sacudiu. Nada. — Ele virá quando estiver pronto, meu querido.

Eu os digo às pressas, — Se vocês tirarem os meus olhos, eles voltarão a crescer. — Eu achava que sim. — Alguns meses atrás, cortei o polegar, e ele se regenerou. Não querem ver isso? Podem cortar os meus dedos quantas vezes quiserem. — Uma frase que eu jamais imaginei que fosse dizer.

Vincent me dispensou com a mão, desinteressado. — Vamos chegar a essa parte. — Ele inspecionou a colher superaquecida.

Eu estava entediando ele. Pense! — Em que parte do norte está esse Primeiro? Ele é o pai de vocês?

Selena agarrou o punho da espada, os músculos ficando tensos.

— Ora, ora, Arqueira. — Com a mão livre, Vincent brandiu e apontou a pistola que tirou de Selena sem qualquer dificuldade.

Ela congelou.

Ele definitivamente sabia como usar aquela arma. — Vá ficar ao lado da Imperatriz, — ele ordenou. — Quero as duas na primeira fila.

Quando Selena se virou para mim e vi seu rosto, me senti como quem leva um soco no estômago.

Ela tinha uma expressão que eu nunca vi antes: perplexidade. Pela primeira vez desde que a conheci, a Arqueira não tinha ideia do que fazer.

CAPÍTULO 13

— Tudo que fizermos com ele, faremos com você, — Vincent me disse ao se aproximar de Jack.

Violet sorria feliz de ansiedade. — Quero tanto ouvir os gritos dele. — Com uma risadinha, admitiu, — Ele vai ficar tão lindo quando gritar.

Vincent fechou a cara, ciumento. — Vi?

— Não mais do que quando você grita, meu amor.

Enquanto tinham sua briguinha de namorados, eu sussurrei para Selena, — Me use. Como um escudo para as balas. Pegue aquele sensor.

— Porra, é para já, Evie. — Ela agarrou meu ombro. — Pronta?

Eu assenti, me preparando para as balas.

Um assobio ensurdecedor soou, como um foguete a se aproximar. Ruidoso como uma explosão, a lona da tenda... explodiu para cima, desaparecendo na escuridão da noite.

Gabriel?

Ele arrancou o teto da tenda!

As vigas caíram, os móveis também foram derrubados. Tirando vantagem da confusão dos gêmeos, Selena desembainhou a espada e pulou em cima de Violet. Com uma velocidade fenomenal, ela cortou fora o braço da garota. Antes que o membro caísse no chão, Selena agarrou o sensor.

Ela afastou o polegar de Violet do botão, substituindo-o com o próprio. — Toma essa, sua puta.

Violet sorria mesmo enquanto o sangue jorrava. — Essa foi inesperada, Arqueira. Cuidado com a Imperatriz. — Ela caiu, o corpo em uma linha reta.

Como uma carta.

Selena pulou para terminar com Violet; Vincent urrou, se virando na direção de Selena com aquela arma.

Um tiro foi disparado. Ela desviou.

Ele... errou.

A Arqueira ficou irada. — Vou enfiar essa espada até o cabo na sua bunda, Vince. — A lâmina ensanguentada foi elevada, ela correu na direção do garoto, que mirou mais uma vez.

— Olhos nos céus, rapazes!

— Lá vem, Evie! — Gritou Selena, rodando no meio do caminho para me empurrar.

Pressão aguda no meu ombro; eu rodei no ar, caindo em frente a Jack.

— Cubra J.D.!

Pulando, passei as garras pela corda que o segurava. Quando ele desabou, me joguei em cima dele.

Sem jamais largar aquele sensor, Selena virou a mesa na nossa frente, na mesma hora em que uma lança afundou no torso de Vincent.

Thunk.

Vincent olhou para baixo, berrando, — Eu volto para o PRIMEIRO!

Explosão. Raios marcaram o céu. A onda de choque atingiu a mesa, empurrando-a para cima de nós como um triturador.

— Ahh! — Selena empurrou na direção contrária com as pernas, resistindo ao impacto. A madeira estilhaçou a tampa da mesa quebrando ao redor das suas botas!

Quanta força ela tem? Ela apertou os dentes, nos protegendo com toda a força que possuía.

Quando o calor abrasador finalmente diminuiu, levantei de cima de Jack para cortar aquela coleira do seu pescoço, suspirando de alívio ao jogá-la de lado. Olhei para as ruínas da mesa para inspecionar a destruição, eliminando qualquer outra ameaça.

Pouco restou de Vincent. Violet era uma pilha tostada. Atrás de nós, as baías tinham ruído, revelando toda a extensão da loucura dos Enamorados. O raio também eliminou os Bagmen e as cinco vítimas. Finalmente livres da dor.

De volta a Jack. — Consegue me ouvir? — Cortei as algemas dos seus pulsos e tornozelos encrustados de sangue. — Por favor, diga alguma coisa! — Ele grunhiu de dor, mas não despertou.

Selena se ergueu com dificuldade. — Checa o pulso.

Coloquei dois dedos em seu pescoço. — Acho que está normal. — O que amenizou o meu pânico. — Selena, tudo bem com você?

Sangue escorria de um corte em sua têmpora. — Tudo bem. Tirou aquela coleira dele?

Apontei para a coleira no chão com o queixo.

Ela olhou com raiva para o sensor que segurava. Quando ela o soltou, o espeto disparou bem no centro da coleira.

Eu estremei ao ver o quanto Jack esteve perto de morrer.

— Ele vai ficar bem, Evie. — Ela passou a mão na testa, dando de ombros ao ver o sangue que veio junto. — Tem um médico do outro lado do rio. Um podólogo, mas fazer o quê?

A pele de Jack soltava água em volta daquela marca a ferro. — Que marca é essa?

— O símbolo dos Enamorados. O ícone deles é igual.

— Aqueles loucos o marcaram como se fosse deles. — Um prisioneiro do amor dos dois. — E os ombros dele estão deslocados. O que mais fizeram?

— Eles só tinham começado com ele. — Ela o olhou, adoração total em sua expressão. — O que quer que fizeram, ele vai superar. Ele é um sobrevivente.

— Tem algum cobertor? Alguma coisa para cobrir? — Espera... — Cadê o rosário dele? Temos que achar. — Era da mãe dele.

— É para já, Imperatriz. — Selena só me chamava assim quando eu ganhava um grãozinho do seu respeito. Ela vasculhou os pertences dos Enamorados, achando um cobertor. Desdobrou o pano e passou para mim.

Eu o coloquei em cima de Jack, apoiando sua cabeça no colo. Meus olhos se encheram d'água quando passei as costas dos dedos pelo lado esquerdo do seu rosto. O direito estava desproporcionalmente inchado. Hematomas cobriam sua pele.

Quanto mais ele aguentaria? Eu não queria que precisasse ser um sobrevivente. Ele já foi forçado a ter esse papel muito tempo antes do apocalipse.

Ele precisava se afastar dos Arcanos. E de mim. Minha lágrima caiu em sua bochecha.

Com um sopro de vento, Gabriel pousou ao nosso lado, para o assombro dos soldados reunidos. Joules caminhava atrás dele.

A Torre foi quem matou, Gabriel de auxiliar. Como Arcano, Joules logo teria o ícone dos Enamorados, uma marca pequena que apareceria em sua mão.

Um troféu. E talvez um modo de fazer a contagem os pontos?

— Oi, passarinhos, gostaram da explosão? — Joules nos fez uma saudação formal em zombaria. — E essa foi só um em uma escala de zero a cem. Quando a Torre aparece para salvar o dia, casualidades acontecem.

— Podia ter fritado a gente, — falou Selena.

— Seria bem feito por quase terem matado Tess. Nunca a vimos tão perto de bater as botas.

Ai, Deus, Tess! — Ela está bem? — Agora que eu não ardia com o poder da bruxa vermelha, e com sua confiança, estremeci ao recordar minhas ações.

Gabriel me mostrou as presas. — Ficaré. Em seu tempo.

— Ela oficialmente não é mais alvo de riso dos Arcanos, — disse Selena. — Por causa dela, impedimos que J.D. perdesse os olhos para uma colher quente.

A expressão animalesca de Gabriel diminui.

— Isso é sério? — Joules inspecionou as ruínas dos instrumentos de tortura, assobiando baixinho. — Nos próximos dias, Tess vai voltar ao normal. Vai ficar feliz por ter ajudado. A jovem gosta de ajudar.

Perguntei a Gabriel, — Pode, por favor, levar Jack ao médico? — Não queria me separar dele, mas ele precisava de atendimento.

Com um aceno positivo de cabeça, Gabriel levantou o corpanzil de Jack facilmente, colocando-o em cima do ombro. Lembrete: Gabriel possui força sobre-humana. Com uma careta de dor, o anjo abriu as asas feridas.

Eu fiquei olhando para ele e Jack até os dois desaparecerem no céu noturno.

Selena vasculhava um tronco virado. — Por que veio, Torre? Você foi de “nem fodendo” a “por que não?”.

— Abri uma conta no nome da Imperatriz. Ela me deve uma agora. Além do mais, Gabriel disse que faria o que fosse preciso para lhe salvar, mesmo que acabasse tendo que usar as asas até que não funcionassem mais. — Joules me olhou. — E o que aconteceu, finalmente?

Contei o principal, acabando com: — Obrigada pelo resgate. Pelo motivo que for. Você é um herói. — Estudei suas bochechas, que coraram. — E acho que gosta disso.

Sua voz saiu mal-humorada. — Vai se ferrar. — Ele saiu andando.

Selena retornou. — Peguei as coisas de J.D. — Ela estava com a balestra dele presa às costas e a mochila pendurada no ombro. O rosário balançava em sua mão.

— Encontrou o rosário! — Posso ver? E a mochila do Jack?

Ela os passou de malgrado. Eu enfiei as contas no bolso, abraçando a mochila no peito.

Ela caiu sentada ao meu lado.

Ali eu e Selena ficamos, sentadas na garoa, ombro com ombro, como se nada tivesse acontecido entre nós nos últimos meses. Como se ainda nos entendêssemos.

Como se não amássemos o mesmo homem.

Ela disse, — Mas, não consegui encontrar as Crônicas dos Enamorados.

— Deve estar com o pai deles. — A batalha foi difícil para mim e para a Arqueira, mas os Enamorados agora estavam mortos. Então, por que o meu mal-estar continuava? Sim, ainda tínhamos que enfrentar o general, mas o que um mortal poderia fazer? — Depois de hoje, Milovníci vai continuar aterrorizando as pessoas?

— Quem pode dizer? Só sabemos que muito em breve ele viria se encontrar com os filhos.

Quando mais soldados se aproximaram para olhar estupefatos para nós, para os corpos, para as engenhocas, aquele cara, Franklin, chegou perto de nós. Ele estava sem a máscara de gás, mas continuava com aquela cara. Cara de quem usa máscara de gás por um bom tempo? — Deveaux vai ficar bem?

— Acho que sim. Obrigada por perguntar.

Ele mexeu com a ponta das botas em um bolo de serragem ensanguentada. — Você é a namorada dele?

Selena arqueou as sobrancelhas, como se ansiosa para ouvir minha resposta.

— Jack e eu estudamos na mesma escola. — *Por cinco dias.* — Nos encontramos depois do Flash. Meu nome é Evie. Essa é Selena. Desculpa pela entrada abrupta. Estávamos com pressa.

— Eu o conheci na unidade reservista da Louisiana, antes do Azey tomar poder. Ele tem uma reputação e tanto de caçador com a balestra. Já destruiu centenas de Bagmen sem gastar uma bala.

Jack estava se tornando um herói das massas?

Selena se virou para Franklin. Com a sua diplomacia típica, perguntou, — Na manivela; quem era o cara?

— Uns meses atrás, dois caras ajudaram Deveaux a escapar do pelotão de fuzilamento do general. Eles puxaram centímetro a centímetro das tripas do último que ficou vivo.

Era isso o que eu tinha visto. A corda sebosa. Oh, Deus. Os Enamorados tentaram forçar Jack a girar a manivela, para torturar uma das pessoas que salvou a sua vida.

— Nunca pensou em ajudar esses dois? — Selena quis saber. — Nem os quatro virando Baggers?

A vergonha de Franklin era palpável. — Eu quis ajudar! Mas o meu irmão mais novo está com o Azey Norte. Ele só tem doze anos. Toda vez que eu saía da linha, eu arriscava minha vida e a dele. Há espiões por todo lugar. — Ele exalou forte. — Ou melhor, havia. Eles deram o fora, rumo ao norte.

— O que vai acontecer com as mulheres aqui? — Procurei à senhora acorrentada na multidão.

— Conforme as ordens de Deveaux, eu já providenciei a soltura, proteção e sustento delas.

Franzi o cenho. — Que ordens?

— Agora é ele quem manda. Em suas mensagens, Deveaux prometeu liderar os chapéu-brancos entre nós, os bons que protegem as pessoas necessitadas.

— Obrigada, Franklin. Vou dizer que perguntou por ele. — Quando o homem se afastou, me virei para Selena. — Ele no comando? Por que Jack iria querer esse tipo de responsabilidade?

Para ajudar pessoas que ele nem conhece? — Ele reclamava sempre que eu fazia algo parecido, insistindo que só podíamos nos preocupar com nós mesmos e com a nossa sobrevivência.

— Quando ele assumir o controle daqui, vamos conseguir libertar a outra metade.

— Isso parece ser muita responsabilidade.

Selena assentiu. — Ele está diferente agora.

Eu queria que ela elaborasse mais sobre aquele comentário, mas outros soldados curiosos se amontoaram à nossa volta. Quando olharam para a mim e Selena, Joules voltou para perto, produzindo outro dardo.

Ficou andando, girando-o de modo ameaçador. *Nos protegendo?* — Oi! está a fim de um raiozinho, meu chapa? — Sua pele eletrizada emitia fagulhas na garoa.

— Esses soldados não estão preparados para tantos Arcanos de uma vez só, — Selena falou. — Caras com raios nas mãos e garotas brotando heras. Anjos voadores.

— Ninguém aqui me viu brotar heras. Bem, é verdade, eles viram. Mas, só antes de voltarmos no tempo. — E mais uma vez, outra frase que nunca achei que diria. — Que noite. — Meu cérebro parecia um mingau. Como se estivesse quase parando de funcionar. — Sabia alguma coisa dessa história minha e dos Enamorados? Eles falaram a verdade sobre o jogo passado?

— Eles não mentiram.

— Teria sido bom saber antes de ter entrado aqui para enfrenta-los. — Por que Morte não me contou nada daquilo?

Ela encolheu os ombros. — Até pensei em contar, mas não queria que desse para trás só porque dois seriais com um exército nas costas planejavam mutilar e matar você.

Certo. — Como pode saber com certeza o que fiz na outra vida?

— Está nas minhas Crônicas. Nos jogos passados, a Arqueira viajava com um contingente enorme, eram como correspondentes de guerra. Eles viram os restos dos Enamorados. E claramente levavam o selo da Imperatriz.

O selo da bruxa vermelha.

Selena examinou o braço inchado. — Matthew devia ter lhe contado essas coisas. Devia ter alertado J.D. da captura. E que tal um aviso sobre a Sacerdotisa?

— Não pode pôr a culpa nele. Ele faz o melhor que pode. E talvez nos diga tudo o que precisemos saber, e nós que não conseguimos compreender. — Como eu entendi quando ele me contou sobre Tess poder manipular o tempo.

— E afinal, como lutou com a Sacerdotisa?

— Ela criou tentáculos d'água, depois os esmaguei com as minhas heras.

— Tentáculos? Evie, ela podia ter puxado você para dentro do rio como um peixe. Ou esmagado com um tsunami. Estava só brincando com você.

Toda vez que eu identificava a última carta que precisaríamos matar, outra aparecia.

Como se lesse minha mente, Selenia perguntou, — Ainda acha que podemos acabar com tudo isso?

Em voz abafada, falei, — Aqui não tem truces, e só nós duas já valemos quatro ícones. Mas nem Joules nem Gabriel nos mataram.

— Não sei dizer quem é mais louca: você, que continua acreditando que podemos dar um fim nesse jogo, ou eu, por começar a acreditar nisso, — ela falou. — Nunca imaginei alguém como você líder, a não ser claro que fosse de torcida.

— Estamos no pós-apocalipse, acho que todo mundo precisa evoluir.

Ela levantou o rosto para a chuva intermitente. — Jesus, Evie, e isso pega? E se nós pudermos mesmo viver em paz? Usar nossos poderes para o bem?

Eu tive o mesmo pensamento! — Podíamos ter novos objetivos. — *Como lutar contra a porcaria do crime, ou qualquer outra coisa.*

— Se os Arcanos do mal não se meterem no nosso caminho. — Selenia me encarou. — Falando nisso, o que está rolando entre você e Morte?

Entre nós? Minha fuga e a sua espada. De acordo com os gêmeos: um desabrochar do amor.

Desde que o deixei, Morte não tinha me contatado telepaticamente, nem atacado a minha mente na viagem. E se ele... não pudesse? — Fiquei sabendo mais da minha história com ele. Não é novidade para você, mas Aric tem motivos para me odiar.

— Você chama Morte de Aric? — Perguntou cuspindo. — Então, aquele assassino tem nome de gente?

— Nem tudo é preto e branco, — insisti, — eu passei a me importar com ele.

Ela parecia mais enojada comigo do que ficou quando viu os Enamorados se pegarem. — Se me encontrar com ele, eu sim meto uma flecha no coração dele.

— Boa sorte nisso. Da última vez que tentou as suas flechas se desintegraram ao tocarem a armadura dele.

— É sério que gosta mesmo dele? Está tudo louco mesmo. E J.D.?

— Não consegui pensar em nada que não fosse o resgate. Agora vou ter tempo para refletir. — Assim que descansar um pouco. Só descansei poucas horas em vários dias.

— J.D. não foi o único que mudou nesses últimos três meses. As coisas entre nós estão diferentes.

Depois de Jack achar que eu já era, ele deu a Selenia o que ela mais queria no mundo?

Ele?

Algo parecido com pesar me inundou. Eu o queria o mais longe possível daquele jogo doentio. Se ele ficasse com outra carta...?

Nunca me ocorreu, em hipótese alguma, que Jack poderia não me querer mais, que poderia não insistir para que eu ouvisse o seu lado da história. — O... o que mudou?

Antes que ela pudesse responder, o anjo voltou. — Jack está com o médico.

— Obrigada, Gabriel.

Ele assentiu de modo solene. Talvez ele também devesse ir ver o médico. Depois do seu mergulho-bomba, aquele buraco de bala agora estava do tamanho de um pires.

Ele ofereceu a mão com garras a Selenia. — Sua carruagem a aguarda.

Achei bonitinho, mas ela o olhou com cara de “sério?” e não se moveu.

Ela não tinha como saber que foi ela quem ele levou primeiro, pelo menos antes que o tempo voltasse. — Não devíamos voltar pela ponte? — Indiquei sua asa.

— Esperaremos até que a ponte esteja cem por cento segura. — Ele me olhou nos olhos. — Ainda é perigoso demais, para você e para Selenia.

Ah, certo. Ele suportaria a dor só para poder abraçá-la.

Ela franziu a testa quando ele a puxou para os braços, aninhando-a contra o corpo. — Falamos depois, Evie.

Eu dei um joinha para ela; ela me mostrou o dedo do meio quando os dois voaram.

— Ei, garota florida! — Chamou Joules. — Quanto tempo demora para o ícone aparecer na minha mão? — Acho que ele queria logo o seu troféu.

Eu odiava saber a resposta para a sua pergunta por já ter ganhado dois. — É basicamente instantâneo.

— Então, quem roubou a porra do meu ícone?

CAPÍTULO 14

Enquanto Jack dormia, eu sentava na beira da cama portátil, pensando no prognóstico do médico.

O exame que o homem fez no crânio de Jack revelou dois galos bem feios; muito provavelmente concussões. Ele colocou os braços deslocados no lugar, limpou os ferimentos e fez um curativo na queimadura do seu peito.

Ele fez uma previsão de recuperação completa, se Jack maneirasse por umas duas semanas. Mas, o doutor também me falou do tempo que Jack ficaria com a marca dos Enamorados, o lembrete constante de sua tortura.

Pelo resto da vida.

O que me deixou com vontade de envenenar alguma coisa.

Retraí minhas garras que se formavam, sussurrando para Jack, — Com marca ou sem, para mim você sempre será lindo de morrer. — Ajeitei as cobertas com carinho em volta dele, abalada pelo amor que sentia.

Tentei tanto esquecê-lo. Nunca consegui. Na verdade, tinha comemorado quando conseguia passar uma hora sem pensar nele.

Mas, tinha tanta coisa que se colocava entre nós. Muito pouca confiança, muito perigo.

Eu precisava libertá-lo, fazer com que fosse para longe de tudo aquilo. Mesmo assim, tudo o que eu queria era me aninhar ao lado do seu corpo sofrido...

Ouvi Joules lá fora, subindo e descendo pela tábua de acesso, reclamando sobre o seu ícone perdido. Ele já tinha insistido em checar as mãos de todos os Arcanos.

A transferência tinha enlouquecido porque Selenia deu o primeiro golpe, iniciando o ataque?

As respostas de Matthew às perguntas calorosas de Joules, e às minhas, não foram dadas no domínio da coerência. O garoto parecia exausto.

Olhei para a metade da tenda que era sua. Meu peito apertou quando percebi que os únicos pertences que ele tinha no mundo eram a sua mochila, um boneco alienígena de algum filme de ficção científica, e um livro Mad Libs.

Ao lado da cama de Jack? Revistas de assuntos diferentes: elétrica, mecânica, construção civil. Debaixo do colchão, ele armazenava garrafas de uísque, o que me deixava pensando se ainda estava em abstinência. Em cima de uma mesa pequena, mapas da região. Ele os redesenhou para que refletissem as novas paisagens.

Meus olhos caíram em sua mochila. Abri e olhei dentro. Junto dos seus meios de sobrevivência, ainda tinha aquela cópia de Robinson Crusoe que eu lhe dei.

E o celular que era de Brandon, meu namorado de outra época, e meio irmão de Jack. Não que funcionasse. Jack me disse que tinha carregado o aparelho constantemente, só para poder ver minhas fotos e vídeos.

Até a gravação do Alquimista sobre a história da minha vida eu encontrei em um pequeno tocador.

Claro que Jack não levaria essas coisas para todo lugar se tivesse me esquecido.

Peguei o seu envelope de fotos. Na minha primeira noite na estrada com ele, ele me mostrou o conteúdo da mochila enorme, mas não queria que eu visse aquilo.

O mundo dá voltas, Jack. Eu fui passando, não encontrando nada de ruim, só fotos dos seus amigos e da sua mãe.

Jack se mexeu. Estava acordando? Enfiei tudo de volta na mochila.

Seus olhos cinzentos se abriram. Vermelhos, cansados, mas tão conhecidos. — Evangeline? — Ele piscou, como se não conseguisse acreditar que eu estava ali com ele. — Você é de verdade? É outro sonho? — Ele parecia um morto-vivo.

Ele e eu ficamos separados por três meses. Pareciam três anos. — Estou aqui com você. — Peguei sua mão. — Está salvo agora.

Com a testa enrugada, ele esfregou os dedos calejados na minha pele, como se testasse a minha real existência. — Nunca pensei que fosse escapar dos gêmeos. Muito menos que fosse te ver de novo.

— O médico examinou você. Vai ficar tudo bem.

— E você está cuidando de mim? Ma belle infirmière. — Minha linda enfermeira. Ele sempre tinha amado quando eu dava uma de mãezona.

— Antes que esqueça... — tirei seu rosário do bolso.

Ele o fitou por um segundo, voltando a me olhar. Com um pedacinho daquele sorriso de arrasar corações, perguntou, — Minhas preces já foram atendidas, non?

Não falei nada sobre o assunto. — Selenia que encontrou. — Eu me inclinei para colocar as contas em volta do seu pescoço.

— Merci. — Ele ficou lá, me olhando. — Cristo, senti tanta saudade desses seus olhos azuis. Ma fille aux yeux bleus. — *Minha menina dos olhos azuis.* — Não achei que veria esses olhos de novo.

Quase não veria mesmo.

Então ele olhou para alguma coisa atrás de mim. — Mas que porra?

Cyclops tinha metido a cabeça dentro da tenda. — Oh. Um dos lobos de Lark está me protegendo. Longa história. Ele não vai lhe atacar.

Jack parecia ainda mais confuso.

Para distraí-lo, disse, — Ei, quando voltar a andar, pode me mostrar esse lugar. Nem todo cara tem um forte.

— Não pode sair daqui. — Seus músculos ficaram tensos, fazendo com que fizesse careta. — Me prometa que não vai embora.

Eu não tinha para onde ir. Nenhum lar. Mas desejava um. Depois de ter visto as ruínas de Haven, sentia uma falta de agonizar. — Eu não vou embora.

Como se aquela explosão de energia tivesse esgotado todas as suas reservas, suas pálpebras ficaram pesadas. — Eu sei... o que eles fizeram... com Clotile.

Curiosidade me atacou. — O que foi, Jack? E o que fizeram com você?

Ele parecia lutar contra o sono com todas as forças. — Não quero fechar os olhos e não te ver mais... — mas, no fim, ele perdeu a briga.

Selena tinha entrado na barraca e ouviu a última parte. Não consegui ler a sua reação. Apesar das palavras de Jack, algo podia ter acontecido entre os dois. Eu bem que poderia ser a intrusa ali.

Ela colocou a balestra de Jack em cima da mesa. Pelo que lembrava, na última vez em que a vi, ele modificou a arma, adicionando uma lanterna e pintando o cartucho de flechas automático.

— Joules já se acalmou? — Perguntei. — Encontrou o culpado?

— A última teoria improvável da Torre? Um bilionésimo de segundo antes de o raio cair, a Sacerdotisa conseguiu afogar instantaneamente os gêmeos de alguma maneira, enchendo os seus pulmões de água. Ele está furioso e planeja pescá-la usando “lanças”. — Selena enrugou a testa. — Me pergunto se ela pode ser eletrocutada. — *Vamos rezar para que sim.* — Matthew está lá fora, diz que precisa falar com você.

— Você fica?

— Dã.

Mesmo exausta, me forcei a levantar e vesti meu poncho. Talvez Matthew revelasse pelo que Jack passou. Clotile...

Ou que tal um resumo da minha história com os Enamorados?

Enquanto estivesse lá fora, faria umas frutas para Tess. Nada diria “desculpa por ter virado uma bruxa de pesadelos e por quase ter te matado” melhor do que uma cesta de frutas.

Saí na garoa e no ar gélido. Cyclops veio atrás de mim, latindo algumas vezes, como se me dissesse alguma coisa.

— Imperatriz. — Matthew parecia tão mal quanto eu, o rosto cansado, os ombros curvados em estafa.

— O que aconteceu? — Ele se sentia culpado pelas coisas terem acontecido como aconteceram?

Ele me olhou com aqueles olhos castanhos deprimidos. — Tredici se aproxima.

— Não sei o que é isso, coração. Ei, não está feliz por termos resgatado Jack?

— Não consegui ver. — Ele abraçou o próprio corpo, batendo os punhos na parca. — Os Enamorados! — Ele soltou um murmúrio quase mudo.

Estendi os braços para relaxar os dele. — Nós ganhamos o dia. Sobrevivemos.

Ele me olhou. — Os gêmeos... inseparáveis. Nunca separados.

— Agora eu entendo. — Na vida, e na morte, eles permaneciam juntos. — Matthew, preciso saber o que fizeram com Jack.

— Um caminho. Não vai gostar de onde leva.

Fiquei meses sem aquelas conversas em código. E agora voltei com força total. Mesmo prestes a desmaiar, perguntei, — Como assim?

— Não posso evitar, não posso mudar. Antes tinha ondas ou redemoinhos; agora, pedra. Nossos inimigos riem.

— Amor, está me assustando. E estou muito cansada. Podemos conversar depois?

Ele levantou a mão. — Espere, por favor.

— Está falando com outra pessoa? — Matthew era a central telefônica dos Arcanos, um médium. — Com... Aric? Ele está em seus olhos? — Me vendo através de Matthew?

Agora que Jack estava a salvo, minha mente traiçoeira se voltava para Morte. Eu sentia saudades de Aric; ou, pelo menos, do homem que achava que era. Sentia falta da sua inteligência. Sentia falta de ler com ele e de dançar diante de seu olhar arrebatado.

Uma parte minha quase chegou a amá-lo. Até os gêmeos tinham visto isso. Ainda assim aquela época com ele foi apagada por conta de suas atitudes. — Ele virá atrás de mim? — Olhei para a muralha do forte. Será que o campo minado seria suficiente para impedi-lo? Eu não poderia me esconder ali para sempre.

— Reunião! — Matthew pegou minha mão, me levando para longe da barraca.

— Preciso cultivar um pouco e voltar para ficar com Jack.

Ele me puxou com mais insistência. Tinha ficado ainda mais forte, os ombros estavam quase tão largos quanto os de Jack.

Na frente do forte, Matthew acenou, e soldados abriram os portões. Antes que Cyclops pudesse nos seguir, eles se fecharam atrás de nós.

— Eu falei para Jack que não sairia daqui. Matthew?

Ele não respondeu, só continuou a me levar até uma trilha rochosa, que descia cada vez mais, enquanto a névoa ficava mais densa.

— Um, estamos indo para perto da água.

— Ainda superfície.

A trilha se abria para uma área arenosa, parecida com uma praia como a do outro lado do rio. — Aqui é seguro? — Com cautela, olhei em volta. Apostava que pessoas iam ali antes, tomavam cerveja e nadavam em dias ensolarados e quentes.

Sentia tanta falta desses dias que me deu vontade de chorar.

— TERROR DAS PROFUNDEZAS!

O chamado rugiu em minha cabeça. — O que é isso, Matthew? — Tentei soltar a mão da dele.

Na beirada, uma porção da água se elevou.

— Estou te apresentando à... Sacerdotisa.

CAPÍTULO 15

Quando a Sacerdotisa disse que voltaríamos a nos encontrar, achei que falava de um futuro mais distante, em uma batalha remota.

Não na mesma noite!

Aquela água elevada se transformou, tomando forma. Os detalhes foram ficando mais refinados até que surgiu o contorno de uma garota.

— Adeus, Louco, — disse a garota d'água.

Eu me virei para Matthew.

Ele tinha ido embora.

Porcaria! Virei para a Sacerdotisa. Embora ela não se lembrasse da nossa briga, a sensação daqueles tentáculos ainda estava fresca em minha mente. — Vai me atacar do nada? — *Outra vez.*

— No momento, não. Mas, todo ataque meu vem de um lugar certo, não vem? — *Como a água poderia achar algo engraçado?* — Estamos em paz para seguirmos com esse encontro?

Recordei o comentário do peixe de Selenia. A Sacerdotisa não me matou e, ao invés disso, me chamou para uma conversa. Talvez pudesse se tornar uma aliada. — Estamos em paz.

A água voltou a tomar forma, ficando oval, como um espelho. Quando as ondas pararam, um templo iluminado por uma fogueira apareceu. O “espelho” se transformou em uma janela, para que eu visse outro lugar!

Sentada em um trono de corais havia uma garota mais ou menos da minha idade com olhos luminosos e amarelados, pele de ébano perfeita e enorme cabelo negro, trançado por cima do ombro. Usava um robe espumoso branco (espuma do mar?), luvas até os cotovelos de um azul incandescente, e uma coroa brilhante de água. Um tridente dourado no colo.

Ela era encantadora.

— Saudação Tar Ro, Imperatriz.

Quê? — Saudação Tar Ro para você também?

— Qual é seu nome neste jogo? — Suas palavras tinham um sotaque caloroso, os ritmos trazendo à mente brisas agradáveis e lugares longínquos.

— Meu nome é Evie Greene.

Algo que não deu para ver passou em volta do seu trono. Um tentáculo de verdade? — Sou Circe Rémyre. — Água escorria pelas paredes de pedra atrás dela. O seu templo era submerso?

Até que soubesse sua localização, não poderia lutar contra ela nem se quisesse. — Você está aqui, mas, ao mesmo tempo não está.

— Posso habitar certos corpos d'água. Por exemplo, se a Imperatriz seguisse um curso vindo da moradia da Morte, eu poderia segui-la.

Ela me seguiu. — Como é possível?

— Como tudo isso é possível? — Ela acenou com um braço azul brilhante.

Meus olhos se arregalaram. Ela não estava de luvas. Escamas deslumbrantes cobriam seus antebraços, terminando com uma barbatana de um azul delicado na altura dos cotovelos.

Se eu achava Lark o máximo por ter uma ave de rapina com um capacetezinho de couro, as escamas de Circe estavam no mesmo patamar.

— O jogo torna o impossível possível.

Bruxas, anjos e viagens no tempo. Minha cabeça girava. Eu precisava voltar para Jack. Alimentar Tess.

— Entendo que teve uma noite bem cheia. — Circe literalmente não sabia da metade dela. — Uma grande batalha em meio àquele exército de mortais. — Ela parecia estar começando uma conversa bem comprida.

A Sacerdotisa era solitária? Como Morte era?

— Bem cheia, — concordei, espiando sua mão. Sem marcas. — Sabe o que aconteceu com o ícone dos Enamorados? — Mais daquele ruído de algo se rastejando. Não dava para ver o que tinha aos pés, e isso talvez fosse uma coisa boa.

— O ícone deles está onde deveria estar. Como os dois que você possui.

Que jeito estranho de responder. — Nunca quis nenhum deles. Planejo pôr um fim a este jogo.

Ela inclinou a cabeça de lado, me dando o que poderia ser um sorriso triste. — Sempre teve um conceito bem alto de si mesma.

— Como saberia? Achava que ninguém a não ser o Louco tivesse memórias de vidas passadas.

— A minha encarnação anterior lançou um feitiço, me permitindo reaver minhas lembranças por meio de estados de transe. Quem precisa de um cronista quando tem acesso a informações em primeira mão?

Um feitiço. — Você é uma feiticeira?

— Depende da pessoa a quem você perguntar, — ela disse com secura. — O Louco lhe deu suas lembranças? Em visões e sonhos?

— Sim. Tenho visto devagar.

— Sábio. Eu vejo as minhas, dez minutos por dia, todos os dias, sem falta.

Ela parecia extremamente disciplinada e pontual. Diferente de mim. Eu podia passar semanas sem ter uma visão, e então ter uma overdose delas. Não era de admirar meu cérebro estar parecendo geleia.

— Com cada memória, aprecio melhor o quanto este jogo é épico, — ela continuou. — Ele dá forma à história dos deuses e dos homens, e ainda assim a Imperatriz não quer mais jogar? Não há como pará-lo, Evie Greene.

— Por que é impossível? Você acabou de dizer que o jogo torna o impossível possível. Quando a alternativa é assassinar garotos e garotas, tenho de tentar diferente.

— Você tentou? — Ela olhou para a minha mão, sabendo a resposta.

— Tentei. — Queria parecer mais forte, mas a fadiga me consumia. — Tentei muito, Circe. Não é assassinato se você faz em legítima defesa, nem para defender as pessoas que ama.

— A Imperatriz fala de amor, e sem zombaria. Agora vejo porque Morte está tão encantado com você neste jogo. Você não é você.

— Obrigada? — Eu me sentia como um peixe fora d'água. — Então, por que queria conversar?

— Você é um mistério. Eu me preocupo com mistérios. Com crenças ocultas. Com coisas que devem ser reveladas.

— Como os mistérios das profundezas?

— Exatamente. — Outro som de alguma coisa se mexendo. — Em outra época, outro lugar, eu poderia ter gostado de conhecer essa sua nova encarnação.

— Por que não agora? Podemos ser aliadas.

— Somos grandes inimigas, Evie Greene.

— Já fomos aliadas alguma vez?

— Juradas. Oh, os jogos que jogamos! Lembro a floresta que tomamos. Eu tinha um rio, e você os seus vegetais assassinos. Como ríamos juntas! Nenhuma carta podia nos desafiar, até o Imperador chegar com os seus olhos de brasa cheios de fogo, com as mãos sangrando lava. É com ele que devia se preocupar. Esqueça os Enamorados e do seu homem mortal.

Os Enamorados já foram riscados da lista. Jamais riscaria o meu homem mortal. — Sabe de Jack?

— Eu ouço sussurros. Eles correm até mim como água. Ainda assim não consigo compreender o que fazia com Morte.

Fiquei vivendo em um mundo paralelo com Aric, sem me importar como era minha vida fora de seu castelo? Antes de ele me capturar, fui amiga, namorada, neta. Minha vida humana acabou vindo em primeiro lugar.

Ainda vinha?

Continuando... — O Imperador não está perto. Não ouvi o seu chamado. — Não conseguia lembrar qual era.

— Quando ouvir, já será tarde demais. — Circe sacudiu a cabeça com pesar, e do outro lado da janela de água, redemoinhos começaram a rodar no rio. O cobertor de neblina se transformou em milhares de ciclones fracos. — Ele virá. Com tantos Arcanos juntos, todos nos sentiremos atraídos, puxados como se por marés.

— E você vai ficar esperando para arrastar todos para suas respectivas mortes?

— Como sempre. — Em um tom mais baixo, ela disse, — Às vezes eles me pedem para levá-los às profundezas. Às vezes é o único lugar ao qual sabem que irão.

Suas palavras me deram arrepios.

— Mas não o Imperador. Aquele tirano sem pescoço deseja calamidades. Neste jogo, ele se chama Richter. Como a escala. — Com um sorriso, ela disse, — Devíamos acabar com ele somente por isso.

Vi meus lábios curvando. — Nós éramos amigas, não éramos? Não apenas aliadas.

Ela mexeu no tridente em seu colo, levantando o queixo. — Tão próximas quanto irmãs, se deseja saber.

— Até eu lhe trair?

Olhar de ódio.

Com licença: quem eu não traí em jogos passados? — Eu sinto muito mesmo. Queria que não tivesse feito isso.

A expressão raivosa de Circe virou uma de confusão. — Você não é você, — repetiu. — Até a próxima, saudação Tar Ro, Imperatriz.

A janela d'água se desintegrou, como se derretesse.

A Sacerdotisa sumiu.

* * *

Jack ainda dormia quando voltei à sua barraca.

Selena sentava em uma cadeira ao lado da cama. — Que demora. — Como se ela desse a mínima.

Ela e eu podíamos ter voltado a nos entender, mas Selena sempre seria um pé no saco super-humano. — Matthew não voltou? — Eu fiquei fora um bom tempo.

Depois do meu confuso encontro com a Sacerdotisa, Cyclops e eu encontramos um pedaço de chão isolado para que eu pudesse cultivar as frutas. A minha phytogenesis era um processo bem lento, que demandava muito sangue.

No fim, estava tão debilitada que fui cambaleando até a barraca de Tess. Mas, consegui uma boa colheita, um poncho cheio de delícias, mais do que ela conseguiria comer sozinha.

Com o arcanjo ao seu lado, ela dormia, o corpo tão pequenino debaixo dos cobertores. Mas, já parecia melhor.

Selena se levantou. — Matto provavelmente está passeando pelo forte. Como sempre. — Ela olhou para trás de mim. — Vai deixar esse lobo feioso entrar?

— O majestoso lobo, — que vive salvando a minha vida, — é um animal que vive dentro de casa. — Tive uma noite como nenhuma outra, e só queria apagar.

— Que seja. Você está péssima. Vá dormir, mas se prepare para conversar quando acordar.

— Sobre o quê?

— Coisas. — Com um olhar demorado para Jack ela saiu da barraca.

Dormir. Sim. Peguei a cama de Matthew, imaginando que ele me acordaria se a quisesse de volta.

Deitei de lado, para poder ficar olhando para Jack. Apesar da minha exaustão e recente perda de sangue, continuei acordada, como se meu olhar se recusasse a se separar dele.

No que deveria ser o amanhecer, galos começaram a cantar. Faziam o mesmo na casa de Morte, sem se deixarem intimidar pela falta de sol. Lark uma vez me disse que eles cantavam no seu próprio ritmo.

Embora o acampamento estivesse despertando, talvez eu ainda conseguisse uma horinha de sono.

Enquanto adormecia, me perguntei o que aquele novo dia me traria...

CAPÍTULO 16

DIA 374 D.F.

Terremoto?!

Acordei de um salto da minha cama de montar tremendo, tonta. Por que ninguém gritava?

Onde estava Jack? Matthew?

Esfreguei os olhos. *Ah. Alarme falso.* Cyclops dormia em cima do colchão, se sacudindo enquanto sonhava.

Estendi a mão para acariciar o seu pelo frisado. — As coisas que aguento por sua causa. — Ele acordou, espreguiçando as patas cheias de cicatrizes.

Espera, por que eu estava na cama de Jack? E sem calça? Meu jeans pendurado na cadeira. *Ele tirou a minha roupa?*

Matthew entrou na barraca. — Imperatriz. — Parecia ainda pior do que ontem.

— Coração, tudo bem com você? — Cyclops levantou e passou por ele, indo lá para fora. Esperava que o lobo soubesse que não devia sair do forte.

— Não estou me sentindo bem. — Matthew foi para a sua cama, sentando com rigidez.

— O que está doendo?

Sua pele pálida se destacava contra o casaco negro. — Meu cérebro.

— Você dormiu?

— Sim. Dias atrás. — Quem não ficaria acabado sem dormir?

— Vai se sentir melhor assim que descansar. — O que podia ser mentira. Eu acordei tão cansada quanto antes, só que agora com uma dor de cabeça.

Ele assentiu. — Uma pausa é necessária. — Antecipando a minha próxima pergunta, ele gesticulou na direção do rio. — Jack foi até o exército com a Torre e o Julgamento. Ordem! Disciplina! — Joules e Gabriel estavam se envolvendo?

— Jack não deveria estar na cama, ao invés de lá fora, na chuva e no escuro? — E toda aquela conversa de não querer me perder de vista.

— Quando ele põe uma coisa na cabeça...

Suspirei. — E eu não sei? — Me custou tanto chegar nele e lá estava ele, mais uma vez fora do alcance. — Que horas são?

Dar de ombros. — Noite.

— Valeu. — Coloquei as pernas para fora do colchão. A fogueira próxima estalava, mas pouco fazia para afugentar o frio úmido. Me vi sentindo falta do meu luxuoso quarto no castelo de Morte, e então tive uma onda de culpa.

Matthew estudava o teto, então pude me levantar para pegar a calça.

Eu a abotoei, vendo que estava folgada. Poucos dias longe da casa de Aric e já perdi peso. Falando nisso... — Como vai Tess?

— Ela está bem. Como um reator. Ela precisa se regenerar.

— Como eu?

Ele revirou os olhos. — Nããão. Como um reator.

— Então, quando ela vai voltar ao normal?

— Ela está. Normal. — Justo quando comecei a sentir um alívio, ele acrescentou, — Quase careca.

Fiz uma careta. — Vou ter que me redimir do que fiz. — Procurei as minhas botas e as encontrei aos pés da cama. — Podemos, por favor, conversar sobre ontem? Sobre o que os gêmeos fizeram com Jack? — Eu planejava pedir para que não houvesse mais segredos entre mim e ele, mas como poderia depois de tudo que ele sofreu?

— Isso cabe a ele contar.

— É tudo que vai me dizer?

Seu cabelo molhado caiu na testa, e ele o afastou. Precisava de um corte. — O exército marcha, um moinho de vento gira. — No passado, ele me falou isso várias vezes.

O Azey marchou para Haven porque a fazenda era equipada com fontes disponíveis de água: bombas d'água eólicas. Do seu jeito, Matthew me alertou da chegada dos Enamorados.

Mesmo assim, franzi a testa, lembrando o que Vincent me disse. — Os Milovnicis nunca quiseram a água de Haven. Eles só foram lá por minha causa.

— Verdade.

— Então, por que falou dos moinhos de vento?

— Eles rodam para o cheiro de rosas.

Sufocando minha irritação, sentei em um baú para calçar as botas. — Quer me contar da minha história com os gêmeos? — Antes eu temia que a brutalidade de Morte tivesse criado forma por causa das minhas versões passadas. Fiz a mesma coisa com os Enamorados?

— Eu lhe dei a história. O resto cabe a você.

— Acessar as lembranças? Não pode me dizer logo? Eles disseram que praticam tortura, por minha causa.

Ele olhou para a mão. Assunto encerrado.

— Ok, então, e quanto a Sacerdotisa? Podemos convencê-la a formar uma aliança?

— Neve cai sobre sepulturas. — Ele se abraçou.

— Que sepulturas, coração? Está com frio? — Embora a fogueira estivesse acesa, olhei em volta, procurando mais lenha. Não vi.

Claro que não. Os recursos eram limitados. Quanto da preciosa madeira Jack gastou naquela fogueira, só para me aquecer enquanto estivesse ausente?

Matthew disse, — Tredici se aproxima.

— O que é Tredici? — Era muito cedo, manhã ou tarde, o que fosse, para aquele tipo de confusão. — Vai explicar?

Ele piscou, como se tivesse lhe feito uma pergunta ridícula.

Inalando, buscando paciência, falei, — Então. Hoje é um dia e tanto para mim. Tem algum conselho que não vá deixar a minha cabeça pior?

— Tudo que vem de mim faz doer. Poder é o seu fardo. Saber é o meu. Mas, lhe dei tudo antes de perder a cabeça.

— Do que está falando? — Fui até ele, tocando as costas dos dedos em uma bochecha magra. Nada de febre. — Vai tentar dormir agora?

— Muito a fazer.

Tinha dito isso antes. — Como o quê? Quer que eu ajude com alguma...

Ele levantou, se virou para a entrada, e me deixou.

— A conversa foi ótima, amigão, — falei sozinha. Pegando a minha mochila, fui procurar um lugar onde me limpar.

Em uma espécie de banheiro coletivo, me lavei com água fria, escovei os dentes e coloquei roupas limpas; jeans, regata, casaco. Me senti melhor, mas não consegui me livrar daquela dor de cabeça chata.

Fui ver Tess, que estava tirando um cochilo, provavelmente “reatorando”. Cerca de um terço das frutas que fiz para ela tinha sumido, e ela parecia ganhar peso. Alguém deixou um boné de beisebol para cobrir as falhas em sua cabeça.

Quando voltei para a barraca, esfregando as mãos de frio, os portões se abriram.

Jack.

Ele passou pelo pátio montado em um belíssimo cavalo cinza. Fiquei nas sombras, sem atrair atenção, só observando.

Seu rosto estava menos inchado. Um pedaço do curativo aparecia na altura da gola da camisa de flanela e da jaqueta camuflada. A balestra presa ao ombro.

Joules também apareceu, Gabriel aterrissou perto. Todas as pessoas do forte saudaram os heróis.

Quando uma camionete cheia de suprimentos entrou, Jack pediu ordem aos soldados. Alguns descarregaram estrados de latas. Outro grupo se reuniu para retirar uma arma enorme da carroceria.

Jack desmontou, movendo-se com dificuldade. Ele tirou uma bolsa de pano em estampa camuflada da sela, apoiando-a no corpo. Homens se reuniram em volta dele, fazendo perguntas. Apesar de sua pouca idade, todos prestavam uma atenção absoluta.

Sua vida implacável o moldou, lhe dando habilidades obtidas com dificuldade, mas ele nunca teve a oportunidade de usá-las em um nível daqueles.

Foi preciso um apocalipse para que Jack encontrasse um líder dentro de si.

Eu saí das sombras, e os nossos olhos se encontraram, os dele muito vívidos e cinzentos. Seu olhar percorreu o meu rosto e corpo do jeito que fez naquele nosso primeiro dia na escola, como se tivesse ficado anos sem ver uma garota.

Sem tirar o foco de mim, ele disse algo que fez os homens assentirem e se afastarem; e então cruzou a distância entre nós.

Sem palavra alguma, segurou a minha mão, me levando para a barraca. Como eu abordaria aquela conversa? Precisava lhe contar de Aric, mas agora não era o momento certo.

A barraca parecia muito menor com ele dentro, porque Jack era enorme. Ele tirou aquela bolsa das costas, colocou a balestra de lado.

Ficamos olhando um para o outro, em silêncio. Devagar, ele veio andando para se colocar na minha frente. — Não achava que pudesse ficar ainda mais bonita. — Enroscando o dedo debaixo do meu queixo, ele se abaixou para me beijar.

Fiquei estupefata, imóvel. Tinha imaginado o nosso reencontro, mas nunca pensei que ele viria logo me beijando. Uma emoção me invadiu.

Deus, como senti falta daqueles lábios. Ofeguei de prazer.

Mas, bem quando minhas mãos decidiram tocá-lo, meus pés me levaram para trás. — Um, como está se sentindo?

Ele ficou claramente decepcionado com a minha reação. O que tinha esperado? Os nossos problemas não se resolveriam sozinhos, como em um passe de mágica. — Você me conhece: tête dure. — *Cabeça dura*. — Fiquei mais preocupado com você.

— Estou bem. Você me conhece: regeneração.

Pelo modo como tirou o casaco, jamais daria para notar a extensão dos seus ferimentos. Mas, aquele músculo da mandíbula se contraiu. Era o que o delatava. Ele usava um coldre com duas pistolas que também tirou.

— Quando começou a usar armas?

— Quando comecei a enfrentar gente com poder de fogo. — Ele tirou o cantil de um bolso e deu um gole.

Sentei na cama de Matthew, tão rígida como quando ele sentou um tempo atrás. — Então, você, Joules e Gabriel assumiram o exército?

— Ouais. Queria você e Selenia lá para dividir o crédito, mas ela está fora em algum lugar e você me expulsou quando tentei te acordar. — Sério? — Não queria te deixar, mas tinha que garantir que as filhas fossem tratadas direito.

Claro. Nunca tinha conhecido um homem que odiasse tanto violência contra mulheres.

— Quando o pessoal vê Arcanos como Joules e Gabriel, costumam entrar logo na linha. — Ele agitou a fogueira. — Não dispenso o uso desse meio para obter certa ordem por aqui.

Ele sentou na minha frente, os cotovelos nos joelhos, cantil a postos. O cabelo preto e farto caía na testa, e mechas apontavam para cima perto das orelhas.

Enfiei os dedos naquele cabelo uma vez, puxando-o para mim. — Quando decidiu expor a nossa espécie? — Agora tinha sete de nós ali, uma Liga da Justiça Arcana.

Ele deu outro gole. — Lembro que no Basin todo mundo se enganava. A gente se dizia que aguentava viver ali por causa da nossa família e dos nossos amigos. Ou que éramos ligados àquelas terras pela nossa própria história. Comecei a achar que essa gente precisava de novas histórias, e caiu que eu tinha um garoto que criava ilusionismos e uma garota com a pele brilhante. — Ele encolheu os ombros, e então pareceu lamentar o movimento. — A gente deu novas histórias para essas pessoas contarem.

Embora fosse algo digno, ainda fiquei surpresa com o seu envolvimento. — Antes você não se preocupava com os outros. Dizia que servir aos seus companheiros humanos era idiotice. Dizia que o pior tipo de pessoa era as estavam vivas.

— Não conhecia muita gente digna de respeito na época. Conheci nos últimos meses.

— Nunca procurou problemas. Parece familiar? Isso tudo aqui é um problema.

— Dis-moi quelque chose que j'connais pas. — *Me fale algo que eu não saiba.* — Mas descobri algumas coisas.

— Tipo o quê?

— A gente pode entrar em extinção, Evie. Tipo, a nossa espécie vai perder essa batalha. E mesmo assim, Milovníci é o único recrutando gente? Alguém precisa se opor a ele. Por alguma razão, essa tarefa caiu sobre mim. — Outro gole.

— Voltou a beber. Achei que tinha parado. — Tinha começado tão jovem.

— Tinha que estar esperto para ir atrás de você. Para lutar com os seus inimigos. — Uma sombra atravessou sua expressão. — Mas depois de um tempo, você não quis mais que eu fosse.

Não podia negar. — E agora?

Em um tom baixo, ele falou, — Beber ajuda com a dor. — Eu sabia que na verdade ele queria dizer angústia. Sua tolerância para dores físicas era descomunal. — Não esperava mais que viesse, Evie.

— Claro que eu viria. — Em um tom mais suave, disse, — Vai me contar o que aconteceu com você, com Clotile?

Ele me olhou com uma expressão tão atormentada que eu estremeci. — Eu nunca vou te contar. Jamais.

— Jack, eu preciso saber.

— Eu pensava do mesmo jeito. Agora? Rogo a Cristo para me esquecer. — O cantil tremeu em sua mão. — Queria eu ter matado aqueles dois, que demorasse bem muito.

— Seu amigo estava lá. Eu sinto muito.

Com a testa franzida tensa, falou, — Já se ordenou parar de pensar em uma coisa? Com o meu chapa... — Jack soprou o ar como se um peso lhe pressionasse o peito. — Estou por um fio aqui, Evangeline.

Oh, Jack. Meu olhar desceu para a ponta do seu curativo. Não poderia lhe contar de Aric, de jeito nenhum. Não no momento. Me recusava a cortar aquele fio.

Jack levantou a camisa para esconder o curativo. Com vergonha? De mim? — Sempre vou ter isso, non? — Levantou o queixo. — Foi o que o médico disse.

— Você sobreviveu a Vincent e Violet. E é só isso que importa.

— E você quase morreu. Selena me contou que também lutou com a Sacerdotisa.

Eu assenti.

— E que quase matou Tess por minha causa. Obrigou a menina a... fazer você voltar no tempo, para salvar os meus olhos. O que diabos aconteceu? Joules e Gabe não dizem muita coisa.

Decidindo ser completamente honesta, falei, — Os gêmeos arrancaram os seus olhos com uma colher quente.

— Não sei como reagir a isso. — Então ele bebeu mais um gole. — Vi Tess hoje de manhã. Maigre, non? — Magérrima, não? — Mas não estava com raiva. Só falava bem de você.

Então ela não devia se lembrar do que aconteceu. — Ouvi os seus gritos. Fiquei louca.

Esperança brilhou nos seus olhos cinzas. — Se te importa tanto assim, você voltou para ficar comigo? Como antes? Ou a gente pode voltar a ser com o tempo?

— As coisas são diferentes agora. — Não queria que ele esperasse algo que eu não tinha certeza que poderia dar. — É a verdade.

— Talvez tenha voltado por culpa. Por que Arcanos estavam comigo?

— Eu já planejava te encontrar, antes de você ser levado.

— Morte ia te deixar ir embora?

— Não exatamente. — *Nunca*. — Não importa. Estou aqui agora.

— Importa sim. Como escapou?

— Matthew me ajudou. — Verdade, mas evasivo.

— Mas você não matou o Anjo da Morte? — Mais uma vez senti Jack se decepcionar comigo. — Mesmo depois do ele que fez com a gente? Mesmo depois de ele deixar eu, coo-yôn, Finn e Selena lá para morrer? — Ele apontou para as minhas mãos, para os ícones. — Você matou dois. Por que não Morte?

— Fiquei sabendo mais sobre a história dos jogos, sobre o motivo do ódio dele por mim. Não fui nenhuma Miss Simpatia no passado. Eu o traí de maneiras que você nem pode imaginar.

Jack passou a mão pelo rosto machucado. — Experimente.

— É complicado. Eu não pressionei para que você me desse respostas e agora quero que mude de assunto.

Ele parecia só estar começando. — Joules me falou da oferta que te fez. Teve oportunidade de me libertar dias atrás, mas não aceitou!

— Há muito sobre Morte que você não sabe. Que eu não sabia.

— Ele virá atrás de você.

Eu não estava convencida. — Não tenho ideia do que esperar.

— Sabia que era a única que ele podia tocar?

Sacudi a cabeça. — Não antes de ser levada.

— Não achava que muita coisa mais fosse me chocar. Aí descobro que o bastardo te queria para ele. Não para matar, mas para ficar com ele. Isso é verdade?

— Era. — Uma vez.

— Coo-yôn me falou tudo dele. Um cavaleiro nobre e rico. Fala oito línguas ou coisa assim. Te deu um quarto quente em um castelo e proteção da porra desse mundo todo. — Ordenei que Matthew contasse a Jack que eu estava a salvo; ele pode ter exagerado na quantidade de informações. — Talvez tenha sido burra de sair de lá.

Burra? — Mas é muito atrevimento vindo de você! Foi você quem mentiu para mim. — Lutei contra meu temperamento, me lembrando de tudo o que ele passou.

— Morte te disse essas coisas só para nos separar.

— Se tivesse sido sincero comigo, a verdade não teria sido o golpe que foi.

— Como que eu ia te contar da sua mãe? — Ele acabou com todo o líquido do cantil. — Imaginei a sua reação umas mil vezes. Não tinha nada que eu dissesse que não fosse me fazer te perder.

— Passei muito tempo presa com Morte sem contar com amigos nem família. Aí descobro que você fez isso. Que mentiu para mim. Com tanta facilidade. — Minhas palavras pareciam lhe machucar mais do que a tortura recente que sofreu. — Lembra quando prometemos que não haveria mais segredos entre nós? Eu lembro. Lembro que você desviou os olhos. — Como se fosse ontem...

“Está mentindo para mim? Jack, nada é mais importante agora do que confiança. Considerando esse jogo, esse mundo, nós precisamos contar um com o outro.”

“Não estou mentindo. Pode confiar em mim, Evie. Não tenho segredos, peekôn. Tirando o quanto eu te quero.”

— Fui tão idiota de acreditar em você, — falei. — Comprei tudo o que me disse, mesmo quando meu coração me alertou. Você ficava tão indignado por eu esconder umas coisas, quando fazia igual!

Ele enfiou os dedos no cabelo. — Pressentia que tinha alguma coisa estranha com você. Que corria perigo. Precisava saber mais, porque queria te proteger. Mas, a única coisa que os meus segredos fizeram foi separar a gente.

— Então vamos ver agora. Me conte o que aconteceu com a minha mãe naquela noite.

— Precisa ouvir isso, né? Para poder superar. Então vou contar. Vou contar. — Se preparando, ele tirou uma garrafa de debaixo da cama, voltando a encher o cantil.

De repente eu não tinha mais certeza se queria ouvir.

CAPÍTULO 17

— Sua mãe colocou essa ideia na cabeça quando você apagou depois daquele episódio com a escopeta.

Minha primeira e única vez disparando uma arma.

— Ela não conseguia descer a escada, muito menos pegar a estrada, então quis que eu te levasse embora, que te salvasse do Azey. Quando eu disse que você nunca a deixaria, ela vai e diz, “Não, a não ser que eu esteja morta.”.

Enquanto eu esperava ofegante, ele voltou a sentar, cantil na mão. — Karen me disse, “Você vai me ajudar, meu filho; só não sabe disso ainda.”.

Embora tivesse me recusado a ver a visão da sua morte, Matthew deve ter me dado aquela memória. Com cada palavra de Jack, detalhes da cena foram penetrando a minha consciência.

Dava para sentir o leve aroma de gardênia no quarto da minha mãe, e o cheiro de Jack: couro, e o sabonete Castile que ele usou para tomar banho naquele dia.

Ouvia a dificuldade da respiração da minha mãe. Seu rosto contorcido de dor, que ela escondia de mim. Dava para ver a pulsação no pescoço de Jack quando ele se afastou da minha mãe, dizendo a ela que não podia ajudá-la a morrer...

— Não faria aquilo de jeito nenhum. — Seu olhar ficou distante. — De jeito nenhum. Mas ela tinha aquela expressão, como se tivesse aço nos olhos. Ela me prometeu que cortaria a própria garganta com um pedaço de vidro se fosse preciso. E droga, Evie, eu acreditei nela.

Minha mãe valente teria feito isso. — Como fez? — As palavras saíram como um sussurro.

— Eu e Karen sabíamos tudo de drogas, até demais para o nosso bem. Tinha um traficante no canal. Antes que você acordasse, fui lá pegar o estoque dele.

— Então, naquele jantar, vocês dois sabiam o que ia acontecer quando eu dormisse. Nunca suspeitei nada do seu comportamento.

— Tentei deixar o mais agradável possível.

— Então ela... teve uma overdose? Não foi, — engoli com dificuldade, — você não usou o travesseiro?

Jack ficou pálido debaixo de todos aqueles hematomas roxos. — Ela me pediu. Já estava amanhecendo, e o exército chegando. E ela tinha medo que você acordasse antes da dose fazer efeito. Pedi que ela esperasse, e a distraí, fazendo perguntas sobre você.

Enquanto eu dormia.

— Cristo, como quis que aqueles remédios funcionassem, não dava para imaginar ter que fazer aquilo com ela. Mas, acho que tinha tanta coisa em jogo que... que teria feito. Ela achava que

eu conseguiria, me falou isso. — Ele levantou o cantil. — Não sei o que isso diz sobre ela, nem sobre mim.

Com os olhos enchendo d'água, examinei o rosto de Jack. Como aquilo o assombrava! Minha mãe tinha sacrificado tudo para me salvar, mas a que custo? Ela usou um adolescente para ajudá-la a se matar.

Não conseguia sentir ódio por ele. Muito pelo contrário.

Ele salvou a minha vida e pôs um fim ao sofrimento da minha mãe, enquanto eu me prendia a uma esperança vã, como uma idiota. Ele a poupou do horror de uma morte violenta e ficou com ela até o final.

Palavras de Matthew, “Sempre que ele ajuda, ele se machuca”.

Jack ajudou e se machucou.

Há muito tempo o associava à dor por causa do seu envolvimento na morte dela.

Aquela associação agora deixou de existir.

— No fim, acho que os remédios a pegaram de surpresa. Ela estava olhando para aquela foto sua, dela e da sua grand-mère. Estava meio que sorrindo, meio que chorando, como se estivesse feliz pelos dezesseis anos que passou com você, mas assustada com o seu futuro. Nada de se preocupar com ela mesma, não. Disse a ela que tomaria conta de você pelo tempo que pudesse. Então os olhos dela... se fecharam sem mais.

Agora eu sabia. Agora poderia deixar aquele assunto em paz. Como Jack uma vez me disse, minha mãe “morreu em estado de graça”.

— Evie, o que vai ser preciso para que me perdoe?

Enxuguei os olhos com a manga. — Eu te perdoo. Não tenho dúvida de que a minha mãe teria feito aquilo de todo jeito. Por sua causa, ela morreu em paz. — Minha voz se rompeu. — Por sua causa, não estava sozinha.

— Mas...

— Mas, não sei como posso confiar em você. Você é muito habilidoso mentindo. É como um talento Arcano seu ou coisa assim. — Quando Jack apareceu em Haven depois do Flash, desconfiei veementemente dele. Agora, sentia a mesma desconfiança.

Ele levantou, começou a andar de um lado para outro. — Eu não queria mentir!

— Você tem um padrão. Queria ler o meu diário, então roubou ele. Queria saber sobre os Arcanos, então ouviu a minha história naquela fita. Você exige honestidade da minha parte, mas não me dá em troca.

Ele prendeu meus olhos com um olhar frenético. — Nunca mais vou mentir para você!

— Como posso acreditar nisso? — Gritei, também me levantando. — Já existe uma coisa oculta entre nós dois, o que os Enamorados fizeram com você.

— Vou te dizer uma coisa agora: eu tenho mais segredos. Um montão deles. E alguns vão comigo para o túmulo. Você vai ter que aceitar isso.

Se iríamos manter os segredos dele enterrados, então, eu também podia enterrar os meus.

Não. Não contar sobre Aric seria o mesmo que mentir. Eventualmente, teria que contar.

Ele se aproximou, até quase encostar. — A vida inteira gostei de mistérios, de montar quebra-cabeça. Se os gêmeos me ensinaram alguma coisa, foi que tem certas coisas que você não precisa saber. Coisas que são ainda piores quando reveladas.

As palavras da Sacerdotisa passaram pelo meu cérebro. Mistérios desvendados. De certa forma, ela e Jack se pareciam...

— Você me ama? — Sua pergunta direta me pegou desprevenida.

Sinceridade total? Engoli em seco. — Sim.

Seus olhos se fecharam por um segundo. Achei que parte da sua tensão passaria, mas ela redobrou. — Ótimo. Então vai aceitar os meus segredos, e vai me aceitar. Porque eu não consigo continuar com isso sem você.

— Isso? — As pontas dos nossos dedos dos pés se tocavam, nossas respirações aceleradas.

— Isso, Evie. A vida depois do Flash. Lutar por algo melhor. — Ele emaranhou uma mão no meu cabelo, tocando a minha cabeça. — É tudo por você. Ou por nada mais. — Me abraçando forte, ele colou a boca na minha.

Um gosto de uísque encontrou minha língua, como um fósforo em um graveto seco. Meu corpo se encheu de desejo, como se fosse treinado a reagir àquela lembrança.

Ele me puxou ainda mais, me persuadindo a corresponder o beijo. Sentia tanta falta dele! Com um gemido, correspondi, passando os braços em volta do seu pescoço.

Ele grunhiu de prazer, e de alívio?

Derreti com o calor do seu corpo colado ao meu, tentando absorvê-lo para dentro de mim. Só ficamos juntos uma vez. Merecíamos outro momento igual à nossa primeira vez. Ele merecia sentir a paz que vinha depois.

O que nos impedia...?

Morte. O que eu fiz com Aric. E para Aric.

De alguma forma, consegui me afastar. — Preciso falar com você. — Eu explicaria, faria com que entendesse.

Ele continuou beijando meu pescoço daquele jeito de me fazer apertar os dedos dos pés. — Senti tanta saudade, Evangeline. Mas, tanta. Quando você não quis mais saber de mim... — Ele exalou como se sentisse um calafrio na minha pele molhada de saliva. — Pensei que enlouqueceria.

Mais beijos, mais calor, mais confusão.

Esta vez com ele parecia importante, como se estivéssemos prestes a trilhar um caminho do qual eu jamais desviaria.

Caminho?

— Ah, madressilva. — Ele soltou o meu cabelo. — Também senti saudade de mim, peekôn. — Ele colocou as mãos nas laterais do meu pescoço, levantando a minha cabeça com os polegares para que nossos olhos se encontrassem. — Eu faria tudo de novo para te ter de volta.

Ele se permitiria ser torturado e marcado a ferro só para ficar comigo? — Jack...

Ele tomou novamente meus lábios. Antes que eu notasse, caímos no seu colchão, e seu corpo pareceu tão certo em cima do meu, o quadril estreito entre minhas coxas.

Entre beijos, ele murmurou, — *Douce comme du miel. — Doce como mel.* Sua voz era ardente.

— Eu... eu... — Não conseguia lembrar o que estava para dizer. Ocupada demais ajudando a tirar minha camisa?

Minhas inscrições cintilavam como loucas, iluminando mais a barraca do que o fogo. Suas mãos grandes e calejadas cobriram meus seios, apertando, esquentando a minha pele por cima do sutiã de seda. Eu gritei, arqueando as costas, pedindo mais. Quando esfreguei em suas palmas, ele deu um gemido rouco que me deixou toda arrepiada.

Ele desceu, beijando do meu pescoço ao colo, seguindo os movimentos das minhas inscrições. Entre meus seios. Em cima deles. — Você é minha, Evangeline. — Beijo. — Minha. — Passada de língua. — E eu sou teu. — Ele pegou minha mão, entrelaçando nossos dedos, olhando para o meu rosto. — Pensei tanto em você, nisso. Je t'aime. Eu te amo. Sempre vou te amar.

Desviei os olhos daquele rosto lindo. — Mas eu tenho que lhe contar... — não continuei.

Um estranho alerta se cravou dentro de mim. Meu coração já estava acelerado. Agora ele golpeava minhas costelas porque tinha alguma coisa errada. Algo se aproximava.

Alguém.

Empurrei Jack e me levantei.

— O que foi? — Ele perguntou. — Fui rápido demais? A gente pode ir mais devagar.

— Não foi você. — Vesti a camisa. — Tenho que ver uma coisa.

— Aonde vai? Vou com você.

— Não! — Virei com a mão erguida. — Pode esperar aqui? Por favor, só dessa vez. — Deixei-o sentado com uma expressão de confusão no rosto.

Lá fora, uma névoa densa tinha se formado, a noite igual a uma câmara com todo o ar retirado dela. Quando caminhei para longe da barraca, me senti fora do meu próprio corpo, flutuando na direção de uma queda inevitável.

Olhei por entre a névoa. Matthew aguardava próximo aos portões. Eles já estavam abertos?

Meu estômago despencou. O que foi que ele fez?

Na escuridão, a forma de um cavaleiro surgiu, vestido com uma armadura negra.

Morte estava aqui. Ele passou pelo campo minado e já penetrava a muralha!

E eu não tinha ideia do que ele faria.

Minhas inscrições brilharam por um motivo completamente diferente e refletiram na neblina. Perfurei minhas palmas e busquei proteção, minhas heras crescendo lentamente para me rodear. Devagar demais. Sem sol, não tinha me recarregado da última batalha!

Enquanto se aproximava, os detalhes de sua aparência foram ficando mais claros. A armadura justa contornava os ombros largos, as pernas e braços musculosos. Ele cavalgava ereto e orgulhoso, tão nobre, montado em seu garanhão fantasmagórico de olhos vermelhos.

Quando minhas heras se retorceram na direção do céu, o olhar de Morte pousou em mim.

Seus olhos começaram a brilhar. Como as minhas inscrições da pele, os olhos cintilantes indicavam uma emoção forte, ou violência.

Luz se derramou das grades do seu elmo assustador.

Neblina nos envolveu quando aquela última noite com ele se repetiu em minha mente...

Quando chegamos à beira de sua cama, tentei mais uma vez lhe dissuadir daquilo. — Por favor, pense no que está fazendo! Está me coagindo a dormir com você. Como pode se sentir bem com isso?

Ele agarrou minha cintura e me ergueu com facilidade, me deitando em sua cama. Embora suas palmas fossem grossas por seus treinos com a espada, seus dedos eram elegantes, reverentes. — É mais do que apenas deitar com você. Se entregar-se a mim, será minha somente. Minha legítima esposa. Darei qualquer coisa para ter isso. Qualquer coisa para tê-la.

Quando ele me seguiu na cama, minhas mãos pressionaram seu peitoral nu e tatuado. Aquelas marcas vívidas e negras contavam a nossa história, uma lembrança constante para que ele jamais confiasse em mim. Mas, eu tinha ganhado sua confiança.

Estava prestes a perdê-la outra vez? — Me deixe ir embora, Aric. Me deixe ir desse lugar. Eu juro que volto.

— Nunca, esposinha. Nunca deixarei que vá.

Minhas pálpebras ficaram pesadas quando seus músculos se moveram sob minhas palmas. Seu cheiro; sândalo, pinho, masculino, enfraquecia a minha determinação como uma droga, reprimindo o calor da batalha dentro de mim. Ainda consegui dizer: — Isso não vai funcionar como pensa.

— Não? — Ele ajeitou meu cabelo detrás da orelha. — Eu creio que qualquer resultado será melhor do que perder a única mulher que posso possuir na Terra. A única que agora amo. É um inconveniente justo.

Amor. — Eu não estaria necessariamente perdida. Mas, se continuar, é isso que vai acontecer.

Ele curvou os lábios. Tão sensual, tão lindo. Sabia o quanto me afetava. — Com o tempo, posso persuadir a sua raiva. Já fiz isso antes.

Ele aproximou mais a cabeça da minha, os olhos ambarinos decididos.

Resista, resista...

Tomou minha boca, embaralhando os meus pensamentos, me fazendo esquecer todas as coisas que precisava lembrar. Ele aprofundou aquele contato até nossas línguas se encontrarem. Com cada carícia perigosa da dele, meu corpo arqueava, como se o controle fosse somente seu.

Embora não falasse, ele ainda se comunicava comigo pelo beijo. Me lembrava que jamais me libertaria. Me dizia que o aceitasse.

Que me entregasse.

Eu poderia me perder tão facilmente naquele homem, no que ele oferecia. Quando gemi, ele se afastou um pouco, os olhos pesados. — Pronto. Assim é melhor. — Ele começou a tirar minhas roupas com a sua velocidade sobrenatural. — Me deixe vê-la... tocá-la.

Assim que tirou tudo menos minha calcinha, ele fitou o meu corpo, uma avidez estampada em cada linha tensa do seu. — Imperatriz... — ele grunhiu, descendo para banhar meus seios de beijos, aqueles dedos elegantes me massageando.

Seus lábios se fecharam em um bico endurecido; meus olhos quase viraram para trás. Quando ele foi para o meu outro seio, meu grito foi tão forte que o som me tirou daquele atordoamento.

Resista, Evie! Se eu perdesse o controle, eu poderia... me perder.

O pensamento perfurou o meu desejo, ativando a toxina em meus lábios. Se ele não me ia me libertar, eu me libertaria.

Então segurei o rosto de Aric, puxando-o para um beijo, que ele ansiosamente desejou. Várias vezes.

Depois de um tempo, ele se afastou para tirar a minha calcinha. — Quero prová-la outra vez. Penso nisso constantemente. — Com a força que possuía, ele devia estar sofrendo para não rasgar a renda. — Ah, e você também precisa de mim.

Quando fiquei nua na frente dele, seus olhos ambarinos brilharam como estrelas. Dois pontos de luz que me enfeitiçavam. — Tão bela, sievā. Deuses, você me prostra de joelhos. — Ele me deu um dos seus raros sorrisos sem reservas. — Isto é felicidade, o que sinto, não é?

Senti vontade de chorar.

Seus dedos desceram, procurando, me tocando com reverência. — Hoje você me tomará para si, — ele disse com a voz rouca. — Pertencerá somente a mim.

Mas seus olhos se estreitaram. — Rosas? — Ele me soltou.

Meu cheiro tinha mudado. Durma agora, Morte.

— O que fez, criatura?

Engatinhei para longe dele, vestindo a camisa. — Vim lhe procurar para pedir ajuda. Você me ofereceu coerção.

Ele se afastou com ímpeto de mim, mas seus movimentos eram desajeitados, minha toxina já fazendo efeito. Ele conseguiu virar a cabeça na minha direção, os punhos cerrados. — E ainda assim... deveria ter esperado por isso. Seu beijo envenenado. Outra vez. — Sua expressão era arrasada. — Me mataria antes de me aceitar.

— Matar? Você só vai dormir! — Levantei, erguendo os ombros. — Depois de tudo que passamos, assassinato é a primeira conclusão que tira? E a primeira reação que tem é me apunhalar? — Acenei para sua espada, meu coração se partindo.

As coisas entre nós claramente não mudaram tanto quanto tinha pensado. — Eu jurei que jamais o machucaria, Aric. Outros Arcanos prometeram salvar Jack se eu tirasse a sua vida, mas eu me recusei.

Mais uma vez ele tentou alcançar a espada, parecendo obrigar seus músculos a se moverem. Ele cortaria a minha cabeça agora se tivesse oportunidade? Foi o que já fez duas vezes.

— Que os deuses me ajudem, sievā, você... pagará... — Suas pálpebras se fecharam, ocultando seus olhos angustiados. Seu rosto encantador ficou livre de toda tensão, o corpo indefeso.

Acabando de deixar sua cama, não acreditei no que vi. Não era possível que tivesse tentado pegar a espada. Ele jamais me machucaria. Mas, se eu o abandonasse tão vulnerável assim e outra pessoa o pegasse, eu seria a responsável. Seu cão de guarda estava morto. Os lobos continuavam com Lark. Qualquer um poderia invadir o castelo.

Um sentimento de proteção cresceu dentro de mim. Eu me vesti, depois comecei a fazer uma barricada na porta do seu quarto, planejando descer pela janela do segundo piso.

Racionalizei cada ação que tomei. Ele sempre era alvo dos outros Arcanos. Arrastei espadas de treino. Ele não me machucaria. Não! Puxei armaduras. Ele ia pegar outra coisa. Encaixei um escudo debaixo da maçaneta da porta. Ele me ama.

Então, por que tentou me coagir? Por que jurou que eu iria pagar?

Meu instinto de proteção desapareceu, a bruxa vermelha se levantando. Olhe no que deu sua ligação de almas, ela sussurrou. Ele vale CINCO ícones.

Regra prática: se um homem cortou a sua cabeça em mais de uma ocasião e tenta pegar a espada...

Agora ele veio atrás mim, veio me fazer pagar. Um anjo da morte em forma de cavaleiro.

Eu o olhei, admirada por ter a força necessária para deixá-lo, para envenená-lo. Quando passei dias sem ouvir notícias suas, me preocupei que tivesse lhe dado muito veneno, que lhe tivesse feito mal. Me preocupei por nada.

Soldados pararam e olharam boquiabertos. Nas últimas duas horas, tanto Aric quanto Jack tinham entrado por aqueles portões. Onde Jack comandava respeito, Morte provocava puro medo.

Vi a forma de um lobo gigante ao lado do seu cavalo de guerra em armadura. Cyclops vinha junto, a boca cheia de pedaços de corpos dos homens da floresta de pedra.

A fera guiou Morte pelo campo minado! Ou melhor, Lark. Ela não tinha mandado a proteção extra porque se importava comigo. O que mandou foi um espião.

Ainda me olhando, Morte escolheu uma de suas espadas. *Não!*

O cheiro de rosas encheu o ar quando minhas heras ficaram tensas e cresceram mais. Minhas garras gotejavam veneno, meus espinhos de prontidão.

Mas, ele poderia cortar as minhas plantas, e sua armadura repelia a maioria dos meus demais poderes. Se me quisesse morta, eu estava prestes a estar. A não ser que...

Três outros Arcanos correram pelo pátio enevoadado.

— O maldito Anjo da Morte! — gritou Joules, bem quando Jack berrou atrás de mim, — Evie!

Foi aí que os portões do inferno se abriram.

CAPÍTULO 18

— Vou fritar você! — gritou Joules.

Gabriel passou correndo atrás de um alvo? Jack?

Cyclops pulou para frente de Aric, a postos.

Pálido e estremecendo, Matthew murmurava *Tredici* sem parar. Tess se pôs atrás dele e começou a chorar. Soldados corriam para longe da confusão.

A pele de Joules centelhava na névoa quando ele ergueu um de seus dardos.

Meu olhar se voltou para Morte. Os ombros protegidos pela armadura do cavaleiro subiram e desceram, em um exalar cansado. Para ele, aquele era só mais um dia, outro ícone para ceifar de um Arcano. Ou de vários de nós.

Quando a Torre arremessou sua lança, Aric tirou os olhos de mim. Mais rápido que o raio a sua espada foi empunhada. Metal se chocou com metal, e o raio saiu voando por cima da muralha do forte. O raio bifurcou e uma explosão foi ouvida na distância.

Joules urrou de frustração.

— Quem deixou ele entrar, porra? — Jack gritou. Gabriel tinha interceptado ele, evitando uma morte certa. — Evie, vá para longe dele!

— Por que veio, Aric?

Mais uma vez, Morte se virou para mim. — Para fazer o que sempre acabo fazendo com você.

Ele sempre acabava... me matando.

Ele levantou as mãos e removeu aquele elmo assustador. Como sempre, o Cavaleiro Eterno era belo a ponto de ser hipnótico, com o cabelo loiro na altura do colarinho emoldurando feições marcantes e olhos ambarinos radiantes.

Em uma voz rouca e grave, falou, — Eu sempre acabo por perdoá-la.

Meus lábios se abriram. — O quê?

— Engula isso, Ceifador! — Joules arremessou outro raio.

Aric o evitou, desta vez sem tirar os olhos de mim, como se seus olhos estrelados sentissem fome de me ver.

— Perdoar? — Finalmente consegui falar. — Você prometeu que me faria pagar!

— É o que quero fazer, Imperatriz, mas não do modo que pensa. — Suas palavras com um sotaque forte estavam cheias de insinuações.

— Como posso acreditar nisso? Logo que a toxina começou a fazer efeito, você procurou imediatamente a espada!

Suas sobrançelas loiras se aproximaram. — Tentei alcançar um frasco com o antitóxico. Eu o formulei antes do Flash, na esperança de neutralizar os seus venenos. Sempre me questionei se funcionaria.

Antitóxico? Confusão me abalou. — M-mas lutamos um contra o outro tantas vezes. E você... você sempre ganha.

Outro raio; outra defesa de espada.

— Evie, saia de perto dele! — Jack berrou.

— Sabe bem que eu jamais seria capaz de feri-la, — Aric falou com reprovação, — mesmo se quisesse. Do mesmo modo que se recusa a me ferir. Teve duas chances de me matar. Na última vez, deu-se ao trabalho de me proteger.

— Mas você... depois... sua espada?

Ele me olhou com uma paciência infinita. — Nunca mais, sievã.

Olhei em seus olhos, aquela sensação de uma conexão de almas me arrebatando. Oh, meus deuses queridos, eu... acreditava nele.

Precisava neutralizar aquela situação antes que alguém saísse ferido. As trues! Mas Matthew não poderia pintar a pele letal de Morte com o seu sangue. Será que eu poderia usar o sangue do Guardiã do Jogo? Corri até Matthew.

Ele já estava cortando o braço. — Leal, — ele suspirou. — Por enquanto.

Passei o indicador no seu corte, e então corri para Aric.

— Nem pense em fazer isso, Imperatriz! — Antes que eu pudesse alcançar Morte, Joules disparou outra vez.

Aric desviou o raio, a voz estrondando na noite: — Começo a me cansar, Torre.

— Aric, me deixa pintar a sua mão!

Ele embainhou a espada e desmontou com uma graça assustadora. Com as esporas fazendo barulho, caminhou até onde eu estava e removeu uma luva cheia de estacas.

— Nããão! — gritou Joules.

Desenhei uma linha vermelha em cima dos ícones de Aric.

Com o toque, ele estremeceu de felicidade, os olhos pesados, em chamas.

— Saia daí! — Jack tinha se libertado de Gabriel, e corria furiosamente na direção de Aric. A valentia de Jack era como uma coisa viva dentro dele, sempre querendo se libertar.

— Pare! — Corri para impedir, mas ele me empurrou para trás de si, colocando-se em frente a Aric. Os dois eram quase da mesma altura, seus olhares se prenderam.

— Não pode lutar com Morte, — gritei. — Ele faz parte da trues.

— Eu não sou um Arcano, — Jack disparou.

— Embriagado e sem espada? — Aric questionou com desprezo. — Isso não tem o menor apelo.

Jack ficou tenso, os músculos inchando. Porque estava prestes a atacar. Ele sorriu de um jeito sinistro. Já tinha visto aquilo antes. Um animal mostrando os dentes. Estava prestes a se lançar para cima de Morte, os punhos similares a bigornas voadoras.

— Jack, não pode bater nele! Não pode tocar na pele dele e sobreviver! Ele só está sem o elmo para usar como isca. — Me virei para Aric. — Se machucar ele, você é quem vai me pagar!

Ele voltou a colocar o elmo. — Não tenho a intenção de agredir qualquer presente, amada. Chego com uma missão simples, agora que já completou a sua.

— Missão?

Em um tom casual, ele disse, — Vim levar minha esposa para casa.

CAPÍTULO 19

Jack jogou a cabeça para trás como se tivesse levado um golpe de uma marreta.

Um ruído gutural emergiu de seu peito. Ele ergueu o braço para bater em Aric.

Eu gritei, mas Aric bloqueou o soco com o pulso protegido pela armadura.

O cavaleiro olhou nos olhos de Jack. — Sempre reconheço quando alguém deseja a morte. Deseja morrer, mortal? Posso conceder sua vontade.

Desejo de morrer? — Parem com isso! — Tentei me colocar entre eles. — Não pode tocar nele!

O rosto machucado de Jack estava vermelho de fúria. — Pode ser que valha a pena só para tirar esse risinho dessa cara!

— A Imperatriz está certa. Só é preciso um toque. Bem, pelo menos para todo mundo, exceto ela. — Ele baixou a cabeça para me olhar. — Como era para ser, sievã. — Ele parecia se divertir com tudo aquilo, como se tivesse acabado de chegar a uma festa.

Em um borrão de movimento, Jack ergueu a mão, uma pistola apontada para a cabeça de Aric.

Meu peito se contraiu, os pulmões ficaram sem ar.

Aric se curava de modo acelerado, mas, nem mesmo ele sobreviveria a uma bala no cérebro. Se algo acontecesse com ele... Agora que eu sabia que ele não veio aqui para me ferir, sentimentos confusos me inundaram.

Pânico, aquele sentimento de proteção, e uma dor em meu coração...

Jack destravou a arma, pressionando o cano na testa de Aric. — Só um motivo.

Enquanto eu lutava para respirar, o olhar de Aric me abandonou e foi com relutância até Jack. E ainda assim, Morte parecia se divertir. — Ela jamais o perdoará por isso.

— Acaba com ele, Caçador! — gritou Joules. — Aperta o maldito gatilho!

Coloquei a mão no braço de Jack. — Baixe a arma. — Nada. — Se fizer isso, nunca mais teremos volta.

No último momento, ele se virou para mim. — Que merda de conversa é essa? Esposa? ESPOSA?

— É complicado, — repeti.

Aquele músculo se contraiu repetitivamente em sua mandíbula. — Posso entender muito bem, Evangeline!

— Vou explicar tudo, se voltar comigo para a barraca. — Se Jack atirasse em Aric, os dois estariam mortos para mim. Lágrimas arderam meus olhos. — Po-por favor, estou pedindo que faça isso por mim.

— Espera que eu o deixe solto no meu acampamento? Você nem dá a mínima por ele querer me matar?

— Ele não vai lhe matar.

— Como pode ter tanta certeza?

Olhei para Aric e disse, — Se ele lhe machucar da maneira que seja, ele sabe que eu jamais deixarei de sentir ódio por ele. — De volta a Jack. — Por favor. Converse comigo, longe daqui.

Ele deve ter ouvido o pavor em minha voz. Finalmente, voltou a travar a arma e baixou o braço. Deu um olhar assassino para Aric, e se afastou como um furacão. Eu o segui, olhando para o cavaleiro por cima do ombro e com raiva.

Ele me fez uma saudação galante, o sorriso satisfeito ainda no lugar. Ele sabia que seu golpe já tinha encontrado o destino.

* * *

— Que porra é essa? — Jack andava pela barraca, bebendo daquele cantil como se ninguém tivesse o direito de criticar. Mal conseguia me olhar ou dizer muita coisa que não fossem palavrões.

— Eu disse que eu e Morte temos uma história. — Com as mãos estremecidas, afastei a lona da entrada da barraca, espiando lá fora.

Aric passeava com Thanatos para que o garanhão assustador esfriasse o corpo. O animal de olhos vermelhos parecia uma mistura de puro sangue Árabe, com tanque de guerra. Tinha até a sua própria armadura negra.

Cyclops fazia um lanche ali perto. *Crunch. Crunch.*

A certa distância, os outros Arcanos olhavam para Morte boquiabertos, principalmente Tess, que parecia hipnotizada pela sua beleza divina, mas a atenção deles de modo algum parecia perturbá-lo.

Fiquei tensa quando Matthew se aproximou de Aric. Pelo que eu sabia, Matthew tinha perdido status, quebrando um acordo que os dois fizeram.

Mas, ele e Morte conversavam com calma. O que será que estavam discutindo?

— Cristo, Evie, não consegue nem tirar os olhos dele?

Eu fechei a abertura, e então fui para o colchão de Matthew.

— Quanta história você e o Ceifador podem ter? Só tem três meses que conhece ele.

Sentei com as mãos juntas. Elas não paravam de tremer. O medo que sentia de Aric me deixava perplexa. — Ficamos juntos em uma vida passada.

— Dis-moi la vérité! — *Me diga a verdade!*

— É a verdade. Arcanos reencarnam.

Sua boca abriu, depois se fechou.

— Quem ganha esse jogo vive como imortal. O resto de nós reencarna a cada jogo. Morte ganhou os últimos três, então viveu esse tempo todo. Mas, tenho lembranças minhas com ele.

Mais andar de um lado para o outro. — Aquele bastardo não está agindo como se fosse coisa do passado! Dormiu com ele?

— Você precisa entender: eu achava que nós não iríamos ter mais nada.

Os olhos de Jack ficaram enlouquecidos. — Você-dormiu-com-ele?

— Não, mas eu... fiquei com ele. — Na noite que ele me salvou de Ogen, tinha decidido transar com Aric. Mas não completei o ato.

— Não estou ouvindo isso! — Jack puxava o ar como se não conseguisse respirar direito.

— Eu pensava que nunca mais fosse ver você. E também não conseguia deixar de pensar na promessa que fiz, de lhe dar uma chance de me alcançar. Então, não fui mais além com ele. Disse para ele que queria descobrir o seu lado da história.

Jack verteu o cantil, enxugando a boca com a manga da camisa. — Estou aqui, quase morrendo todos os dias tentando te encontrar ou criar um lugar mais seguro para você. E você estava quase dando para o homem que por pouco não me matou!

— Não posso explicar o que eu senti quando soube das suas mentiras. Foi como se algo se quebrasse dentro de mim. — Bati no peito. — Morresse dentro de mim. Me senti tão traída por você. E por Matthew também. Então soube que em um jogo passado, me casei com Morte. Que tentei envenená-lo, na nossa noite de núpcias. Em outro, fiz com que ele voltasse a confiar em mim, só para voltar a atacar.

Jack diminuiu a velocidade dos passos. — Então ficou com ele agora por culpa?

Em certo ponto, cheguei a pensar naquilo como uma penitência. Em outro, fiquei abalada pela nossa ligação. — Eu não sei.

— Você voltou para cá, por minha causa. Disse que me amava! Era mentira?

— Não! — Apertei as têmporas. A dor de cabeça chata tinha se transformado em uma enxaqueca das fortes.

— Ama aquele bastardo?

— Eu me importo com ele. Se não fosse você, provavelmente amaria. — E se não fosse pelo acordo que ele me propôs.

— Sempre gostou dos riquinhos. — O andar para lá e para cá e a bebedeira voltaram com tudo. — Os menininhos de sangue azul. Claro que ia querer um cavaleiro.

— Isso não é justo!

— Não consigo nem imaginar isso! Ele te sequestrou. Acha que não veio aqui para te sequestrar de novo? Talvez queira ir com ele?

— Ele não pode me forçar. Voltei a ter os meus poderes.

— É verdade, ele roubou os seus poderes por meses, e você recompensou ele por isso. Ele tentou me matar e matar os seus amigos, e você dá uma recompensa. Droga, Evie, cadê a sua lealdade?

— E quanto à Selena? Esqueceu que ela planejava me matar na noite em que a conhecemos? Se não estivesse lá, eu teria morrido. Decapitada.

Acho que aquilo tudo tinha sido varrido para debaixo do tapete. — As coisas mudam, Jack. Esse jogo faz de todos nós vilões em certo ponto. E, além disso, Aric não tentou matar nenhum de vocês. Ogen demoliu a montanha. Morte poderia ter nos emboscado muito antes.

— E por que não fez isso?

— Acho que no fundo ele esperava que eu não fosse má. Ele sabia que eu jamais o perdoaria se algum de vocês morresse. Até pensou em acabar com vocês na mina, mas não fez nada.

— Acha que ele conseguiria? Tem bastante confiança nele.

— Ele é Morte, matar é da natureza dele. — Alguns diriam que matar justificava sua existência. — Eu usei o meu arsenal contra ele, lutei com tudo o que tinha. E não consegui derrotá-lo.

— E mesmo assim deixou que te beijasse? Tocasse? — Sua voz estava rouca pelo uísque, o sotaque mais pronunciado. — Mesmo quando pensei que estava perdida para mim, nunca procurei outra!

Outra. Selena. Jack estava me dizendo que nunca ficou com ela. Mesmo assim Selena tinha admitido, — As coisas estão diferentes entre nós.

— Se já tive motivo para odiar alguém na vida; nunca cheguei a odiar tanto quanto odiei Morte. — Aric tinha me falado o mesmo dele. — Como posso não matá-lo? — Jack estava no limite.

E eu já estava chegando perto do meu. Uma semana atrás, o Diabo tinha me estrangulado. “Carne boa”, ele zombou enquanto sua baba sujava meu rosto. Coloquei a cabeça entre as mãos.

— Preciso ir devagar, ter tempo suficiente para pensar. — Queria que Tess pudesse parar o tempo.

— A gente não tem esse luxo. Não desde que esse bastardo apareceu aqui. Tem uma granada dentro desse acampamento, sem o pino de segurança.

Na estrada, Jack tinha me explicado sobre granadas: Quando você puxa o pino, a granada não é mais sua amiga.

— O que quer de mim, Evie?

— Quero que vocês dois não briguem. Que me deem tempo de resolver umas coisas. — Encontrei seus olhos. — Estou pedindo que não o machuque.

— Não posso... não posso prometer isso agora. Está arrancando minhas tripas pedindo isso. — Ele esfregou o curativo. — Eu tinha essa esperança de voltar a ficar contigo, era a única coisa que me fazia seguir em frente. — Ele olhou para um ponto atrás de mim. — Mas agora, nem consigo olhar para você.

— Por favor, tente ver as coisas do...

Um grito soou no acampamento.

Ótimo. O que Morte fez agora?

CAPÍTULO 20

Quando Jack e eu saímos correndo da barraca, encontramos Aric em pé, ao lado do seu cavalo. Matthew não estava mais com ele.

Jack olhou para o cavaleiro com um ódio contundente; imóvel, Aric tinha os olhos presos aos meus.

— Ela sumiu! Levaram-na!

— Foi Finn quem gritou? — perguntei.

Jack correu para a barraca do Mago, enquanto eu tentava acompanhar.

Lá dentro, Finn estava sentado no colchão, Matthew ao seu lado. Na luz da fogueira fraca, não dava para dizer qual dos dois parecia pior.

Gabriel, Joules e Tess chegaram correndo atrás de nós.

— O que aconteceu, parceiro? — Jack perguntou a Finn. — Fale bem devagar.

— Selena foi levada! Por dois soldados. Cheguei na hora em que um deles lhe dava uma injeção. O outro veio por trás e também me injetou. Eu acabei de acordar.

As asas de Gabriel se abriram. — Como a levaram do forte?

— Me diga você, — respondeu Finn, desnortado.

— Tinha uma suspeita de traidores plantados no acampamento. — Jack soltou um palavrão feio em francês. — Quando foi isso?

— Umas cinco ou seis horas? — Finn se virou para mim. — Quando eu estava apagando, um deles reclamou do lobo que te protege. Acho que você também era um alvo.

— Alvo de quem? — questionou Jack.

Eu temia saber a resposta. — Pode ser o General Milovnici. Os Enamorados disseram que queriam levar eu e Selena para o norte até alguém que chamaram de “Primeiro”. Talvez falassem do pai? — A ideia me nauseou tanto quanto o fez ontem à noite.

— Posso alcançá-los por céu, — disse Gabriel, — antes que cheguem à outra metade do exército.

Jack sacudiu a cabeça. — Eles vão ficar de olho no céu por sua causa. Têm rifles nas traseiras das caminhonetes que vão te quebrar no meio.

Gabriel se virou para Matthew. — Tinha que ter visto isso, Louco!

Finn levantou a muleta para defender Matthew, mas Jack bloqueou o arcanjo. — Calma aí, Gabe! A gente vai pegar a Selena.

Bem naquele momento, um chamado, como uma estática, soou em minha cabeça. — Nós lhe amaremos. Do nosso próprio modo.

Todos os Arcanos congelaram em choque.

— E-esse não é o chamado dos Enamorados? — Tess ajeitou o boné, o corpo ainda magro estremeando.

— Não pode ser, — murmurei, embora tivesse ouvido.

— Tem certeza que vocês acabaram com eles? — Finn olhou para cada um de nós. — Sim? Então acho que o poder Arcano deles é a porra da ressurreição.

Matthew deu um grito baixo. — Eles estão ligando. — Ele enrijeceu e sua voz mudou, parecendo vibrar quando vocalizou a mensagem: *“Imperatriz, planejávamos lhe tornar uma prisioneira do nosso amor, mas não deu certo. Felizmente, teremos Selena para nos fazer companhia. Deixará que ela sofra em seu lugar, pelos crimes que você cometeu?”*

— Que crimes? — perguntou Joules, mas todos o calaram.

Matthew continuou: *“Se é realmente tão diferente quanto diz, virá salvar sua aliada. Nós a libertaremos em troca de você, e do Caçador. Estamos acampados nas margens das Minas Salinas Dolor; estejam aqui em quatro dias. Nenhum Arcano pode lhe acompanhar. Se ouvirmos outro chamado, como o do arcanjo, entregaremos Selena ao nosso exército. A escolha é sua, um teste de sua aliança. Quando formar uma, quando honrar uma... quatro dias, Imperatriz. Vamos lhe amar tanto.”*

Matthew se curvou, a mensagem entregue.

— Vincent e Violet estão vivos? Eles estão com ela! — Gabriel se apressou para sair da barraca.

Eu o fiz parar. — Espere aí! Não pode colocar a vida dela em perigo. Planejaremos outro resgate. Talvez Matthew possa bloquear os nossos chamados. — Virei para ele, ofeguei ao ver sangue escorrendo do seu nariz. — Coração, o que foi? — Eu o toquei.

Jack já estava ao meu lado. — Coó-yôn?

Matthew se balançava para frente e para trás, sangue ensopando sua camiseta. — Cuidado com as iscas... ataque primeiro... ou seja a primeira atacada.

Tirei uma bandana do bolso e a pressionei em seu nariz. Seus olhos imploravam; para que eu fizesse o que? Por que eu não conseguia descobrir como ajudá-lo? Quando o sangue de Matthew encharcou o tecido, eu não pensei, só gritei, — Aric!

— Por que chama por ele? — Jack parecia estar prestes a matar um. — Sou eu que cuido de coó-yôn por três meses. Eu.

Sentei ao lado de Matthew. — Aric sabe coisas. Coisas Arcanas.

Um segundo depois, Morte silenciosamente entrou na barraca.

Joules arregalou os olhos, produzindo um dardo. As asas de Gabriel voltaram a se abrir. Tess fugiu para os fundos da barraca.

As ilusões mais recentes de Finn apareceram por cima dele. — Q-que diabos, gente? — Ele esteve inconsciente, não sabia que Aric estava ali. A muleta do Mago voltou a se levantar.

— Morte está com a trues, — falei.

Jack apertou a mandíbula até eu chegar a pensar que seus molares virariam pó. — Você gosta de ir aonde não é bem-vindo, Ceifador.

— Frequentemente. — O cabelo loiro claro de Aric brilhou na luz do fogo, seu rosto estonteante realçado.

— Isso está mesmo acontecendo, — Joules falou entredentes. — Estamos em uma barraca com esse bastardo infeliz. — Falando para todos, disse, — Vocês sabem que em determinado momento ele matou todos nós nos jogos anteriores.

Morte curvou os lábios. — Alguns mais de uma vez.

Como eu.

— Foda-se, não aguento ficar aqui. — Joules olhou para Aric com uma animosidade cáustica. — Esse demônio matou a minha menina, minha Calanthe.

Morte estreitou os olhos ambarinos. — Sua aliança atacou a minha.

Gabriel segurou o ombro de Joules, dizendo baixinho, — Fique. Conheça o inimigo. — Ele tirou a mão quando a pele da Torre fagulhou.

— Porra de Ceifador. — Mas Joules ficou, dirigindo sua fúria a Jack. — Devia ter explodido a cabeça dele quando teve chance!

— Acha que não me arrependo?

Levantei os olhos para Aric. — Sabe o que está havendo com Matthew?

— Em jogos passados, o Louco ficava assim ocasionalmente, quando alguém estava prestes a morrer. Alguém que ele não gostaria que morresse.

Todos os olhos se voltaram para mim. Era eu prestes a perder a cabeça? Ou Selena?

— Além disso, deve estar sobrecarregado, — falou Aric. — Já vi isso antes da metade do jogo. Sua mente simplesmente está cheia.

— Como assim? — Afastei o cabelo de Matthew da sua testa molhada.

— É incomum tantos Arcanos se reunirem por períodos tão longos. Os nossos chamados soam como megafones constantes dentro de sua cabeça.

A central telefônica dos Arcanos.

— Sem mencionar que ele está vendo o futuro de todos nós, decifrando e constantemente tentando atualizar suas informações.

Matthew tentou me dizer que precisava de um descanso. Ele sabia que sua mente ficaria tão prejudicada assim?

— Louco e doente. — Saliva pingava de sua boca. — Programe o jogo. Redemoinho. Redemoinho. Agora eu pulo do precipício, o cachorro em meu encalço.

Jack pegou no ombro dele, segurando com firmeza. — Coó-yôn, precisa dormir agora. Prend-lé aisé. Comprends? — *Pega leve. Entendeu?* — E segure isso no nariz, — ele acrescentou, entregando outra bandana a Matthew.

O garoto parou totalmente. — Comprends.

Eu já tinha visto Jack acalmá-lo antes, mas não desse jeito. Matthew se comportava como um soldado acatando a ordem de um oficial.

— Como é possível essa dos Enamorados? — Joules perguntou a ninguém em particular. — Eu atirei os restos deles no rio!

Morte deu uma risada.

— O que é tão engraçado?

— Só porque destruiu aquele par não quer dizer que estejam mortos.

Agora ele tinha a atenção de todos.

Todos os Arcanos deviam estar pensando que uma fonte de informação, um campeão de dois mil anos ainda vivo e respirando, estava falando com eles. Todos teriam perguntas. Ele poderia ter as respostas.

E Aric conseguia nos ler muitíssimo bem. — Aww, acabei de me tornar a pessoa mais popular desta tenda? — Não era para ele estar se divertindo tanto. Seu típico temperamento de “eu tenho poder sobre tudo” estava em alta.

Tinha a impressão de que ele fazia movimentos em um tabuleiro de xadrez e todos nós éramos os desafortunados peões. — Vai, por favor, explicar como eles podem ser destruídos e ainda continuarem vivos? — Ajudei Matthew a ajustar a bandana no nariz. O fluxo de sangue estava diminuindo?

— Nenhum de vocês olhou corretamente para a carta deles? — Aric olhou para cada um. — Como ela evoca o multifacetado Gemini? Como se assemelha à carta do Diabo?

Olhares confusos.

— Ah, entendo. E por que eu revelaria o poder esotérico que possuem? Pelas nossas amizades eternas? — Morte praticava a ocultação do que sabia. — Os Enamorados provavelmente derrotarão alguns de vocês. Ajudá-los contra eles seria insensato.

— Confia em mim quando digo que não lutaremos com você? — perguntei a ele.

Joules disparou, — Fale por si mesma, Imperatriz, — ao mesmo tempo em que Jack disse, — Não conte com isso. — Sua mão passou mesmo perto do coldre da arma?

Ignorando-os, Aric me diz, — É difícil desconsiderar vinte séculos de experiência.

— Seu passado comigo é o que lhe meteu em problemas, em primeiro lugar. — Eu já falei para ele que se tivesse aparecido em Haven logo no começo, como um amigo, ao invés de me atormentar por meses, eu teria me apaixonado por ele, bem antes de Jack entrar em cena.

— Talvez possa compartilhar alguns detalhes. — Aric uma vez me acusou de ter um brilho de conluia nos olhos; bem, eu reconheci o brilho calculista nos seus.

Ele se voltou para os outros. — Contarei sobre os Enamorados, em troca de algumas vantagens. Quero o juramento de todo Arcano aqui presente de jamais lutar contra a Imperatriz. Uma trues eterna.

Me proteger? De todas as coisas que Morte poderia ter exigido...

Até Jack pareceu um tantinho menos inclinado a atirar nele.

— Essa passou longe do que aconteceu a uns meses atrás, Ceifador, — Joules indicou, — quando nos disse que não podíamos acabar com ela porque seria você quem faria o serviço!

— É realmente uma reviravolta notável, — concedeu Morte com a sua costumeira franqueza.

— Minha aliança já jurou nunca caçar a dela, — falou Joules.

— Muito cortês, mas caçar não será necessário. O jogo garante que cheguem a se encontrar.

— Eu nunca machucaria a loirinha, — Finn disse à Morte, seu choque anterior aparentemente superado. — Mas, você tem o meu juramento.

Tess emendou, — E-eu também prometo.

— Um juramento. Ao Ceifador? — Gabriel parecia dividido entre sua lealdade à Torre e seu desejo de conhecer o inimigo. — Joules, precisamos dessa informação para salvarmos Selena. — Ele encarou Aric. — Eu prometo.

— Ah, que porra é essa! — A pele de Joules voltou a centelhar. — Tudo bem, eu prometo, mas só porque isso não estava mesmo nos meus planos.

— Muito bem. — Depois de uma pausa dramática, Aric disse, — Os Enamorados podem criar clones.

— Oh, meu Deus. — A lembrança do meu piquenique com minha vó voltou. Eu tinha cerca de sete anos. Estávamos sentadas em uma manta debaixo de um carvalho. Enquanto ela descascava nozes, eu brincava com papel e tesoura, cortando as formas de um menino e de uma menina.

— *Evie, o que tem aí?*

— *Gêmeos, — respondi com orgulho. — Ou mais do que dois. — abri o papel que se emendava como um acordeão. Meninos e meninas idênticos foram aparecendo, todos de mãos dadas.*

— *Muito bem. — Ela pegou um pedaço pontudo da casca para cortar o polegar.*

— *Vovó!*

— *Shh. — Estreitando os olhos, ela passou sangue nos primeiros menino e menina. — Eles precisam misturar os sangues para se duplicarem.*

Franzi a testa. Às vezes minha vó falava coisas estranhas.

— *E se quisesse matar todos eles? Como faria isso?*

Mordi o lábio, pensando por alguns minutos. Dobrei o papel de volta ao par original. — Mataria esses dois?

Vovó ficou contente com a resposta, os olhos escuros brilhando. — Que menina inteligente.

Ela me deu aulas sobre os Arcanos sem nem mencionar as cartas! Quantas lições disfarçadas dessas eu esqueci?

— Os gêmeos originais são o “Primeiro” ou o “Coração”, — falou Aric. — Seus clones formam o “corpo”. São chamados de carnates. Vocês destruíram um par deles.

Pedaços do quebra-cabeça se encaixavam. — O Vincent clone me disse, “O que ouvimos é ouvido. O que vimos é visto. O que sabemos é aprendido.” Os gêmeos originais veem e ouvem através dos carnates. — Como Lark através de seus animais.

Perguntas brotaram dos outros Arcanos: — E se matarmos só um, eles conseguem criar outro?

— Quanto tempo demora em se duplicarem?

— Eles têm um exército de réplicas escondido em algum lugar?

Selena, naquele momento, estava a caminho de ser torturada pelo Primeiro?

— Os Enamorados fazem os clones com a combinação de seus sangues. Eles vertem sangue como alguns, — Aric me indicou, — mas não se curam de modo acelerado. Então, o número de carnates é limitado.

— E os outros poderes que dizem que possuem? — perguntei. — Como hipnose? Dando as mãos e balançando os braços, ou sussurrando juntos nos ouvidos de uma vítima? — Eles fizeram isso com Jack? Olhei para ele com uma pergunta nos olhos. Ele negou brevemente com a cabeça.

— Balançam os braços? — Finn arrancou outro adesivo de gato da muleta. — Como uma versão Arcana dos Supergêmeos?

Aric ergueu as sobrancelhas loiras. Se prefere assim. — O Primeiro possui esses poderes, mas os carnates não. — Ele se voltou para mim. — Em qualquer caso, você seria imune, já que rompeu o controle mental do Papa. — Só porque ele tinha me ajudado.

— Então estou preparada. — Assim que chegasse aos gêmeos originais em Dolor, poderia matar os dois. Problema número um: onde diabos ficava Dolor?

— Já enfrentou os Enamorados? — Gabriel me perguntou. — De que crimes eles falavam?

Olhando em volta, abri os lábios para confessar a aliança que traí...

— Ela conseguiu pegá-los de surpresa no último jogo, — Aric rapidamente falou, — e assim os destruiu. — Claro, ele sabia o que eu tinha feito. Seu olhar me alertou para que ficasse calada.

Levanta a mão alguém que eu não traí.

— Infelizmente, aprenderam as lições do passado. Estarão prontos para frustrar os poderes da Imperatriz.

— Quem os derrotou no penúltimo jogo? — Gabriel olhou de mim para Aric.

— O Papa, — respondeu Aric. — Ele hipnotizou os carnates, ordenando que matassem suas fontes.

Merda. Olhei com raiva para o ícone dele na minha mão. — Lá se foi essa opção.

— Antes disso, o Imperador executou os Enamorados com uma tempestade de fogo, transformando-os, juntos com todas as suas réplicas, em cinzas. — Aric apertou a mão dos ícones. Um dos gestos que deletava suas emoções.

Qual era a história da Morte com aquela carta?

— Talvez Eves possa convencer esse cara a fazer parte da nossa aliança? — perguntou Finn. — Imperador e Imperatriz. Para mim, parece que vocês têm algo em comum.

A íris dos olhos de Aric escureceram a ponto de ficarem um âmbar gelado. — Os dois ganharam esses títulos porque governaram homens, em dois impérios em guerra. — Sério? Eu? Ok, claro. — Quando o Imperador atacou os Enamorados, não poupou nenhum mortal.

Então Richter era tão desprezível quanto a Sacerdotisa falou. Espera um minuto... Ela me disse que o ícone dos Enamorados estava “onde deveria estar”. Ela sabia que não tínhamos matados os gêmeos verdadeiros! Nossa, Circe, valeu pela informação.

— Destrua a raiz, — murmurou Matthew. — A Lua se põe. A Lua nasce.

— Não podemos despachar a Imperatriz e Jack sozinhos, — disse Gabriel. — O que podemos fazer? O que eu posso fazer?

— Os Enamorados têm razão, — eu disse. — Não vou deixar Selena pagar pelo que fiz no passado. Posso levar o lobo comigo e planejar um ataque surpresa de algum tipo.

— Eu vou atrás de Selena. — Antes que eu pudesse protestar, Jack caminhou até a saída, batendo o ombro no de Aric, coberto pela armadura.

Ele tinha feito a mesma coisa com Brandon na escola. Porque Jack se recusava a desviar do caminho por quem quer que fosse.

Pulei em pé para segui-lo. — Finn, cuide de Matthew.

— Dez-quatro¹⁷, loirinha.

Antes de eu sair, Matthew levantou os olhos para mim. Uma lágrima solitária escorria pelo seu rosto ensanguentado.

¹⁷ Código significando afirmativo.

CAPÍTULO 21

— Jack, espera!

Quando o alcancei, ele já tinha pegado a mochila, a balestra e aquela misteriosa bolsa de pano com estampa camuflada.

— Aonde vai?

— Vou acabar com os gêmeos. — Ele parou um soldado que passava, disparando algumas ordens sobre uma hierarquia de comando, ou coisa assim. Depois, seguiu na direção do estábulo.

Eu corri para acompanhar os seus passos longos. — Acha que pode aparecer sozinho e eliminar os gêmeos?

— Quer saber se acho que posso fazer isso sendo mortal? Os Milovnicis se infiltraram no meu forte. Posso fazer o mesmo no acampamento deles. Tenho amigos nas tropas deles. Vou ter ajuda.

— É arriscado demais! E o médico disse que devia estar descansando por conta dos ferimentos, da concussão. Cabe a mim fazer isso. Eles me querem mais do que a qualquer um.

— Por meses, Selenia me apoiou. Ontem foi isso que ela fez por mim. Acha que vou deixar que ela fique a ver navios? Vou pegar o cavalo, agora.

— A cavalo? Só até o outro lado do rio para pegar uma das camionetes deles, certo?

Ele negou com a cabeça. — O Azeite Norte controla todas as estradas que chegam em Dolor. Estariam esperando por mim. Vou pegar a rota dos traficantes de escravos.

— Que rota é essa?

— É por onde os chapéus-pretos transportam as mercadorias para serem leiloadas.

No estábulo, ele foi até o enorme cavalo cinza que montou mais cedo, levando-o até a área onde se colocava a sela. — E você? Vai ficar sentadinha aqui.

Ignorando isso, peguei a minha égua. Ela parecia me olhar de cara feia. Queria poder lhe dar um descanso maior, mas mesmo ainda se recuperando, ela seria mais forte do que qualquer outro cavalo dali.

— Droga, Evie, você não vai! Tem noção do quanto essa rota é perigosa? São trilhas que passam por ravinas bem íngremes. Cheias de partes estreitas, armadilhas e pedágios, onde é esperado que se pague com pessoas. Se conseguir passar por isso, vai arriscar passar por mais minas canibais e colônias empestadas. Bagmen por todo lado. Aquilo ali é a concentração de tudo o que não presta.

— Então, por que raios vai pegar esse caminho?

Jack se virou para mim com os olhos cinzentos duros como pedra. — Porque eles nunca iam esperar que eu pegasse.

— Você não vai sozinho. Sabe que eu sei cuidar de mim.

— Você só vai me atrapalhar.

— Eu cavalgo tão rápido quanto qualquer pessoa aqui. — Com exceção de Morte. Arregalei os olhos. — Aric! Ele consegue controlar o próprio chamado. — *Se é que ele tinha um.* — Eles nunca o ouviriam.

— Uma ova que isso vai acontecer! Mesmo se eu não estivesse prestes a meter uma bala na cabeça dele, não é como se ele fosse se dispor a ajudar Selena. Ele a deixou para que morresse. Lembra disso, hã?

Jack tinha razão. Eu estava atribuindo à Aric características que simplesmente não existiam. Por que o impiedoso vencedor dos últimos três jogos se arriscaria para salvar outra carta, ainda por cima uma que não pertencia à sua aliança?

Como se convocado, Aric entrou no estábulo. — Imperatriz, seus amigos são encantadores. Terrivelmente ignorantes acerca dos jogos, mas é assim que geralmente prefiro os outros Arcanos.

O corpo inteiro de Jack ficou tenso. — Eu nem tenho tempo para pensar em você. Mas vai ter o que merece. Eu prometo que vai.

— Ouço isso há dois mil anos, mortal. — Aric se virou para mim com os olhos brilhantes. — E ainda assim, jamais recebi o que deveria merecer.

Corando, desviei os olhos.

Ele apoiou o ombro coberto pela armadura em um dos suportes do telhado. — *Senti falta da sua companhia nesses dias longos.*

Dei um pulo ao sentir suas palavras em minha mente depois de uma ausência tão longa. Se Matthew era a central telefônica, Morte era o rei das transmissões sonoras, e tinha aprendido com o passar dos séculos a se comunicar telepaticamente com qualquer Arcano.

— *O humano mal consegue olhá-la. Deve ter lhe contado que a tive em minha cama.*

Mordi a bochecha por dentro e respondi, — *Esse método de comunicação me faz lembrar todas as suas ameaças telepáticas. Lembro quando me disse que eu sentiria o peso da sua espada em menos de uma semana.*

— *Caso fosse a mesma de antes, eu teria cumprido essa promessa.*

Às vezes, sua sinceridade me chocava. — *O que está fazendo aqui? Ficou longe por tanto tempo que pensei que não voltaria.*

— *Sentiu a minha ausência, e agora está curiosa. Saiba que estava adquirindo algo que garantirá o meu sucesso com você.*

— *Mais coerção?*

— *Um presente. É por isso que concedi certa liberdade ao mortal e me contive de cometer assassinato. Porque você está prestes a ser minha.*

Sua confiança me preocupava. É bom saber que se preocupou com a sua esposa viajando sozinha. Deixou que eu fizesse a minha jornada só. E que enfrentasse os gêmeos! Mesmo sabendo o quanto eles me odiavam.

— *Senti confiança de que você e mais seis Arcanos, uma das maiores alianças que já vi, conseguiriam eliminar um par de carnates insignificantes. Para protegê-la, no caminho, pedi a Lark que despachasse o lobo.*

Para me espionar. Cyclops o guiou pelo campo minado.

Em voz alta, Aric disse, — Lark manda lembranças, quer saber quando volta para casa. A propósito, está se sentindo melhor.

— Eu teria perguntado, mas minha mente está um pouco ocupada. Quem sabe o que pode estar se passando com Selena agora? — Quem sabe o que se passava pela cabeça de Jack?

— Está determinada a ir atrás dela? — perguntou Aric.

— Totalmente. Ela é minha amiga.

— Não perguntará se estou disposto a ajudá-la?

Eu não parei, apenas coloquei a minha conveniente sela em minha conveniente égua. — Faria diferença?

Em um tom contemplativo, ele respondeu, — Talvez a tenha julgado mal no início desta semana. — Ele era calculista até nesses momentos! — Talvez seja movida por sacrifício.

— Ao invés de acordos?

— Perfeitamente. Subestimei o tamanho de sua afeição por mim, Imperatriz. Quando fiquei inconsciente com o seu beijo, — um risinho para Jack, — fez questão de me prover segurança. Sua barricada na porta do nosso quarto foi tão encantadora quanto encorajadora. Armadura, espadas, e escudos, como um passarinho construindo seu ninho.

Jack enrijeceu, apertando os dentes até os músculos da mandíbula saltarem.

— Ele está provocando, Jack. Vai fazer isso até que sinta vontade de, — me virei para Aric, — estrangulá-lo com uma hera!

Sem se abalar, Aric apenas ergueu as sobrancelhas para mim. — Bem?

Lutei com o meu temperamento. Precisávamos mesmo dele. Se houvesse a mínima chance que fosse dele concordar... — Vai nos ajudar?

— Com duas condições. Pelo tempo que durar esse resgate, você não tomará decisões acerca do seu futuro, com relação a mim ou ao mortal. E resistirá aos seus avanços.

— *Estamos quase em uma coerção aqui, Aric.*

— Esses são os meus termos.

— *Tudo bem. Mas, também tenho uma condição. Não vai machucar o Jack nem o colocar em uma posição em que vá se ferir.*

Aric inclinou a cabeça, dizendo em voz alta, — Minha espada está a vosso serviço. Há uma razão para que meu estandarte leve uma rosa. — Ele parecia um cavaleiro a falar com sua rainha.

Ou com a sua Imperatriz.

Jack terminou de selar o cinzento. — Mas, de jeito nenhum, cavalgo ao lado dele.

— Excelente, — disse Morte. — Você irá sozinho e eu a acompanharei.

Falei para Jack, — Considerando tudo, quanto mais, melhor. Principalmente quando a rota é tão perigosa quanto diz.

— Não pode confiar nele! Lá fora, é preciso confiar nas pessoas que estão contigo.

Aric endireitou mais os ombros. — Dei-lhe minha palavra que não o machucaria.

Entredentes, Jack falou, — Tente.

— Jack...

— E quanto a você, Evangeline? Você plantou as suas heras quando ele chegou, porque não sabia se precisaria se defender dele!

Morte dispensou aquilo. — Hábitos antigos são difíceis de mudar. Mas, lá no fundo, ela sabe que eu jamais a machucaria outra vez. — Ele levantou a cabeça para Jack. — Curioso que seja capaz de recusar mais uma espada para proteger a Imperatriz, a mulher que professa amar?

— Não vou ao seu lado, Ceifador. Nem vai Evie.

— Isso definitivamente condenaria a Arqueira. Que pena. Pelo que ouvi, agora sabe como os Enamorados gostam de brincar. A parte física é apenas uma fração do que são capazes de fazer. Ou foi o que me disseram. Gostaria desse destino para a nossa pobre e querida Selena?

Joules entrou correndo no estábulo. Com um olhar mortífero para Morte, nos contou, — Matthew estava dizendo umas coisas que realmente fazem algum sentido, por entre a baba, os olhos malucos e tudo. Disse que ou vocês três vão embora juntos, ou ela morre no final da semana.

— Então não temos escolha. — Falei para Jack e para Aric, — Vocês dois vão comigo e nós vamos salvar ela.

Joules disse baixinho, — Não, moça. Ou vocês saem daqui, ou *você* morre.

CAPÍTULO 22

Enquanto seguia Jack pelo campo minado, arrisquei uma olhada para trás, para o forte.

Matthew não forneceu mais informações sobre como eu morreria ali até o fim da semana. — Destino marcou você, — ele tinha sussurrado, balançando em seu colchão. — De muito além da floresta, Imperatriz. Destino exige o que lhe é de direito.

Depois desse pronunciamento, Aric e Jack se calaram e se prepararam para a viagem. No momento, eu cavalgava entre os dois. Apropriado.

Tive tempo de pegar gazes para a queimadura de Jack, e para me desculpar rápido com Tess. Prometi a Gabriel que voltaríamos com Selena. Em um ímpeto de otimismo, peguei o seu arco para lhe entregar em nossa viagem de volta. Abracei um Matthew indiferente ao meu abraço até quase achar que ele fosse quebrar.

Finn jurou cuidar de Matthew e nós deixamos o lobo para proteger os dois. Quem sabe se outros traidores ainda estariam infiltrados ali?

Jack achava que conseguiríamos chegar em Dolor em três dias. Setenta e duas horas para chegar até Selena. Os gêmeos realmente esperariam que o seu braço ficasse bom para começarem a tortura?

Os carnates infligiram tanto mal a Jack em tão pouco tempo. Sombras que não existiam antes escureciam seus olhos. Novos segredos que nunca se revelariam supravam dentro dele. O que tinham feito com ele? Não parava de me fazer essa pergunta.

Meus pensamentos estavam perturbados, minha mente sobrecarregada com todas as coisas que aconteciam conosco. Caramba, horas atrás eu tinha voltado no tempo.

Isso era só uma amostra de como as coisas eram com Matthew?

A chegada de Aric só aumentou o caos. Quando saímos dos portões, ele me disse, — Tudo o que eu queria era levá-la de volta à nossa casa, contudo, agora me encontro auxiliando o meu inimigo mais odiado para salvar outra carta. Você me leva a fazer cada coisa, esposinha.

Olhei por cima do ombro. Seus olhos estavam presos em mim.

Olhei para frente, determinada a ignorá-lo. Ele podia não ter intenções ruins quanto a mim, mas isso não queria dizer que o perdoei.

Quando passamos pelas minas e pela floresta de pedra, chuva começou a cair. Jack levantou o capuz da jaqueta. Sem olhar para mim, ele esporeou o cavalo, criando um galope feroz.

Enquanto seguia, me perguntava o que encontraríamos na estrada? Ou quando enfrentássemos os gêmeos?

E como eu faria para evitar que Aric e Jack se matassem.

Jack era meu namorado, talvez. Se ele não tivesse lavado as mãos com relação a mim, por eu ter laços com Morte, e se eu conseguisse descobrir como voltar a confiar nele.

Aric era o meu “marido” letal, um mestre manipulador, que sempre tinha um trunfo na manga.

Eu, Jack e Morte juntos em uma missão.

O que poderia dar errado?

CAPÍTULO 23

O primeiro percalço da nossa jornada pela rota dos traficantes humanos parecia um tipo de charada macabra.

Um: uma estradinha estreita de terra coberta com camadas de cadáveres inchados. Dois: eles morreram afogados. Três: não existiam rios nem lagos por perto.

Depois de várias horas cavalgando, paramos à beira do mar de corpos. A chuva tinha se acalmado e virado garoa, a temperatura caía. Aquela névoa D.F. bizarra nos envolvia, distorcendo os sons do ambiente e ocultando o nosso caminho.

— O que aconteceu aqui? — E eu pensando que iria adorar qualquer oportunidade de descanso. Minha enxaqueca piorava a cada quilômetro, e meus membros estavam dormentes.

— A barragem rompeu, — disse Jack, sem olhar em minha direção. — Arrastou os mortos por quilômetros pelo desfiladeiro.

A maioria das vítimas era de homens mais velhos. Aparentemente, tinham conseguido evitar os traficantes e a praga, e foram surpreendidos por algo que nunca esperavam, e contra o qual não poderiam lutar.

A gente pode entrar em extinção.

Aric levantou o visor do elmo, revelando o glorioso rosto. — Vi o mesmo em outros locais. Rompimentos catastróficos de barragens. A estiagem racha a barragem, e agora temos chuvas ininterruptas. Ninguém para cuidar das estruturas, ninguém para escoar as inundações.

— Então, isso vai continuar acontecendo. — Uma nova realidade do pós-apocalipse. — Por que os corpos estão dispostos assim? — Eles estavam quase nivelados e espalhados por metros e metros, cobrindo todo o desfiladeiro.

— Eles provavelmente foram a maior parte desta seção da estrada. — Aric passou a mão enluvada pelo pescoço de Thanatos. — Suspeito que estejam aqui há semanas, sepultados em lama, gradualmente revelados pela chuva. Pode ser que estejamos em cima de outros debaixo desta camada de solo.

Horripilante. — Temos que passar pelos expostos? — Eu não via outro modo de atravessar aquilo.

Ele assentiu. — E é mais difícil do que se pensa. Corpos podem rolar de modo imprevisível. Suas peles estão escorregadias e apodrecidas. Às vezes morrem agarrados a coisas, como armas e bolsas. Basta me seguir, Thanatos criará uma passagem. — Seu maciço cavalo de guerra tinha os cascos afiados. Aquilo tinha tudo para ser interessante. E, por interessante, estou querendo dizer nauseante.

Jack parecia chateado, sem dúvida achando que eu devia ter ficado no forte. Uma vez ele me disse que ficava de olho em mim para monitorar como eu estava porque nunca reclamava. Mas Aric tinha razão; Jack mal conseguia me olhar.

Em contraste, eu encontrava os olhos de Aric sempre em mim. E por mais que ele me olhasse, também analisava Jack.

Mais cedo, quando fomos forçados a ir mais devagar ao passar por uma montanha em erosão, Jack tinha finalmente explodido, — O que inferno olha tanto?

— Tem alguma coisa errada com você.

— É muita cara de pau sua falar isso de mim, Ceifador de vidas.

Houve outras trocas tensas de palavras entre os dois. Mas, na maior parte do tempo, eles se comportaram.

Jack esporeou o cavalo por cima dos corpos em um ritmo rápido. Os cascos rompiam as carcaças, atirando dejetos enlameados pelo ar. Ossos se quebraram.

Créqui, isquelchi, créqui.

— Basta me seguir, Imperatriz. — Aric começou a travessia. O imenso peso de Thanatos compactava os corpos. Caixas torácicas e crânios se desintegravam debaixo dos seus cascos.

Créqui, isquelchi, créqui.

Passar por cima de um cadáver com um carro era uma coisa, mas isso...

Girei a cabeça, alongando o pescoço, e então incitei minha égua a seguir o rastro sangrento de Thanatos. Precisava dar um nome àquela égua com urgência. Ela pisava com as pontas dos cascos, como se dissesse, “eca, eca” a cada passada.

Na minha frente, Morte de repente agarrou o punho da espada. Thanatos ficou agitado, balançando a calda trançada.

— O que foi? — perguntei. — Ouviu alguma coisa? — Fora os sons que os cascos faziam?

Jack continuava por perto. *Créqui, isquelchi, créqui.* — Por que está desacelerando, Ceifador?

— Há uma ameaça próxima.

— Em qual direção? — Jack varreu o lugar com os olhos, a balestra já pronta.

— Mesmo com os meus sentidos excepcionais, não consigo localizar precisamente. — Morte inspecionou a área com um olhar frio. — Duvido que alguém consiga nesta neblina.

— Provavelmente só Baggers. — Jack colocou a balestra de volta no ombro. — Inferno, talvez não seja nada e só esteja atrasando a gente de propósito.

— Mais uma vez, sintam-se à vontade para prosseguir sem nós.

— Pelo que sei, é bem capaz que você seja aliado dos Enamorados. Todos os outros Arcanos se uniram contra eles. Mas, você só apareceu um dia depois. — Jack retomou o passo.

Aric ia atrás dele. *Créqui, isquelchi, créqui.* Nossa trilha sonora nojenta parecia piorar o temperamento dos dois. — Talvez, eu meramente esteja sendo vigilante ao levar a Imperatriz por cima de corpos encobertos por uma névoa sobrenatural. Não tem senso de combate?

— A gente tem um prazo.

— Ah. Então, para resgatar a garota que atualmente prefere arriscaria a que costumava preferir. Pode ter uma mulher sobressalente, mas, estou determinado a continuar com a única que possuo.

— Está inventando coisa agora? Não vai rolar.

— Para salvar a sua preciosa Arqueira, está levando a Imperatriz de todos os Arcanos em uma jornada traiçoeira que chegará diretamente aos Enamorados, apesar do fato do destino tê-la marcado. Ainda assim insistiu em seguir.

— Foi coo-yôn que nos disse para irmos juntos, para salvar a Evie!

— O Louco não disse que o fizesse de modo imprudente. Não disse que sacrificasse uma mulher por outra. Eu valorizo a Imperatriz acima de todas as coisas. Exatamente como faz com a Arqueira.

Créqui, isquelchi, créqui..

— Você não sabe do que está falando.

Eu murmurei, — Estou aqui atrás, pessoal. E ficando cada vez mais para trás. — Só cheguei até a metade. Espera aí... os corpos embaixo de mim tinham acabado de se mexer?

Não, não. Claro que não.

Aric continuou com Jack. — Você construiu uma vida com Selena. Compartilhando refeições, missões, comemorações de vitórias. O rei e a rainha do Forte Arcana, o caçador e a sua caçadora.

— É com essa merda que vem enchendo a cabeça de Evangeline? Meteu isso na cabeça dela, semeando dúvida sobre mim? — Assim que passou da linha de corpos expostos ele parou o cavalo.

Aric entoou, — Eu contei muitas verdades à ela. — Ele também parou, ambos virando para esperar por mim.

— Então, depois de uma tortura mental de quase um ano, resolveu sequestrá-la. Aposto que depois torturou ainda mais.

Nos últimos dois meses, eu havia bloqueado todo o trauma da minha captura. Minhas mãos enluvadas apertaram as rédeas. Ou teriam apertado; no momento elas estavam dormentes.

Sim, eu errei com Aric. Mas aquela não era eu. O que queria dizer que eu não merecia ser atormentada.

Jack olhou de Aric para mim e de volta a Aric. — Logo depois, enche a cabeça dela com as suas verdades? — Seus olhos encontraram os meus e ali ficaram. Suas sobrancelhas se juntaram, como se tivesse entendido algo. — Agora entendo o que está acontecendo. Não conseguia entender antes. — Acho que vi um pouquinho de pena passar pela sua expressão, depois uma pitada de emoção forte e furiosa.

— Fascinante, mortal.

Ignorando ele, Jack se dirigiu a mim, — Vou procurar um abrigo temporário, bébé. Vamos diminuir o passo. Só aguarde um pouquinho mais.

Hã? As atitudes de Jack iam de oito à oitenta. Se não estivesse tão exausta e congelando, poderia entender aquela situação.

Os corpos rolaram. Agora sem dúvida. — Uh, as coisas parecem estar se mexendo debaixo de mim, — falei. — E parece, não sei, meio que mais fundo nesse canto. — Como se tivesse uma pilha de corpos.

— Provavelmente está em cima de algum tipo de aqueduto obstruído, — falou Aric. — Onde os corpos circularam o dreno. Continue seguindo, Imperatriz.

— É. Estou indo.

A pilha subiu, levantando meu cavalo e eu. — O que está acontecendo?

Uma subida mais forte. A égua assustada levantou as patas dianteiras; minhas pernas dormentes, mãos... Não consegui me manter montada!

Eu caí da sela. De costas. Em cima de corpos melequentos. *Oh, Deus, oh, Deus.*

A égua foi embora, me abandonando na carnificina. *Pode se esquecer de ganhar um nome!*

O tapete de corpos continuava rolando, subindo e descendo como um brinquedo inflável de parquinho.

— Já determinei onde se encontra a ameaça, — falou Aric. — Imperatriz, ela está debaixo de você.

— O quê?

Uma mão emergiu, agarrando meu rabo de cavalo.

Um pouco além das minhas botas, duas cabeças de Bagger apareceram.

CAPÍTULO 24

— Bagmen! — gritei.

Em um tom despreocupado, Aric falou, — Use os seus poderes.

Eles ainda não estão recarregados! Peguei no meu rabo de cavalo e tentei puxá-lo da mão que o agarrava. A pegada era bem firme. — Vocês dois podem me ajudar sabe, se sintam à vontade!

— Que porra você está fazendo, Ceifador?

Aric havia interceptado Jack, se colocando na frente dele. — No momento em que ela precisar de assistência, serei o primeiro a entrar na disputa.

O par de Baggers lutava para chegar à superfície, enfiando os braços pelas “aberturas”, procurando encaixe, os olhos cor de creme vazando pus e presos à minha garganta. Eles conseguiram emergir os corpos melecados até a altura da cintura, como vermes saindo de uma maçã apodrecida.

Quanto tempo mais até que saíssem completamente?

O céu escolheu aquele momento para abrir, derramando baldes de chuva. Piscando contra a água e cuspiendo, gritei, — Estão tirando uma com a minha cara?

Os Baggers presos se arremessavam para me pegar com tanta força que os seus torsos davam solavancos para trás. Outros esforços os libertaram até a parte de cima das coxas, aumentando o alcance, bem quando a pilha voltou a subir, rolando meu corpo na direção do par.

Um pegou a minha bota!

— Seus poderes, — disse Aric.

— Não posso... semear nada em cadáveres! — Eu chutei para me soltar da criatura. — E veneno não... funciona em Bagmen!

Mas, minhas garras eram afiadas como navalhas.

Virei e cortei a ponta do meu rabo de cavalo. A mão continuou agarrando o cabelo descartado como um troféu.

Livre para me mover, me lancei no Bagger agarrando minha bota, mirando as garras em sua garganta. Ele baixou o queixo, mordendo, quase pegando meus dedos.

— Merda!

— Vamos, sievã, suas garras não existem para serem usadas assim.

— Argh, você é um filho da mãe!

— Heras seriam melhores.

De repente, uma flecha saiu do crânio de um dos Bagger. Depois do Bagger seguinte. Eles caíram para frente. Jack deve ter atirado as flechas por pouco desviando a cabeça de Morte!

Eu lutei para ficar em pé, quase caindo quando a pilha tremeu. Uma bolha prestes a explodir.

Aric finalmente saiu do caminho, permitindo que Jack viesse de cavalo até onde estava.

— Rápido, bébé! — Ele me ofereceu a mão. Quando consegui pegá-la, ele me puxou para cima da sela, esporeando o cavalo. No meu ouvido, disse, — Uma joia rara esse cara que você tem ali, Evie.

Assim que ficamos a salvo, Aric me olhou, decepcionado. Já estava cansada de garotos me olharem com aquela expressão!

Para Jack, ele disse, — Enquanto você a vê como uma mera garota, já fui vítima dos seus poderes. Já a vi sacudir a terra com fúria, dizimando populações inteiras. Eu a conheço pela deusa que é. — Para mim, ele falou, — Limparei a sujeira que fez.

— Q-que sujeira?

A bolha explodiu.

Baggers uivavam ao emergirem, empurrando partes de corpos do caminho. Eles se viraram em nossa direção, rosnando por nosso sangue, os olhos cremosos sem piscarem na chuva.

Cavalgando com as mãos soltas para o meio da multidão, Morte tirou as duas espadas e atacou.

Eu tinha assistido as suas penosas sessões de treino, mas a letalidade fria em exibição impressionou até a mim. Ele se movia tão rápido que mal dava para ver as suas espadas.

Só os resultados. Na chuva, cabeças voavam, corpos caíam por cima de outros, fragmentos de ossos e entranhas salpicavam o ar. Thanatos pisoteava os que não tinham emergido completamente.

O conflito durou meros minutos.

Quando Morte retornou, magnífico em sua armadura molhada de chuva, ele levantou o visor e estreitou os olhos para Jack. A tensão irritante entre os dois só aumentou. — Foi bom entrar lá e salvá-la, não foi? Imagine o quanto ela apreciava a sensação de derrotar os seus inimigos, sozinha.

* * *

— Como uma sombra, Evie, — Jack murmurou quando nos aproximamos da nossa possível parada. A chuva tinha se transformado em um nevoeiro, pintando a pequena casa de concreto com uma luz fantasmagórica.

Ele estava tenso, a balestra a postos, porque aquela poderia ser uma toca de traficantes de escravos.

Depois de três horas passando por uma estrutura incendiada atrás da outra, eu estava tão cansada que preferia enfrentar os traficantes a continuar cavalgando. A chuva forte de mais cedo tinha me ensoado, e meus dentes bateram de frio por quilômetros.

Ao menos ela tinha limpado o fedor dos Bagger e a sujeira dos corpos de mim, como um lava-jato.

Jack me convidou a cavalgar com ele, mas recusei. Duvidava que Morte fosse aprovar. E Jack tinha me deixado confusa. Por que sua atitude com relação a mim mudou como a direção de um bumerangue, de uma hora para outra?

Subimos os degraus da frente, Aric atrás de nós. — Fico surpreso que esteja disposto a fazer uma parada, mortal. Com o tempo passando e tudo mais. A Imperatriz pode cavalgar comigo, e continuaremos em direção à Selenia.

— Mesmo que houvesse uma chance na forma de uma bola de neve no inferno de Evie montar com você nessa coisa que chama de cavalo, — falou Jack, — a gente está entrando no território dos chapéus-pretos de verdade, o que quer dizer que os nossos cavalos precisam se revigorar.

Não demos folga a eles o dia inteiro. Não que Thanatos precisasse de descanso. Thanatos levantava cento e oitenta quilos só com as patas dianteiras e devorava tijolos para se divertir.

— Este lugar foi recentemente ocupado. — Aric pegou uma de suas espadas. — O que o faz crer que seus residentes não retornarão?

— Carroças saíram daqui. As marcas das rodas são fundas. Os traficantes levaram a carga pesada de cativos para o norte, para vender, para os chapéus-pretos de verdade que acabei de mencionar. — Jack claramente entendia o que se passava naquela parte do mundo. — Eles saíram depois da última chuva. Mas, se voltarem, a gente os mata. A não ser que o Ceifador tenha medo de mortais traficantes de escravos?

— Nas vidas que vivi, eles apareceram em várias manifestações diferentes. Nunca os temi.

Jack tentou a porta. Trancada. Ele a chutou, e entramos em uma sala de estar. O interior fedia, como se alguém tivesse se esquecido de colocar o lixo para fora (para um caminhão de coleta que nunca mais viria). A maior parte da mobília estava destruída, provavelmente para virar lenha.

Uma linha de algemas estava presa à pregos na parede. Definitivamente uma toca.

— Odeio a porra desses traficantes, — rugiu Jack. — Mais do que Baggers.

Eu fitei as algemas. — Quando não tinha água, os escravos cavavam poços. Qual é o apelo agora?

— Times de coleta. — Com o olhar alerta, Jack checou um armário. — Existem estoques de comida se souber direito onde procurar, abrigos subterrâneos particulares e do governo, cargas de navios que encalharam, vagões de trem. E, às vezes, os chefes trocam escravos por outras mercadorias.

Entramos em uma sala com um cheiro melhor. Tinha duas cadeiras de terraço, uma mesa de plástico, uma lareira de pedra.

Jack encarou Aric com um brilho maldoso nos olhos. — Talvez Evie devesse lhe perguntar sobre esse assunto, já que foi você quem a sequestrou. Basicamente a mesma coisa, non? Me pergunto, como a manteve presa. Algemou-a? Uma garota de dezesseis anos?

Ao invés de negar, menosprezando o que ele disse, Aric falou, — Sem dúvida. — Lá estava aquela sinceridade surpreendente outra vez. — E assim que ela decepou o próprio polegar para se libertar das amarras, invocou um exército verde que quase destruiu a todos nós.

A mera lembrança daquele dia era suficiente para me esgotar. — Podemos parar de falar agora?

— Venha, Evie. — Comigo ao lado, Jack vasculhou dois quartos e um banheiro, me empurrando para o último. — Por que não se troca? — Ele disse, acendendo sua lanterna extra. — Vou atrás de lenha para acender um fogo. Fique aqui dentro, e demore o tempo que quiser. — Ele obviamente não me queria a sós com Aric.

Lenha? Será que isso ainda existia? — Eu posso ajudar.

— Non, deixe comigo.

A culpa pesava. — É você quem está ferido.

— Para mim, levar uma surra não é novidade, bébé. — Porque os beaux da sua mãe tinham lhe apresentado à violência desde cedo.

Quando ele me ajudou a tirar a mochila e o poncho, eu perguntei, — Por que está sendo tão gentil comigo?

Ele se virou para ir embora, mas hesitou na porta. — Vejo as coisas com mais clareza agora.

Eu sentia o completo oposto.

Assim que saiu, agarrei a bancada da pia, lutando contra uma onda de tontura. Será que conseguia continuar cavalgando naquele ritmo? Minha cabeça doía e latejava, minhas pernas e braços tremiam. Olhei para o espelho. Minha pele estava tão pálida que meus olhos pareciam grandes demais no meu rosto.

Na reflexo do espelho, vi um daqueles rodos pequenos de limpar o vidro do box e senti um aperto ao pensar nos donos daquela casa.

Que perda de um tempo que já era limitado.

As coisas podiam ser piores. Eu poderia estar morta como eles. Embora encharcada e congelando, continuava livre. Nenhuma algema prendia meus pulsos, nenhuma mordida de Bagger marcava minha pele.

Tirei a roupa e a pendurei, depois abri a mochila. Dentro, eu tinha um mini saco de dormir, barras energéticas, um cantil, ataduras para Jack, e mais roupas. Procurei roupas.

Batidas soaram de algum lugar da casa. *O que Jack estava fazendo?*

Tinha acabado de terminar de me vestir quando o ouvi voltar à sala. — Então, você é dois mil anos mais velho do que ela? — Ele perguntou à Aric. — Existe a expressão “papa-anjo”, e é isso. Ela é uma adolescente, seu fils de putain.

— Quando casei com ela, eu era o mais jovem, — Aric fez questão de frisar. — Não posso controlar o fato de ter vivido todo esse tempo. De qualquer modo, contando as várias encarnações que teve, ela passou mais de um século viva nesta Terra. Tem lembranças de jogos onde era mais velha, já mulher.

— A garota solteira ali dentro se chama Evie Greene. Ela estudava na Sterling High, e cresceu nas plantações de cana como eu. E mesmo que tenha se casado com ela, nunca consumiu o ato, nunca. — Ele conseguia ser tão depreciativo quanto Aric. — Não como eu e Evie fizemos. — *Golpe baixo, Jack.*

— Farei com que pague por isso. No tempo certo.

— Agora sei por que tentou impedir a gente naquela noite. O que achou? A vida inteira as pessoas me falaram que passei a perna na morte. Acho que estavam certas.

— A honra não pertence ao primeiro que ela escolhe para deitar em sua cama, — Aric cuspiu. — Pertence àquele que ela escolhe manter nela.

— E acha que vai ser você? Está caducando com a idade, você.

A hostilidade continuava crescendo entre os dois, junto com uma rivalidade mortal.

Agora eu estava prestes a me meter bem no meio disso. Tonta, me virei na direção da porta, quase deixando a mochila para trás. Acostumada à segurança da casa de Aric, havia esquecido a primeira regra de sobrevivência na estrada.

Jack tentou tanto me ensinar. E eu achava que ele só estava sendo cruel.

E, agora eu sabia por que ele ficava bravo toda vez que eu ficava com fome. Nunca vou me esquecer da imagem de quando era um garotinho chutando aquela armadilha, frustrado...

De volta à sala, uma fogueira estava acesa. O esperto Jack tinha arrancado a madeira das paredes da casa.

Ele estava sentado em frente à lareira limpando sua balestra, a mochila aos seus pés, a jaqueta secando ali perto.

Elmo em mão, Aric andava ao lado de uma fileira de janelas com terra encrustada, olhando para o exterior. Naquela noite, ele se movia com aquela armadura sem fazer barulho algum. Às vezes suas esporas batiam quando ele entrava em um aposento; outras vezes, silêncio. Talvez ele ajustasse o passo. — O mortal é eficiente, Imperatriz. O seu próprio escudeiro.

Jack não mordeu a isca, me perguntando, — Comeu alguma coisa?

Sentei ao lado do fogo, pondo a bolsa no chão. — Ainda não. — Estiquei as mãos para o calor.

Assim que meus dedos degelaram, retirei o meu cantil e jantar, uma nutritiva barra energética. Aquelas barras me forneciam as calorias de um dia inteiro, mas o gosto era tão ruim que cada caloria era merecida. Abri a embalagem, sabendo que precisaria de energia para acompanhar aqueles dois.

Jack polia o cartucho de flechas de sua balestra com a camisa. — Vai ficar cada vez pior nessa rota. Trouxe um colete à prova de balas extra para você. — Como o que ele usava. — Quando formos embora, quero que experimente.

Eu me perderia dentro daquele colete.

Morte zombou, — Ela pode levar cem balas no coração e sobreviver.

— Aposto que sabe muito bem o que pode mata-la, já que acabou com a vida dela tantas vezes no passado.

— Eu não diria tantas. E ela tentou me matar na mesma proporção. — Aric fez uma última ronda nas janelas, e então sentou encostado à parede, perto da porta. Um braço descansando no joelho.

— Como assassinou uma garota que conseguia se regenerar? Decapitou-a? — Se um cara já lhe decapitou em mais de uma ocasião... — Fez com ela o que fez com aqueles Baggers? Para mim, vocês dois são como água e azeite.

Aric apertou os punhos, o metal de suas luvas cheias de estacas rangendo. Sem dúvida ele sentia vontade de enfiar aquelas estacas na cara de Jack. — Diferente de você e da Arqueira, que têm tudo em comum? — Para mim, Aric disse, — Eu a aconselharia a perguntar ao mortal se ele esteve com ela durante todos esses meses, mas sei que ele simplesmente mentiria.

As palavras de Aric penetraram bem no coração dos meus problemas com Jack: falta de confiança. Apesar de sua negação, voltei a me perguntar se algo tinha acontecido entre ele e Selenia. Ela o desejava tanto...

A barra tinha gosto de papelão. Lutei para mastigar. Se Jack tivesse mentido sobre ela, eu nunca mais seria capaz de lhe aceitar.

— Mexendo nessa colmeia outra vez, Ceifador? É Evie quem eu quero. Sempre vai ser assim.

Eu olhei para ele com uma pergunta nos olhos. Em uma questão de horas, fomos de nem consigo olhar na sua cara para aquilo. Por que a reviravolta?

— Teve muitas mulheres antes da Imperatriz. — Aric tirou uma pedra de amolar de uma bolsa de seu cinturão de espadas. — Também terá depois dela. — Ele desembainhou uma espada.

Aquele músculo se contraiu na mandíbula de Jack. — Encontrei uma com quem vou ficar. Para mim é só ela. Ponto final. E a proteção com a minha vida.

Aric correu aquela pedra pela lâmina da espada. Óóótimo. — Assim como eu.

— Como fez com os Baggers? Entendi aquela história de endurecer Evie, mas aquilo foi muito arriscado.

Óóótimo. — Arcanos são super-humanos, nossas lições deveriam ter intensidade meramente humana? Ou melhor, sequer humana? Aqueles Bagmen foram arrastados com as vítimas, enterrados vivos entre elas durante semanas, talvez meses. Escolheram levantar hoje, porque finalmente tiveram um incentivo. Exploraram as profundezas de suas naturezas sedentas de sangue para conseguir força. Na batalha, a Imperatriz não deve fazer menos que isso.

— Ela não pode fazer isso se estiver morta.

— Estou aqui, — gritei. — Bem aqui. Se vocês dois vão brigar, então briguem por algo que não seja eu. — Guardei o resto da barra junto com o cantil. O jantar tinha oficialmente acabado.

Aric ergueu as sobrancelhas. — Fora você, não tenho disputa alguma com o mortal. Ele é um ébrio grosseiro que trucidou a língua inglesa toda vez que tenta falá-la, mas eu provavelmente não o mataria por isso.

— Vá continuando com essa conversa de me matar, Ceifador. Vamos lá fora para ver se você consegue.

Minha impaciência extravasou. — Parem os dois! Se concentrem no jogo. Estamos aqui para salvar uma vida.

Depois de uma hesitação, Jack voltou a atenção para a balestra, Aric para a espada.

Perguntei à Aric, — Pode chamar Selena sem que os Enamorados ouçam?

— Claro.

— Dirá a ela que vamos atrás dela? E perguntaria sobre qualquer coisa que possa nos ajudar?

— O que a faz pensar que ela responderia à Morte? — Óóótimo. — Mas, por você, eu tentarei, porque parece que não há nada que possa te negar. — Ele fez uma pausa, o olhar ficando distante por um momento. — Ela está me ignorando, deixando minhas palavras se perderem entre seus pensamentos. Um feito pouco fácil. Alguém a ensinou bastante sobre concentração.

Aquele treinamento extensivo da Arqueira. Olhando de Aric a Jack, perguntei, — Qual o nosso plano?

— Também estou curioso. — Aric se voltou para Jack. — O quanto está disposto a arriscar a Imperatriz nesta diligência?

— Se não fosse pela previsão do coo-yôn ela ainda estaria no forte.

Balancei a cabeça. — Eu precisava ajudar. Jack, os Enamorados querem se vingar de mim. Formei uma aliança com eles no último jogo, mas os trai. De um modo horrível. A linhagem deles escreve Crônicas, então eles sabem de todos os detalhes.

— Por que não me contou?

— Eu não sabia até eles me dizerem.

Ele apontou para Aric com o queixo. — Aposto que ele sabia dessa história. Acho que não achou tempo em três meses para te alertar que tinha dois psicopatas atrás da sua cabeça.

Eu tinha pensado a mesma coisa.

Maaaravilha. — Depois que ela ganhou minha confiança, só obtive poucas horas ao seu lado, por causa da sua captura imprudente. E na verdade, isso é um insulto ao Louco.

Esfreguei as têmporas. — Podemos só falar do plano, por favor?

Jack deu um último olhar fulminante para Aric, depois voltou a atenção para mim. — Vou me encontrar com uns dissidentes do Azey Norte amanhã na estrada. Vou me virar com o que ficar sabendo na hora, ver se posso confiar neles. Na pior situação, eles podem me passar uma informação sobre Selena. Na melhor, vão me ajudar a pegar os gêmeos e o general de surpresa. Mato os três, liberto Selena e assumo o comando.

Aric levantou a espada, avaliando a lâmina. — Então, o nosso plano depende do quão bem o mortal é capaz de ler a fidedignidade dos seus cúmplices?

— Tem uma ideia melhor, Ceifador? Sou todo ouvidos.

— Assume que os gêmeos originais e a Arqueira estarão em Dolor?

— Ouais. Até que fique sabendo de outra coisa. É a única base que eu tenho.

Eu perguntei, — Se alguma coisa der errado, os Enamorados se vingarão em Selena? Ou se descobrirem que há outro Arcano comigo?

— Imperatriz, eles já estão torturando-a.

Eu estremeci e achei que Jack fez o mesmo. Sem dúvida revivendo sua própria tortura, o suplício que jamais me contaria. — Eles a matarão?

Aric negou com a cabeça. — Não por um tempo. Ela é o bem mais valioso que possuem. Considere o trabalho que tiveram para obtê-la. Se o objetivo fosse assassiná-la, já teria se realizado.

Morte teve muito trabalho para me obter e continuar comigo. Ele tinha uma suíte preparada em seu castelo que era à prova de apocalipses. Conseguia entender como Aric tinha acumulado tanto poder no passar das eras, para superar e resistir ao fim do mundo.

Mas como os Milovnicis tinham se colocado à frente de todos? — Como o General conseguiu formar um exército?

— Ele tinha uma empresa de segurança na Virgínia, — respondeu Jack, — com um miniexército de mercenários, com o tipo de aparato militar que resgatava presidentes de empresas sequestrados e coisa assim. Os Milovnicis e esses mercenários devem ter se abrigado no Flash. Depois, seus homens se apoderaram de pequenas milícias no Sudeste, uma atrás da outra. Ele formou o Azey como uma bola de neve.

Uma bola de neve sangrenta e assassina.

De repente, tanto Aric quanto Jack ficaram tensos. Thanatos relinchou baixinho.

— O que foi? — perguntei.

Aric se levantou com aquela graça letal. — Vou montar guarda.

Jack também se levantou. — Se tiver alguma coisa lá fora, estou pronto para lutar.

— O dia em que precisar de sua ajuda... — Aric se interrompeu de propósito. — Jamais precisarei de sua ajuda, mortal. — Para mim, ele falou, — Durma um pouco. Pode descansar despreocupada, sievā.

— O que essa palavra quer dizer? — Jack quis saber.

Aric se deleitou em lhe responder, — Sievā significa esposa.

CAPÍTULO 25

Fiquei olhando a porta muito tempo depois de Aric ter saído, sem acreditar que tenha me deixado a sós com Jack, com ou sem ameaça lá fora.

Suspeitava que estava me testando, testando a minha promessa.

— Está olhando para o lugar que Morte saiu, — falou Jack, atraindo minha atenção. Raiva e confusão guerreavam em sua expressão. — Preocupada com ele?

Meu instinto protetor com relação à Aric não tinha diminuído. — Sim. — Estava cheia de preocupação; me preocupava com ele e com Jack. Com Selena e Matthew.

— Porque acha que a gente precisa dele? Ou porque acha que gosta dele?

— Pelos dois motivos. — Eu gostava mesmo de Aric, talvez mais que gostava.

Falei para Jack e Aric se concentrarem na nossa missão. Quem era eu para falar? Não conseguia parar de comparar os dois.

A paixão e a determinação de Jack versus a intensidade de Morte e a nossa ligação Arcana. Que Deus me ajudasse, pois eu conseguia me ver com os dois.

Ou... com nenhum? Os dois tinham me magoado. A bruxa vermelha dentro de mim sussurrava, *“Essa é a utilidade do pó: todos retornam à ele.”*

Queria ter acesso a um conselho mais objetivo. Droga, que saudades da minha melhor amiga, Mel. Ela provavelmente me diria para ficar com os dois, para colecionar homens como bolsas.

Jack colocou sua balestra no chão e começou a andar em frente à lareira, os olhos muito vívidos à luz do fogo. O cabelo preto havia secado, refletindo as chamas como as asas de um corvo. — Morte te machucou de vários modos, mas você ainda se importa com ele. — Seu cantil apareceu. — Não fui sincero só com uma coisa e você não sabe dizer se ainda vai ficar comigo?

— Se coloque no lugar dele, Jack. Eu tentei matá-lo depois que o convenci que estava completamente apaixonada. Fiz isso com ele não só uma vez, mas duas.

— Você não fez nada com ele, não! Uma Imperatriz de muito tempo atrás fez. Já ouviu falar da Síndrome de Estocolmo? É isso que está rolando.

Abri os lábios. — É por isso que me olhou com pena! É por isso que toda sua atitude mudou? Não me odeia mais por ter ficado com ele, porque colocou a culpa toda nele.

Jack parou de andar para me encarar. — Um homem de dois mil anos roubou uma garota frágil e a manipulou.

Ele falava como seu eu fosse Perséfone, a filha de Demétrio, forçada no submundo por Hades. Mas, Jack não entendia: em relação à atitude, eu estava mais para o furioso Demétrio do que para a vulnerável Perséfone.

— Eu não sou mais uma garota. Eu vivi mais de cem anos; sinto essas vidas passadas. Mas, mesmo que não sentisse, os anos depois do Flash são como os anos dos cachorros, cada um vale por sete. Desde o Flash eu cuidei da minha mãe como se fosse a adulta, matei, planejei e executei golpes. Tive que crescer rápido.

Ele bebeu do cantil. — Por que não me conta como foi com Morte no começo?

Inferno. Se eu desse os detalhes, ele sairia por aquela porta e daria um tiro em Aric, que usava uma armadura impenetrável. Uma bala simplesmente desviaria. — Não quero falar nisso.

— Ele mexeu com a sua cabeça, — insistiu Jack. — É por isso que acha que sente alguma coisa por ele. Não tem outra razão que explique essa mudança.

— Acredita mesmo que sofri uma lavagem cerebral?

— Evie, — Jack prendeu meu olhar, — isso já te aconteceu antes. — *Na clínica.* — Vi o desenho que fez de Morte no seu diário, antes do Flash. Você desenhou um monstro. Um scélérat. — *Um vilão.*

— Aric me fez muita coisa. Mas, também me ajudou. Com o Papa, estive prestes a comer... carne humana. Ela ficou a um centímetro dos meus lábios. Eu teria me perdido para sempre. — Como os sobreviventes com membranas sobre os olhos que me caçariam até que eu morresse. — Aric atrasou Guthrie o bastante para que o meu veneno funcionasse. E então me salvou de morrer afogada e depois de Ogen.

— Você não estaria em nenhuma situação dessas se não fosse por esse bastardo! Ele precisa morrer. Pelas minhas mãos.

— Você não está me ouvindo! Toda vez que diz que vai mata-lo, o que está dizendo é que tem um julgamento melhor do que o meu.

— Quando ficarmos juntos de novo, você vai enxergar isso.

— Tem tanta certeza de que vamos voltar?

Uma expressão desolada lhe passou pelo rosto. — Claro que tenho! Eu falei que a gente aguentava qualquer coisa, e falei sério.

— Acho mesmo que falou sério, naquela época.

— Naquela época? Aqui o constante sou eu. Eu! Nunca desisti da gente, nunca fiquei com outra, nem quando a oportunidade apareceu.

— Com Selena? — Aconteceu alguma coisa? Ou Jack insistia em mencionar isso porque se arrependia de não ter aceitado sua oferta?

— Não importa com quem foi. Morte pode insinuar o que quiser, mas não aconteceu nada entre mim e ela.

Eu queria poder acreditar em cada palavra que saía pela sua boca; queria que a minha desconfiança desaparecesse.

Mas não podia; e ela não desaparecia. — De qualquer modo, ainda acho errado lhe envolver com os Arcanos.

— Isso aqui é maior do que você e as outras cartas. Os Enamorados estão ligados à maior tropa do sul. Talvez do mundo.

O próprio Flash pode ter sido uma homenagem, que acabou dando errado, à carta Sol.

— Mais do que só isso está em jogo. — Ele veio para perto de mim. — As coisas nunca estiveram tão sérias assim. Estamos no limite. — Nossos olhos se encontraram. — Bébé, pode me negar por outros motivos, mas não por ser Arcana.

— E que tal por que não consigo confiar em você?

Ele se ajoelhou na minha frente, colando a testa na minha, as mãos quentes cobrindo meus ombros. — Vou ganhar sua confiança. Me dê tempo que isso vai acontecer. Evangeline, pelo que a gente tem junto, — seus olhos estavam da cor cinza-granito, — ça vaut la peine. — *Vale a pena lutar.*

Jack era vivo, cheio de paixões fortes e vontades que atraíam as minhas. Meu Cajun moldado por uma vida dura. Suas mãos começaram a mover, esfregando meus ombros, meus braços.

Ele ia me beijar. Embora quisesse, me afastei. — Essa não é uma boa ideia.

Jack estudou meu rosto. — Está preocupada que Morte volte e brigue comigo?

Sim! — Podemos conversar, ou eu posso ir dormir. Essas são as suas opções.

Com uma relutância clara, ele me soltou. — Conversar sobre o que? — Hã, sobre o que mais aconteceu na sua vida? — Horrível.

— Aconteceu uma grande. — Ele sentou ao meu lado em frente à lareira. — Coo-yôn deu uma dica de que eu precisava ir para casa, que podia fazer algo bom por lá. Assim que pegarmos Selenia e os Enamorados morrerem, você vai para Louisiana comigo.

— Louisiana, — exalei, a palavra provocando uma confusão de emoções.

— Se aquele exército quiser que eu guie, então vai marchar para o sul na primeira oportunidade que tiver. Eu te falei que reconstruiria Haven para você. Por que não ocupar a área perto da sua fazenda, estabelecer uma Nova Acadiana? Seria um refúgio de sobreviventes.

Eu desejava um lar! — Acha mesmo que é possível? — A vontade de voltar protestou dentro de mim.

— Mais yeah, com certeza. Já não sabe disso? Juntos a gente faz qualquer coisa.

— Até pôr um fim a esse jogo? — Minha empolgação definhou. — Jack, preciso encontrar minha avó. — Embora tivesse dúvidas que ela fosse me ajudar em minha missão (na verdade ela me incitaria a jogar), ela ainda era a minha última parente viva.

— Você precisa aceitar que ela pode está morta.

— Não acredito nisso. — Eu sentia que ela estava viva, mesmo contra todas as possibilidades. — E prometi à minha mãe que iria atrás dela.

— Então vamos fazer um trato. Depois de a gente atravessar essa rota, se me disser que pode aguentar passar mais uns meses por aí, sem abrigo, eu vou com você. A gente leva um contingente do exército.

De certo modo, concordar com isso seria como firmar um compromisso com ele. Mais uma vez voltei a olhar para a porta. Aric estava lá fora, sozinho. Uma lembrança dele surgiu, fitando a noite, murmurando, “Meu nome era Aric. Significa um soberano, eternamente sozinho”.

— Podemos deixar isso em aberto por hora? — perguntei a Jack.

Depois de uma hesitação, ele falou, — Vamos resolver tudo entre a gente, peekôn. Mas, enquanto isso, tenho uma coisa para você. — Ele pegou a bolsa e tirou uma laranja da minha recente colheita. — Tess me deu isso para dar boa sorte. Queria dividir com você.

— Como fizemos com a Sprite que me deu.

Ele me deu aquele risinho de parar o coração dele, ainda tão sexy, mesmo com o rosto todo machucado. — Ouais. Nem lembro quando foi a última vez que comi uma fruta fresca. — Ele começou a descascá-la.

— Devia comer tudo.

— Merci, non. Perdi o seu aniversário. Considere isso aqui uma festa atrasada. — Ele me passou metade da fruta suculenta.

A sua despreocupação começou a fazer sua mágica em mim, aliviando minha tensão. — Também perdi o seu?

Ele encolheu os ombros, dando uma mordida. — Deus todo-poderoso, mulher, que cozinheira boa você é, sabe disso? Que delícia de laranja.

Arqueei as sobrancelhas. — Devia ver o que eu faço com um abacaxi.

Sentamos em frente ao fogo, de frente para o outro, comendo aquela laranja. Era como se não tivéssemos passado um tempo separados, como se nada tivesse acontecido.

— Me conta o que está passando nessa sua cabeça. — Ele jogou as cascas fora, esfregando as mãos no jeans. — Fica conversando comigo.

— Por que nunca me mostrou as fotos da sua bolsa?

— Mexeu na minha bolsa? Acho que mereci essa, non? — Quando assenti, ele disse, — Não sei se podia me segurar.

— Minha mãe uma vez me disse que às vezes você precisa ficar com raiva ou triste. Às vezes precisa se deixar sentir.

O vento aumentou, chuva batendo na janela. Onde estava Aric? Nos últimos três meses, quando as tempestades desabaram, ele e eu ficávamos sentados perto da lareira, lendo juntos.

— Vamos dar uma olhada nelas, então, — falou Jack, provavelmente para me distrair de Morte. Ele se colocou de costas para a lareira.

Lembrando o quanto Aric era invencível, sentei ao lado de Jack.

Ele me ofereceu o cantil.

Ah, que se dane. Eu podia morrer amanhã. Estava muito confusa e duvidava que o meu estado mental pudesse piorar. Aceitei o uísque, dando um gole farto. Queimação. Tossida.

Ele tirou o envelope da mochila e abriu. A primeira foto era da sua mãe, sentada com outras mulheres em volta de uma mesa de cartas. — Ma mère, Hélène. Ela era jogadora de booray. — Bourré, um jogo de aposta popular entre Cajuns. — Isso foi uns anos atrás, antes das coisas ficarem ruins mesmo para ela.

— Ela era tão linda, Jack. — Com aquelas maçãs do rosto e os olhos de um cinza-tempestade, ela podia ter sido modelo.

— Ouais. Pauvre défunte Maman. — A tradução literal era pobre mamãe falecida, mas os Cajus usavam a frase para dizer minha santa mãezinha.

— Ela sobreviveu ao Flash? Você nunca me disse.

Ele ficou tenso ao meu lado. — Esse é um dos segredos que vão para o túmulo.

Abri os lábios para insistir, mas me contive. Mais cedo ele confessou que estava prestes a estourar. Agora estava mostrando aquelas fotos, logo depois de uma discussão sobre Morte e depois de cavalgar horas com uma concussão, e de me salvar dos Baggers.

Podia dar uma folga para ele.

A próxima foto era dele, Clotile, seu melhor amigo Lionel, e dois outros garotos do Basin que entraram na nossa escola. Eles estavam em algum tipo de show, sorrindo, os olhos animados. — Nessa noite a gente aprontou feio.

Eu lembrava como era andar com amigos de longa data: a camaradagem, as piadas internas, a risada fácil. Meu olhar foi para a porta. Será que Aric já tinha vivenciado isso? Claro que teve amigos antes do Toque da Morte surgir.

Será que ele se lembrava do que era amizade mesmo depois de tanto tempo?

A voz de Jack ficou mais grossa. — Sinto falta deles. Principalmente de Clotile.

Coloquei a mão em seu braço. — Matthew me mostrou o dia em que a conheceu.

Jack se enrijeceu debaixo da minha palma. — Aquele dia não foi um dia bom para você ver.

— Ele só aumentou o sentimento que tenho por você.

Ele relaxou. — Então olhe o quanto quiser, peekôn. Aguento melhor agora.

— Por quê?

— Antes do Flash, não tinha controle sobre a minha vida, hã. Agora, mesmo com o desconhecido e com os perigos, tenho mais controle sobre meu destino do que nunca.

— Sêrio?

— Meus problemas agora são meus. — Ele me prendeu com o olhar. — E cabe a mim descobrir a solução.

Perto assim dele, eu conseguia ver até os pontinhos cinzas mais escuros em sua íris. — Isso é bem maduro, Jack. — Ele não era mais um garoto.

— Tenho meus momentos.

— Acho que muitas pessoas subestimaram você. Mas também acho que esses dias acabaram. Sei que não farei mais isso.

Os cantos dos seus lábios se curvaram. Ele conseguia fazer o meu corpo todo ficar mole só com um sorriso daquele, e ele sabia disso. — Um, um, um, sinto cheiro de madressilva?

O esperto Jack tinha descoberto que eu emitia certos aromas de acordo com o meu humor. Rosas? Queria dizer que eu estava prestes a atacar. Oliva doce indicava que eu estava animada. E sim, madressilva era o meu equivalente a ronronar.

Passei outra foto, essa dele e do resto do grupo nadando em um lago, todos bronzeados e rindo.

Lá ficamos, eu e Jack, lembrando, tomando uísque. E por um momento, fui capaz de bloquear toda a tristeza do Flash. Por um momento, me senti feliz.

Ele me mostrou uma foto da paisagem naquela primavera. — A câmera virou para o lado, não enquadrou ninguém. Sempre quis jogar essa foto fora, mas agora... olha só para essas árvores, Evie. A água cristalina. — Ele me passou o cantil. — Acredito que a gente vai ter isso de novo.

— Acredita mesmo? — Eu era teimosa em insistir que podia pôr um fim ao jogo, mas aquelas noites intermináveis estavam mexendo comigo. O sol nunca voltaria? Era melhor em outras partes do mundo? Talvez perto da linha do Equador?

— Ouais. — Ele enfiou as fotos de volta no envelope. — Sua mère me disse que você era especial. Sua grand-mère te disse que você ia salvar o mundo. Acredito que vai. Precisa salvar.

— Sem pressão, — disse com um sorriso embriagado.

— Não dá para parar, fille. Eu tenho uma *envie* por coisas. — *Uma ânsia*.

Dei outro gole. — Como o quê?

Ele me deu um sorriso de lobo. — Cerises. — *Cerejas*. Comíamos cerejas antes de darmos nosso primeiro beijo.

— O que mais? — Quando seu sorriso predador aumentou, falei, — Que outras comidas você deseja? Contiens-toi. — *Se comporte*.

Ele levantou as mãos em rendição. — Je cesse. Pour le moment. — *Vou parar. Por enquanto*. — Tenho desejo de quiabo frito e milho cozido. E você?

— Hush puppies¹⁸ e purê de batata.

— Eu fazia uns hush puppies e tanto no fogão velho da cabana. Faço para você um dia. — Seu olhar ficou distante, a cabeça caída para trás. — Você lembra o quanto aquela brisa do sul podia ficar quente? Com cheiro de mar e de lugares distantes? Odiava tanto aquilo que teria ido embora para qualquer lugar do mundo. Agora peço a Deus poder voltar ao Basin.

Uma vez me arrependi por eu e Jack nunca termos conversado. Agora, quando tudo estava pelos ares, percebi que só precisávamos de tempo para conversar. Sempre estávamos correndo, lutando pelas nossas vidas. E não precisou de muito para fazer com que ele falasse do assunto certo: do lar que tanto sentíamos falta.

Eu passei o cantil, nossos dedos se tocaram. — Faria qualquer coisa para ver uma plantação de cana sob um céu azul. O raspar da folhagem fazia o meu coração crescer dentro do peito.

— Um dia, eu e você vamos ficar na varanda da casa de Haven e a gente vai ver quilômetros e quilômetros de verde. Vamos nadar no rio e ir a shows. — Ele tampou o cantil, colocando de lado. — Quando olho nesses seus olhos...

— O quê?

— Não sobrou muita coisa azul nesse mundo. Nem o céu, nem a água. Olho nos seus olhos e vejo o nosso futuro. Sinto. — Ele colocou a mão no bolso da frente da calça, tirando a minha fita vermelho-vivo.

— Ainda tem ela!

— Levo comigo para todo lugar. Mon porte-bonheur. — *Meu talismã*. — Ela que me diz que vamos ficar juntos de novo.

A esperança em sua expressão me cativou, quase que completamente.

Quase. Eu sonho com você, Jack, e queria poder confiar em você. Tem mais alguém mexendo com o meu coração...

¹⁸ Bolinhas fritas de polme e farinha de milho.

— Vou te deixar ficar com ela por enquanto. — Ele enfiou a fita no meu bolso. — Me devolva quando não conseguir mais se ver com outro homem que não seja eu.

Ficar com Jack era como encostar em fogo. Quando seus dedos se demoraram em meu jeans, reconheci a chama que se transformaria em um inferno.

Minha respiração ficou apressada; os olhos dele ficaram intensos.

Ele tocou meu quadril, me levantando no colo com as pernas abertas.

— Jack! — Apoiei as mãos em seus ombros.

Com seu olhar em minha boca, ele mordeu o lábio, como se me convidando a fazer o mesmo com ele. — Daria o meu braço direito só para te provar agora.

Um sentimento de certeza floresceu dentro de mim. Ficar com ele. Esquentar com o nosso fogo. Estar prestes a dar um beijo, a fazer amor. Minhas inscrições brilharam, refletindo em seus olhos.

Ele agarrou meu quadril, me pressionando em cima da sua ereção, e eu ofeguei de prazer. — Sim.

Com as pálpebras pesadas, ele me balançou no colo, aumentando aquele fogo entre nós. — À moi, Evangeline, — ele disse, a voz ficando mais rouca de tanta luxúria. — Você é minha. E eu sou seu. Vai encontrar o caminho de volta para gente. — Ele desceu as mãos para a minha bunda, o calor das suas palmas me queimando por cima do jeans.

Quando ele apertou, eu girei o quadril, arrancando um grunhido baixo do seu peito. Seus lábios se abriram para que conseguisse respirar. Ofeguei, prestes a perder o controle. A química entre nós era explosiva. Como uma substância inflamável. Se ele sentia metade da vontade que eu sentia...

Mas, se aquilo fosse mais além, cada vez eu iria querer mais. Já ansiava pelas suas mãos me tocando em todo lugar, por só mais um toque daquela chama.

Logo chegaria a um ponto onde seria tarde demais para parar, porque já teria me queimado inteira.

Ele deve ter sentido minha hesitação. — Mas, não vou te apressar, não. — Ele estremeceu ao me levantar do colo. — Estou nessa até o fim.

Estava meio tonta quando ele me colocou no chão. Ele me puxou para perto, jogando o braço em cima dos meus ombros para me abraçar. — Só apoia a cabeça em mim.

Era impossível não fazer isso, hipnotizada pelo bater do seu coração.

— Vou te contar do dia que a gente passou no canal, quando não tinha Flash. O dia que a gente devia ter passado juntos. Nosso primeiro encontro.

Ainda recuperando o fôlego, falei, — O que fizemos nesse encontro?

— Começou cedinho... — Ele mudou para o francês, murmurando naquela voz rouca... — ...porque eu queria passar o maior tempo possível contigo. Levamos comida, cerveja e um rádio. Então a gente pegou a canoa até um pântano de ciprestes que eu conhecia, bem no meio da água. A superfície era tão parada que espelhava as árvores. As cigarras ficavam quietinhas sempre que a gente chegava muito perto. — Ele deu um beijo na minha cabeça. — A gente decidiu que aquele era o nosso canto. De mais ninguém. Porque foi lá que viramos Evie e Jack.

Eu me aconcheguei mais perto, deixando o seu francês murmurado baixo me inundar.

— Você estava com um biquíni vermelho que me fazia chiar “misericórdia, senhor” toda vez que te via de um novo ângulo. Evangeline, você quase me colocou de joelhos. — Eu lembrava que tinha usado um em algumas fotos do celular de Brandon. Aparentemente, Jack tinha gostado dele. — Quando o ar ficou apimentado com madressilva, eu me senti o dono do mundo.

Ele descreveu as comidas que comemos, o ritmo sensual do blues que ouvimos, a sensação da brisa do sul, que não mais o chamava porque ele estava exatamente onde devia estar.

Ele mexeu com todos os meus sentidos, até eu conseguir sentir o vento morno brincando com as mechas do meu cabelo, e balançar ao som da música. Fiquei relaxada, e minhas pálpebras pesadas.

Enquanto adormecia, ele falou, — Bêbê, eu vou esperar. Porque no fim, sempre vai ser Evie e Jack.

Nos sonhos, eu revivi outra de suas lembranças.

Jack estava em pé na frente de um espelho no banheiro do fórum, prestes a ser processado por surrar um homem que tinha atacado sua mãe. Ele parecia tão jovem, não passando dos dezesseis. A pele bronzeada e macia, os olhos de um cinza-tempestade. Ele apertou a gravata, e depois a folgou, desconfortável por usar uma.

Tanto depende desse dia, e eu nervoso assim. Seguro a pia e aperto a testa quando as minhas mãos não doem. Nenhum machucado novo marca os meus dedos cheios de cicatrizes. De algum jeito Clotile evitou que eu brigasse até o dia dessa audiência. Ela e Lionel eram os únicos ali. Maman está... ruim.

O meu defensor público entra pela porta do banheiro com os olhos injetados. O cara bebe como peixe, como se eu pudesse falar. Ele é de Sterling e despreza a gente “baixa” do Basin, deixou isso bem claro na única vez que nos vimos. — Oh. É você, — ele murmura ao se aproximar do urinol.

Pelo bem de maman e de Clotile, me forço a ser educado. — Como estamos hoje, parceiro?

Ele me olha por cima do ombro, como se eu fosse meter uma faca nas suas costas. O movimento e o seu estado de embriaguez...

Oh, Cristo, minha vida está na mão de um cara que acabou de mijar no próprio sapato.

E nem notou.

Ele fecha o zíper e se vira para mim. — Você está com sorte. — Ele quase fala arrastado. — O estado tem um programa de controle novo, para criminosos violentos com temperamentos instáveis. Você é perfeito para ele.

Instável? *Eu dei um aviso ao fils de putain que machucou Maman. Disse que nunca tocasse nela outra vez. Na próxima vez que vi o desgraçado, ele a arrastava no chão pelos cabelos.*

— *Alguns estão chamando de Programa Enjaula Leão porque os internos ainda surram uns aos outros, só aprendem maneiras novas.*

Eu queria mostrar as maneiras que eu já sabia. — Nem me venha com porra de favor.

Ele apertou os olhos vermelhos. — Como seu advogado, vou lhe explicar algumas coisas. Já vi o seu tipo muitas vezes, e consigo reconhecer um futuro “prisão perpétua”. Quando estiver velho, olhando para as grades, vai lembrar essa conversa. Vai lembrar que eu estava certo. A não ser que te apaguem antes disso. — Ele sai cambaleando para a porta.

Eu esmurro o espelho, quebrando o vidro, reabrindo cada cicatriz em minha mão.

Várias e várias vezes, os cacos de vidro manchados de sangue refletem a dor nos olhos de Jack.

Porque parte dele acreditava naquele homem.

CAPÍTULO 26

DIA 375 D.F.

Ouvimos sua agonia muito antes que a chuva enevoadada nos permitisse ver.

Hoje, durante horas, Jack, Aric e eu cavalgamos a largo, desacelerando só por causa disso: da colônia pestilenta que Jack tinha comentado.

Na nossa frente, um vale cheio de moribundos, centenas de homens. Sangue escorria pelos seus olhos, narizes e bocas. A doença tinha retorcido todas as juntas dos seus corpos, como se os ossos estivessem fraturados.

Seus gritos provocavam um barulho tão alto quanto o de um estádio cheio de torcedores. Jack teve que elevar a voz para dizer, — Eles chamam essa de febre quebra ossos. Por causa do jeito que o pessoal fica, e porque acham que a dor é insuportável.

— Há tantos. — A visão me deixou perplexa. O dia todo me senti estranha por causa do meu sonho com Jack, mas aquilo...

— A colônia está crescendo, — ele disse. — Só era um pedaço. — Fileiras de barracas aleatoriamente dispostas enchiam a terra arada. — Alguns dizem que esse lugar vai continuar se expandindo, como uma praga de carrapatos, até que não tenha mais sobreviventes do Flash.

Pelo perímetro, corpos foram descartados em pilhas. Eles eram diferentes dos corpos que encontramos ocasionalmente pelo caminho, e dos que passamos por cima. Corpos com peste eram tão disformes que não ficavam deitados retos no chão. — Como se pega?

— Par le sang. — *Pelo sangue*. — Talvez pelo ar, também. Eu planejava que a gente fosse passar por perto, não pelo meio.

— Todos esses homens foram abandonados aqui? — Não via mulheres nem crianças. — Sem ninguém para cuidar deles?

Aric levantou o visor. — É contagioso demais. — Morte não se preocupava com uma infecção. — Assim que o sangue se mostra, estão condenados a uma morte angustiante. Sem cura, sem sobreviventes. Imagino que a dor está quase no mesmo nível da causada pelo seu veneno.

— Ou pelo Toque da Morte? — Hoje falei pouco com Aric. Vagamente me lembrava dele voltando, me encontrando acabando de acordar, levantando a cabeça do peito de Jack. Ele vasculhou meu rosto, então me deu um aceno de satisfação, — Cumpru sua promessa.

— Perfeitamente, Imperatriz.

— Se está se espalhando, onde vai parar? — *Ela alcançaria o Forte Arcana?*

Jack abriu os lábios para falar alguma coisa, depois achou melhor não. — Vamos pensar nisso mais no futuro, bébé. Uma coisa de cada vez, non?

— Como evitamos esse vale?

— Não dá, ou nunca vamos chegar em Dolor no prazo. A gente teria que recuar quilômetros até a última passagem pelas montanhas. Os traficantes devem ter descoberto um desvio, talvez por uma mina. Mas, eu não conheço.

De tantas maneiras de morrer naquele mundo novo, a febre quebra ossos estava no top das piores. — Vamos optar pela segurança e voltar.

— Olha, vou usar uma bandana, eu. — Jack tirou uma da mochila, deixando a chuva encharcar o tecido. — Tem uma trilha na margem oeste. — Ele apontou para uma trilha estreita entre a última fileira de barracas e um curso d'água. — Vamos por ela e a gente atravessa em poucos minutos.

— Só há espaço para um por vez, — observou Aric.

Virei para ele. — Não concordarei com isso a não ser que Jack vá atrás de você.

Divertimento. — Eu preparo o caminho para o seu escudeiro?

— Não vai ficar doente, vai? Nem eu. — Eu achava. — Vá primeiro, depois Jack e depois eu. É o que mais faz sentido.

Aric curvou a cabeça daquele jeito convencido. — Como deseja. Lembrem o meu sacrifício.

— Evie, você não para, pelo motivo que for, — falou Jack. — Essa não é hora de ajudar uma vítima nem de mostrar compaixão.

— Na realidade, eu concordo. — Aric baixou o visor. — Nos aproximamos dos Enamorados. Precisa conservar seus poderes.

— Então, não use, — acrescentou Jack.

— Ouvi os dois muito bem.

— Ótimo. — Aric esporeou o cavalo e desceu. Jack foi bem atrás dele, olhando por cima do ombro para se certificar que eu estava por perto.

Descendo o vale, os gritos eram mais altos. Por longos e tensos minutos corremos pela trilha, os cascos levantando terra.

Quase atravessando!

Do outro lado do vale, Aric e Jack subiam a elevação. Eu não estava muito atrás...

Um homem passou na frente do meu cavalo.

Com um grito, puxei as rédeas. A égua sacudiu a cabeça e endireitou as patas, deslizando até parar. Mais alguns centímetros e eu teria passado por cima do homem!

Olhos derramando sangue, a boca aberta, ele gritou de dor, como se tentasse se comunicar assim. Mais doentes vieram mancando em minha direção. Ao meu lado, um homem vomitou sangue em um pequeno afluente d'água. A égua se afastou para o lado com os olhos arregalados, as narinas dilatando.

Como se assistisse a um descarrilamento em câmera lenta, segui o curso do sangue que corria. Ele encontrou o rio, levado embora pela corrente, como se a peste pressentisse novas vítimas rio abaixo.

Quantos seres humanos mais poderíamos perder?

Os doentes ergueram os braços contorcidos para mim. Implorando sem palavras, eles ofereciam as mãos; os dedos abertos, dobrados em ângulos estranhos.

Como galhos.

Os homens não tinham intenção de atacar, só rogavam com os olhos ensanguentados, gritando entre espasmos. Eles queriam que eu desse um fim aos seus sofrimentos.

Eu poderia? Eu poderia conter a propagação? Minhas inscrições se moveram, como se meus poderes tivessem esperado por um propósito assim.

Lágrimas se formaram quando eu entendi. *Poder é o seu fardo.* Era isso que Matthew tentou me dizer.

Esses homens morreriam em agonia, ou morreriam agora. De qualquer forma, já estavam mortos. Como fiz com Tad, eu poderia fazer com que dormissem e jamais acordassem.

Uma morte tranquila.

O vento soprava a meu favor.

Jack e Aric tinham chegado ao outro lado. Os dois me pediram para não fazer isso, tinham concordado que era uma péssima ideia.

— Evie, vem! — chamou Jack.

Uma parte pequena que desaparecia dentro de mim queria que eu fosse logo com eles. Que eu não balançasse o barco. Que seguisse o que eles queriam e esperavam de mim.

Então lembrei que a Imperatriz de todos os Arcanos levava uma coroa por um motivo.

A bruxa vermelha sussurrou, “Deméter¹⁹ detém com crueldade, e dá em abundância. DÊ.”

Esporei a minha égua, forçando meu caminho pela multidão. Eles choraram quando acharam que eu não poderia, ou que não iria, ajudá-los. Alguns se arrastaram atrás da minha égua. O barulho ficou caótico.

¹⁹ Deusa grega.

Eu tirei uma luva. Enrolei a manga, expondo minhas inscrições douradas. A última vez que usei o meu símbolo do esporo, só tive a intenção de fazer os soldados dormirem.

Agora enchi minha mão com o meu veneno mais letal. Com as lágrimas caindo, dobrei a mão.

Juntando os lábios, soprei.

Como se mandasse um beijo.

Virei quando os olhos do homem mais próximo se fecharam. Olhando para frente, chorando silenciosamente, cavaleguei. Atrás de mim, meu veneno se espalhou como uma onda de explosão.

O ruído constante foi diminuindo até eu conseguir ouvir corpos caírem. Um eco final dos seus gemidos. Um choro perdido aqui e acolá.

E então, silêncio. No meu rastro, deixei um aglomerado de corpos. Poder era o meu fardo.

Ele pesava tanto quanto uma coroa de estrelas.

Quando cheguei ao cume, Jack estava com as sobancelhas próximas; os olhos brilhantes de Aric se estreitaram. Mas, nem me importei se estavam com raiva.

Jack me surpreendeu, dizendo, — Agora que acabou, fico contente. Você cauterizou uma ferida e salvou sabe-se lá quanto mais pessoas.

Coloquei a luva. — Tudo bem, pode falar, Aric.

— Como o mortal disse, terminou. Imperatriz, você livrou muitos de um curto e desprezível destino. — Seu tom estava cheio de orgulho. — Às vezes, um ceifador é bem-vindo.

Jack franziu a testa para ele, como se não conseguisse ligar aquele homem com o assassino indiscriminado que ele acreditava que o cavaleiro era. Aric segurou seu olhar. — Nunca negue o poder da Morte.

CAPÍTULO 27

DIA 376 D.F.

— Tem alguma coisa errada, — falou Jack mais à frente, a balestra já a postos. Ele estava em uma trilha sulcada dentro de outra em um cânion estreito. Aric cavalgava ao meu lado.

Desde a colônia de ontem, falei pouco com os dois. À noite, nos abrigamos em um velho posto de gasolina, e eu apaguei no momento que escorei a cabeça.

Apesar do fato de estarmos passando como a linha pelo orifício da agulha que era um agregado de minas canibais.

Agora, nós três examinávamos os arredores. Ou tentávamos. Depois de quilômetros sem fim na estrada, a névoa tinha engrossado até sermos obrigados a desacelerar. Jack ia a só uns quatro metros à frente, mas eu mal conseguia lhe enxergar.

— Certo, Ceifador, está sentindo alguma coisa? — Jack esperou que chegássemos, e então se colocou do meu outro lado.

Aric inclinou a cabeça protegida pelo elmo. — Uma ameaça na próxima curva.

— Quer voltar, você?

— Assim que me vir em um verdadeiro combate, saberá que nunca deveria me fazer essa pergunta.

E a competição acirrada prosseguia!

— Eu disse que sinto uma ameaça, não um exército, — Aric acrescentou, baixando o visor. — Mas se você estiver apreensivo...

— Só tenta me acompanhar, você.

Quando fizemos a curva, espiei pela escuridão. Havia algo grande mais à frente. Um carro-tanque capotado?

Holofotes movidos a eletricidade acenderam, penetrando a neblina, machucando meus olhos.

Quando minha visão ajustou, vi um ônibus parado atravessado na estrada, chapas metálicas cobrindo as laterais. As palavras PEDÁGIO HUMANO estavam pintadas nelas com tinta vermelha. Em cima do ônibus? Uma torre de artilharia caseira. Alguém tinha arrancado metade de uma antena de satélite e feito uma abertura para encaixar uma arma das grandes.

Seria a que Selenia tinha chamado de calibre cinquenta? Se uma daquelas conseguia penetrar montanhas, podia nos partir ao meio.

— Bloqueio dos chapéus-pretos, — murmurou Jack. — Malditos traficantes.

Um trio deles preenchia o topo, um atrás da torre e mais dois só com as cabeças para fora, detrás de uma blindagem de aço enrugado. Eu não conseguia ver o cara da torre, mas os outros dois se pareciam, com rostos cheios de sardas e cabelos ruivos compridos debaixo dos bonés. Tinham que ser irmãos.

O ônibus não chegava aos limites laterais da ravina, então os traficantes tinham colocado arames laminados, que chegavam até a altura dos meus ombros. Deixando o bloqueio à prova de fuga.

— Mãos para o alto, todos vocês! — O Cara da torre gritou, girando a arma. — Isso aqui é um pedágio. Se quiserem viver, vão fazer tudo que a gente mandar.

Eu levantei as mãos, franzindo a testa para Jack. Quando foi que tinha se aproximado tanto do ônibus?

Aric também levantou as mãos. — Não queremos problemas. — Ele parecia se forçar para não rir.

A atenção dos traficantes ficou concentrada nele, um estranho coberto por uma armadura. — Onde conseguiu isso? — Cara da torre perguntou. — Saqueou um museu? — Ele olhou por cima da antena para ter uma visão melhor, revelando a barba comprida e sobrancelhas com pelos gigantes.

Em uma voz ressonante, Aric explicou, — Uma divindade da morte me mandou uma visão, conduzindo-me a um ossuário, uma cripta de ossos. — Estava ganhando tempo para Jack? Para que fizesse o que? — Encontrei esta armadura no corpo de um notório guerreiro, o modelo, eras à frente de seu tempo, com o metal já impregnado de morte. Um bom sinal para alguém como eu.

O cara da torre olhou para os seus companheiros. — Outro maluco. Seu cavalo está doente?

Agora poderia ser um bom momento para invocar a bruxa vermelha. *Os homens notariam se eu furasse minhas mãos erguidas?*

Mas semear heras demoraria muito...

Um daqueles holofotes se focou em mim, tão forte que deu para sentir seu calor.

— Você, o menino aí atrás! Baixe o capuz.

Protegi os olhos. *O que está acontecendo, Aric?* Jack parecia uma sombra.

— *Seu mortal está prestes a atacar. Distraia-os com algo.*

Toquei meu capuz e o desci, centímetro por centímetro, enquanto eles me fitavam com toda atenção.

O Cara da torre arfou. — Santo Cristo! Uma garota! Quem quer ser o segundo?

Um dos ruivos disse, — Uma adolescente. Linda como essa noite que não acaba. Avisem a casa. — O outro estava mexendo em um rádio?

Um segundo depois, Jack estava em pé na sela, balestra nas mãos.

— Que porra é essa? — O cara da torre virou a arma na direção dele, mas a mira dela não chegava até lá.

Jack pulou em cima do ônibus, a ponta de uma das botas batendo na lateral de metal; ele segurou o teto com a mão livre e pulou nele.

— Não, Jack! — Tinha muitos!

Morte arremessou uma espada, espetando um dos irmãos no tórax. Jack atirou uma flecha no outro.

Os ruivos caíram, mas não antes de um tiro ser disparado.

Por que Jack vacilou para trás? E apertava o peito!

Tiro.

— NÃO!

— O mortal veste sua própria armadura, Imperatriz, — disse Aric.

Quando Jack se recuperou e correu, me engasguei com um suspiro de alívio. *O colete!*

Isso não queria dizer que não iria lhe matar por ser tão descuidado. Só um de nós poderia morrer ao levar uma bala, ele!

Ele mirou a balestra no cara da torre, ordenando que se aproximasse. Quando Jack apontou para baixo, o homem se ajoelhou obedientemente.

— Tem quantos mais na casa?

— A gente nunca quis fazer mal, filho! Eu não ia machucar ela.

— Quantos? Ou faço isso bem devagarzinho, eu.

— Vai me deixar vivo se eu te disser?

— Veremos. Quatro. Três. Dois. Um.

— Tem nosso chefe e mais catorze.

— Armas?

— Até os dentes. É deles que devia ir atrás! Eles teriam estuprado a sua namorada, — falou o homem que perguntou quem seria o segundo.

— Tem mulheres à venda?

O cara da torre sorriu, sem dúvida achando que estava salvo. Ele não tinha ideia de que cavava a própria cova. Se admitisse que machucava mulheres...

— Aqui não, filho, mas, temos uma leva de novinhas vindo. — Ele alisou a barba com uma expressão safada. — As coisinhas mais bonitinhas que já viu na vida. Treinadas e tudo mais. Inferno, eu deixaria que você experimentasse de graça.

Jack atirou no homem entre os olhos. — Porra, odeio traficantes. — Ele recolheu as flechas.

O rádio soou um segundo depois: — Ouvi um disparo, seus imbecis. Não vou dizer outra vez, nada de gastar balas com Bagmen perdidos. Os merdinhas entenderam?

Jack levantou os olhos. Na direção da casa dos traficantes? A cheia, com quinze homens armados?

— Jack... o que está fazendo?

Ele já tinha pulado para o outro lado do ônibus.

— Seu mortal invadirá a toca dos traficantes. — O tom de Aric era meio divertido, meio aprovador. — Pelo presente, estou me convidando à participar de sua incursão. — Com os olhos cheios de vida, ele esporeou o cavalo na direção do arame laminado, e não parou.

Como um trator de esteira, Thanatos atravessou a cerca afiada, levando o arame na armadura, arrancando a obstrução. Barricada destruída, Aric foi atrás de Jack. Eu segui.

O chefe dos traficantes vivia em uma casa de fazenda de dois pisos iluminada como uma casa de antes do Flash. Na lateral, geradores a gasolina trabalhavam. Os seus negócios deviam ser bem lucrativos.

Aric galopou passando por Jack até a entrada frontal. Jack o xingou em francês, correndo mais para acompanhar.

Em um movimento fluido, Aric desmontou do cavalo que ainda corria. Sem parar um momento, ele caminhou com sua velocidade sobre-humana até a porta, voando pela droga dos degraus! Ele bateu, como se estivesse levando uma torta, e então ergueu as mãos em rendição.

Os homens não teriam medo de checar quem era, só veriam um cara estranho de armadura, sem arma alguma.

Um traficante abriu a porta com um olhar ameaçador, e uma pistola apontada a meio metro do peito de Aric.

Morte falou. O que quer que tenha dito fez o homem apertar o gatilho. A bala ricocheteou, pegando o traficante na cara.

Jack olhou duas vezes e seguiu para os fundos da casa. Aric pegou a espada e invadiu a residência.

E então... um pandemônio.

Lâmpadas caíram no chão, escurecendo a área. Sombras se moviam. Lampejos de disparos. Balas desviavam de um metal místico, em um repetitivo *ping, ping, ping*.

Até uma ameoba já teria entendido àquela altura que não se deveria atirar na armadura de Aric.

Gritos vieram do quintal. Eu esporei minha égua até Jack. Mas, ele não precisava de ajuda, atirava em qualquer um que fugisse. O Caçador sabia que uma visão como a de Morte levaria os homens a correr pelos fundos da casa. Então ele só ficou lá, esperando.

O conflito terminou em minutos. Aric matou todos de dentro; Jack os de fora.

A fileira de corpos ia do quintal até dentro da casa. Bem onde os corpos perfurados com flechas terminavam, os decapitados começavam.

O inimigo era história. Nem Jack nem Aric me permitiram ajudar. Nenhuma invocação da bruxa foi necessária.

Com um aceno para mim, Jack recolheu suas flechas, o rosto machucado vermelho com agressão, e entusiasmo?

O calor da batalha.

Na porta dos fundos, Aric levantou a grade do elmo, sorrindo para ele. — Oito a sete.

— Só um a mais que eu? — Jack pegou um rádio do cinto de um homem morto e encaixou no seu. — E tem uma armadura da cabeça aos pés.

Os dois pareciam... meninos. Sentia vontade de estrangular os dois. Nenhum devia ter sido tão imprudente indo até ali, nem ficado tão satisfeito depois.

Ou talvez estivesse irritada por não ter participado.

Na porta, um homem com uma flecha no olho gemeu. Ainda vivo. Jack se adiantou para terminar, mas Morte chegou antes dele, removendo a luva no caminho.

Aric olhou para Jack ao encostar a mão no rosto do homem.

Linhas negras horrendas se ramificaram pela pele do traficante quase morto. Ele arfou para gritar, tentando afastar a mão de Aric em um frenesi.

Não havia dor maior do que o toque da Morte. Ela ultrapassava até a da peste, e a do meu veneno.

— Pense duas vezes ao tentar me atacar, — Aric disse a Jack quando o homem ficou imóvel. — Oh, e agora o placar está nove a seis. — Ele levantou, vestindo a luva.

Jack pegou a flecha, evitando contato com a pele em putrefação do morto.

Aric deu risada. — Meu toque não é contagioso, mortal. A Peste Negra foi um tributo à mim; não o contrário.

— Dá no mesmo... — Jack enxugou a ponta da flecha na sola da bota. — Se já acabou de se exhibir, eu vou limpar esse lugar. — Ele chutou o corpo para longe da porta e acenou para eu entrar, para que assim pudesse trancar aquela entrada. — Vamos ficar aqui um tempinho e dar um descanso aos cavalos.

Eu mordi o lábio. — Temos tempo? — Dolor ficava a só um dia a cavalo, e eu ansiava para chegar em Selenia.

— A gente compensa com os cavalos descansados. Venha, você.

Garras a postos, segui Jack e Aric até a frente da casa. Meu queixo caiu ao ver a destruição provocada por Morte: cabeças e buracos de bala por todo lugar. As penas do sofá coladas ao sangue nas paredes. Armas esfumando presas nas mãos dos mortos. O fogo na lareira queimava, alheio ao que aconteceu.

— Com relutância, admito que estou impressionado, mortal, — disse Morte. — Achei que só era bom em roubos.

Com um sorriso maldoso, Jack falou arrastado, — Roubo é a segunda coisa na qual sou mesmo bom. — Ele se virou para mim, todo convencido. — Não é verdade, bébé?

Morte agarrou o punho da espada. Jack não tinha ideia do quão o cavaleiro estava perto de lhe decepar.

— Aric, por que não vai pegar sua outra espada? — acrescentei mentalmente, *Você me fez uma promessa.*

— Ele corteja a própria ruína.

Por favor?

— Imperatriz, — ele disse entredentes, inclinando a cabeça antes de sair.

Assim que ficou longe do alcance de nossas vozes, falei para Jack, — Não precisa provocá-lo assim.

Jack checou atrás de uma porta. E em outro canto. — Provoco para extravasar um pouco, senão explodo.

— E se for longe demais?

— Você tem essa ideia dele como se fosse invencível. Todo homem tem uma fraqueza.

Matthew sempre disse que a fraqueza de Aric era eu.

— Tem uma rachadura em algum lugar da armadura do Ceifador. Só preciso encontrar, eu.

Antes de poder dizer mais, Jack se virou na direção da escada.

No andar superior, investigamos cantos e armários. Um quarto estava cheio de roupas e pacotes, roubados dos escravos, enquanto mais três estavam mobiliados e impecáveis. Também, aquele chefe usufruía de um trabalho doméstico escravo.

— Oh, ouais, vamos passar a noite aqui. As janelas aqui são pregadas, não tem nada para subir do lado de fora. Segurança decente.

— Não acha que mais traficantes vão aparecer?

— Non. Mas, só para garantir, vamos arrastar todos os corpos e colocar lá na frente. — Descemos as escadas. — Qualquer um com um pouco de juízo vai passar direto.

— Por que se arriscou tanto? Pulando no ônibus? — Não tive tempo para processar suas ações. Agora não era a hora também, mas igual a Jack disse, eu precisava extravasar um pouco. Parei na base dos degraus. — Quando eu vi você levar um tiro...

Ele se virou para mim, enroscando o indicador debaixo do meu queixo. — Eu estava bem.

— Não finja que foi bobagem.

— Eu sei me cuidar. E posso te proteger tão bem quanto Morte pode. Prover, também. Ele só passou na minha frente, non?

Jack tinha arriscado a vida para me provar isso?

— Aquele bastardo sabia que o Flash viria e deixou tudo prontinho. Só me dê um tempo.

— Não se arrisque mais desse jeito.

Ele baixou a mão quando ouviu o meu tom mais que sério. — Não posso prometer isso. Não sabemos com o que vamos bater.

— Um-um. Não. Não vai mais se arriscar assim outra vez. Pessoas dependem de você. Se eu me comprometer com você, e esse se é um *se* bem grande, prometeu merecer a minha confiança. Não pode fazer isso se estiver morto. Talvez sinta vontade de morrer?

Ele rolou os olhos. — Eu não sinto.

— Me prometa que não vai mais correr riscos desnecessários.

Ele abriu a boca para argumentar; deve ter visto que eu não engoliria. — Tudo bem. Prometo. Satisfeita, você?

Depois de um tempo, eu assenti.

— Então, vamos. Vamos terminar de limpar esse lugar. — Ele foi na frente.

Agora que fechamos as portas para o exterior, o primeiro piso tinha esquentado, ar quente expelido pelas saídas de ar. Na cozinha, olhei a dispensa e a encontrei abastecida com alimentos enlatados e encaixotados.

Quando Aric se juntou a nós ali, Jack fechou a cara. — Achei que não fosse agourar a nossa porta por mais tempo.

— Lembre-se que eu possuo velocidade super-humana. Também tive tempo de levar todos os corpos para fora, na intenção de repelir visitas indesejadas. — Ele teve a mesma ideia que Jack. — Depois de amarrar os cavalos, apressei-me para retornar para perto de minha esposa.

— Continue chamando ela assim, mas se uma fille tentasse me matar na minha noite de núpcias, eu pensaria duas vezes sobre esse casamento.

Aric estreitou os olhos.

Me coloquei entre eles. — Não devíamos vasculhar o resto da casa? Sobrou a garagem.

Depois de um momento de tensão, Jack seguiu em frente. Como se em um acordo silencioso, ele e Aric me deixaram no meio.

Quando entramos na área de serviço, a máquina de lavar estava ligada. — Por que o chefe usa tanta eletricidade? Com os holofotes e os aquecedores, e todos esses eletrodomésticos, teria que deixar os geradores ligados direto.

— O homem provavelmente sabe que o combustível vencerá em breve, — falou Aric.

— Vencer?

Jack respondeu, — Gasolina só dura um ano ou dois.

— O quê? — Devia ter aproveitado mais a eletricidade da casa de Morte!

— Só dura esse período, — Aric disse alegremente, — a não ser que alguém possua aditivos especiais introduzidos em seu estoque. — Para mim, ele acrescentou, — A nossa ficará preservada por mais de cinquenta anos.

Jack parou de andar, se virando para nos olhar. — Os aditivos militares não aumentam a validade dela por mais de cinco anos.

— Nos EUA? Comprei essa tecnologia no estrangeiro.

— Quantos barris você tem? — Jack o olhava com tanta intensidade que me fez pensar que Aric provavelmente sofreria uma invasão de residência muito em breve.

— Barris? Nenhum. Tenho tanques.

Jack coçou o queixo com um olhar ávido. Mas também havia algo mais, claro que não podia ser um respeito involuntário?

Aric me olhou. — Seu estúdio de dança sempre ficará iluminado, como o seu estúdio de arte. As bibliotecas, é claro. A piscina continuará aquecida pelo tempo em que vivermos. Quem precisa de sol quando temos acres de lâmpadas ultravioletas?

Olhei de imediato para Jack. Eu podia lhe dar todo o tempo do mundo, e não importava o quanto se esforçasse, nunca poderia chegar ao mesmo nível da situação do esconderijo de Aric. Achava que Jack chegou à mesma conclusão naquele exato momento.

— A Imperatriz não contou como era a sua nova vida? — questionou Aric. — Como era mimada em tudo? Ela apreciava comida fresca diariamente e um cozinheiro para prepará-la. Dormia em sua cama quente em uma opulenta torre recheada com um guarda-roupa novo e com toda comodidade imaginável.

Jack não era fã de gente rica antes do Flash. Não achava que isso mudaria só por causa de um apocalipse.

— Ela teve tempo para ler e desenhar. Na verdade, — Aric se inclinou para frente, prendendo o olhar de Jack, — ela costumava dançar para mim todos os dias.

Aquele músculo se contraiu na mandíbula de Jack. Ele parecia tão irado quanto da primeira vez que Aric me chamou de “esposa”. Mas daí, ele ridicularizou: — No começo não foi assim, não. Tudo isso veio depois que entrou na cabeça dela. Acha que isso não é Síndrome de Estocolmo?

— Os sintomas realmente existem.

Jack piscou com a sinceridade de Aric. — Por que não me conta o que fez depois que a sequestrou? Evie se recusa a contar.

— Muito bem. Eu a fiz caminhar léguas, descalça, sem agasalhos e congelando. Ela ficou amarrada, para não conseguir romper suas correntes. O tempo inteiro jamais soube nem se iria nem quando iria matá-la. — O porte de Aric não era nem um pouco orgulhoso, mas ele parecia determinado a admitir todo o mal que cometeu.

Então, entendi; aquilo era a mais pura franqueza.

Ele não tinha terminado. — Gargalhei quando ela chorou sua morte e a insultei com a maior frequência possível. Embotei seus poderes com um cilício que penetrava mais em seu braço a cada hora do dia. Para livrar-se dele, ela teve que persuadir Fauna a arrancar sua carne com as garras.

Minhas inscrições se moveram quando me lembrei da dor.

Jack arregalou os olhos. — Uma parte minha quer castigar você por tudo isso. Outra parte quer que continue falando, que continue cavando a própria cova.

Aric exalou de modo cansado. — Você ainda precisa entender o que é a verdade.

— E o que é?

— Qualquer mal que eu faça em minha busca por ela é compensado pela minha honestidade. A Imperatriz suporta qualquer coisa, menos fingimento, porque sempre precisa saber onde pisa. Ela é assim desde o começo dos tempos.

Ele tinha razão. Eu aceitava melhor a perda de um braço do que as mentiras de Jack para mim: “Segredo nenhum. Só o quanto que eu te desejo.”

Jack não se intimidou. — Verdade? Como contou sobre a mãe dela, fora de contexto? Aposto que não via a hora de contar.

— Ele não contou, por meses, — eu falei. — E só quando eu o pressionei.

Aric se moveu para mais perto de mim. — Se tivesse feito o mesmo com a mãe dela, e eu teria feito, sem hesitar, a Imperatriz teria ficado sabendo imediatamente. — Em um tom tão antigo quanto o tempo, Morte disse, — Mortal, se há uma coisa que aprendi em todos os meus anos, é que: mentiras são maldições que joga em si mesmo.

Meus lábios se abriram. Naquele momento, lembrei porque tinha começado a me apaixonar por Aric.

Tremor interno. Se ao menos ele tivesse aprendido durante todos os anos que viveu a não coagir mulheres a transarem com ele.

Como se tivesse lido a minha mente (embora não tenha sentido sua presença nela), Aric perguntou a Jack, — Sabe por que ela me deixou naquela noite?

— Para vir me resgatar!

— Conteí a ela que poderia libertá-lo facilmente se ela dormisse comigo. Eu a pressionei, e ao invés de se entregar a mim, ela me drogou para poder escapar. Então, se acha que eu poderia fazer com que essa mulher fizesse algo que realmente não queira fazer, uma vez que fosse, está tão enganado a respeito dela quanto eu já estive.

Jack parecia esmagar os molares. — E me conta isso também?

— Não tomo atitudes que não possa relatar publicamente. Se não consegue falar de seus feitos, então não os faça.

Se a bravura de Jack era como algo vivo dentro dele, a sabedoria de Aric radiava.

Jack claramente não sabia o que pensar de Morte, uma situação incomum para o perceptivo Cajun. Já que a resposta de escolha de Jack tendia para uma de raiva pura, com um lado de ação, eu precisava evitá-la.

— Olha, gente, podemos assegurar logo esse lugar? Estou exausta.

Devo ter soado tão cansada quanto estava porque Jack assentiu. — Ouais. Vamos, bébé.

No final da área de serviço havia uma porta. Um molho de chaves pendurado na parede ao lado dela. Elas pareciam com chaves de carceragem, antigas.

Jack levantou a balestra e ligou todos os interruptores. — Se afaste.

Aric desembainhou uma espada, me empurrando para detrás de si.

Quando Jack abriu a porta, lâmpadas fluorescentes faiscaram na garagem gélida, iluminando o espaço.

Espiei por trás de Aric. — Oh, meu Deus...

CAPÍTULO 28

— Deve ter uns vinte. — Jack baixou a balestra.

Homens parcialmente vestidos, todos tremendo de frio.

Aric embainhou a espada. — Estão presos. — Os prisioneiros foram acorrentados pelos calcanhares em parafusos separados.

— Presos? — sussurrei. — Não vamos soltar eles?

Tanto Jack quanto Aric negaram com a cabeça, e depois pareceram irritados por concordarem em algo.

— Só porque foram pegos pelos traficantes não quer dizer que sejam inocentes, — falou Jack. — Podem ser traficantes rivais, assassinos, estupradores. Não precisam ter todos os dentes para serem canibais.

Alguns homens me olhavam de um jeito perturbador. Um passou a mão pela genitália ao me fitar. *Argh!*

Associei por tanto tempo pessoas algemadas a pessoas boas que senti um impulso equivocado de ajudar.

Um homem mais novo no meio deles falou para Jack, — Eu sou Rodrigo Vasquez. Franklin me passou uma mensagem, disse que eu ia me encontrar com você na estrada. — O cara tinha cabelo escuro ainda mais comprido que o de Gabriel e olhos de um castanho escuro. Bonitinho. E amigável? — Mas fui capturado.

Jack pegou o chaveiro, e então foi até o preso. — Tem mais alguma coisa para me dizer?

— Oh. Sim. — Rodrigo disparou uma sequência de números e letras.

Eles tinham um código?

Jack tirou as algemas. — Vá pegar roupas e as suas coisas. Alerta sua gente por rádio. Diga que estou pronto para me encontrar com eles. — Os co-conspiradores. Seu plano estava funcionando!

Aquele sonho dele ainda estava fresco em minha mente. Me perguntava por que Matthew tinha me dado uma visão tão específica. Talvez tivesse algo a ver com Jack se tornar um líder, desse uma pista sobre o seu futuro, das coisas por vir.

Nenhum homem poderia ter mais determinação em se fazer ser alguém.

Quando Rodrigo passou por mim e por Aric e entrou na casa, ele engoliu em seco.

Aric suspirou. — É de se pensar que depois de dois mil anos, eu já esteja acostumado a expressões de medo.

Para o resto dos homens, Jack falou, — Não vamos matar vocês, se cooperarem. Vou fazer umas perguntas.

— Você é o Caçador! — Um homem macilento exclamou. — Da nação Cajun. Ouvi falar de você.

Outro cara falou, — Você matou uns mil Bagmen! Só com as mãos.

Jack estava se transformando em uma lenda viva. Ele só precisava de um touro azul chamado Babe²⁰.

Ao invés de negar uma alegação tão estrambólica, Jack disse, — Eu estava entediado naquele final de semana, eu. — Ele não era um convencido por natureza, mas, alimentar aquele rumor era inteligente.

— Você anda com aqueles Arcanos, — disse outro homem.

— Tenho um par novinho comigo agora, — Jack respondeu. — Um vai ficar comigo, o outro vai embora.

Aric deu uma risada sem graça. — É quase fascinante o quão ele é confiante. — Como fez ontem, Morte observava Jack com avidez.

— De volta com as perguntas, — falou Jack. — Tem algum médico aqui?

Ninguém levantou as mãos.

— Eletricista ou mecânico? E não me enrolem, porque sei o suficiente para dizer se estão mentindo. — Jack tinha lido aqueles livros para conseguir determinar se alguém tinha ou não habilidades úteis. — Algum tem experiência com algo que tenha valor hoje em dia?

Alguns levantaram as mãos.

— Nada de advogados, — Jack cuspiu, e um homem baixou a mão. — Não procuro restauradores de carro, gerentes de fundo multimercado, nem vendedores. — Com uma piscada para mim, ele disse, — E pelo amor de Deus, nada de psicanalistas.

Não sobrou mão nenhuma no ar.

— Vou soltar vocês quando estivermos saindo. Agora, tem alguns provavelmente pensando em seguir a *ma belle fille* aqui, porque devem ser mesmo burros. — Ele estreitou os olhos para um cara que me olhava e lambia os lábios. — Ela é um Arcano. A Imperatriz deles. O que quer dizer que é basicamente uma Mãe Natureza violenta.

— Se a carapuça serve.

Cala a boca. Não estava com humor. Embora a sinceridade de Aric tivesse me afetado, ainda estava um pouco abalada por reviver o que passei com ele.

²⁰ Referência ao herói popular americano Paul Bunyan.

— Ela é cheia de veneno, e já vi rasgar um homem no meio com as suas heras.

Jack se virou para mim. — Mostre para eles um pouco do que tem, Imperatriz.

Eu hesitei. Nunca exibi minhas habilidades para ninguém que não fosse Arcano. Mas Matthew tinha dito que manter segredo não importava mais agora.

Então deixei minha hera corporal crescer, um caule de rosa. Saindo pelo meu colarinho, ela subiu como uma serpente, e então se enroscou em volta da minha cabeça em posição de “coroa”, folhas nascendo. Descobri que usá-la assim era uma maneira de conforto.

Queixos caíram.

Quando o ar ficou forte com o cheiro de rosas, ergui minhas garras roxas. Tocando o quadro de distribuição de energia mais próximo, cortei a porta de metal como se fosse de papel.

Arfares foram ouvidos.

Com uma risada, Aric se pôs a entrar na casa, e eu segui.

Ouvi Jack dizer aos homens, — Qualquer um que não for muito fã do próprio saco, vá tentar alguma coisa com ela. O resto saiba que nós vamos construir um refúgio na Louisiana, um lugar chamado Nova Acadiana, só para chapéus brancos. Se preencherem os requisitos necessários, vão ter algo muito bom pelo qual lutar.

Quando Jack trancou a garagem e se juntou a mim e a Aric na sala de estar, Rodrigo tinha retornado, vestido, armado e segurando um rádio.

Quando Aric caminhou para a lareira, esporas batendo no chão, Rodrigo o seguiu com os olhos em uma mistura de admiração e temor.

Jack estalou os dedos para o homem. — Ouviu alguma coisa?

— A reunião é hoje. Vão mandar uma caminhonete para cá. — Ele pisou em uma das manchas do carpete, e sangue salpicou em volta da sua bota. — Vou lá para fora hastear a bandeira. Hora de chegada estimada em quinze minutos.

Jack falou, — Vou levar minha namorada comigo.

Aric negou lentamente com a cabeça. — Acha mesmo que eu permitirei que a leve para longe do meu alcance? Direto para uma reunião com soldados? Está caducando em plena juventude.

Rodrigo disse, — Hã, as condições da reunião são que você apareça sozinho e desarmado, sem Arcanos.

Assim que o homem saiu, me dirigi a Jack, — Não gosto de você indo sozinho. Muito menos sem armas. Deixa a gente te seguir.

— Essa noite é importante, peekôn. Tem que confiar que eu sei o que faço.

— Em outras palavras, a Imperatriz deve confiar que você saiba em quem confiar, — falou Aric. — Se os seus co-conspiradores lhe traírem, o nosso elemento-surpresa se compromete. Seguramente, Milovnici pôs um preço em sua cabeça.

— Sim. Sou o mais procurado pelo general, e ele não brinca em serviço. A recompensa é uma mulher, livre e pura.

Minhas garras se afiaram ao ouvir da ameaça à vida de Jack, e da ideia de uma mulher ser negociada desse modo.

— Você requer que a Imperatriz ostente suas habilidades, mas não apenas para assustar aqueles escravos, — disse Aric. — Está nos usando para assegurar o poder. Assim que livres, aqueles homens disseminarão a informação que você deu forma.

Jack assentiu. — Vai chegar um momento em que os soldados terão mais medo de nós do que do general.

— Guerras são vencidas pela percepção. — Aric acariciou os pelos loiros que nasciam em sua barba. — Inúmeras vezes, testemunhei isso.

— Deixei que eles acreditassem naquele boato sobre eu e os Bagmen porque pessoas querem acreditar que algo assim pode mesmo acontecer. Precisam acreditar nisso. — Uma nova história para contar. — Como precisam acreditar que tem uma menina por aí que pode cultivar os solos; se conseguirem aplacar a sua fúria.

— Está a transformando em uma divindade da natureza. Com suas próprias fábulas. — O tom de Aric não expressava desaprovação, era mais contemplativo.

— Ouais. No momento quero que o maior número possível de pessoas pense que atravesso o interior junto com a vida e com a morte...

Aric soltou, — E está.

— ...e que os dois exigem ordem.

Faróis brilharam pelas janelas. Jack olhou por trás de uma cortina e depois para mim. — São eles. Antes de ir, vou te deixar em um quarto. — Ele pegou minha mão, me levando para a escada. Por cima do ombro, anunciou para Aric, — Deixar para que descanse em um quarto; sozinha.

No piso superior, Jack foi até um quarto mais nos fundos. Paredes azuis com papel de parede de carros de corrida. — Vai ficar aqui com a porta trancada até eu voltar. Tente descansar um pouco.

— Isso é tão importante para me deixar aqui sozinha com Aric?

— J'ai les mains amarrées. — *Minhas mãos estão atadas.* — Nem consegue imaginar o que está em jogo. Se não fosse assim, nunca te deixaria sozinha. Confio em você, mas nele? Acho que aquele Ceifador é capaz de tudo.

— Estou nervosa com você indo sozinho.

— Tracasse-toi pas pour moi. — *Não se preocupe comigo.* — Vai ficar a salvo aqui com ele?

Tirei a mochila e o casaco, os jogando em cima da cama. — Viu como ele luta.

— Não, o que eu quero dizer é a salvo *dele*. Ele não vai tentar te roubar?

— Ele não pode, e não vai. Lembra o que eu fiz com a colônia, com a peste? — Como ele poderia esquecer?

Jack exalou. — Prometa que não vai deixar que ele te faça se sentir culpada por nada. Vai ser só você e eu, Evie. Só... só não faça mais nada que vá me magoar.

Em outras palavras, não fique com Aric. — Não tomei decisão alguma. E até lá, não vou fazer nada, com ninguém.

— Está dizendo que aquele bastardo ainda está na disputa? — Jack passou a mão pelo rosto. — Não estou ouvindo isso.

— Não posso negar que tenho uma história com ele. — *E uma conexão Arcana.*

O motorista da caminhonete buzinou. *Não se preocupava que pudesse atrair Bagmen?*

— Tenho que ir. Mas, a gente vai terminar essa conversa. — Com uma careta, Jack tirou a mochila das costas. Colocou a balestra na cama e removeu as armas dos coldres. Pelo menos ainda estava com o colete. — Fique com esse rádio. — Ele me passou o aparelho. — Vou levar o outro, para que possa me chamar pelo motivo que for.

Eu encaixei o clipe do rádio no bolso do meu jeans. — *Reviens back sain et sauve. T'entends? — Volte são e salvo. Entendeu?*

Meu uso do francês o fez franzir a testa. Como se não conseguisse evitar, ele agarrou minha nuca e me beijou. Rápido. Com ardor.

Afastou-se bem quando eu ia recuar. — Não quero te deixar. Depois de hoje, não planejo fazer isso nunca mais. — Quando deixou o quarto, murmurou, — Nada que vá me magoar, bébé.

Quando Jack chegou ao andar de baixo, ouvi Aric dizer, — Pode ficar tranquilo, mortal. Eu a manterei segura, e aquecida.

— Minha arma. Sua cabeça. Pense nisso. — A porta da frente abriu. Fechou.

Eu me tranquei, e então fui para a janela. Uma caminhonete aguardava. Dois caras com metralhadoras nas laterais do carro, batedores prontos para mandar pelos ares qualquer coisa que se aproximasse.

No que Jack estava se metendo? Com os ombros erguidos, ele passou pelo grupo de corpos. Com movimentos exagerados, abriu um lado da jaqueta, e então o outro. Para mostrar que estava desarmado?

Ao subir no carro, olhou para a minha janela, me dando um até logo com uma subida do queixo. Continuei olhando a caminhonete até a neblina engolir as luzes traseiras.

Como poderia não me preocupar? Uma coisa a mais em minha apreensão com Selena e Matthew. Lutei contra a vontade de tentar falar com ele, para ver como estava. Mas, se Matthew precisava de um descanso de mim, eu respeitaria.

Abri a mochila, tirei meu saco de dormir e o desenrolei encostado à parede. Tinha acabado de pensar no que Aric estava aprontando quando ele chamou de lá de baixo.

— Venha até mim, Imperatriz. — Dava para ouvir o riso em sua voz. — Por que lutar contra a tentação?

Curiosidade me apertou. Mas, me juntar a ele seria um erro. Quando ele ligava o seu charme, era a sedução em pessoa. A última vez em que ficamos juntos, ele tinha me tocado com reverência, murmurando, “É felicidade isto que sinto, não é?”

Respondi, — Vá dormir.

— Um. Você quem perde...

Exalei o ar com força. *Porcaria.*

CAPÍTULO 29

Aric esperava ao pé da escada, os ombros largos eretos, cabelo loiro secando. O pelo loiro que nascia em sua mandíbula bem desenhada brilhava à luz do fogo.

Lindo demais para o seu próprio bem.

— Estamos em uma casa com eletricidade e comida. Se não aproveita tudo o que tem a oferecer, alguém menos digno se aproveitará. — Ele levava o elmo embaixo do braço e um alforje de couro pendurado no ombro. Sua versão de mochila. O que um homem como ele trazia consigo?

Com a minha mochila na mão, me juntei a ele. — O que sugere?

— Poderia comer uma refeição quente. Venha, sievā, a não ser que coma mais, não poderá continuar cavalgando como veio.

A ideia de engolir outra barra energética me dava enjoo. A dispensa ali estava mesmo, cheia.

— Em seguida, pode tomar um banho quente e demorado. — Quando vacilei, Aric tirou as luvas e me tocou. Colocou uma mão nas minhas costas, me conduzindo à cozinha. Antes de me soltar, as pontas dos seus dedos se enterraram um pouco, como se lutasse para me largar.

— Deveríamos preparar um banquete. — Ele colocou o elmo, espadas e luvas em um balcão, a bolsa no chão.

Pedi minha mochila com a mão, mas eu não ainda não estava convencida a ficar. — Espera que usemos o fogão e cozinemos na casa de um traficante de escravos?

— Vamos fazer isso. — Seus olhos ambarinos estavam brincalhões. — E se ficarmos sedentos com o nosso labor... — Ele abriu a geladeira com a ponta protegida em metal de sua bota, revelando uma grade de garrafas de cerveja. — Não tão revigorante quanto a vodca que sempre bebemos, mas dá para o gasto.

— Mesmo com os corpos lá fora, não devíamos nos preocupar com mais traficantes aparecendo? Ou com os homens lá na garagem escapando? Ou com Bagmen? É D.F., devíamos nos preocupar com alguma coisa.

— Se por alguma razão eu não ouvir uma ameaça, Thanatos está lá atrás. Ele é bem territorialista. — Para não dizer coisa pior.

Eu fui até a dispensa. Entre as opções havia um pote de cerejas conservadas em licor, igual a que eu e Jack tínhamos encontrado na casa de Selenia.

Quando estava com Aric, as coisas me lembravam de Jack. E o oposto também acontecia. O que queria dizer que a minha sina era me ferrar. Se escolhesse um, nunca pararia de pensar no outro.

Dor esperava por mim, não importava o que fizesse. A ideia não poderia ser mais depressiva...

Minha procura revelou uma lasanha tamanho família no congelador. A caixa não tinha nem gelo nas extremidades. A refeição não seria gourmet, mas seria quente e com muito queijo.

Preparar. Apontar. Fogo. Derrubei a bolsa no chão. — Tudo bem. Vamos comer. Só para que ninguém mais coma. — Eu a coloquei no micro-ondas, e então sentei no balcão, o rádio perto.

Aric abriu duas cervejas, com as mãos, me passando uma.

As mesmas razões para beber ainda se aplicavam: morte possível e iminente mais confusão mental severa eram igual a: que se foda.

Ele apoiou um ombro largo na porta da cozinha. Era tão alto que quase ocupava toda a passagem. — Uz vezelibu.

— O que quer dizer?

— Saúde. — Ambos demos um gole. — A reunião do mortal deve ter sido terrível para que tenha nos deixado juntos.

— Jack confia em mim.

— Se você pudesse retribuir essa confiança.

Franzi a testa. — Por que tem que provocar tanto ele?

— Porque ele responde muito bem às minhas provocações. — Aric tomou um gole demorado da garrafa.

— Você o chamou de ébrio, mas, estamos aqui bebendo agora. Também gosta bastante da sua vodca.

— Ainda assim, não ando com um litro dela em minha valise.

— Não. Mas fumou ópio durante séculos.

Com os lábios curvando, ele disse, — E é por isso que eu nunca devo lhe contar nada.

— Tipo sobre os meus inimigos jurados?

Seu sorriso aumentou. — Não deixa nada passar, esposinha?

— Jack foi prisioneiro dos Enamorados, tem poucos dias. Ainda não faço ideia do que fizeram com ele, mas é seguro dizer que ele já passou por muita coisa e não precisa das suas espetadas.

O divertimento de Aric desapareceu. — Eu retribuo o que recebo.

— Se coloque na posição dele. Um homem com um toque mortal escolheu a sua namorada para atormentar, e ela não fazia ideia do motivo. Então o homem a leva. De forma violenta. O que faria se outra pessoa tivesse me tratado assim?

Sua expressão me dizia tudo.

— De qualquer modo, você é tão mais velho, não deveria ser mais maduro?

— Maduro? Sabe que não envelheço fisicamente entre os jogos, mas, provavelmente, também não envelheço mentalmente.

— Não estou entendendo.

— Entro em uma espécie de êxtase. — Olhando para a parede atrás de mim, ele falou, — Os séculos entre eles parecem um sonho demorado. Os jogos são como acordar brevemente no meio da noite, com uma sensação de ameaça ou perigo, só para voltar a repousar depois que o jogo termina.

Meu Deus, a existência dele era horrível. E, além disso, eu aparecia a cada par de séculos para abalar sua vida. Dei um gole farto.

Mas, não conseguia mais me sentir culpada pelas desfortunas cometidas por outra encarnação. E não me sentiria. — Lamento pelo seu passado, Aric. Queria que tivesse sido diferente. Eu queria ter sido diferente. Mas, me recuso a viver pagando pelo que fiz em outros jogos.

Ele pareceu se forçar a sair de um estado de confusão. — Recusa-se, realmente?

— No nosso primeiro encontro, você me fincou a espada. Em outras palavras: você começou tudo. Não me pediu para casar com você, só ordenou. Joguei com as cartas que tinha.

— Entendo seu argumento.

Não tinha esperado que fosse dizer isso.

— Vamos recomeçar, Imperatriz.

Com a boca quase encostada no gargalo, disse, — Ainda não decidi nada.

Ele fez um som de frustração. — O mortal não pode lhe provir como eu posso. Eu lhe ofereço um lar. Ele pensa que vai viver naquele posto enlameado?

Defensiva, respondi, — Jack planeja reconstruir Haven para mim.

Raiva passou pelo rosto de Aric. Ele controlou suas reações tão rápido quanto fazia com tudo, deixando as emoções ferverem debaixo da superfície. — Se deseja algo, tudo o que tem a fazer é me falar. Em pouco tempo será seu. Verá muito em breve.

Engoli em seco. Ele se referia ao presente que tinha falado? O às debaixo da manga? Quase temia saber o que seria.

E se Aric pudesse, sozinho, encerrar o jogo? Explodir a maquinaria?

— Deveaux nunca a entenderá como eu. Como apenas outro Arcano entende. — Aric substituiu minha cerveja por outra. Porque eu tinha terminado a primeira.

— Talvez não. Mas, temos outros laços. — Pensei na fita que ficou com ele por todo aquele tempo, a que agora estava em meu bolso. Pensei em nossa ânsia mútua pelo lugar onde nascemos e crescemos.

— Como nós. Temos o laço do matrimônio. — Aric colocou sua garrafa na bancada, movendo-se para a minha frente. — Penso em você como minha. Não vê os momentos incontáveis em que tenho que me conter de tocar minha esposa. — Seus olhos estavam quase incandescentes. Desse jeito, seu olhar me lembrava menos de estrelas e mais do nascer do sol.

Será que, com o tempo, eu me esqueceria de como era o nascer do sol?

Senti seu cheiro de cavaleiro: chuva, aço, e homem. Dobrei os dedos dentro das botas. Sempre que ele ficava sem a armadura, eu sentia toques de pinheiro e sândalo.

Ele colocou o quadril entre meus joelhos. Com nossos rostos quase se tocando, disse, — Se tivesse alguma ideia do que se passa dentro de mim... estou sentindo algo que nunca senti, não em meus vinte séculos de vida.

Engoli com dificuldade, incerta se queria o ouvir dizer aquilo.

A íris dos seus olhos brilhou e brilhou. Com os olhos completamente incandescentes, falou em voz rouca, — Estou apaixonado por você. — Morte irresistível. — E você retribui meu amor.

Olhei para sua boca, lembrando que beijei aquela covinha leve que tinha no lábio inferior. — Por que diz isso? — Minha voz soava muito distante.

— A minha feroz Imperatriz me protegeu antes de deixar nossa casa. Sua preocupação me disse muito. — Sua expressão se iluminou de orgulho. — Que inimigo achou que poderia vir atrás de mim, esposinha?

Perturbada, disse, — Não sei, ok? Você disse que sempre era alvo.

Ele deu um beijo na minha testa, como se me recompensasse. Quando se afastou, me deu um sorriso sincero, não um atravessado, irônico e nem um meio-sorriso forçado. Eu só tinha visto aquele sorriso algumas vezes.

E era devastador.

Sacudida interna. — Admita: depois do meu beijo envenenado, quando foi pegar sua antitoxina, achou que eu tinha lhe dado uma dose letal.

— Eu admito. E fui castigado por minha dúvida ao acordar.

— Castigado? Castigado? Você partiu o meu coração naquela noite! Não notou, e nem ligou, para o tanto que me magoou!

— Quando reconheci que não tinha superado sua paixão pelo mortal, posso tê-la... testado. — *Também me testou ontem!* — Precisava saber se sentia algo da mesma intensidade por mim.

— E se eu tivesse cedido?

Ele abriu os lábios como se imaginasse naquele momento. — Não posso acreditar que direi isto, mas fico contente que não tenha. Você me disse que poderia vir a me odiar. Não acreditei no momento, mas creio agora. Nunca deveria tê-la colocado naquela situação.

— Me testar não desculpa o que fez. Coerção não é legal.

Ele se afastou, enfiando os dedos no cabelo. — Então me ensine o que é! Não tenho experiência com uma mulher, mas, conhece minha capacidade de aprender. Posso aprender a ser o que precisa.

— Não acho que uma coisa dessas possa ser ensinada. É parte da sua essência, do que se é.

— Minha criação e história me moldaram, mas evoluo. Entrando em cada jogo, me adaptei a diferentes eras.

Eras? Como ele aguentou? Quando estava assim tão perto de mim, eu conseguia sentir o seu anseio palpável. Conseguia sentir aquela solidão dilaceradora que sofria.

Eu o imaginei em sua casa-mausoléu, inspecionando todas suas coleções desprovidas de vida. Ele tinha cuidado daqueles tesouros com devoção, daquelas relíquias do passado, porque eram tudo o que tinha, tudo que esperava possuir.

— Aric, atos altruístas podem ser alheios a você. E até sexo com você viria cheio de amarras. E se eu não tivesse percebido que não tinha uma camisinha? — A lembrança jogou combustível na minha fúria. — Estava prestes a trapacear comigo, a me trair.

Ele ergueu as sobrancelhas loiras. — Não houve trapaça alguma, sievā. Minha intenção não era enganá-la.

— Já tinha todo o meu futuro desenhado, comigo grávida, e nunca mencionou nada para mim.

Ele voltou a se colocar na minha frente, agarrando o balcão nas laterais do meu quadril. — É dessa maneira entre maridos e mulheres há milhares de anos. Na época, pensei que se éramos tão abençoados, outra benção seria bem-vinda.

Porque os seus conceitos de casamento e família eram de uma era diferente.

Ele engoliu em seco. — Me acusa de maquinação; sabe que não tenho experiência suficiente no assunto para isso. — Um rubor cobriu suas imponentes maçãs do rosto.

— Mal fui capaz de falar quando a vi nua em minha cama pela primeira vez, quem dirá conspirar.

Em um instante, minha raiva passou. Suspirei. — Acredito em você.

Ele colocou uma mão na parede atrás de mim. Com a outra, tocou meu rosto. — Então já começamos. Aprenderemos a confiar um no outro.

Jack tinha dito algo similar. Meu olhar foi para a porta.

Aric baixou a mão. — Eu tanto aplaudo quanto maldigo o seu senso de lealdade. Sem ele, seria minha. Neste momento estaríamos em nossa cama, tendo acabado de dar nosso primeiro beijo da noite.

Coloquei as mãos no peitoral protegido de Aric para lhe afastar. Minhas mãos pareciam tão pálidas e frágeis naquela armadura ameaçadora. Quantas vezes tinha arranhado aquele metal, desesperada para escapar dele?

Eventualmente, ele cedeu. — O mortal tem outra com quem se importa, pela qual arriscaria a vida. — Ele sentou à mesa.

— Jack não ama Selena.

— Talvez pudesse se lhe desse motivo. Liberte-o, e dê-lhes sua benção.

Meu coração doía só de pensar nisso. Se outras das oportunidades de Jack surgisse, ele tiraria proveito delas? Com o tempo, poderia ser possível?

— As coisas serão diferentes quando voltar para casa comigo. Eu a ensinarei o jogo. Investigaremos as histórias e Crônicas que coleciono. Ensinarei mais a respeito de seus poderes.

— Por que simplesmente não conta quais são?

Ele apontou para suas espadas. — Posso lhe dizer como empunhar uma espada, mas ainda não teria a força necessária para segurá-la. Não teria praticado. Qual seria o seu sucesso com uma em mãos, em um conflito?

— Você não é a minha única fonte. Posso ter ajuda da minha avó. Sem mencionar Matthew. E ele não exige nada em troca.

Uma expressão perturbada passou pelo rosto de Aric. — Imperatriz, deixe-o descansar. — Seu tom me deixou com um desconforto.

O timer do micro-ondas disparou, me assustando.

Antes que eu pudesse piscar, Aric estava na minha frente, tocando minha mão. Ele esperava que eu lutasse sozinha com zumbis, mas oferecia ajuda para eu descer de uma bancada?

— O que posso fazer para ajudar?

— Procure pratos e garfos.

Quando sentamos para comer, falei, — Não é tão refinado como você geralmente gosta.

— A companhia é tão perfeita, que deixa tudo refinado.

— Você sabe elogiar, tenho que admitir.

— Labu apetīti. Bom apetite. — Ele mastigou um pedaço. — Isto está surpreendentemente delicioso.

— Só fala por falar. — Eu experimentei o meu, e meus olhos se arregalaram. — Está bom mesmo.

Entre seus sorrisos vagarosos, a comida quente, a cerveja gelada, comecei a relaxar. Quando terminei o prato, minha barriga estava cheia, minha mente embriagada.

— Pressinto perguntas fervendo dentro de você. — Ele parecia tão relaxado quanto eu. — Pergunte.

Uma vez ele me disse que fiz mais perguntas nesta vida do que em todas as outras juntas.

— Por que Matthew te chama de Tredici? É o seu sobrenome? — Eu nem sabia o sobrenome de Aric. Claro, me levou três meses para saber o primeiro.

— Tredici é o equivalente em italiano a treze, o número da minha carta. Creio que o Louco já foi nativo da Itália.

Matthew tinha se apresentado como “Matthew Mat Zero Matto.” Il Matto significa O Louco em italiano.

Enquanto digeriria essa nova informação, Aric continuou, — Meu sobrenome, e o seu também, é Domīnija.

Antes que conseguisse me controlar, testei o nome em minha mente: Evangeline Greene Domīnija. Eu sempre precisaria soletrar.

Nem me incomodei em discutir. — Vai me dizer por que Matthew tem uma dívida com você?

— Guardei um segredo seu.

Finalmente ia descobrir aquela conexão entre os dois? — Que seria...?

— ...não seria um segredo se lhe revelasse.

— Mas ele quebrou a promessa.

Aric curvou os lábios. — Mas, eu não.

Beco sem saída.

Quando ele se levantou para pegar mais cervejas, perguntei, — Quais eram os meus nomes no passado?

Ele hesitou no seu caminho de volta. — Eu pronunciei esses nomes... senti... — Depois de um tempo, ele disse, — Prefiro não discutir isso. — Tão afetado assim depois de todo esse tempo?

Ele voltou a sentar, abrindo as garrafas.

Olhei para a sua mão direita, para os quatro ícones em miniatura que representavam suas matanças: uma estrela branca, uma balança azul marinho, dois chifres pretos, e um cálice de ouro. — Já sentiu o calor da batalha?

— Sim. Apreendi a controlá-lo quando a conheci. — Ele espiou meus ícones: uma lanterna e um par de dedos erguidos. — O Louco me disse que você considera sua natureza de Imperatriz uma entidade em separado. Uma bruxa vermelha.

— Ele contou isso? — *Que vergonha!* Isso me deixava parecendo uma psicopata. Jack sabia, mas só porque ouviu a minha história na fita.

Aric encolheu os ombros revestidos pela armadura. — Depois do Flash, eu a vi conter sua natureza de Imperatriz várias e várias vezes. Fiquei curioso para descobrir como fazia isso.

— Jack me ajuda nisso.

Aric estreitou os lábios. — Quando me apunhalou com as garras, mas, conteve o veneno, ele não estava por perto. Essa “bruxa vermelha” não lhe sussurrou para que acabasse comigo enquanto estava indefeso aos seus pés? Ainda assim me protegeu.

— Isso é verdade, — admiti. — Ela é totalmente louca, mas eu a controlei. Quando disse isso a Matthew, ele quis saber se eu podia invocá-la.

— Você sobrepujou sua bruxa vermelha, porque nunca a libertou realmente. Precisa aprender como fazer isso.

— Perdão? Não ouvi direito. Eu envenenei uma mina cheia de canibais. Minhas heras quebraram a casa do Alquimista como a casca de um ovo.

— E, ainda assim, só usou uma fração do seu poder.

Por muito tempo temi soltar a Imperatriz, e nunca mais voltar a ser a Evie. Bem quando começava a me sentir mais no controle, Aric e Matthew queriam amplificar a bruxa vermelha. — Digamos que eu pudesse soltar mais. E se ela quisesse te matar?

— Eu não lutaria com você. Então, teria que aprender a freá-la em qualquer situação.

— É perigoso demais. — No meu primeiro combate com Morte, abracei a bruxa. Lembrava de me dizer, *Eu sou a bruxa vermelha!... Vou ganhar o jogo todo!* O que dizia era que todos os meus amigos morreriam. — Estou bem assim.

— Alguns dos Arcanos restantes possuem poderes inimagináveis. Precisarão invocar sua bruxa para sobreviver, exatamente como aqueles Bagmen invocaram forças para se desenterrarem.

— A não ser que eu pare o jogo.

— Haverá aqueles que continuarão, mesmo que não precisem.

— Como o Imperador.

Com a simples menção dessa carta, o comportamento de Aric mudou, sua íris escurecendo para um âmbar frio mais uma vez.

— O que aconteceu com ele?

— Esse é um assunto muito monótono para nossa noite a sós. — Ele deu um gole demorado. — Conte-me de sua avó.

Sua expressão ficou tão rígida que deixei que mudasse de assunto. Por enquanto. — Já não sabe tanto quanto eu? Já que invadiu meus pensamentos por tanto tempo?

— Não constantemente. Eu tinha uma vida própria para cuidar. Por pior que fosse.

Meu peito se apertou com as suas palavras. Bebi para ocultar o meu desalento. — Não me lembro dela muito bem. Às vezes as minhas lembranças se contradizem.

— Como assim?

— Eu a vejo como uma pessoa boa e afetuosa. No momento seguinte, me lembro dela querendo que eu fosse “cruel”. E se ela tentasse me convencer a eliminar as outras cartas? Os meus amigos?

Até mesmo Aric.

Talvez Arcanos não fossem inerentemente ruins. Talvez nossas Crônicas ou nossos parentes nos moldassem. — De qualquer modo, jurei para a minha mãe que a encontraria. Então é o que vou fazer.

— E eu a ajudarei. Sabe que obter meios é um talento que tenho, não importa se procuro sapatilhas de balé ou a avó da minha esposa.

— É, não vejo isso acabando muito bem. Ela ficou furiosa comigo quando fiquei olhando embasbacada para a sua carta.

— Você se esquece do quanto posso ser charmoso.

Nunca. — Uma vez perguntei a Matthew se você me impediria de chegar até a minha avó. Ele me disse que o assunto o entediava, que você não acreditava nela como eu. Então, por que me ajudar? — Terminei a minha cerveja.

Como um borrão, Aric trouxe outra rodada para a mesa. — Como uma Tarasova, ela sabe muitas coisas.

— Não respondeu a minha pergunta.

— Não tenho que acreditar que ela tem a chave para o término do jogo. Você acredita, e eu acredito em você.

Cavaleiro ardiloso, que sabe usar as palavras. — Qual é a diferença entre uma Tarasova e um cronista? — Como vovó difere do pessoal de Gabriel?

— Cronistas são historiadores e mentores. Alguns dizem que cada Tarasova tem o dom de visões. Outros dizem que devem ser arcanos menores.

Na última vez que vi a vovó, seus olhos castanhos tinham brilhado quando me falou, “Você vai matar todos eles.”.

Um arrepio me percorreu.

— Sievā?

Mudei de assunto. — Agora que está se esforçando para confiar em mim, vai me contar da sua infância?

Ele inclinou a cabeça. — Conte que meu pai era um comandante militar, mas ele também era um notório acadêmico. Também me criou para ser ambos. Tinha prática marcial todos os dias, e debates depois do jantar. — Aric puxou o rótulo da cerveja, e o colou de volta com os dedos elegantes. — Não posso imaginar o que pensaria de tudo o que a raça humana aprendeu. Em sua época, todos acreditavam que a Terra era plana.

Aric tinha crescido nessa era, e ainda assim eu esperava que agisse como um namorado da época atual? Ele ter chegado aonde chegou já era admirável. — Como era a sua mãe?

— Era alegre, rápida em sorrir. Ela e meu pai sempre quiseram outra criança, me culpavam: “Se você não fosse um filho tão maravilhoso...”. Não poderia pedir pais melhores.

— Sente falta deles. — Depois de todo aquele tempo?

— Todo santo dia, em centenas de milhares.

O que eu poderia dizer? Qualquer coisa que falasse pareceria banal. Silêncio caiu sobre nós.

Aric bebia, perdido em pensamento. E eu sabia que se lembrava da noite em que os matou...

CAPÍTULO 30

Água quente caia sobre mim no banheiro do andar de cima, mas não levava embora minha embriaguez.

Nem minha confusão.

Depois do jantar, Jack ainda não tinha aparecido, e fiquei preocupada. Então peguei minha mochila e dei boa noite a Aric.

Quando saía da cozinha, ele tinha dito às minhas costas, “Uma vez me disse que eu era bom neste jogo porque ele era tudo o que eu tinha”. A tristeza em sua voz me fez parar imediatamente. “Suas palavras eram verdadeiras, embora não desejasse que fossem. Nem na época. Nem agora.”.

Eu já ouvi Aric enfurecido, brincalhão, violento, magoado e cheio de desejo. Nunca tinha ouvido aquela tristeza antes.

Em um murmúrio, ele acrescentou, “Estou preparado para desafiar a vontade dos deuses e os ditames do destino para possuí-la, e ainda assim, um mero mortal se põe em meu caminho.”

Meus ombros tinham enrijecido, e saí às pressas como se perseguida.

Agora, enquanto a água escorria por mim, levei a mão à boca, traçando os lábios. Minhas emoções podiam estar um caos, mas meu corpo não. Eu desejava Aric e Jack da mesma forma.

Adorava a paixão crua de Jack; cobiçava a intensidade tempestuosa de Aric.

Ambos tinham me dado prazer, e me magoado...

Assim que terminei o banho, voltei ao meu quarto. Tranquei a porta e peguei o casaco com capuz para fazer um travesseiro. Deitada de costas no meu saco de dormir, fitei o teto. O que eu ia fazer?

Eu me sentia conectada à Aric de formas inexplicáveis. Em seu castelo, tínhamos nos entendido. Líamos juntos em seu estúdio iluminado pela lareira, conversando noite adentro. Fomos felizes, sua casa quase se tornando a minha.

Jack e eu nunca vivemos juntos, propriamente dito, sempre estávamos na estrada.

Minha mochila! Eu a deixei no banheiro, esquecendo as duras lições de Jack. Talvez devesse ter sido mais duro comigo.

Corri do quarto, parando abruptamente no corredor.

Aric tinha acabado de sair do banheiro cheio de vapor. Estava com uma toalha. Nada mais. O rosto afilado recém-barbeado, o cabelo molhado bagunçado, as bochechas coradas.

Ele me viu ali, abriu os lábios. Seus olhos começaram a brilhar, e eu momentaneamente fiquei cega diante da visão. Era como olhar para o sol.

Que homem glorioso.

Quando meu olhar desceu, seu corpo magnífico ficou tenso, como se eu tivesse lhe esbofeteado. Os músculos se contraíram, fazendo parecer que as tatuagens negras em seu torso se moviam.

Já tive vontade de beijar cada pedacinho daquelas runas. Nunca tive a oportunidade.

Uma gota d'água escorreu pelo centro do seu peito, passando pelos peitorais e abdômen definido, até a trilha loira que chegava ao paraíso... Minha boca secou.

Ele perguntou, — Deseja isto?

Ergui os olhos, ofegando ao ver a fome em sua expressão. Minha mente ficou em branco. Se quero seu corpo? Como não ia querer? Ele era pura tentação.

— Falo disto, — ele ergueu a minha mochila, — mas posso ser facilmente persuadido a dar qualquer outra coisa que minha esposa desejar.

Diga alguma coisa, Eves. Palavras seriam uma boa no momento.

Ele veio até mim, todo graça letal e poder. Percebi que eu tinha recuado quando encontrei a parede. Ele continuou vindo até ficarmos cara a cara.

O calor úmido de sua pele foi como um abraço. De perto assim, dava para ver as pontas loiras dos seus cílios.

Ele jogou a minha mochila atrás de mim, dentro do meu quarto. Então seu olhar desceu até a minha regata. Abraçou meus seios, percorrendo seus contornos.

— Reconheço essas roupas. Me enche de satisfação vê-la com elas. Não a mesma satisfação que sinto ao despi-la, é claro.

Ele podia ser inexperiente, mas, era naturalmente sensual, cada movimento seu, suas expressões, até a cadência do sotaque em suas palavras traziam prazeres prometidos à mente.

Eu estava perdida.

— Uma semana atrás, você ficou nua em minha cama pela segunda vez. Eu a beijei. Acariciei. — Ele se abaixou para dizer em meu ouvido, — Estive prestes a prová-la novamente.

Minha respiração ficou ofegante. — M-mas depois você partiu o meu coração.

— Irei curá-lo. Consertarei o mal que causei entre nós. Nesses jogos, confiei em você quando não deveria, e não confiei quando deveria ter tido fé. — Ele tocou meu rosto com as mãos. — Se pudesse perdoar...

Mordi meu lábio. — Posso lhe perdoar. Mas, isso não quer dizer que vá querer voltar a me colocar em uma situação daquelas. — Quando ele baixou a cabeça, falei, — Aric, não podemos nos beijar. Não vou fazer nada com você. Com nenhum dos dois.

Ele estava medindo a minha decisão? — Então, não nos beijaremos. Só deixe-me tocar este rosto estonteante. — Ele acariciou uma maçã do rosto minha com as costas dos dedos, depois desceu pela mandíbula. — É um luxo que eu sempre irei saborear.

Tive que lutar para ficar com os olhos abertos, para evitar passar o corpo no dele.

— Tão linda. Não irei parar até que seja minha. Jamais descansarei. Es tevi mīlu.

Soltei o ar, — O que isso quer dizer?

Ele passou um dedo elegante pelo meu rosto do jeito que um escultor tocaria a sua estátua. — Amo você.

Uma resposta quis sair, mas eu não podia estar apaixonada por Aric. — Há uma diferença entre amor e desejo. — Falei, lembrando a ele, e a mim mesma.

— Se tudo que desejo é uma amante, por que sinto tamanho ciúme? Por que fui assolado por aflição ao ficar longe de você? Para alguém como eu, uma semana é um piscar de olhos, ainda assim pareceu interminável.

Ele colocou as palmas em meus ombros, passando bem de leve os polegares pela minha garganta. Suas mãos tremiam, como se estivessem tocando o tesouro mais precioso do mundo. — Que todos os deuses sejam testemunhas, te desejo, mas, você precisa saber que tem meu amor. Ele é seu, sievā. Inteiramente confiado a você. Cuide dele.

Lutei para resistir. Para lembrar por que devia.

— O nosso elo é de muitas vidas; tem que senti-lo.

Balanço a cabeça forte, em uma mentira muda. Eu sentia anos sem fim entre nós, um laço que jamais morria ou minguava. Algo que sobreviveu por eras. Algo misterioso e... bom?

Pensava, temia, que ele fosse a minha...

Alma gêmea.

— Esses dias sem você foram mais infelizes para mim do que todos os séculos anteriores. — Ele passou o polegar pelo meu lábio inferior, fazendo o meu coração acelerar. — Diga que será minha. Diga que jamais terei de sentir essa desolação outra vez.

Naquele momento, eu queria lhe dizer qualquer coisa que quisesse ouvir.

Sem aviso, ele me levantou contra a parede, me forçando a prender as pernas em volta de sua cintura, os braços em volta do seu pescoço.

— O que está fazendo? — Inalei forte quando o desejo me inundou. Seu cheiro viciante me varreu.

— Preciso ficar mais perto. Por que nunca consigo ficar perto o bastante de você? — Ele baixou os olhos. Seu peito tinha encharcado a minha regata, que agora estava transparente. Seus olhos brilharam, a voz rouca quando disse, — Você me tenta imensuravelmente. — Pressionou o corpo entre minhas pernas.

Quando minha cabeça caiu para trás, ele cheirou meu pescoço, sem me beijar. Hálito quente roçou minha garganta como uma pena, me fazendo estremecer de vontade.

Por que fui lhe dizer que não podíamos beijar?

Essa proximidade era tão excitante quanto se fosse para valer. Até mais. Saber que ele ardia para colocar os lábios em mim, mas se continha, me deixava louca.

Ele continuou com os beijos-fantasmas até eu ficar ofegante, apertando seu pescoço com os braços. Podia sentir seus músculos tremerem contra o corpo enquanto se controlava.

Ele levantou a cabeça para me encarar. Nossas respirações se fundiram quando fitei seus olhos estrelados, perdida neles. Ainda assim, ele não tomou minha boca. Só me fez desejar mais.

O que não podia ter. Não naquela noite.

A fita que levava no bolso parecia me queimar. *Só não faça mais nada que vá me magoar.*

— Aric, precisa me soltar.

— É isso que realmente deseja? — Confusão apareceu naquele olhar brilhante.

— Por favor.

Ele me colocou no chão. — Eu a liberto. Por hora. Mas, você será minha, sievā.

Quando o empurrei, a visão das minhas mãos pálidas nele me golpeou novamente. Quantas vezes tinha abraçado aquele peito nu, desesperada para ficar ainda mais junto?

Quando ele deu um passo para trás, virei para o meu quarto em um torpor. Fechei a porta, e me apoiei nela, tremendo.

Depois disso, tudo pareceu acontecer em câmera lenta: andar até o meu saco de dormir, checar a luz da bateria do rádio, deitar.

Olhei para o teto de novo, tentando ignorar o meu corpo ardente. Passaram o que pareceram horas antes que meus olhos se fechassem.

Pouco antes de adormecer, senti Aric no quarto comigo.

Ele estava me olhando? Ele achava que eu estava dormindo!

Em um tom suave, ele disse, — Tem tanto a respeito do jogo que poderia lhe ensinar. Tanto a respeito da vida que poderia me ensinar. Vamos começar, esposinha.

* * *

Sonhei com Morte, revivendo uma memória dele quando tinha aproximadamente a minha idade. Essa era uma das visões que Matthew queria me dar antes que fosse tarde demais?

A cena era noturna, o vento soprando do mar Báltico em uma irascível tempestade de verão. Aric voltava de algum tipo de missão.

Enquanto cavalgava pelas familiares pedras de runas, os cascos do meu garanhão retumbavam no chão, rivalizando com os trovões dos deuses.

Os deuses que amaldiçoaram o nosso assentamento com doenças.

Estavam bravos pelas festividades opulentas que minha família deu dois dias atrás? Será a Casa de Domîinja culpada de soberba?

Embora quisesse seguir essa linha de pensamento, deduzir uma causa, meus próprios pensamentos estavam muito caóticos. Alguma enfermidade também me acometia. Porém, ao invés de sofrer como os outros no vilarejo, eu me sentia mais forte.

Mais forte do que nunca.

Pouco antes, esmaguei uma pedra na palma da mão, esmaguei-a em pó. A cada dia meu poder e velocidade escalavam. Estou me aproximando de algum precipício negro, mas não sei qual.

Quando chego em casa, tenho de esconder a minha rapidez não natural, temendo que um vassalo a testemunhe. Atravesso um corredor de pedra até o salão de meu pai. Pouco além da entrada frontal, eu o encontro marchando pelo espaço, esperando minha chegada. — Utilizou-se dos serviços do médico? — ele pergunta.

O pai de Aric é um gigante loiro de ombros largos. Embora seus olhos fossem de um azul-gelo e os de Aric ambarinos, havia uma distinta semelhança entre os dois. Eu entendia a língua deles como se fosse a minha; Matthew deve ter terceirizado aquela visão para mim.

— Ele já está tratando os enfermos. — Como meu pai poderia parecer ter envelhecido uma década de ontem para hoje? — Levei-o até lá, diretamente.

— Ótimo, ótimo. — Pai diz, sua mente distraída. — Retornarei imediatamente.

— Mas, está exausto. Precisa se fortalecer pela Mãe. Ela descansa?

Ele assente. — Insisti para que o fizesse.

— Não pode ser fácil para ela. — Muitos dos que visitaram nossos salões foram atingidos, principalmente suas filhas. — Devo retornar em seu lugar.

Ele franze a testa. — Mas, se algo acontecer a você... se for acossado... eu não poderia suportá-lo.

— Jamais fiquei doente em toda minha vida. Tomei a decisão de não começar agora.

Com aquele quase sorriso, Pai parece mais com si mesmo. Foi estranho não ouvir sua risada em nosso salão, um acompanhamento bem-vindo à risada de minha Mãe.

Coloco a mão em seu ombro, prendendo seu olhar. — Escreva o que digo, venceremos isso.

Seus olhos azuis brilham. — Já lhe disse o quanto tenho orgulho de ser seu pai?

Eu faço uma cara de falsa irritação. — Diariamente. Desde que sou capaz de lembrar. Está arraigado em mim, como se cravado em uma pedra de runa.

— Mas, não o disse hoje. — Pai coloca a mão sobre a minha. — Filho, tenho tanto orgulho... — Ele para de falar com um franzir.

— Pai?

Ele arregala os olhos, sua pele empalidece. Quando sua expressão agoniza, pânico aperta o meu peito. — O que há? — Coloco a palma em sua bochecha; linhas de um negro forte começam a se ramificar pelo seu rosto.

Como nos rostos dos aldeões afligidos pela doença.

— F-filho? — De repente seus punhos se apertam, os músculos tesos.

— O que há, Pai? — Eu envolvo seu corpo em convulsões nos braços, colocando-o no chão. — O que ocorre? — Enquanto olho para ele, uma luz beatífica se derrama pelo seu atormentado semblante. Ela se apaga... quando eu pisco? — Diga-me como ajudá-lo! — Eu o imploro, — Por favor, por favor, diga-me!

Ele não pode responder, seu corpo desprovido de ar. De vida.

Ele está... morto.

Ainda com o pesar me enlouquecendo, uma suspeita tenta forçar passagem em minha mente.

— Aric! — Do outro lado do salão, minha mãe avista seu marido. Ela grita, as mãos cobrindo a barriga arredondada, instintivamente protegendo o bebê que desejaram por tanto tempo. Ela perde o equilíbrio, as pernas cedem.

Eu não penso, apenas corro até ela. Em uma fração de momento, de algum modo, percorri a distância. Eu a alcanço em tempo de segurá-la quando cai.

Ela grita ante meu toque.

— Mãe? Não, não, não! — Linhas negras se ramificam pelo seu braço, emanando de minha mão.

Com um grito, eu a solto. Quando compreendo, meu coração estronda em meus ouvidos como os trovões dos deuses.

A doença tem origem... Em mim.

— Mãe, lute contra isto!

Uma dor terrível roubou o seu fôlego, retorceu o seu belo rosto. Mas, consegui ler seu pavor. — A-aric? — Ela também suspeita de mim.

Ela se debate em agonia, ainda assim não posso protegê-la, confortá-la. — Por favor, fique comigo! — Minhas lágrimas caem em sua bochecha. Aquela mesma luz brilha em seu rosto. — Lute, Mãe. Lute pelo seu bebê. P-por mim.

Ela me olha, parecendo enfeitiçada pelos meus olhos, conforme os seus perdem a visão. Sua vida se foi. Ela fez a travessia.

Meus pais mortos.

Eu forjei a destruição de minha família. Matei aqueles que mais amava, com o meu próprio toque.

Meu precipício negro foi alcançado. Jogo a cabeça para trás e urro quando me reconheço.

Eu sou Morte...

CAPÍTULO 31

Quando acordei, botas enlameadas estavam em meu campo de visão. *Jack?*

— Sai de perto dela, Ceifador. — Ele apontava uma arma! — Ou eu te meto um tiro.

— Deveras? — Os dedos de Aric acariciavam minha bochecha, levando com o movimento... lágrimas?

Virei a cabeça. Ele sentava ao meu lado, e não parava de me acariciar, apesar da ameaça.

Eu me virei para Jack. — Por favor, abaixe isso.

— Minha arma e a sua cabeça, Morte. Eu te avisei. — Ele me encarou, os olhos cinzentos enlouquecidos. — Dormiu com ele?

— O que? Não! — Ok, a cena parecia mesmo suspeita.

Aric estava sem camisa, usando só a calça de cóis baixo de couro, a armadura apoiada na parede. O olhar brilhante, pesado de prazer.

Com a voz relaxada, ele perguntou, — Consegue compreender como é tocá-la depois de tanto tempo? Por esta benção, arriscaria a bala. Levarei o tiro.

Quando eu me afastei de Aric, ele fez *tsc, tsc*, como se dissesse, “Que pena.”.

— Foi isso que fez na casa de Morte? — Jack exigiu saber. — Deixou ele tocar no seu rosto, hã? Depois de dançar para ele?

— Baixa logo essa arma, por favor.

Impasse. — Por que não respondeu no rádio?

— Do que está falando? Não ouvi nada.

— Porque diminui o volume, — Aric falou, encolhendo os ombros. — A Imperatriz precisava mais descansar do que falar com você.

— Jack, você está me assustando. Isso parece muito pior do que é de verdade.

Momentos instáveis se seguiram antes que ele baixasse a pistola. — Você está certa. Desculpe, bébé. — Ele enfiou a arma no cinto. Não era uma do par que tinha deixado para trás. *Levou uma escondida?*

— Ela recusa nossos avanços, mortal. — Aric apoiou a cabeça na parede. — Até que veja o caminho livre para voltar para mim.

— Avanços? Quer dizer que mexeu ainda mais com a cabeça dela e a fez lembrar dos jogos do passado?

— De modo algum. Apenas aponte alguns dos incontáveis aspectos nos quais sou melhor que você para ela. Até você reconhece isso. — Aric se levantou com uma velocidade sobrenatural, colocando-se diante de Jack. — Continua pensando em Síndrome de Estocolmo porque não deseja considerar a alternativa: que ela deseja ficar comigo. Que foi verdadeiramente feliz comigo.

Quando Jack apertou as mãos, eu dei um pulo. — Não toque nele!

— Não vou me envenenar, não. Não quando tenho um futuro pela frente.

— Ah, sim, um novo começo com Selena. Minha esposa e eu lhe damos os parabéns.

Jack se virou para mim. — Evie, não dá mais! Tenho que saber como estamos.

Aric disse, — Nisso eu concordo.

Os dois. Olhando para mim. Com expectativa.

Pela primeira vez estavam justapostos sem nenhuma armadura obscurecendo-os. Jack tinha ombros mais largos e músculos maiores, enquanto Aric era mais magro, tatuado, e um pouco mais alto. Ambos tão lindos que fiquei enfeitiçada só de olhar para eles. E então, começaram de novo.

— Acha que ela vai te escolher ao invés de mim? Imbécile!

— Não tenho dúvidas. — De onde vinha aquela confiança irritante de Aric? Se o seu presente ia formar minha decisão, então será que existia mesmo alguma escolha?

Ao pensar nisso, minha mente se rebelou. — Talvez não escolha nenhum dos dois! Talvez pegue Matthew e vá com ele encontrar a minha avó. Nós dois, sozinhos! — Esfreguei minhas têmporas que latejavam. — Por enquanto, podemos nos concentrar só em Selena e nos Enamorados? Garanto que não vou decidir nada sobre o meu futuro até que possa ter um momento para pensar.

— Quando voltarmos com a Arqueira ao posto, — disse Aric, — fará a gentileza de nos dar sua resposta. O pretendente que recusar a deixará em paz. — Ele ofereceu uma mão mortal a Jack. — Venha, vamos apertar as mãos.

— Guarde essas armas malditas, Ceifador, ou puxo a minha de novo. — Ele me perguntou, — Concorda com isso?

— Sim, darei minha resposta quando esse momento chegar. Mas, precisam saber: minha decisão não é só entre vocês dois. Tenho outras escolhas. E quando os dois agem assim, minhas outras opções parecem bem melhores.

— Entendido. — Aric estava usando um tom condescendente comigo? — Agora me vejo particularmente motivado a encontrar a Arqueira.

Finalmente, estava se concentrando no jogo! Virei para Jack. — Os dissidentes viram Selena? Ela está bem?

— Ninguém do Azey Norte a viu. Ela não está lá.

— Os Enamorados mentiram para nós. — Chocante.

— Milovníci está no acampamento, com um par de gêmeos, mas, não sei se são os verdadeiros ou não. — Jack esfregou o curativo sem perceber. Quanto queria enfrentar os gêmeos, se vingar deles?

— Não são os gêmeos originais, — disse Aric. — O que faz sentido. Se eu possuísse o poder dos Enamorados, me situaria em alguma locação inalcançável e deixaria meus carnates fazerem todo o trabalho por mim.

— Como tem tanta certeza? — perguntei.

— Já ouvi os chamados em estática dos carnates.

— Então, por que os gêmeos me mandaram para Dolor?

— Uma armadilha, — Jack respondeu. — O acampamento está cercado de franco-atiradores com rifles projetores de dardos esperando para nos levar vivos.

Para a nossa tortura.

— Não tenho ideia de onde Selenia está.

— Hum. Felizmente, eu tenho. — Aric escorou um ombro na parede. — Posso seguir seu chamado, contanto que continue a ser emitido.

Matthew uma vez explicou que um chamado nunca se interrompia. Quando um Arcano chegava perto suficiente para ouvir, o jogador podia desligá-lo. — Pensei que ele se repetia em uma constância. Espera... O que quer dizer é contando que ela esteja viva? Disse que eles não a matariam de cara.

— Há outras ocasiões em que um chamado pode emudecer. — Antes que eu pudesse perguntar, ele disse, — Estimo que ela esteja há três dias ao norte daqui. Posso encontrá-la, mas não significa que possamos alcançá-la.

Jack estreitou os olhos. — Por que não?

— Os Enamorados podem estar cercados por um fosso de petróleo em chamas. Podem ter tropas de carnates com metralhadoras e lança-mísil. Até mesmo eu enfrentaria dificuldades contra mísseis.

— Então, o que sugere, Ceifador?

O sorriso de Aric era de dar arrepios. — Um refém nosso.

CAPÍTULO 32

DIA 377 D.F.

— Está na hora do show, — falou Jack.

Dolor ficava na curva seguinte. Cavalgamos horas sem descanso para chegar aqui, o que me deu pouca oportunidade de conversar com ele ou com Aric. Seguimos uma ferrovia, e tínhamos acabado de parar à beira de uma velha mina.

Maquinário frito pelo Flash, içadores de gaiolas e cargas, carros de mina e esteiras formavam um ferro-velho fantasma.

Aric tirou o elmo. — Onde estão os seus rebeldes?

Jack deu de ombros. — No acampamento.

— Estou confuso, mortal. Pensei que nos alinharíamos com dissidentes para formarmos uma incursão. Disse-nos que tomaríamos esse acampamento.

— Ouais. E vamos.

— Então precisamos de homens. Precisamos de armas modernas para combater as do general.

— Vamos entrar de uma vez. — Jack levantou a gola da jaqueta quando uma rajada molhada de vento soprou. — O general e os gêmeos falsos serão rendidos para nós.

Aric ergueu as sobrancelhas ante a segurança despreocupada de Jack. — Esse é o seu plano? — Thanatos pisoteou o chão em impaciência.

Sim, Jack estava se tornando um líder incrível, mas, descrevia um resultado fantasioso. Mordi o lábio. — Digamos que alguma coisa dê errada. Talvez devêssemos ter um plano B?

Seu tom ficou enigmático. — Aquela coroa de rosas que você usou vai cair muito bem quando chegarmos lá.

Aric debochou, — Acha que podemos intimidá-los com os nossos dons? Estarão ocupados demais atirando para prestarem atenção a eles.

Jack o ignorou, se dirigindo a mim, — Ele não tem motivo para botar fé nos meus planos, mas, você tem. Sabe que tenho juízo.

Eu disse a ele que não o subestimaria outra vez. Se dizia que tinha um plano, e estava assim tão confiante...

— Chame os seus, então, — disse Aric. — Apure a situação.

— Non. Nada de rádio.

— Ele testa até a minha eterna paciência. Mas, faço um esforço para manter a paz, por sua causa.

— Vamos fingir que tenha sucesso em uma rebelião sem derramamento de sangue, é necessário apenas um soldado leal para solicitar reforços.

— Acha que não pensei nisso, Ceifador? Está sob controle.

Aric me olhou. — Vai comprar essa?

Quase não evitei assentir com a cabeça. — Sim.

— Acho difícil de acreditar que a promessa que o fizeram por tal dádiva não seja rompida.

Você não tem ideia do quanto ele é bom em ler as pessoas e saber se são ou não confiáveis.

— Vocês tão falando entre si? — Jack perguntou, os olhos dizendo coisas que eu não podia compreender.

— Confio em seu julgamento.

— Essa vou aceitar. — Ele deu um risinho para Morte.

Aric voltou a colocar o elmo. — Não acredito que seguirei com essa insensatez.

— Você queria um refém. Vou te dar um. — Para mim, Jack disse, — Pronta?

Eu assenti, me coroando com as minhas heras corpóreas. Pétalas vermelho-sangue e folhas pontiagudas. Deixei que se enroscassem tortas para que ninguém achasse que eram falsas. Além do mais, elas tinham uma tendência a fazer isso de todo jeito quando eu ficava nervosa.

E se já houve um motivo para que eu ficasse nervosa...

Aric capturou meu olhar quando nos aproximamos da curva. Outra rajada soprou, fazendo aquelas esteiras mexerem, elevando a minha apreensão.

Passamos do ponto onde já não dava para voltar, o acampamento à nossa frente. As pessoas em fila.

Sem armas?

Eles acenavam em boas-vindas! Soldados, e mulheres libertadas, acenavam como se estivéssemos chegando em um carro alegórico.

Eu exalei, nem tinha percebido que prendi o fôlego. — Caramba, Jack.

Ele só me deu um risinho sexy.

— Uma rebelião sem derramamento de sangue. — Morte levantou o visor. — Macacos me mordam. Como provocou isso, mortal?

— Talvez a resposta para um problema nem sempre seja mais Morte. — Quando olhei para Jack em expectativa, ele explicou, — Ontem à noite, dei bombas de gás nervoso aos soldados para que jogassem nas barracas dos Milovnicis.

— Gás nervoso, — repeti. — Retirado do próprio exército deles, do outro lado do rio?

Era isso que ele tinha na bolsa de pano!

— Ouais. Depois que os homens de Rodrigo amarraram os Milovnicis, disseram ao máximo de pessoas possível que eu estava chegando, com alguns dos meus aliados Arcanos, — ele me disse com uma piscada de olho, e uma cara feia para Morte. — Quando todos descobriram que libertamos o outro acampamento e tínhamos esse na mira, soube que a corrente de comando aqui seria minada.

— Isso é incrível.

Enquanto passávamos pela multidão, as pessoas olhavam para mim e para Morte boquiabertas, enquanto gritavam para tocarem a mão de Jack.

Por toda sua vida ele pensou não ter razão para sentir orgulho de si mesmo. Agora era diferente. Ombros erguidos. Olhos fixos de determinação.

Ele não possuía um dom de outro mundo, mas, olha só como estava se tornando poderoso. Olha só toda aquela gente que o admirava.

Virei para Aric, olhando disfarçadamente. Meu sonho com ele me assombrava, uma lembrança gráfica de que ele não tinha ninguém. Nem esperança de uma companheira.

Sentia pena dele? Sim. Mas, ontem me lembrou de que havia muito mais em minha atração do que pena.

Ele encontrou meu olhar, e eu rapidamente desviei. No meio da multidão, vi um garoto sorridente de cabelo preto, por volta dos doze anos. Com seus olhos grandes e o espaço entre os dentes da frente, ele parecia uma miniatura de Franklin. Tinha que ser o irmão. Logo eles se reencontrariam.

Aquele menino dava um rosto a tudo o que Jack conquistou ali.

Então compreendi: nós ajudamos milhares.

Rodrigo veio nos encontrar a cavalo, um sorriso largo no rosto. — Os três Milovnicis estão ali.

— E os bloqueadores? — perguntou Jack.

— Ficaram ligados direto, General. Nenhuma transmissão à rádio pôde ser realizada. — Ele nos levou mais adentro do acampamento.

Baixinho, perguntei, — Ele chamou você de “General”?

— Tentei impedir, — respondeu Jack com um quê de riso. — Depois percebi que a palavra põe um bom medo. Deixei pegar, eu.

— Usou bloqueadores de ondas sonoras. — Aric o olhou de um jeito, seria com o mesmo respeito concedido de malgrado que Jack tinha mostrado sentir por ele ontem? — Por isso não usou o rádio para avisar da nossa chegada.

— Queria controlar todas as comunicações do acampamento. Mas, agora que a gente tem um refém e um exército completo, não temos mais que esconder nosso envolvimento. E estamos prestes a informar os gêmeos da nossa futura troca. O pai deles por Selena.

Eu fiquei toda animada. Uma troca de reféns parecia ter tudo para funcionar!

Aric retirou o elmo, o arrumando na cela. — Se permitirmos que os carnates saiam vivos, eles farão a transferência de tudo que sabem aos originais.

— Muito arriscado, — disse Jack. — Mataremos eles.

— De acordo, mortal. Vai contar à sua gente que os gêmeos são falsos? — Jack pareceu pensar a respeito. — Non. A falação só ia tirar o mérito da vitória.

Aric assentiu. — Enquanto temos Milovníci podemos muito bem interrogá-lo para saber mais a respeito dos gêmeos, descobrir suas defesas e a quantidade de carnates.

Agora, Jack disse, — Concordo.

Quando paramos e desmontamos, Jack e eu demos nossas rédeas a um par de soldados, mas, Morte só negou com a cabeça, guiando Thanatos.

A multidão se partiu à nossa frente, revelando três formas inconscientes, amarradas e amordaçadas no chão. O infame Milovníci e a sua prole. Ou melhor, a prole da sua prole.

Finalmente, eu veria o homem que trouxe tanta desgraça a um mundo que já era tão cheio dela.

As feições do ex-general eram afiadas, o nariz parecia um bico de ave. Embora fosse magro com músculos, tinha uma pele avermelhada. Podia imaginar seu rosto ficando ainda mais vermelho sempre que tivesse raiva.

Em sua jaqueta cor de bronze tinha escrito: MILOVNÍCI SEGURANÇA DE ELITE. Seu rosto e roupas estavam cheios de cuspes, bem como as botas.

Aquele era o grande General Milovníci? Ele parecia indefeso. E os gêmeos? Eram idênticos aos que encontramos no outro acampamento, com a mesma cena distorcida.

— Você faz as honras com os carnates, Ceifador, — disse Jack. — O pessoal precisa ver o que são capazes de fazer.

Com a voz baixa, Aric disse, — Não somos artistas de circo. — Para mim, acrescentou, — A vida inteira escondo esses dons.

— Eu mesmo sou só uma figura simbólica. Esse exército é capaz de criar ordem, ou o oposto. Quanto mais ordem tiver no mundo, mais segura Evie fica. Ou você está a fim disso ou não.

Mais pessoas se aproximaram.

Exalando com irritação, Aric retirou a luva. Ele se acocorou para encostar a mão com os ícones tatuados nos rostos dos clones. Linhas negras se ramificaram.

Aric se lembrava dos pais toda vez que matava com o toque? Eu ouvi dizer que ele preferia matar os oponentes assim. Talvez o seu *Toque da Morte* servisse o mesmo propósito de suas tatuagens: lembranças para que nunca esquecesse as tragédias do passado.

Os espectadores ofegaram quando os corpos dos carnates sofreram os efeitos.

Jack podia estar acostumado com a atenção, mas Aric se sentia desconfortável com os olhares. O cavaleiro friamente controlado já foi alguém tímido no meio de outras pessoas? A ideia me fez dar um sorriso, mesmo quando as réplicas paravam de respirar.

Ouvi murmúrios na multidão: — Já foram tarde.

— Apodreçam no inferno.

— Essa morte foi muito boa...

Rodrigo limpou a garganta. — Hmm, senhor, o que vai querer fazer com Milovníci?

— O nome dele agora é Milo, — anunciou Jack. — Meu vizinho tinha um cachorro com esse nome. Pegou raiva. Teve que ser sacrificado. — Risadas nervosas se espalharam.

Morte se levantou e recolocou a luva. — Isso é sagaz. Remover o nome que as pessoas temem.

No nosso primeiro dia de viagem, Aric tinha estudado Jack. Hoje, sua atenção se redobrou, como se agora achasse o inimigo digno de investigação.

Aric tinha sede de saber; Jack tinha a sua curiosidade. Havia mesmo diferença entre essas duas coisas?

Jack disse a Rodrigo, — Leve o velho Milo e os dois corpos aqui de volta para tenda. Ele e eu vamos ter uma conversinha.

— Sim, senhor. — Rodrigo mal conseguia conter a alegria. Ele ordenou que os soldados carregassem os três, acrescentando, — É melhor usarem luvas.

Jack falou, — A morte não é contagiosa.

Aric pareceu surpreso. — Ele realmente me escuta, às vezes.

— Oh, claro, senhor, — disse Rodrigo. — Queiram me seguir.

Enquanto passávamos pela multidão, Jack apertou algumas mãos, aceitando os agradecimentos. Quando chegamos à tenda de Milo, o homem já estava amarrado a uma cadeira, preparado para interrogatório. Os carnates estavam jogados no chão, em cima de uma camada generosa de serragem.

Rodrigo disse, — Senhor, tem cerca de trinta mercenários leais a ele. Eles lutaram antes de vencermos. O que quer fazer com eles? Um pelotão de fuzilamento?

Eu franzi o cenho. — Como Milo costumava fazer?

— Non. Mas, eles precisam ser punidos.

Aric se apoiou na mesa de Milo. — E como fará isso, mortal? Sua liderança será implacável? Ou piedosa? — Ele parecia fascinado pelo assunto. Claro, seu livro favorito era *O Príncipe*. — Se planeja ser um líder, então as ações que tomar agora podem se repercutir por toda sua vida.

— Acha que não sei disso? — Jack se voltou para Rodrigo. — Abandonem eles a oitenta quilômetros do acampamento sem sapatos, camisa nem casaco. Dê a cada um instruções que os levem até cinco pacotes de roupa escondidos.

— Organizarei isso imediatamente. — E saiu da tenda.

Os lábios de Aric se curvaram, os olhos vívidos. — A maioria matará ou será morta antes de chegar ao seu destino. E acho que esses pacotes nem mesmo existirão.

Jack abriu a boca para responder, mas pareceu pensar melhor. — Isso é assunto do exército, e você não faz parte dele.

Observei a tenda. A área luxuosa estava imaculada, a não ser em volta da mesa de Milovnici. Livros, canetas, e papéis foram jogados pelo chão. Um porta-retratos dos filhos sinistros com o vidro quebrado. Ele devia estar sentado à mesa quando desmaiou. — Acha que Milov, quer dizer, Milo, vai soltar informações dos filhos?

Jack andou e ficou na frente do homem, ódio estampado em cada linha do corpo. — Ele está prestes a soltar tudo. Vou fazer a tortura dos gêmeos parecer um tapinha de amor.

Pisquei os olhos. Tão cruel. Tão inflexível. A um milhão de quilômetros do menino bêbado que não se importava com nada depois do Flash.

Selena me falou que Jack tinha mudado. É. Era disso que falava.

Ele deu um tapa na cara de Milo. — Acorda, seu filho de puta. — Nenhuma reação...

Enquanto esperávamos, Aric se ajoelhou, tirando um livro preto pesado do chão. Ele limpou a serragem da capa, e o colocou na mesa.

Inspirei. — O que é isso?

Ele não respondeu, só virou a primeira página. Texto escrito à mão cobria o papel envelhecido. Não consegui identificar o idioma.

Os olhos radiantes de Aric iluminaram a página. — Deuses nos céus.

— O que é?

— Crônicas. — Ele voltou o olhar brilhante para mim. — As Crônicas dos Enamorados.

CAPÍTULO 33

— O que é isso? — perguntou Milo, saliva voando pelo ar. Finalmente tinha despertado.

Jack parou em meio movimento, baixando a mão. — Olha só quem acordou.

Os olhos azul claro de Milo se arregalaram em choque. — Eu conheço você! O famoso Caçador! O que quer de mim?

— Seus filhos, — respondeu Jack. — Os verdadeiros. Você vai nos entregá-los.

Quando os sons dos festejos lá fora entraram na tenda, o choque de Milo se aprofundou. — Isto não é possível, meus soldados são leais!

Seus lábios revelaram dentes manchados. — Eles retomarão controle. — As mãos se torciam contra as amarras, os dedos com unhas compridas e amareladas. — E quanto retomarem...

— Seus lealistas estão praticamente mortos. Igualzinho aos seus gêmeos. — Jack indicou os carnates com a cabeça. — Ou melhor, os terceirizados.

— Essa é a marca da Morte. — Milo virou a cabeça em confusão, parando ao ver Aric.

Ele estava sentado à mesa do homem, relaxado na cadeira, com os dedos encostados, formando uma pirâmide. O livro aberto à sua frente.

Milo olhou o livro, depois desviou os olhos deliberadamente. Esperava que Morte não descobrisse o que tínhamos em mãos?

Pela primeira vez, a sorte se virou para nós. O livro não estava no cofre de Milo nem escondido em outro lugar.

Porque ele era o cronista dos Enamorados.

Quando a bomba rolou para dentro da sua tenda, ele escrevia uma anotação. A última palavra escrita estava borrada pela página.

A má notícia? A língua era Romeno arcaico. A boa? Aric disse que poderia traduzir a tempo. Milo disparou, — Morte não fazia parte do acordo!

— O acordo que os seus filhos já quebraram? — Fiz questão de dizer.

— Você! — Como eu havia suspeitado, o rosto de Milo ficou ainda mais vermelho. Nunca tinham me olhado com tanto desprezo. — A minha vida inteira soube quem culpar pelos infortúnios de gerações inteiras da minha família: a Imperatriz. E aqui está ela.

— Entendo que me culpe pelo último jogo. Mas, por todos os séculos que sucederam? Já é demais.

Ele olhou a coroa de rosas em minha cabeça, fazendo uma cara de nojo. — Sem a sua traição, o Duque e a Duquesa Mais Perversos teriam ganhado, teriam se tornado realeza. Não, teriam se tornado deuses imortais! Eles poderiam proteger e enriquecer nossa família por toda a eternidade. Toda geração sabe o quanto nos roubou. Nossa linhagem foi forjada em vingança!

Então os Milovnicis foram ficando cada vez mais rancorosos com a minha traição? Cada vez mais loucos?

— Meus filhos consertarão esse mal. Eles são a forra. Ganharão e então poderão castigá-la neste jogo e no próximo, e no próximo. — Ele mostrou os dentes amarelos. — Aproveite seus últimos dias de vida, sua vadia traidora!

Jack o esmurrou.

O homem grunhiu de dor, levando minutos para voltar a focar a vista. — Vamos falar desses filhos, Milo. Vamos ligar para eles, informar da nossa futura troca de reféns.

— Eles não trocarão ninguém por mim.

— E pelas Crônicas? — Aric colocou o livro enorme em um saco à prova d'água que tinha encontrado.

Milo chegou ao nível vermelho do termômetro da loucura, cusindo para todo lado. — Ladrão! Não tem direito a elas!

— Vamos continuar no assunto. — Jack o estapeou de novo, jogando a cabeça do homem para o lado. — Seus filhos. Onde estão?

— Eu nunca os entregarei!

Jack só fez sorrir. Mesmo que eu soubesse que Milo merecia o que estava prestes a receber, não queria vê-lo ser torturado. Principalmente por Jack.

Além disso, a bruxa vermelha provavelmente veria aquilo como uma brincadeirinha e pediria formas similares de entretenimento.

Olhei Jack nos olhos.

— Deixa comigo, Evie. Quer esperar lá fora? — Aric se levantou, o livro na mão. — Eu a acompanharei.

Ao sairmos, Milo falou para Jack, — Eu me lembro da sua irmãzinha bonitona. Vincent me disse que ela gostava de implorar em Francês...

Seu grito cortou a noite. Quando estremeci, a bruxa vermelha dentro de mim achou aquele grito tão prazeroso quanto a carícia de uma pétala.

Sentei em um banco não muito longe de onde um Thanatos petrificado aguardava, matando de medo as pessoas que passavam perto.

Quando Milo deu outro grito estrangulado, Morte começou a andar de um lado para outro, as esporas batendo no chão. — Se o mortal não conseguir se controlar, isso não vai funcionar. Tortura não é algo tão simples quanto se pensa. — Andando e andando. — Deveaux sabe como atormentar sua vítima ao mesmo tempo em que mantém o homem consciente? Evitará as artérias? Não é um feito tão simples.

— Quer voltar lá, não quer?

— Quanto mais rápido recuperarmos Selena para Deveaux, mais rápido você voltará comigo para casa.

Abri os lábios para me opor, e então decidi poupar o fôlego. O dispensei com a mão. — Vai logo.

— Não saia daqui, sievā, e fique atenta. Pode haver lealistas na área. — Ele voltou para a tenda.

Enquanto esperava, Milo gritava esporadicamente. Mas, também ouvi pessoas falarem de Jack, Aric e de mim. Um grupo de mulheres falava sem parar do quanto o sotaque Cajun do Caçador era “sexy” e que seus olhos cinza pareciam de “aço”. Elas achavam Aric “assustadoramente lindo”.

Eu me enchi de ciúmes dos dois. Estava acostumada a sentir com Jack e Selena, mas, não tanto com Morte. Por não ter o que fazer, imaginei Aric beijando outra pessoa.

Minhas garras brotaram.

E o que o Azey Norte pensava de mim? Os homens me achavam “apavorante” e ao mesmo tempo “totalmente comível”. As mulheres? “Ela é tão sinistra.” “Vocês viram aquele ramo rodeando a cabeça dela como uma cobra?”

Ainda assim, sempre que as pessoas passavam por mim, eu sorria. Elas acenavam com educação, mas, não conseguiam esconder o nervosismo.

Suspirei. Há pouco mais de um ano, eu estava no ensino médio, fazendo amigos com extrema facilidade.

Então escutei um pedaço de uma conversa vinda do outro lado da tenda, sobre Jack. Era Rodrigo falando?

Chegando mais perto, escutei na surdina quando ele disse a outro soldado como o Caçador tinha acabado com dúzias de Baggers com uma só mão ontem, com um ferro de tirar pneu.

Depois de Jack me prometer não se arriscar desnecessariamente?

Mas. Que. Merda.

Andei até o par. — Rodrigo, posso falar com você um segundo? — Algo no meu tom fez o outro cara sair de fininho.

Rodrigo engoliu em seco. — Claro.

— Estava exagerando sobre Jack. Certo?

— Não, senhora, — ele respondeu, relaxando um pouco. — Uns dos caras mais velhos não acreditavam nos boatos sobre Deveaux e os Baggers, então desafiaram que ele provasse. Eu o vi atacar uma horda com os meus próprios olhos. Aquele cara não tem medo.

Jack tinha quebrado sua promessa, na mesma noite em que a fez. — Obrigada. Hmm, continue o que estava fazendo, soldado.

Quando ele se afastou com um sorriso confuso, tirei aquela fita vermelha do bolso.

Por que Jack pensava que podia se arriscar desse jeito? Talvez tivesse mesmo vontade de morrer.

Quando Aric e Jack saíram da tenda, decidi não confrontá-lo. Por enquanto. Estávamos bem perto de libertarmos Selenia; nada poderia desviar nossa atenção. Nem a minha raiva, nem a sua falta de consideração. — Bem?

— Esse homem conseguia torturar, mas não consegue aguentar, não. — Jack coçou o queixo com a palma, as dobras dos dedos ensanguentadas. — Ele disse que os gêmeos estão em um abrigo antibombas.

— Fica a um dia ao norte daqui, — acrescentou Aric. — No alto das montanhas e só acessível à cavalo. Um lugar que chamam de Shrine²¹.

Milo podia estar mentindo. — Dá para confiar no que ele diz?

— Ouais. Eu geralmente tenho uma boa ideia dessas coisas, e acho que ele soltou algumas verdades, enquanto cuspiu os dentes como Chicletes amarelos. Só para ter certeza, posso confirmar. — Jack tirou um rádio do cinto. — Já desliguei os bloqueadores, eu. Prontos para dar uma ligada para o abrigo dos gêmeos? — Poderia estar enganada, mas acho que ele fez a pergunta para mim e para Aric.

— Vamos nessa. — Prendi o fôlego quando Jack fez a chamada.

E o soltei em pavor quando não tivemos resposta.

²¹ Santuário, lugar santo.

CAPÍTULO 34

— Não me lembro da última vez em que contemplei tal espetáculo. — À porta do nosso abrigo, próximo à estrada, em uma antiga igreja de madeira, a silhueta de Aric estava desenhada pela luz. Raios proliferavam no céu escuro.

Lá dentro, Jack inspecionava os explosivos que tinha requisitado do exército. Milo estava amarrado, preso a um banco tosco da igreja. Então me juntei a Aric para ver os fogos de artifício.

Depois de milhas enfrentando uma ventania brutal, encontramos aquela igreja isolada e ainda em pé e presentamos a nós mesmos e aos nossos cavalos com algumas horas de descanso.

No cemitério ao lado, as lápides estavam todas tortas e queimadas, tão escuras e sinistras quanto a armadura de Aric. Quando paramos ali, ele tinha respirado fundo no meio das cruzes, lápides e placas de concreto, tão à vontade que levantei a sobancelha. — Gosto de igrejas, — disse ele com um sorriso. — E especialmente de cemitérios.

Mesmo que não tivesse dado ao seu cavalo o nome Thanatos e encontrado a armadura em um cadáver, dentro de uma cripta, eu nunca tinha achado que Aric fosse tão, bem, fã da morte.

Isso não me incomodava tanto. Na verdade, achava a sua fascinação com coisas relacionadas à morte atraente, porque era uma parte dele.

Um raio particularmente espantoso atravessou o céu. — Quase posso jurar que Torre está fazendo isso, — Aric pensou em voz alta. — Em jogos passados, ele era bem poderoso.

— Mal posso imaginar.

O rosto nobre de Aric estava relaxado. Um pouco de barba loira já nascia. Os raios refletiam em seus olhos ambarinos até as íris parecerem estrelas.

Enquanto o olhava, percebi que os meus sentimentos por ele continuavam a aumentar. Eu poderia estar... me apaixonando por ele.

Me apaixonando de verdade.

— Torre podia atirar dardos, das duas mãos, com raios em combustão entre eles, — Aric continuou. — A primeira vez em que o encontrei fiquei boquiaberto com a exibição. Para o meu detrimento. Era novo no jogo, apenas dezesseis anos.

Pouco depois de ter deixado seu lar. Depois que seus pais... estremeci.

Ele se endireitou imediatamente. — Está congelando. Volte para perto do fogo. — Me guiou para dentro.

O telhado da igreja tinha uns dois buracos queimados; Jack e Aric fizeram a nossa fogueira embaixo de um deles. Hoje, por algumas vezes, os dois pareceram se entender.

Sem uma palavra dita, eles desmancharam um banco para a lenha e colocaram os cavalos em um nicho ao lado. Espada e balestra erguidas, procuraram Bagmen nos arredores. Como que em um acordo não falado, disfarçaram a animosidade que sentiam, exibindo uma fachada de união na frente de Milo.

A dinâmica deles mudava. Tinha começado quando invadiram juntos a casa do chefe dos traficantes. Continuou evoluindo com a nossa vitória no Azey Norte. O desprezo mútuo que tinham por Milo parecia camuflar o ódio que sentiam um pelo outro.

Ainda eram inimigos que se matariam na primeira chance?

Totalmente.

Mas, podia ser que não saboreassem tanto a morte do outro quanto antes.

— Não era minha intenção fazer com que perdesse o show, — disse a Aric.

— Estou ávido para iniciar minha tradução. — Ele me levou até a fogueira, do lado oposto de Jack.

Sentei de pernas cruzadas, colocando as mãos encharcadas mais perto das chamas. Podia sentir o olhar cheio de ódio de Milo; dois olhos claros cercados por hematomas. Ele torcia as mãos atadas, como se ansiasse para me estrangular. *Boa sorte, com todos esses dedos quebrados.*

— Obviamente, não sabe disso, Imperatriz, — seus lábios inchados e dentes perdidos distorciam sua fala, — mas você anda com o mesmo que lhe matou no último jogo! Ele lhe enganou!

— Nada disso, eu sei. Ele me decapitou. Blah. — Eu parecia blasé. E isso era tudo o que não era quando o assunto era o nosso passado.

— Então, é mais burra do que pensei.

Como um borrão, Aric se colocou na frente dele. — Vamos, Milo, conversamos a respeito disso. Lembra-se? Você não se dirige a ela a não ser que queira ser castrado por um casco de cavalo.

— Ela está prestes a sentir uma agonia que nunca...

Morte sacudiu lentamente a cabeça com tamanha ameaça que o homem engoliu em seco. Isso fez Milo se calar, ao menos para mim. No momento em que Aric o deixou, o homem se voltou para Jack. — Não importa quantos explosivos roubou de mim, nunca vai invadir o Shrine.

— Non? Você parece bem confiante para um homem que passou o dia amarrado em cima de uma sela como um porco indo para o abate.

No acampamento, o Azey ficou mais do que feliz ao ver seu antigo líder amarrado em uma posição tão humilhante. Bem, com exceção dos lealistas aprisionados que estavam a caminho de suas próprias penúrias.

O cavalo que Jack havia escolhido para Milo era um dos melhores que o exército tinha a oferecer. Ele planejava que Selena o montasse na volta.

Quão confiante Jack estava que a resgataríamos, que ela estaria em condições de montar um cavalo. Sempre que minha mente se voltava para o que os gêmeos podiam estar fazendo com ela, eu tinha que bloquear esses pensamentos...

Aric tirou as Crônicas da embalagem à prova d'água. Sentou perto de mim, escorado em uma parede. Com um olhar de ansiedade, abriu as páginas.

— Ladrão! — O rosto surrado de Milo ficou em um tom de vermelho alarmante. — Você roubou o que não lhe pertence! Não tem esse direito!

Milo realmente acreditava que era a parte inocente na história. Aric era um ladrão; eu uma puta traiçoeira que tinha prejudicado gerações de sua família; Jack era um insurgente.

Quando o homem não obteve resposta de Aric, disse, — Poupe o trabalho, nunca vai conseguir ler.

Aric virou uma página sem levantar os olhos. — Não?

— Está escrito em Romeno arcaico. — De alguma forma, a expressão de Milo era presunçosa e nervosa ao mesmo tempo.

— Falo Húngaro arcaico, que divide a raiz com esse idioma. — Outra página virada.

A presunção de Milo vacilou. — Quer saber o conteúdo? Isso é um contrato de vingança de uma geração à próxima. Renovamos nosso ódio pela Imperatriz várias e várias vezes.

— Não vejo a hora de um pouco de leitura leve, então, — falou Aric. — Saiba que eu, eventualmente, traduzirei cada palavra deste garrancho.

— Eventualmente? Não viverá depois de amanhã. Meus filhos retomarão nossas Crônicas de seu cadáver.

Jack deu um risinho. — Então, estamos realmente na direção correta?

— Não importa eu ter falado a localização dos Enamorados. Não vão conseguir entrar nela.

— Estourar um abrigo não vai ser tão fácil como, deixa eu pensar, roubar o seu exército inteiro. Mas, vamos dar um jeito. Amanhã, a gente vai comer da sua comida e beber da sua bebida. Já roubei o uísque da sua mesa. — Ele tirou uma garrafa da mochila de acampamento, deixando-a próxima. — Vinte e cinco anos? Hmm, hmm, hmm.

— Aproveite, Caçador! Essa é a sua última noite na Terra. — Veias se destacaram na testa do homem enquanto ficava cada vez mais frustrado. Estava acostumado a aterrorizar as pessoas; acho que bocejei para ele algumas vezes na última hora. — Amanhã vocês morrem.

— Nunca ouvi isso antes, — Aric falou arrastado. — E ainda assim...

Jack voltou de sua inspeção dos explosivos, olhando um detonador de aparência sinistra. — Parece que você gosta de se vangloriar, Milo. Os fracos sempre gostam.

Aric levantou os olhos. — Vi esse traço inúmeras vezes no passar dos anos. Lembro que Philip, o Segundo, uma vez escreveu aos Espartanos, dizendo, “Se eu entrar em Lacônia, demolirei Esparta.” Sabe o que escreveram em resposta? Uma palavra: Se.

Jack fez uma pausa, inclinando a cabeça. Aposto que estava memorizando a história.

— Meus filhos reinarão neste mundo como campeões imortais. Diferente de você, Ceifador! — Milo cuspiu uma boca cheia de saliva ensanguentada. — O que fez como campeão dos Arcanos?

— Hmm. — Um achar graça. Uma página virada. — O que deveria ter feito?

— O mundo inteiro podia ter venerado a Morte. Cultos, para prestar homenagens à sua divindade.

— Historicamente, Arcanos que revelam seus dons secretos não gozam de um bom destino. Ainda assim, não fui tão ofensivo. Todos já ouviram falar do Anjo da Morte. E cultos à morte? Pessoas rezam diante de tumbas e criptas todos os dias. Cemitérios são santificados. Olhe além destas portas. O que sobrou? Monumentos à morte.

— Você poderia ter conquistado muito mais. Governado os homens como um deus. Enriquecido sua linhagem. Poderia ter semeado medo como os meus gêmeos semearão destruição.

— E em suas fantasias, quando sua prole vencer, o que a humanidade veneraria?

— Amor. É a força mais destruidora do universo.

Estava ficando mais do que cansada de ouvir aquilo.

— Eles renovarão o mundo à sua imagem, enchendo ele de carnates. Com o tempo, meus filhos controlarão todos na face da Terra. Ganharão jogo após jogo, jamais morrerão!

— Não. Não vencerão, — disse Aric. — Porque estamos a caminho de apresentá-los à morte. Mas, me certificarei de atualizar suas Crônicas em seu lugar.

Com o rosto retorcido, Milo disse com desprezo, — Viu como meus filhos amam suas vítimas inocentes. Imagine o que planejaram para a traiçoeira Imperatriz, que os torturou.

Minha última gota de paciência disse, — Já deu! — procurei em volta por uma mordança.

Milo se virou para Jack. — Eles a amarão muito pior do que amaram sua linda irmã, Clotile. A francesinha que implorava.

Jack pulou em cima de Milo; antes que pudesse alcançar o homem, Morte usou sua velocidade para levantar o miserável, empurrando-o na direção da porta.

— Você vai pagar, Imperatriz! — Milo gritou por cima do ombro. — A criatura perde a cauda, mas continua viva. Você verá! Somos vingança!

Jack ficou olhando por onde o homem saiu, mandíbula trincada, respiração pesada.

— Você está bem? — perguntei baixinho.

Ele tirou os olhos da porta e me olhou. — Vou ficar. — Inalou profundamente. — Amanhã, vou ficar.

Abri os lábios para lhe perguntar se alguma vez me contaria o que aconteceu com Clotile, e com ele, mas, ele me deu as costas, abrindo a mochila, para pegar a garrafa.

Ele a abriu e deu um gole bem farto, a ira em seus olhos diminuindo um pouco.

Quando Aric voltou sozinho, minutos depois, perguntei, — O que fez com Milo?

— Atei-o ao lado de Thanatos. Na proximidade de cascos afiados. — Sacudiu o cabelo molhado. — Não garanto coisa alguma.

— A gente poderia ter amordaçado ele.

— Esta é a primeira noite de Milo no frio, desde o Flash. Gostaria que ele a vivenciasse em sua totalidade. — Em um tom irônico, Aric acrescentou, — Além do mais, ele estava incitando o seu aroma de rosas, o que torna impossível que eu relaxe.

Então agora íamos fazer piada das nossas desavenças do passado? Tão rápido assim?

Quando ele foi até as Crônicas, perguntei, — Quanto vai demorar em traduzir?

— Já li um pouco. — Livro em mãos, ele se aproximou para sentar ao meu lado. — Eles sabem que os seus poderes são colaborativos, que um mundo sem verde ou sol a enfraquece.

Olhei para a noite lá fora. Uma noite sem fim. Talvez eu não pudesse invocar a bruxa vermelha totalmente, mesmo se quisesse.

Com a garrafa na mão, Jack sentou do meu outro lado, me oferecendo um gole.

Que se dane. Lá vai ele descendo. Ardência. Ofego. Passei a garrafa para Morte.

Jack fez uma careta. — Vou beber do mesmo gargalo que o Ceifador?

— Infelizmente, — Aric deu um gole generoso, — não. — Com a mão enluvada, ele passou o uísque de volta a Jack.

De alguma maneira, por menor que fosse, Jack beber depois de Morte era um sinal de confiança. E claro, o competitivo Cajun teve que dar um gole maior que o de Aric.

— Mas, Milo está certo. — Jack me passou o uísque. — Vai ser bem difícil abrir aquele abrigo. Tenho munições, mas, aquela porta é feita para suportar explosivos. A não ser que seja possível enfiar as bombas no metal, não vai funcionar.

— Por que não? — perguntei com a garrafa ainda na boca.

— É como jogar uma banana de dinamite em uma bola de boliche. Ela só dá um solavanco. Mas, se enfiar a banana nem um dos buracos da bola? Bum.

— Talvez os gêmeos respondam amanhã. — O dia todo tentamos pelo rádio e por Aric. Nem estática de resposta. — Eles podem nos enfrentar. — Embora esperasse que se importassem com o pai, ao mesmo tempo duvidava. Nós até balançamos a isca das Crônicas. E ainda assim, nada.

— Ouais, peut-être. — *É, pode ser.* A expressão de Jack me dizia que ele também não tinha muitas esperanças.

Perguntei aos dois, — Se passamos por cima de todas as regras do “jogo” dos gêmeos, por que não chamamos o resto dos Arcanos para nos ajudar?

Aric me surpreendeu fechando o livro. Estava escolhendo beber uísque em frente a uma fogueira de acampamento à uma chance de estudo e contemplação? — Porque as regras do Louco ainda se aplicam, Imperatriz. Ele disse que nós três devíamos salvar Selena.

Estranho, eu tinha esquecido que era foco de interesse do destino.

Jack se voltou para Morte. — Eu gostei daquela história espartana. É verdadeira?

— Foi o que ouvi na época.

Na época. Naquele tempo. Ele já estava vivo.

O senso de curiosidade de Jack ainda era vibrante, forçando-o a perguntar, — Como é viver milhares de anos?

Fitando diretamente as chamas, Aric respondeu, — Imortalidade é o mais completo inferno.

Suas palavras me feriram como uma flecha no corpo. No coração.

— Existem outros? — perguntou Jack.

— Não que eu tenha conhecido.

A garrafa deu outra rodada. Não podia acreditar que os dois estavam conversando por tanto tempo, sem brigar. Fiquei hesitante em dizer alguma coisa, não queria quebrar o momento.

Aric perguntou para ele, — Como adquiriu o seu talento de ler as pessoas? — Embora Aric possuísse muitíssimos dons, gostaria de ter essa habilidade? Durante todos aqueles anos, ele foi um observador dos mortais, mas, raramente um participante em suas interações.

O olhar de Jack escureceu. — *Nécessité.* — Inspiração forte. Passar de garrafa. — Aquela história da sua armadura é verdade?

Olhei de um ao outro com os olhos semicerrados. Estavam baixando um pouco a guarda.

— Completamente. Achei que tinha enlouquecido, que sofria alucinações, até encontrar a cripta.

— Então... deuses existem?

Aric assentiu. — Foi assim que o jogo surgiu. Eles ficaram entediados.

Quando ele não falou mais, eu tive que me meter. — E? O que aconteceu depois do tédio?

— Quer ouvir a história da origem?

— Hmm, sim. — Passei a garrafa.

— Muito bem. — Ele bebeu, passando para Jack, iniciando outra rodada. — Uma deusa da magia desenvolveu uma luta até a morte composta de mortais selecionados. Ela convidou divindades de outros reinos a enviarem um representante de sua casa mais prestigiosa, todos jovens. Cada um ostentava o emblema de seu deus em sua mão direita, homem ou mulher.

Meu coração se acelerou... eu fui um desses jovens.

— Esses jogadores lutariam dentro de um Tar Ro, um reino sagrado tão imenso quanto milhares de reinos, coletando os emblemas de suas vítimas; apenas o jogador que coletasse todos eles deixaria Tar Ro com vida. Naturalmente, os deuses roubaram, presenteando seus representantes humanos com habilidades super-humanas, tornando-os mais que mortais. Habilidades secretas. É por isso que somos chamados Arcanos.

— Saudação Tar Ro, — murmurei. — A Sacerdotisa me disse isso.

— Um cumprimento antigo. Ela é bem letrada quanto aos jogos. Muito respeitosa quanto aos velhos costumes.

Provavelmente uma pessoa com a qual eu não deveria falar sobre pôr um fim ao jogo. — Por que os deuses nos deram chamados?

— Escassez de arautos²²? — humor Arcano.

— Vi sua mão mais cedo, — Jack disse. — Eliminou quatro cartas nesse jogo?

Morte tinha sim matado quatro cartas, mas detestou ter que fazer isso. Procurei na mente uma mudança de assunto.

— Quatro, — disse Aric, aquela palavra sozinha imbuída em desgaste.

O astuto Jack observou, — Um Anjo da Morte que não gosta de ceifar?

Aric controlou as feições. — Matar canibais e traficantes é diversão. Mas, eles são diferentes da maioria dos Arcanos. Caso tenha escolha, prefiro não fazê-lo.

Jack pareceu remoer aquilo ao passar a garrafa para mim. — Acredita que esse jogo possa acabar?

²² Mensageiros.

— Eu falhei no passado. Mas, não quer dizer que não seja possível. — Então, Aric disse apenas para mim, — Tenho um interesse particular em acreditar nisso.

Porque ele queria me levar de volta ao seu castelo isolado de um tempo perdido. Ter filhos comigo. Viver uma vida longa, mas, não sem um fim. Em resposta, lhe passei a garrafa.

Depois de ver as desgraças do mundo; a peste, os canibais, as mulheres amarradas e garotas acorrentadas, conseguiria deixar tudo para trás?

Nossa situação realmente se expandia para além do jogo. Caçávamos os Enamorados, não só para recuperar Selena, mas também, por eles infligirem tamanho terror em pessoas inocentes.

Depois de todo o mal que fiz em vidas passadas, não deveria reparar tudo nesta?

— Algumas cartas terão que ser destruídas sem levar em conta o jogo. — Aric apertou a mão livre. *Pensava no Imperador?* — Elas nunca se submeterão. Exatamente como os Enamorados se recusam.

— A gente não vai ter que se preocupar com esses dois por muito tempo. — Jack esfregou o curativo sem perceber.

— Não deveria carregar a marca deles, mortal.

Jack fechou a cara. — Não é como se eu tivesse escolha, eu.

— Queime com outro objeto. Em outro formato.

Depois de um momento de hesitação, no qual Jack claramente pesou e aprovou aquela sugestão, ele disse, — E por que você liga?

Aric deu mais um gole generoso. — Se soubesse o que os Enamorados realmente querem fazer à Imperatriz, sentiria vontade de aniquilar quaisquer vestígios que restasse deles.

CAPÍTULO 35

Eu estava em um monte, acima do vale empestado. Matthew estava ao meu lado.

A última coisa que lembrava era de ter rastejado para dentro do meu saco de dormir depois do uísque me afetar como a pancada de uma tábua na cara. Agora, meu amigo estava ali comigo. — Senti saudade. Está se sentindo melhor? — Quanto aquela visão estaria lhe custando?

— Melhor. — Ele não parecia tão pálido. Usava um casaco pesado, aberto, mostrando uma camiseta do Space Camp²³.

— Fico tão aliviada por ouvir isso, coração. Por que nos trouxe aqui?

— Poder é o seu fardo.

Olhei para todos aqueles corpos. — Senti o peso dele quando matei essas pessoas.

— Obstáculos se multiplicam.

— Quais? — Uma brisa sussurrava pelo vale. — Bagmen, traficantes, milícias ou canibais?

Ele levantou os dedos de uma mão. — Agora restam cinco. Os mineiros nos vigiam. Tramando.

— Mas, mineiros são a mesma coisa que canibais, certo?

Ele arrastou as botas com irritação. — Mineiros, Imperatriz.

— Ok, ok. — Esfreguei seu braço. — Você e Finn estão seguros?

Suas sobrancelhas se juntaram quando olhou para a vista. — Doente e louco, caído e morto.

Olhei a vista com ele, como se olhássemos um pôr-do-sol, algo belo. Não peste e morte. — Já me disse essas palavras.

— Tanto para você aprender, Imperatriz. Cuidado com a carta inativada.

Os poderes de um dos Arcanos permaneceriam dormentes, até que ele ou ela matasse outra carta. — Quem é essa carta?

— Não pergunte se não quiser saber.

Naturalmente, comecei a perguntar, mas ele me interrompeu. — Acredita que vejo além? — Olhou para mim. — Acredita que vejo uma linha contínua que se estica até a eternidade? Séculos atrás, eu disse à uma Imperatriz que uma futura encarnação dela viveria em um mundo de cinzas onde nada crescia. Ela nunca acreditou em mim.

²³ Filme americano de 1986.

Eu podia imaginar Phyta ou a Rainha de Maio avistando campos verdejantes e safras, duvidando do Louco.

— Agora digo a você que dias escuros virão. Acreditará em mim?

— Sim. Eu acredito. Por favor, me diga o que vai acontecer. Quão escuros?

— O mais escuro. Poder é o seu fardo; saber é o meu. — Sua expressão parecia implorar, bem como seus tenros olhos castanhos. — Nunca me odeie.

Eu levantei as mãos, tocando seu rosto. — Mesmo quando estava com raiva, nunca te odiei.

— Lembre. Matthew sabe das coisas. — Ele parecia a própria mãe, quando tinha tentado afogá-lo: Mamãe sabe o que é melhor, filho.

Baixei as mãos. — Me assusta quando diz isso.

— Sabe o que realmente quer? Eu vejo. Eu sinto. Pense, Imperatriz. Veja além.

Eu estava tentando! — Me ajude, então. Eu estou pronta. Me ajude a ver além!

— Tudo não é o que parece. O que você sacrificaria? O que suportaria?

— Para terminar o jogo?

Sua voz ficou mais grossa quando disse, — Coisas além das suas fantasias mais loucas vão acontecer.

— Coisas boas?

Seus olhos se encheram d'água. — Bom, mau, bom, mau, bom, mau, mau, adeus. Você é minha amiga.

— Espere!

Mas ele foi embora, me deixando ali, na companhia dos cadáveres.

Exalei, olhando o horizonte...

Meu coração deu um salto; havia uma garota no meio deles. Ela estava de bruços, pontas de espadas saindo das suas costas. Dez delas.

Ela virou a cabeça, e ela era eu, chorando sangue...

Acordei daquela visão perturbadora, para encontrar outra no mesmo nível.

Jack estava sem camisa, ajoelhado em frente ao fogo, prestes a encostar sua faca bowie vermelho-fogo na queimadura em seu peito.

Sentado perto, Aric observava, como se não estivesse nem aí.

Eu sentei com um pulo. — O que está fazendo?

— Prend-lé aisé, bébé. — *Vai com calma?* Estava embriagado? A garrafa estava ao seu lado, vazia. — Prefiro ter a marca da faca do que dos gêmeos. Não dá para suportar ver isso em mim. Nem sentir.

Virei para Aric. — E acha que isso é uma boa ideia?

— O seu escudeiro me diverte. — Seu sotaque estava forte, as palavras arrastadas.

Jack mostrou o dedo do meio para ele com a mão livre. — Ceifa. Isso.

Fiquei boquiaberta. Eles se embebedaram juntos.

Aric deu de ombros, me dizendo, — Eu faria o mesmo na primeira oportunidade.

Eu jamais, jamais, entenderia os homens. Aqueles dois se desprezavam. Disparavam veneno um contra o outro. E, ainda assim, tinham trabalhado juntos.

Então, pensei em Selena. Talvez também não entendesse as mulheres.

Porque ela e eu tínhamos feito a mesma coisa.

Jack inalou, prendendo a respiração. Sua bravura ardia tão forte quanto o metal que se aproximava.

Cada vez mais. O vermelho feroz se refletia na sua pele molhada de suor, nas contas do seu rosário. Mais perto.

Quando Aric levantou o queixo, Jack pressionou a lâmina.

Contato. A faca queimou seu peito. A carne chiou, a respiração saindo urgente.

A cabeça caiu para trás, os músculos tensos enquanto suportava a dor em silêncio.

Anos pareceram se passar antes que a faca esfriasse. Ele baixou a cabeça, e seus olhos brilhosos encontraram os meus. — Eles não têm poder sobre mim.

CAPÍTULO 36

DIA 378 D.F.

— Essa é uma baita porta, — falou Jack na entrada do abrigo.

Aric esmurrou um punho coberto pela armadura no metal molhado da chuva. — Deve ter um metro ou mais de espessura.

Por passagens montanhosas íngremes e cânions em espiral Aric rastreou o chamado de Selenia, nos trazendo diretamente aqui. Algumas horas atrás, eu também comecei a ouvir: *Contemplem a Portadora da Dúvida*. O chamado dos Enamorados também soou. O verdadeiro.

Observei a montanha que envolvia o Shrine. O topo estava coroadado em neblina, a rocha chamuscada. — Os explosivos vão servir?

Jack deu uma olhada para Milo, amordaçado e amarrado a certa distância. — Non. A porta é ainda mais grossa do que eu tinha esperado. A gente precisa de um jeito de penetrar esse metal.

— Então, o que fazemos agora? — Procurei uma abertura, algum tipo de fraqueza; como uma hera faria. — Não podemos entrar nem conseguimos falar com eles. — Eles tinham ignorado as tentativas de hoje.

De repente, Aric ficou imóvel.

— O que foi?

Ele colocou o indicador nos lábios e inclinou a cabeça protegida pelo elmo. — O chamado da Arqueira emudeceu.

Meu estômago afundou. Também não conseguia mais ouvir! — Ela está...?

— Sinto que ainda vive.

— Você me disse que um chamado podia se calar por um motivo que não seja a morte... como? — Minhas inscrições começaram a brilhar. — Por que?

A expressão de Aric era séria. — Quando um Arcano entra em estado catatônico.

Jack disse um palavrão.

— Eu não entendo. — Olhei de um para o outro. — Ela está com os gêmeos há dias. O que causaria isso agora?

— Devem ter atingido o limite, — falou Aric.

— Ou testemunhado um novo horror. — Jack meteu os dedos no cabelo. — Eu quase perdi o tino quando vi aquela manivela.

— Então, basicamente, o cérebro dela está se desligando? Oh, que se dane! Temos que entrar agora.

— Vou tentar os explosivos. — Jack marchou até o cavalo, recolhendo as munições: um kit de detonação e vários blocos de explosivos plásticos.

Enquanto ele armava a porta, eu andava impaciente de um lado para outro. Aric parecia perdido em pensamento.

Minutos depois, Jack ergueu o detonador. — Não crie falsa esperança. Esses explosivos não iam conseguir abrir nem uma porta de trinta centímetros.

— Então mandarei minhas heras. — Tinha vontade de usar os meus poderes para ajudar alguém que precisava. E aquele alguém era Selenia. — Elas vão escavar. Ou transformo essa montanha em areia com os meus espinhos. De algum jeito, nós vamos entrar! — Ergui as mãos para perfurar as palmas.

— Espere, Imperatriz, — Aric falou baixinho. — Eu posso atravessar a porta.

Jack parecia estar prestes a revirar os olhos. Mas então, perguntou, — De verdade?

Aric assentiu. — Posso explodi-la com algo muito antigo. E muito potente.

— Então, exploda! — Segurei sua mão enluvada. — Como Selenia diria, detona e toma! Vamos levá-la para casa.

— Vamos? Na primeira pessoa do plural? — Morte afastou a mão. — Você não compreende. Nunca deveria ter arriscado esta diligência. Jamais. Não enfrentaremos meros Bagmen ou mortais, e você ainda não aprendeu a invocar a bruxa vermelha completamente.

Jack me olhou de cara feia. — Contou a ele sobre a bruxa vermelha?

Fingi que não ouvi, encarando os dois. — Podem existir mais perigos aqui. Um exército de carnates pode estar esperando escondido na montanha. Além disso, os gêmeos não querem me matar imediatamente. Então, enquanto estiver por perto, vocês vão ficar mais seguros. Sem mencionar que estamos com o pai deles. Talvez queiram proteger o pai.

— Oh, ouais, a gente vai te usar de escudo humano. — Jack ergueu as sobrancelhas. — Nada disso.

— Viemos até aqui, e vamos salvá-la. Aric, você vai explodir a porta, e Jack, eu vou junto. Se vocês dois tentarem me deixar para trás, é melhor que me acorremem de uma vez.

— Entraremos no covil deles com oito ícones, — Aric disse entredentes. — Eles serão implacáveis.

Implorei com os olhos, lhe dizendo, *Selenia está sendo castigada por coisas que eu fiz. Você melhor que ninguém sabe como fui no passado. Se não a salvarmos, minha consciência não vai me deixar continuar vivendo.*

Quando ele não cedeu, voltei a levantar as mãos, as garras estendidas. — Quanto sangue acha que vai precisar para fazer um buraco na montanha?

Ele murmurou algo em Letão.

— Conheço essa cara. — Jack sacudiu a cabeça com tristeza. — Nem se estresse; ela vai conseguir o que quer de todo jeito.

Baixei as mãos e endireitei os ombros. — Vou conseguir o que quero, ou já consegui?

Jack baixou as mãos, cedendo. — Pode ir, peekôn.

Para Aric, perguntei, — O que vai fazer?

— Parece que não posso negá-la em nada. — Com outra frase em uma língua estrangeira, ele foi até Thanatos, pegou algo envolvido em tecido de dentro do alforje e retornou.

Jack ardia de curiosidade. Eu também.

Aric abriu cuidadosamente as pontas do tecido negro (porque óbvio que seria dessa cor). Seus olhos brilharam quando revelou... um bastão de um prata cintilante.

Eu ofeguei. — Isso é de Joules! — O metal entalhado brilhava. — Como conseguiu?

— Capturei de Torre, muito antes de ele ser Joules. — Em um tom seco, Aric falou, — Ele não teria se importado, já que o jogou fora.

Senti meus lábios fazerem careta. — Por que não explodiu na sua mão? Podia ter perdido o braço inteiro!

— Eu o capturei no ar, pegando-o como um ovo. A perda era uma possibilidade. Bem como o ganho. — Aric baixou os olhos para mim. — Sem risco, a vida fica artificial, não?

Jack assistia nossa interação com intensidade.

— Já viu este bastão antes, Imperatriz, em uma das prateleiras do meu escritório. Próximo às coroas dos inúmeros monarcas que derrubei, — ele acrescentou, sem dúvida para que Jack ficasse sabendo.

Aric salvaguardou todos aqueles tesouros em seu lar por eras. Mas, agora tirava um de sua prateleira, expondo-o ao mundo, porque ele também estava exposto.

Não era mais um mero observador. O Cavaleiro Eterno estava interagindo conosco, vivendo. Aric tinha razão; ele realmente evoluiu.

— Ele não tem preço, e mesmo assim vai usar nisso?

Ele inclinou a cabeça. — Por você.

Estava disposto a se desfazer de uma de suas posses porque achava que teria uma vida ao meu lado? Se eu não o escolhesse, ele voltaria a um estado de êxtase? Voltaria a ser infeliz? — Por que trouxe?

Como se um interruptor fosse desligado, o olhar de Aric ficou frio. — Caso entrássemos em conflito com o Imperador.

Assim que fizéssemos o resgate de Selena, eu iria até o fundo da animosidade de Morte com aquela carta.

— A carga dessa coisa vai ser suficiente? — Jack olhou o bastão, depois a porta do abrigo e então o bastão novamente.

— Pelo que entendo, — falou Aric, — o poder de fogo depende da força com que é arremessado; e sou bem mais forte que Joules.

Jack me deu um olhar tipo: Não suporto esse cara.

— Em todo caso, mirarei nos seus explosivos.

Arrastando Milo conosco, nos protegemos atrás de uma rocha a uns trinta metros de distância. Aric manipulou o dardo até ele ficar do tamanho real.

Milo deve ter percebido o que Morte tinha em mãos. Ele arregalou os olhos, gritando na mordada.

— Preparados? — Aric nos analisou. — Quando atirar, protegerei a Imperatriz. Porque, sabe como é... armadura.

— Faz isso logo, Ceifador!

Ele mirou, soltou a respiração. Com os lábios estreitos, atirou o dardo, liberando aquela sua agressão contida.

A trajetória do raio não foi curva, só traçou uma reta. Como uma bala.

Ele se abaixou, me cobrindo pouco antes do raio se chocar. A explosão reverberou.

A montanha estremeceu, o chão estrondou. Cascalhos choveram da cadeia montanhosa que nos protegia. Quando o abalo acalmava, a fumaça aumentava.

Tínhamos conseguido?

O ar começou a clarear... revelando a porta deformada. O metal tinha derretido, deixando um enorme buraco.

Aric conseguiu! Senti vontade de lhe abraçar, mas, contive minha animação. Aquele era só o primeiro passo.

Além disso, ele não parecia estar em humor para comemorar. — Não faça com que me arrependa disso, Imperatriz.

Nos aproximamos da entrada com cautela. Lâmpadas de emergência de um vermelho sinistro brilhavam no interior, a única fonte de luz.

Jack estava com o arco em prontidão em uma mão, o colarinho da jaqueta de Milo na outra. Aric tinha desembainhado as duas espadas. Minhas garras gotejavam.

Entramos em uma área de transição estilo industrial. Canos enormes, parafusos gigantes, peças soldadas. Pichação laranja cobria as paredes de metal cinza. Em letra gótica, alguém havia escrito repetidamente:

DOENTE LOUCO CAÍDO MORTO

No brilho das lâmpadas vermelhas, aquelas palavras cheias de maus presságios pareciam se mover. As mesmas palavras que Matthew me disse.

Jack empurrou Milo para frente. — Só um jeito de entrar. — O local não tinha portas, só um elevador.

— Deve ser uma armadilha. — Aric varreu o local com o olhar.

— Que é que foi, Ceifador? Quer viver para sempre?

— Não é o que recomendo. — Para mim, Aric disse, — Quando os enfrentarmos, não pode se conter.

— Não irei. — *Muito*. Fui até o elevador. — Os gêmeos não esperavam que entrássemos, então pode ser que não tenham armadilhas prontas. Podem estar correndo para aprontar alguma coisa enquanto conversávamos. — Apertei o botão de chamar. — A gente é que devia se apressar.

As portas se abriram. Dentro, luzes fluorescentes piscavam como aquelas lâmpadas vermelhas.

Aric passou rápido por mim para entrar primeiro, embainhando as espadas. — Deixe-me dar uma olhada. — Depois de uns minutos, indicou para que eu também entrasse. Atrás de nós, Jack chutou Milo para dentro.

Botões iluminados exibiam treze andares. A numeração era contrária; o segundo piso ficava abaixo.

Tantos andares assim? Aquele lugar era como uma colmeia subterrânea.

— Devemos torturar Milo para descobrir o andar? — Aric arrancou a mordaça do homem. — Tem algo a nos dizer?

Não tínhamos tempo. — Aric, olhe os botões. Com atenção. — Com a sua visão super-humana... — Consegue ver qual foi mais usado?

Ele os observou. — O sexto botão é o mais gasto. Apropriado, já que é o número da carta dos Enamorados. — Ele o apertou.

Milo surtou. — Vocês estão invadindo, não têm direito! Nós somos os verdadeiros defensores, os justos neste jogo. Somos a destruição pelo amor!

Quando as portas se fecharam, Aric chegou mais perto de mim. Sob as luzes que estalavam, Jack e eu trocamos um olhar preocupado.

Meu coração martelou quando começamos a descer, parecendo nos arrastar de um andar ao seguinte. — Eu sou a cauda da lagartixa. Eu sou a cauda. — Milo continuava tagarelando isso. — Sou eliminado quando somos pegos. — Tinha dito a mesma coisa ontem à noite.

O que estava dizendo? Às vezes, quando um gato pegava uma lagartixa, a criatura eliminava a cauda, permitindo uma fuga.

Arregalei os olhos. — Aperte o botão de emergência! — Os gêmeos iam sacrificar o pai. Nós entramos mesmo em um tipo de armadilha. Eles apostariam que eu sobreviveria, me regenerando de suas torturas. — Temos que sair daqui!

Mas Aric olhava para cima, para a saída de emergência interna do elevador que tinha acabado de se abrir.

Uma garota nos olhava de cima, uma cena replicada refletindo em cima dela.

Com uma risadinha, a Violet clone derrubou uma granada no elevador, e fechou a saída.

CAPÍTULO 37

Jack tinha me falado de granadas. Quando você puxa o pino, ela não é mais sua amiga.

E a maioria explodia em cinco segundos.

Mil e um...

Aric pulou em cima dela, ao mesmo tempo em que Jack. Colisão. Palavrões. Não dava para ver direito o que acontecia com aquelas luzes piscando.

Mil e dois...

Milo chutou os rostos deles, então eu o rasguei com minhas garras. Aric pegou a granada.

Mil e três...

Ele saltou, esmurrando aquela saída de emergência com tanta força que as dobradiças se soltaram. O clone de Violet gritou. Jack me pegou nos braços, me apertando contra a parede. — Se prepare.

Mil e quatro...

Com um grito, Aric jogou a granada pela abertura. Pelo único lugar possível.

Onde estavam os cabos. Os freios.

Mil e cinco...

BOOM!

Nós... caímos. Em queda livre. Aquela sensação de falta de peso arrancou um grito dos meus pulmões.

— Estou com você, bébé! Vamos sair dessa. A gente vai sair...

Aterrissagem.

Impacto de chocar osso com osso. Metal batendo em metal. Dor intensa?

A força arremessou Jack de um lado da cabine amassada ao outro. Eu estava firmemente presa. Engolindo em seco, olhei para baixo. Um pedaço de metal espetava minha cintura, pouco acima do meu quadril.

Pedras e escombros caíram no topo do elevador. O clone deu um berro. Mais pedras caíram, e depois entraram pela abertura, manchadas com o sangue da garota.

Eu precisava me mover. Contendo um grito, dei um passo, quase caindo.

— Evangeline! — As mãos de Jack procuravam ferimentos em mim. — Cristo, você está sangrando?

— E-eu vou ficar bem. Está ferido?

— Non.

— Aric? — chamei.

— Estou bem. Milo já esteve melhor.

Ele estava rolando pelo chão, gemendo de dor. Pedras continuavam a cair.

Jack levantou os olhos. — Temos que ir antes que a gente seja enterrado.

Aric desembainhou uma espada para abrir as portas destroçadas da cabine. — Ou antes que outro carnate atire mais explosivos. — Ele arrancou uma das portas; ela caiu no chão com um estrondo.

Pressionando o ferimento, avistei um depósito pouco iluminado. Aquilo eram palites de comida enlatada?

Acima das pedras que despencavam ouvi um rosnado.

Jack acendeu um bastão fluorescente que tinha no bolso, e o jogou. O bastão rolou pelo chão.

Quando parou, fiquei sem fôlego.

Bagmen. O que deviam ser centenas deles. Todos marcados.

Milo riu. — A cauda. A cauda. Agora a lagartixa esperta escapa.

Com rosnados enlouquecidos, a horda atacou.

Jack me empurrou para Aric. — Tire ela daqui!

Quando Aric me ergueu para a saída de emergência, Jack levantou Milo e o atirou para os Baggers.

Ignorando a dor na lateral, subi pelo teto, passando pelo clone, que agonizava. Ela estava com uma pedra em cima do torso esmagado, como se a tivesse segurado de propósito.

Sorriu para mim de forma serena, como se estivéssemos a bordo de um trem, prestes a viver uma aventura.

Como se obviamente fôssemos nos encontrar de novo. Então, seus olhos se fecharam.

Mais pedras caíram, batendo em minha cabeça. Uma grande entre elas. Eu cambaleei, vendo quatro da clone morta.

— Eles vão nos derrotar. — Jack tirou as pistolas, fazendo buracos nos Baggers.

— Subam aqui! — Tinha achado que ele e Aric estavam bem atrás de mim.

O rosnado ficou cada vez mais alto.

— Se não os detivermos, — as espadas de Aric brilhavam, — eles subirão ao topo da cabine.

Levantei os olhos. — Há outro andar, talvez a uns nove metros. — As portas do andar foram abertas pela explosão da granada. Luzes vermelhas piscavam de lá.

Jack disparou, — Dá o fora daqui, Ceifador. AGORA!

Antes que eu pudesse discutir, Aric saltou para se unir a mim, agarrando minha cintura ensanguentada. Ele foi para o lado oposto do fosso. — Consegue fazer isso.

— Fazer o quê?

Ele me atirou. Voei para cima, fazendo um arco na direção da abertura.

Hunf. A beirada bateu bem no meu ferimento quando caí, metade de mim para dentro, metade para fora.

— Suba, Imperatriz!

Minhas botas rasparam o fosso irregular. Antes que pudesse me puxar, dor atravessou minha cabeça.

Outra pedra? Fratura no crânio? Sangue escorreu pela minha têmpora. Minhas inscrições tremeluziram. Com o que restava da minha força, consegui subir para uma espécie de armazém.

Rosnados mais altos lá embaixo. Nada de tiros. *Jack?*

Não poderia soltar o meu tornado de espinhos sem arriscar sua vida. Veneno não funcionaria com eles. Não havia chão para cultivar as minhas heras, nem plantas para reviver.

Fiquei de bruços e espiei pela beirada. — Aric! — Eu o vi por uma moldura de sangue gotejante. Vermelho viscoso me rodeava, formando uma poça na entrada do andar. — Não o deixe lá!

Depois de uma hesitação de um segundo, ele puxou a bobina dos cabos torrados do elevador, arrancando-os. — Deveaux! — Jogou o cabo pela abertura. — Segure-se!

— Segurei! Vai, vai! Porra, eles entraram!

Em um movimento único, Aric puxou o cabo e saltou na minha direção. No meio do salto ele perdeu o impulso, agarrando a beira da abertura com as pontas dos dedos. — O mortal está preso a algo.

Jack estava pendurado na metade da distância; Baggers subiam para puxá-lo de volta, segurando pés dele.

Com o cabo em uma mão e a balestra na outra, ele disparava. Para cada Bagmen que matava, mais dois apareciam.

Pendurado pelas pontas dos dedos, Aric lutava para levantá-lo, e os elos de uma corrente de Bagmen pendurados nas pernas dele. Um cabo de guerra Bagger. — Não posso aguentar por muito mais. O mortal provavelmente já foi mordido.

Uma pedra do tamanho de uma bola de futebol bateu na nuca de Aric, levando seu elmo.

Ele caiu...

Ficou pendurado em uma saliência da rocha, pouco acima da maré crescente de Baggers.

— Preciso dele. — O olhar de Aric ia do elmo a Jack. Quanto tempo mais antes que soltasse o “mortal” para recuperar a peça extremamente importante de sua armadura? E se não soltasse Jack?

Se eu perdesse os dois...

Nunca mais ver os olhos cinzentos de Jack.

O sorriso desarmado de Aric.

A Imperatriz não era prisioneira nem encoleirada, e não perdia aqueles que amava. Apesar dos meus ferimentos, o calor da batalha se espalhou dentro de mim. Meu coração trovejou quando me coloquei, com dificuldade, de joelhos. Aric queria que eu libertasse a bruxa vermelha? Estava pronta!

Mas, como lutar com os Bagmen? Meus olhos correram por todos os lados. Como?

Cave fundo, sussurrou a bruxa. Como faria com a terra.

Meu arsenal poderia vir de... dentro de mim?

— Maldição, — Jack berrou. — Agora acabaram as flechas!

— Sievā, não posso aguentar.

Meu corpo começou a vibrar de maneiras desconhecidas. Quando um prazer quase elétrico se espalhou dentro de mim, minha respiração ficou curta até eu ofegar.

Estava acostumada com a sensação de raízes correndo debaixo do chão. Agora elas pareciam correr dentro de mim.

E era sublime.

A bruxa vermelha se ergueu. *Tome cuidado, Morte, aqui vem ela.* E a libertei. Luz explodiu das minhas inscrições, radiando do meu rosto, pelas minhas roupas.

Os Baggers chiaram, protegendo os olhos sensíveis.

Minha hera corpórea saiu da minha nuca, dividida em uma mistura de hera e rosa. Cordas verdes retorcidas se espalharam atrás de mim como uma aura gigante.

Agarrei a base da hera, rasgando a massa retorcida da minha pele. Com um grito, eu a arremessei para dentro do fosso.

Uma granada de fabricação própria.

Previ lanças verdes penetrando, se ramificando como artérias, invadindo, crescendo não da terra, mas do meu próprio poder.

Meus lábios se curvaram de felicidade quando me deixei ir, até sentir as heras penetrarem peitos pegajosos e empalarem crânios. Enquanto abriam Bagmen de dentro para fora.

Sim, sublime.

Baggers gemiam enquanto as heras ávidas se enterravam em suas peles como parasitas, afastando suas mãos de Jack.

— Pronto, Evie! Estou solto!

Diante dos meus olhos, caules de rosas e heras subiram como cobras pelas paredes do fosso, cobrindo a rocha. Um verde reluzente pintava tudo. Heras teceram uma rede acima de mim para capturar os escombros que continuavam caindo.

Aric soltou a beirada e desceu alguns metros para agarrar um dos caules fortes. Ele balançou o cabo, puxando Jack para cima.

Então Morte e Jack subiram, como mistérios ocultos trazidos à tona.

Assim que alcançaram meu andar, Aric perguntou, — Foi mordido, mortal?

Jack inspecionou as pernas, puxando o tecido coberto de gosma da calça jeans. Sem sangue. Sem pele rompida. — Non. Foi por pouco, mas não. — *Nós o salvamos a tempo.*

Ordenei que a rede caísse, prendendo a leva de Baggers lá embaixo. Eles a rasgavam, tentando subir, igualzinho a bruxa que continuava a gritar dentro de mim. Minha batalha externa refletia a interna.

Com o cheiro de rosas enchendo o ar, deslizei o olhar para Morte. Só com ele, cinco ícones. E estava sem elmo para se proteger.

— Tome as rédeas, Imperatriz. — O rosto de Morte estava tenso, as sobrancelhas juntas. — Lembre-se: não lutarei com você.

Virei para Jack, procurando ajuda. Só que quando encontrei seus olhos, percebi que ele não era a minha âncora.

Ele era o meu lembrete, de que eu queria preservar a minha humanidade.

Aric também não era um? Da minha promessa de nunca mais lhe ferir de novo?

Inalando profundamente, lutei para conter a bruxa. Batidas cardíacas ansiosas se passaram antes das minhas garras retrocederem, minhas inscrições se apagarem.

Usei meus poderes como nunca antes. Uma mão inteira de ícones me foi dada de bandeja. Mas, barrei a minha bruxa!

Carregado de um jeito sinistro pelas minhas heras, o apavorante elmo negro da Morte flutuava. Eu o recolhi, entregando-o a ele. — O que achou? — disse entre respirações pesadas. — Libertei o suficiente para você?

Ele sacudiu a cabeça.

— Qual é! Fica pior que isso?

Leve aceno. — Isso sequer foi uma fração, Imperatriz.

— Sério? — Tão rápido quanto aumentou, o calor da batalha se dissipou. Uma tontura me acometeu. — Minhas inscrições poderiam iluminar uma cidadezinha do meio-oeste. E virei uma Pequena Loja dos Horrores com aquelas heras. — O apelido que Selenia tinha me dado.

— Realmente. Ainda assim, nada além de uma fração.

Jack passou a mão pelo rosto. — Onde aprendeu a fazer aquilo, peekôn? Os Baggers pensaram que estavam no sol! Quantas heras pode fazer ao mesmo tempo?

Ao menos *ele* estava impressionado. — Não sei. É uma sacola nova, cheia de truques.

Jack se virou para Aric. — A cada segundo lá achei que fosse soltar o meu traseiro Cajun. Mas, não soltou.

— Suponho que ainda não era sua hora. — Aric colocou o elmo.

— De qualquer forma, valeu por não fazer daquela a minha hora.

Parecendo desconfortável com a gratidão, Aric se ajoelhou ao meu lado. — Cortou o escalpo?

Minha alta de adrenalina diminuiu, dando lugar a dor excruciante em meu corpo e a um ataque de náusea.

Aric mexeu no meu cabelo. — E não apenas um corte. Fraturou o crânio. E teve a lateral do corpo perfurada.

— Vou me curar.

Jack nos observava de olhos estreitos.

E estreitei os meus em resposta. — O que estava pensando? Não faz sentido enfrentar Bagmen, com armas limitadas, e sem armadura. — Meu horror se transformou em raiva. — Bem como não faz sentido ter se jogado em uma horda deles na outra noite! Mesmo depois de ter me prometido que não se arriscaria.

A expressão de Jack: *puta merda*.

-
- Deixemos isso para outro momento, talvez, — falou Aric. — Há movimento na escadaria.
- Um sinal de SAÍDA verde brilhava não muito longe, debaixo dele uma porta aberta.
- Sem munição, eu. — Jack passou a manga pela testa suada. — Mais Baggers?
- Não teremos tanta sorte.

Um coro de vozes soou daquela porta. — Vamos te amar tanto, mas tanto.

Capítulo 38

Carnates encheram o andar, tantos que a minha mente debilitada nem conseguia compreender o que via.

Réplicas perfeitas. Bonecos de papel cortado de mãos dadas em uma linha sem fim, com a diferença de que aqueles tinham espadas.

Morte desembainhou a sua e marchou para a batalha. Bem ao seu lado, Jack pegou um extintor de incêndio e o transformou em arma.

Quando tentei levantar, senti o que tinha no estômago subir. Virando de lado, vomitei naquela poça com o meu sangue.

— Fique onde está, Imperatriz! — A espada de Aric atacou.

— A gente cuida dessa! — Jack golpeou a cabeça de um Vincent.

Consegui me levantar, me apoiando contra a parede. Assim que minha força voltasse, invocaria uma enchente verde do fosso do elevador...

Uma mão cobriu a minha boca!

O chão pareceu se mover sob meus pés... não, nós nos movemos. Uma parede falsa girou e nos levou a uma área oculta. *Jack e Aric sequer saberiam que eu fui levada?*

— Se quiser ver Selena viva, — sussurrou um homem, — vai ser uma menina boazinha.

Vincent. Eu pressentia que esse era o verdadeiro.

Sua ideia de menina boazinha era uma coisa que eu nunca seria. Quando ele passou um braço em volta do meu pescoço, fiz brotar os meus espinhos, prestes a injetar meu veneno. Metade de um ícone estava prestes a ser meu!

— Reconhece isso? — Ele levantou um sensor de pressão em frente ao meu rosto. — Selena está com o colar agora.

Mas... o ícone dos Enamorados...

Não, não, Selena era minha amiga. Para mim, a sua flecha de Arqueira já tinha perdido o significado.

Inspirei para me acalmar. Vincent poderia me levar até ela, e até Violet, me guiando dentro do Shrine. Levantei as mãos em rendição.

— Estou impressionado, Imperatriz. Você realmente se importa com outra carta. — Ele me arrastou até um elevador secreto e menor, não muito maior que um elevador de alimentos. — Vi e eu debatemos se essa ameaça iria conter a sua sede de sangue.

Ele e eu subimos, não saberia dizer quantos andares antes de pararmos. Ele me levou a um corredor com a mesma aparência industrial, com aquelas mesmas palavras laranjas pintadas com spray.

DOENTE LOUCO CAÍDO MORTO

Sua cena apareceu em cima de seu corpo, de cabeça para baixo, mas clara como cristal.

Finalmente, eu encarava um dos gêmeos originais.

Vincent era bem diferente dos seus carnates altos e perfeitos. Seu corpo real era esquelético, mas com gorduras localizadas, a pele amarela e oleosa. O cabelo preto estava emaranhado, a camiseta sem manga e o jeans manchado de sangue. Cicatrizes velhas e novas cobriam seus braços... da sangria.

Ele criava os carnates com a sua aparência idealizada. *Vaidoso? Ah, sim.*

Mal podia esperar para ver a verdadeira Violet. — Admita: você usa Photoshop nos seus carnates.

— Quer mesmo discutir aparência? — Até a voz era mais fina que a dos carnates. — Está coberta de sangue. Surpreendentemente, desta vez ele é seu.

Justo. — Onde estão Selen e a sua irmã?

— Estou te levando até elas. — Indicou para que caminhasse com ele.

Foi o que fiz, decidindo jogar o seu joguinho enquanto recarregava e me curava. Eu bolaria um plano para tomar aquele sensor, eliminar os gêmeos, e voltar para Aric e Jack.

Vincent e eu caminhamos lado a lado pelo corredor, como se fôssemos para uma sala de aula. Como se eu não fosse matá-lo na primeira oportunidade. Como se ele não estivesse imaginando de que forma me faria gritar pela primeira vez.

Como se os Baggers não tivessem acabado de devorar o seu pai.

A calma antes da tempestade. Tanto eu quanto Vincent sabíamos disso.

— Por que pichar essas palavras? — Minha voz estava grossa de vomitar e gritar.

— Para que Violet e eu nunca nos esqueçamos do poder que detemos.

— E esse poder é?

— Nós controlamos a força mais destruidora do universo.

Já estava cheia de ouvir isso. — Estava errada quando falei isso sobre o amor.

Ele fechou a cara. — Claro que é a força mais destrutiva, é o nosso poder. Amor gera violência, assassinatos e guerra. Por que outro motivo os mortais o igualariam a coisas tão terríveis?

— Do que está falando?

— Apaixonado, perdido e cego de amor, tudo isso significa: louco. Tememos tempestades e também corações partidos. Caímos cegos, caímos em uma armadilha, caímos doentes, caímos loucamente. Por que caidinho de amor e não elevado de amor?

Não tinha resposta para isso. Não sabia exatamente como descrever o amor; só sabia de sua ideia dele como sendo algo perverso.

— Se a flecha do Cupido te atinge no coração, você fica doente de amor. Parece doloroso, não? — Com a mão livre, ele levantou a gola da camisa, girando a cabeça para alongar o pescoço. — E morto de amor? Só um toque da flecha e uma aflição invisível o mata.

— Amar dói. Já entendi.

Ele sorriu; eu fiz uma careta. Seus dentes amarelos pareciam com os do pai. — Você sofre agora, Imperatriz. Seu amor não está mais diluído. Está dividido entre o Caçador e Morte.

Em algum lugar daquela toca, Aric lutava incansavelmente por mim. Eu realmente o amava. Como amava Jack.

— É complicado. — *Minha resposta do mês.*

— Você quebrou nossas regras trazendo Morte aqui. Mas, fico feliz que tenha feito isso. Agora temos dois seres amados para usar contra você. Talvez deixemos que fiquem vivos. — O olhar de Vincent ficou vazio, as pupilas dilatadas.

— Está vendo pelos olhos dos seus carnates.

— Nós estamos.

— *Sievā, abra sua mente para mim!*

— *Aric! Estou bem por enquanto. E você e Jack?*

— *Ocupados no momento.*

— *Estou com Vincent. Não encontro Selena nem Violet.*

— *Irei atrás de você em breve. Agente firme.*

— *Eu posso enrolar aqui.*

Sem resposta.

Os olhos de Vincent se clarearam. — Lembrou a nossa história?

Balancei a cabeça dolorida. — Mas, quando Morte traduzir suas Crônicas, vou ler a respeito.

— Nossos carnates estão recuperando a nossa propriedade roubada dos seus cavalos enquanto falamos.

— Do cavalo com armadura do Ceifador? — Eu tinha que rir. — Boa sorte nessa. — Era melhor rezar para não conseguirem chegar perto do garanhão. Thanatos erguia quase duzentos quilos só com as patas da frente e fazia composto de Bagger com os cascos. — Por que essas Crônicas são tão importantes para vocês?

— Nossas primeiras lembranças são do nosso pai lendo as Crônicas para nós, todas as noites antes de dormir. — *Historinhas de ninar sangrentas.* — Somos sentimentais.

Sentimentais? — Por causa de você e da sua irmã, seu pai está sendo digerido no momento.

Ele assentiu. — Hoje amamos nosso pai. Amamos nossa mãe, quando começamos essas novas encarnações. — *Ela morreu ao dar à luz?*

Uma suspeita se formou. — Vincent, vocês já saíram deste lugar?

Ele piscou os olhos. — Por que sairíamos?

Diante da minha expressão descrente, ele explicou, — Nosso pai comprou o Shrine quando nossa mãe engravidou, só no caso dos seus filhos serem os protagonistas de um novo jogo, e no de uma catástrofe. Assim que descobriu que éramos gêmeos, ele sabia que o jogo estava para começar. Fomos protegidos aqui dentro desde antes de nascermos.

Os gêmeos nunca sentiram o sol na pele?

Ele apontou para uma porta. — Ali dentro.

Mais uma vez, tomei a decisão de acompanhá-lo.

Assim que passamos pelo limiar da porta, ele a fechou. Sem jamais tirar o dedo do sensor, nos trancou com uma combinação de números que não vi. Estava presa ali com ele?

Ele é quem estava preso comigo.

Vamos, Enamorado, toque...

Ele me trouxe a uma sala de jogos de tamanho considerável. Contra uma parede havia uma geladeira, um micro-ondas e ao lado uma pia. Uma lata de lixo cheia de pacotes de comida congelada e sacos vazios de batata frita. Havia roupas amassadas em volta dela.

Uma mesa de última geração percorria a parede oposta, coberta de teclados e controles de videogame. Monitores instalados mais acima. Diferentes jogos estavam pausados.

Em frente a uma cadeira acolchoada de jogador tinha um prato com um Hot Pocket comido pela metade ao lado de uma lata de Coca-Cola.

— Então aqui é o seu ducado. Fica sentado aqui jogando? — Enquanto todas as pessoas no mundo lutavam para sobreviver? Como é que os idiotas que menos mereciam no planeta conseguiam esses luxos?

— Jogamos quando não estamos praticando nossa arte. Ou sendo interrompidos, — ele disse me olhando com chateação. Sensor na mão, sentou na cadeira. — De certa forma, nossas vidas são videogames. Mandamos os nossos avatares mundo afora, e o Shrine é a caverna do chefão.

Vincent era um monstro, e ainda assim parecia mais um adolescente animado ao dizer, — Transformamos ele em uma casa de horrores! Temos carnates patrulhando cada andar e Baggers no porão para guardarem nosso tesouro. Parabéns, Imperatriz, você sobreviveu à nossa brincadeirinha da explosão, então ganhou o direito de jogar uma fase bônus. Mas, só lhe resta uma vida. — Ele me deu um sorriso repulsivo.

Vincent Milovnici já tinha preparado muitos lanchinhos de micro-ondas na vida, mas aparentemente nunca viu uma escova de dentes. Tirei os olhos do seu sorriso, franzindo o cenho ao ver aquelas roupas perto da lata de lixo.

Eram de Selen?

Sim, aquela era sua camisa, casaco e botas, para serem descartados juntos com as embalagens de comida. Porque os gêmeos acreditavam que nunca mais precisaria delas? — Onde está Selen? O que fizeram com ela?

Em um tom perplexo, ele respondeu, — Nós a amamos.

Fúria brotou dentro de mim. — Estuprou?

— Eu? Trair a Vi? Está maluca? — Ele ficou tão horrorizado que acreditei nele.

Nunca achei que me sentiria aliviada ao saber que Vincent era fiel a Violet. — Disse que me levaria até Selen.

Ele puxou a gola da camisa outra vez. — Que pressa é essa? Temos todo o tempo do mundo.

— Tem vergonha que eu a veja? Que eu veja os seus prazeres doentios?

Ele voltou a sorrir. — Nossos prazeres doentes de amor.

Olhei para ele com minha melhor imitação de Selen. *Sério?*

Suas sobrancelhas pretas se juntaram. — Temos orgulho da nossa obra, Imperatriz. Sempre tivemos.

Obra?

— Se está tão ansiosa para conhecer... — Ele pressionou um botão na mesa. Um painel da parede se abriu, revelando uma câmara de tortura. O ar do interior chegou até mim como um bafo podre e quase voltei a vomitar.

Aquela área fazia a tenda do Azey Sul parecer amadora. Todos os dispositivos de antes estavam ali, e outros novos. Um pelourinho, uma mesa de tortura e uma guilhotina genuína.

Correntes penduradas em vigas. Martelos cheios de sangue coagulado e machadinhas em cima de uma bancada de trabalho. Um quadro cheio de furos e pinos exibia várias máscaras de metal, dispositivos de manivela, serras e tesouras de poda.

Uma fogueira enorme ardia dentro de um fosso de ventilação, uma bandeja de pinças e atizadores já prontos.

Um cadáver apodrecia em uma cadeira com pregos; um segundo em decomposição em uma gaiola pendurada.

— Meu estoque de vítimas ficou cada vez menor. — Vincent suspirou, como se envergonhado pela quantidade medíocre de carnificina. — Mas, agora que está aqui, com a sua regeneração, será como um videogame que nunca acaba.

Havia uma cama com lençóis revirados. Os gêmeos dormiam ali, entre os corpos e o fedor. — Onde está Violet?

— Ela sempre está por perto.

— Se você e sua irmã têm os poderes dos Supergêmeos, porque não andam sempre juntos?

— Nossos talentos estão... evoluindo. — Ele parecia achar aquilo hilário.

À minha direita, vi um tronco de madeira ensanguentado com um machado incrustado. Tinha alguém ajoelhado na frente dele.

— Selena?

Ela estava imóvel, os olhos escuros vazios.

O cabelo comprido cheio de nós e em volta do rosto. Só estava com o jeans e o sutiã, e parecia ter perdido dez quilos nesses dias. Cada pedaço exposto de pele estava coberto de hematomas.

— Sua chegada nos interrompeu. — O tom de Vincent era irritado. — Estávamos prestes a cortar a mão da Arqueira...

Corri até ela, caindo de joelhos ao seu lado. — Selenia! — Por trás de uma lâmina de machado sinistra, seu braço estava estendido pela superfície do tronco.

Oh, santo Deus, eles martelaram um prego enferrujado em sua mão para mantê-la no lugar. Foi isso que a fez perder a consciência?

Tirei o cabelo do seu rosto, colocando-o por cima do ombro. Uma marca a ferro criando crosta cobria seu peito, dois triângulos sobrepostos, cortados com flechas.

Fúria ferveu dentro de mim. Outra hera corporal cresceu do meu pescoço e se dividiu às minhas costas. Desta vez, não era uma aura verde; parecia mais a cabeça de uma naja.

Vincent estremeceu de nojo. — Nem consegue imaginar o quanto te achamos repulsiva. — Ele levantou o sensor. — Calminha, Imperatriz. Agora que a temos aqui, não precisamos tanto da Arqueira.

Maldito sensor! Eu conseguia controlar minha ira. Apertei os dentes, forçando a hera a retornar.

Ela retrocedeu gradualmente. Assim que deslizou para debaixo da minha pele, me virei para Selenia. — Por favor, diga alguma coisa. — Ela não reagiu. — Selenia, me responde! — Nada.

Olhei para Vincent. — O que, inferno, vocês fizeram?

Ele sentou em um baú aos pés da cama. — Enquanto esperávamos que o braço da Arqueira curasse, a colocamos em uma sauna de tortura, em pé com uma corda no pescoço, lhe forçando a se equilibrar nas pontas dos dedos em cima de uma chapa quente. — Sua atitude era tão nem aí quanto a do seu carnate. — Mortais enlouquecem em poucas horas, mas, ela aguentou dias sem comida nem água. Ela emergiu, uma tela em branco a ser trabalhada.

Se fizeram isso com ela, o que tinham feito com Jack?

— Hoje planejávamos cortar seus dedos um por um, lhe atormentando com a ideia de que jamais atiraria outra flecha. Mas, Vi decidiu que queria cortar logo a mão inteira da Arqueira. Então, naturalmente, prendi a nossa prisioneira e comecei a afiar meu machado. — Com uma exalação, disse, — Qualquer coisa por amor.

Minhas garras pingavam. Eu ansiava plantá-las no seu papo seboso.

— Pouco antes de chegar aqui, segurei o machado acima da cabeça, pausando para dar um drama. Esperava que ela chorasse e implorasse, sabe como é; como prisioneiros fazem. Mas, a Arqueira coração de pedra não conseguia chorar, era como se suas lágrimas fossem ensinadas a não saírem dela. Ela simplesmente apagou. Vi acha que ela foi condicionada a desligar os sentidos diante de tortura. Acho que a Arqueira surtou porque foi a primeira vez que contemplou a minha irmã.

Arrepios subiram pela minha espinha. — Por que isso faria Selena ficar catatônica? — *Faria com que eu também ficasse?*

Outro sorriso. — Você verá.

Engoli em seco.

— Com você aqui, adiamos a amputação, esperando que pudesse tirar a Arqueira desse estado. Ela devia vivenciar a nossa prática de maneira completa... — ele parou de falar, olhando para algo além de Selena. — Só um segundo. Estamos em um período crítico. — Ele levantou e foi para o outro lado dela, até uma enorme poça de sangue.

— É de Selena?

Em resposta, ele rolou os olhos claros. Com a mão livre, tirou um canivete do bolso e o abriu. Cortou o braço, grunhindo de... prazer? Então estendeu o braço com o corte, e o sensor, para cima da poça de sangue.

Quando a primeira gota caiu, o ar acima da poça tremeu, como de calor. Eu senti poder, como quando Finn criava uma ilusão. — Está criando um carnate.

Vincent dobrou o canivete, colocando-o no bolso. — Nós o chocamos ao lado de prisioneiros para que nossas crias entendam logo as formas de amor.

Precisava dar a Aric e Jack tempo suficiente para nos encontrar; ou seja, teria que participar daquela conversa grotesca. — Você e Violet não precisam misturar os sangues para se clonarem?

— O dela está aqui.

— Quantos fizeram?

Ele estufou o peito. — Legiões. Nós os enviamos até o que costumava ser o Pacífico e até mesmo à linha do equador.

Ele teria visto tudo o que viram. — E? O que tem lá?

— É igualzinho aqui, cinzas e ruínas por todo quilômetro. Esquecimento. O mundo foi amado, e agora está destruído.

Ele falava como se já tivéssemos chegado ao fim. Tinha que existir algo mais! Um sentido em tudo aquilo. Uma lição. Só precisávamos descobrir. Do contrário, estaríamos só suportando os anos que nos restavam, até o triste fim.

Aguentando coisas como isso.

Ele voltou a puxar a gola. — Sobreviventes procuram sussurros a respeito de um santuário, vagando pelas cinzas. Mas, não passa de uma piada. Não existe nada.

Poderia haver um Haven.

Talvez o sentido fosse ter esperança, mesmo sem existir esperança, e seguirmos decentes. — Você e a sua família poderiam ter feito tanto bem ao mundo. Mas, ao invés disso, escolheram se transformar em pesadelos.

— Em oposição à você? Admita, Imperatriz, você é má. Todas as cartas são.

— Isso não é verdade. Morte não é mau.

— Se acredita nisso, então não o conhece muito bem.

— Eu o conheço há vidas inteiras, — disse vagamente, aquela poça de sangue chamando minha atenção. O fogo refletia nela, atizando os vislumbres de uma lembrança.

O nascer de um sol de verão.

O aroma opressivo de rosas.

Tinha perguntado a alguém, — Quem leva minha flor?

A lembrança se foi quando dedos brotaram da superfície do sangue. Prendi a respiração diante daquela visão apavorante. Um carnate se levantava!

Como um morto da tumba.

Uma mão emergiu, mas, sangue não manchava a sua pele de porcelana. Uma tatuagem apareceu, letras negras naquele mesmo estilo gótico. Era um número? Um número de série? Aquela não podia ser a contagem precisa.

Selena não reagiu nem àquele... nascimento.

O carnate continuou a se erguer, outra mão aparecendo. Quando pude tirar os olhos, notei que os olhos entorpecidos de Vincent tinham escurecido de novo. Observando a luta? Isso queria dizer que ficava cego a tudo o que lhe cercava?

Aric não falava já tinha um tempo.

— Essa batalha tem tudo para ser bem interessante. Agora que Morte percebeu que você sumiu, eliminará o Caçador, achando que você não vai ver.

— Morte não faria isso com Jack. Ele tem honra. Admita, Vincent, você vai ter que aceitar que algumas cartas são boas... — Meu olhar voltou a deslizar para a poça. Para a criatura Violet que emergia.

A lembrança do meu passado com os Enamorados parecia estar bem próxima. Lembrava montes de rosas, com espinhos tão grandes quanto adagas e do sangue de Violet gotejando de uma colina. Eu o colhia nas mãos feito chuva.

Por que o sangue dela caía de cima?

Ofeguei quando a cena inteira surgiu. A sala pareceu encolher, meus pulmões contraindo. Eu tinha amarrado Violet com as heras, prendendo-a em uma... lâmina de moinho, uma vela coberta de tecido. Seu sangue havia saturado o pano branco, pingando para que eu o coletasse.

A estrutura grunhiu sob o peso dos caules das rosas, as terras dos Enamorados invadidas por elas. Por mim.

Tinha ordenado que as heras se enterrassem em sua pele, enquanto a mantinha viva. Conforme ela girava e girava, seus gritos agonizados corriam pelo vento.

Ela parecia mais nova do que eu era agora. Meu estômago sacudiu.

O Exército se aproxima, um moinho gira. Achava que Matthew me alertava da chegada do Azey.

Oh, foi o que ele fez; só não do jeito que eu pensava.

Deixei Violet presa daquele jeito durante dias. Até Vincent vir atrás dela, se sacrificando.

Venha, junte-se a ela, pague o preço. Não há vergonha alguma na rendição, Enamorado. Eu tinha feito uma abertura naquele mar de espinhos, chamando ele. Como atraímos com arte. Como punimos com perfeição.

Eu o cortei inteiro. Sufoquei os dois com heras. Arranquei seus olhos com as garras e plantei brotos nas cavidades.

Os gêmeos não foram, necessariamente, monstros naquela vida, mas eu sim, tão má como uma invocação da bruxa vermelha.

E Aric queria que eu a soltasse completamente? Como podia dizer que conhecia Morte, quando sequer me conhecia?

— Você está lembrando! — Vincent piscou para clarear os olhos. — Ao menos cumpriu a sua promessa de nos despachar juntos. Mas, depois profanou nossos restos mortais. Quando os cronistas da minha linhagem nos encontraram, suas flores odiosas desabrochavam dos nossos corpos!

Minha respiração acelerou até eu ficar prestes a hiperventilar. Assim que nos tirasse daquele lugar, aceitaria aquelas lembranças como um castigo. Por hora, precisava ajudar Selenia.

Vincent disse, — Nesta vida, Vi e eu nunca seremos separados; nunca mais.

Então, onde diabos ela estava?

Seus olhos brilharam mais uma vez. — Decidimos que um dos seus amantes deve morrer hoje. E que a escolha deve ser sua. O Ceifador? Ou o Caçador?

Sacudi a cabeça com força. — Não pode me obrigar a escolher.

— Então decidiremos por você. — Ele bateu no queixo. — O Caçador morrerá. Nossos carnates vão se concentrar nele agora.

— *Aric! Por favor, ajude Jack!*

— *Uma causa perdida, esposa.*

Selena tinha enrijecido? A necessidade desesperada de proteger Jack me inundou; ela também sentia o mesmo? O suficiente para sair daquele estado?

Se alguma coisa pudesse lhe tocar...

Por Jack, Selena Lua faria qualquer coisa.

Em um tom zombador, Vincent disse, — Meus filhos nunca matam de um jeito limpo. O Caçador ladrão está prestes a morrer por uma maneira terrível.

Ok, Selena definitivamente tinha se mexido.

Quando Vincent foi ficando mais distraído, entre criar um clone e se comunicar com os que lutavam, sussurrei para ela, — J.D. está correndo perigo, Selena. Acha que ele sabe que não pode contar com você. — Meu Deus, eu era doente. — Toda sua força e velocidade, aqui sentadas, esperando, enquanto é atacado.

Debaixo daquela coleira, seu pulso bateu mais rápido.

— O que está dizendo a ela? — Vincent piscou rapidamente.

— Hum, seu carnate precisa de você. — Apontei para a poça ao lado de Selena. Os dois braços do clone tinham aparecido, o topo da cabeça surgindo. Como um bebê, a criatura agarrava o ar, como se quisesse ser pega nos braços.

— Siga minha voz, — ele sussurrou para a coisa ao se ajoelhar na beira da poça.

WHAM.

Em um jato de sangue, Selena arrancou a mão pregada na madeira e virou o braço esticado para Vincent. A linha do membro tenso o atingiu na garganta.

Sua cabeça foi arremessada para trás. Relaxada em um ângulo estranho. O corpo seguiu a queda.

Selena havia despertado para quebrar o pescoço de Vincent... com apenas um golpe.

— O sensor! — Pulei em cima dele, mas, ele o tinha derrubado no sangue ao lado do carnate que agora afundava. — Selena! — Me virei para arrancar a coleira com as garras.

— Tudo bem, — ela murmurou.

— NADA bem! — Arranquei a peça do seu pescoço, jogando-a fora.

Ela se virou para mim. — Eu vi... o polegar dele escorregar... nada aconteceu. O sensor da coleira está quebrado, foi quebrado. — Sem aviso, ela se atirou em mim.

— Selena, espera!

— Evie! — Ela gritou, me abraçando forte. — Você veio me salvar.

— Oh! Hmm, você vai ficar bem, — garanti ao acariciar seu cabelo cheio de nós. — Mas, também temos que matar Violet.

Selena apontou para Vincent. — Olhe para ele.

Ele estava deitado de costas, os olhos claros fixados no teto. Sua camisa tinha aberto para revelar uma estranha tatuagem no peito.

— Ele tem sua própria marca, — ela acrescentou.

— Não entendo. Deixa eu ver. — Me soltei dela, e dei um passo para mais perto dele.

— AH! — me afastei às pressas, escorregando no sangue, meus braços girando feito cata-ventos ao cair sentada no chão. Embaixo da gola de Vincent, bem acima do seu coração, um olho arregalado me olhava.

Azul-esbranquiçado. Como o de um peixe morto.

— Oh, meu Deus! O que é isso? — Sem nunca tirar os olhos, consegui me colocar de joelhos. Quando o olho piscou, contive um grito. Real? Irreal?

— Isso é Violet, — Selena cuspiu. — Ele me contou que a amava tanto que a colocou dentro de si antes que nascessem. Para que a Imperatriz jamais os separasse outra vez.

Vincent tinha absorvido a irmã no útero. Sua irmã nunca chegou a ser uma... pessoa.

Palavras de Matthew: *Os gêmeos inseparáveis. Nunca se separam.* — M-mas Vincent falava como se ela existisse. O general também.

— Porque são loucos!

Não era de admirar que Matthew ficasse confuso. Nem que os gêmeos nunca tivessem usado seus poderes mais potentes. Eles não podiam sussurrar juntos nem dar as mãos e balançar os braços.

O olho se movia. Direita. Esquerda. Então parou, bem aberto, tão vidrado quanto o do irmão.

Violet estava morta.

Não conseguia respirar, estava prestes a surtar, mas, como Matthew tinha me dito, ainda não saímos da floresta. — Selenia, eu volto logo. Vou pegar suas roupas. Ok? — Cambaleei até a porta de saída. Trancada com uma combinação. Morte conseguiria abrir?

— *Aric? O que está havendo?*

— *Os carnates que restaram ruíram...*

— *Vincent está morto. Os Enamorados já eram. Você e Jack estão bem?*

— *Ficaremos se conseguirmos achá-la. Está em segurança?*

— *Nós estamos bem. Só presas aqui dentro.*

— *Ajude-me a localizá-la.* — Eu o ouvi gritar, — Imperatriz!

— *Parece estar longe!*

— *E agora?* — Ele gritou, Jack o acompanhando.

— *Mais perto.*

Enquanto esperava que chamasse de novo, fui até a pia, lavando rapidamente o grosso do sangue. Então peguei as roupas de Selenia e um rolo de papel-toalha, voltando até ela. — Vamos fazer um curativo temporário na sua mão. — Não consegui dizer com certeza, mas, achava que o prego não tinha atravessado osso. Dobrei o papel-toalha, forjando gazes. — Ok, hora de se vestir.

— O-nde J.D. está?

— Está vindo. Ele está bem. Todos os carnates caíram mortos.

Ela assentiu, e continuou a assentir. Ainda balançava a cabeça quando o rosto franziu. — Evie, ele me marcou. — Eu não sabia o que me perturbava mais naquela sala: a localização de Violet ou a reação de Selenia.

Ela precisava chorar. Mas, ela foi realmente ensinada a não derramar lágrimas.

Agarrei a sua mão boa. — Estamos aqui. Vamos superar isso.

Ouvi o grito de Aric. Está mais perto.

— Isso não é J.D.

— Hmm, vamos colocar a camisa. — Eu a ajudei a se vestir. — Depois as botas. — Quando terminei, disse, — Ei, é melhor que saiba, Aric está aqui com a gente. Foi por causa dele que conseguimos chegar aqui.

Ela deu um pulo para trás. — Morte?

— Ele e Jack enfrentaram os carnates juntos. Baggers e traficantes antes deles. Lutaram um ao lado do outro por dias.

Passos soaram quando eles se aproximaram. — *A tranca tem uma senha. Consegue arrombar?*

— *O que não sou capaz de fazer para alcançá-la, Imperatriz?*

Com a revelação de que Morte estava ali, Selena começou a ficar desnorreada. — Não, não, fique aqui comigo, garota! Ele não vai te machucar. Ele nos ajudou em todos os momentos. Eles virão nos soltar, ok?

Segundos depois, a bota com armadura de Aric batia na porta de metal. Repetidamente.

— *Mande Jack entrar primeiro. Selena não está bem. Você pode deixar ela ainda mais perturbada.*

De repente, ela soltou um grito que ecoou pelas paredes. Ela fitava a mão em horror, a ferida.

Um ícone aparecia, um igual à sua marca. A Arqueira foi marcada pelos Enamorados...

Duas vezes.

CAPÍTULO 40

O olhar de Selena permaneceu naquele ícone mesmo quando ouvimos a porta ceder.

— Evie? — chamou Jack. — Selena?

— Aqui.

Ele correu para dentro, o olhar varrendo a área, não mostrando emoção ao ver todo o sangue, os mecanismos de tortura, a condição de Selena.

Ainda não.

— Cadê a irmã?

— Olhe o peito dele, — respondi.

Jack franziu o cenho olhando Vincent, e então apertou os olhos. — Isso é um...

— Anham. Vincent absorveu a gêmea.

— *Mère de Dieu*²⁴. — Recuperando o controle, ele disse, — Então, acabou. Vocês duas estão bem?

— Acho que sim. — *Defina "bem"*.

— Esse sangue é seu, Evie?

Sacudi a cabeça. — E você? — Ele tinha um corte raso no pescoço e um fundo no braço.

— Bem. Como você está, Selena? — Um músculo contraiu em sua mandíbula quando ele inspecionou a Arqueira. — Vamos, fille, me responda.

— J.D.? — Selena saiu do atordoamento. — É você!

— Você vai ficar bem. A gente vai te levar para casa.

Quando Morte entrou, Selena recuou. — E-eu não posso!

— Ele não vai te machucar, — Jack garantiu, surpreendendo Aric e eu. Baixando em um joelho, Jack pegou a mão não ferida dela. — Confie em mim, cher. — Sua posição parecia romântica.

Corei com culpa pelos meus pensamentos terem tomado esse rumo.

— Você tem que me tirar daqui, — Selena pediu. — Eu tenho que sair.

Ele a puxou contra o peito, o cabelo comprido dela se derramando em seu braço. — A gente vai.

²⁴ *Mère de Dieu*: do francês, Mãe de Deus.

Disse a ele, — Morte e eu vamos procurar sobreviventes.

Com um assentimento, Jack carregou Selena da sala, murmurando palavras em francês em seu ouvido.

— E então o dia foi ganho, outra carta vencida. — Aric me olhou de cima a baixo. — Estou surpreso que a Arqueira tenha tomado esse ícone. Sua bruxa não o quis?

Sacudi a cabeça. — Vamos procurar por aqui, e depois dar o fora. — Eu queria ir para a chuva, tomar outro banho.

— Claro.

Enquanto Aric e eu caminhávamos por aquele corredor pichado, falei, — Lembro o que fiz com os Enamorados no passado. — *Com aquelas duas crianças.*

Eu me perguntava se Arcanos ficavam maus pela natureza das criações que tinham. Debatia se a maldade era inata ou confeccionada pelos cronistas. E se éramos nós quem criávamos a maldade no outro? Talvez trocássemos sofrimentos de um jogo a outro, espalhando uma doença contagiosa.

Como a peste.

Coloquei os braços em volta do corpo. — Nunca mais quero ser daquele jeito. É egoísta, mas, eu não queria aquele ícone. Aric, já estou cansada de matar. Estou cansada.

Ele não deveria parecer tão perturbado com aquela declaração. — O jogo começa a sério. Precisa estar preparada, sievā. Pode chegar o momento em que sua brutalidade seja recompensada.

Levantei os olhos para ele. — Você não foi cruel hoje. Podia ter deixado Jack morrer duas vezes.

Ele parou no meio do corredor. — Queria provar que posso ser altruísta. — Ele tirou a luva para colocar a mão nua em meu rosto. — Posso ser o que precisa.

Aquelas luzes vermelhas iluminavam o seu rosto encantador. Quando ficávamos sozinhos juntos, eu me sentia como se devesse ficar com ele. Ele me entenderia melhor do que Jack jamais poderia. Aric conhecia a minha verdadeira história, a pessoa que realmente fui. E ainda assim, ele me queria.

Mas, eu estava preparada para me afastar de Jack?

— Liberte o mortal, Imperatriz, — o sedutor Morte falou. — Deveaux ajudará a Arqueira a se curar. Ela continuará a ser a sua parceira perfeita. Deixe-os ter um ao outro com a sua bênção.

Jack tinha murmurado em francês para Selena. Eu achava que aquilo era uma coisa só nossa. E, Deus, será que dava para eu ser mais mesquinha?

— Seus olhos estão verdes, — Aric observou. — O ciúme a domina.

Desviei o olhar. — Não consigo me controlar.

— Se conseguisse, eu exigiria saber como. Vivenciei o ciúme por toda a minha vida. De homens cujas peles não matam. De homens que podem amar uma esposa e iniciar uma família com ela. Nunca o vivenciei como faço quando penso em você e Deveaux juntos.

— Se serve de consolo, imaginei você beijando outra pessoa e senti o mesmo.

Embora minhas palavras parecessem lhe agradar, ele disse, — Mas, não haverá mais ninguém.

— Por alguma reviravolta do destino sou eu quem você pode tocar. Podia muito bem ter sido Selena ou até mesmo Tess.

— Acha que isso é tudo que vejo em você? Contei-lhe que fui criado para ser um guerreiro literato; meu par também precisa ser uma. Quintessência poderia ler ao meu lado, mas, não é uma guerreira. Selena é completamente guerreira, porém nenhuma estudiosa. — Seu polegar acariciou minha maçã do rosto. — Não quis me apaixonar por você, transformando esse sentimento em meu próprio fim. Resisti com tudo que tinha, mas, não cheguei à altura da sua coragem feroz e mente afiada.

— Feroz? Sou eu quem não quer mais lutar.

— Mas, quando forçada, luta para vencer. Quando a capturei, projetou um plano brilhante e improvisado para destruir a mim e aos meus aliados.

— Eu perdi.

— Três Arcanos por pouco venceram. Eu a admirei na época. Talvez mais que admirei. Ainda assim resisti, até uma noite em nosso estúdio.

Vi a mim mesma apoiando o rosto em sua palma. Tão morna. Confortável. — O que aconteceu nessa noite?

Sua íris ambarina se iluminou. — Você ficou arrebatada pelo conhecimento. Tem um intelecto insaciável que precisa ser alimentado. Ele atraiu o meu, e eu admiti derrota. — Ele deu uma risada sem graça. — Consegue imaginar realmente Selena lendo em minha companhia? Ou Quintessência decependo o próprio polegar para conseguir o mesmo com minha cabeça?

A doce e bondosa Tess teria chorado naquele conflito. A Arqueira teria se entediado no estúdio de Morte, jogando o livro longe e exigindo sair para fazer coisas.

Talvez Aric e eu fôssemos perfeitos um para o outro.

Espera... — E isso sobre o meu intelecto? — Dei um passo para trás, estreitando os olhos para ele. — Eu pensei que achasse minhas reflexões “banais e enfadonhas”.

Ele continuou, murmurando, — Apenas quando eram sobre Deveaux.

* * *

— Faça agora, — Selena estalou.

Jack olhou dela para a faca bowie que tinha esquentado na fogueira. Mais cedo, quando cavalgaram juntos, ele contou a ela o que tinha feito com a própria marca, e não tinha mais como dissuadi-la.

Então montamos um acampamento na mesma igreja, acendemos uma fogueira com outro balcão.

Morte e eu sentamos do outro lado das chamas. Selena tinha se recusado a olhar para ele, agindo como se não existisse. Com um dar de ombros, ele voltou a abrir as Crônicas.

A noite inteira, ele permaneceu perto de mim. Em nossa busca no Shrine, encontramos artigos médicos, mais estoques de comida, combustível, armas e munição. O maior sonho de consumo de um *sobrevivencialista*. Mas, nenhum sobrevivente.

Depois ele tinha me ajudado a me lavar na chuva, enxaguando o sangue do meu cabelo e checando meus ferimentos que já se curavam.

Meu corpo tinha se remendado, mas, minha mente corria a mil. E minhas emoções ficaram loucas.

Ciúme e culpa guerreavam dentro de mim...

— A dor é ainda pior que da primeira vez, — Jack alertou Selena, mas, eu sabia que ela ainda iria adiante.

Ela ficou como um zumbi, sem expressão, até descobrir uma maneira de se livrar daquela marca. — Não estou nem aí. Posso ter que carregar o ícone deles, — ela tinha usado a mão boa para rasgá-lo com a unha, — mas nunca mais preciso ver essa marca de novo. — Ela puxou a camisa para baixo para Jack, expondo a pele destruída com o seu estoicismo típico.

— Tudo bem, então. — Ele retirou a faca das chamas, e depois se ajoelhou na frente dela. Outra vez, sua posição parecia romântica. E outra vez, eu corei com culpa pelos meus pensamentos.

Morte fez uma pausa em sua leitura. — Eles passaram por torturas que jamais saberemos e jamais poderemos compreender.

Jack e Selena já eram perfeitos um para o outro antes. Agora, compartilhavam aquele vínculo. Os dois sobreviveram aos Enamorados; os dois teriam cicatrizes iguais.

Com uma mão, Jack trouxe a lâmina vermelho-fogo mais perto. Ele segurou o ombro dela com a outra mão. Ela jamais tirou os olhos escuros dos dele enquanto queimava, sendo marcada para sempre. Unindo os dois para o resto da vida.

Bem baixo, Aric falou, — Olhe para os dois, Imperatriz.

Como se eu pudesse olhar para outra coisa.

Nos três meses que me ausentei, Jack tinha mudado tanto. Seu coração podia mudar. Ele ainda nem tinha vinte anos! Comigo fora da jogada, poderia chegar a amar a Arqueira.

Ao escolher Jack, não condenaria apenas Aric, mas, Selena também.

CAPÍTULO 41

DIA 381 D.F.

— Isso está me deixando louca, — murmurou Selenia enquanto observávamos Morte e Jack cavalgarem lado a lado.

Nós quatro seguíamos ao sul pela rota alternativa dos traficantes, um atalho recentemente descoberto e mapeado pelo Azei.

O “dia” estava frio e negro, com dilúvios de garoa. De vez em quando, eu achava ter visto um floco de neve, como aquele que vi na casa de Aric, mas, sempre acabava por ser um pedaço de cinza.

— Se alguém me falasse há uma semana que eu cavalgaria junto com Morte, — continuou Selenia, — teria enfiado o meu arco na bunda dessa pessoa.

Nós quatro podíamos ter pegado uma caminhonete, deixando os cavalos nos seguirem, mas, todos tínhamos motivos para querer voltar cavalgando.

Selenia queria se curar mais um pouco antes de encarar todo mundo no Forte Arcana. Sua regeneração acelerada estava apagando seus hematomas, reparando sua nova queimadura e mão. Ela achava que seria capaz de usar o arco em breve. Andava comendo tudo o que via pela frente, já ganhando peso. Mas, arranhava tanto aquele ícone que acabou tendo que usar luvas o tempo todo.

Jack tinha votado em que voltássemos a cavalo porque ansiava eliminar quaisquer outros traficantes que pudessem ter tomado o território Azei. Até o momento, não apareceu nenhum.

Eu andava desesperada para ganhar tempo para chegar a uma decisão. Chegaríamos ao observatório naquela noite, e eu ainda não havia me decidido.

Morte tinha dado risada da ideia de se separar do seu cavalo. O que era compreensível, considerando o que o garanhão fez com aqueles clones que vieram atrás das Crônicas.

Thanatos levantava quase duzentos quilos só com as patas dianteiras e deixou para trás uma pilha de carnes moídas...

Selenia puxou o cavalo para perto do meu. — Você não ouviu, porque os seus sentidos são como os de uma pedra, mas, esses dois andaram conversando.

— Sobre o que? — engrossando a voz, imitei um garoto, — Você lutou bem, digno oponente.

— Tá, eu sei. Então J.D. vai e diz, “Eu sou Jackson Deveaux. Lutamos juntos. Vai me dizer seu nome de verdade ou não?” O Ceifador ficou todo desconcertado, como se não estivesse acostumado que lhe perguntassem isso.

E não estava. E estava ainda menos acostumado a responder essa pergunta. Aric jamais diria a Jack.

Selena continuou, — Mas o Ceifador diz, “Meu nome é Aric Domīnija”.

Arregalei os olhos. Como tudo mais em Aric, seu nome se expôs para o mundo. Senti meus lábios se curvarem. Até pensar em minha decisão iminente. De qualquer maneira, dor me aguardaria.

Selena inclinou a cabeça. — Se J.D. consegue tolerar o Domīnija, então acho que também posso. É mais fácil quando o Ceifador não levanta uma espada nem está usando aquele elmo sinistro.

Aric mantinha o elmo guardado na sela com mais frequência do que o usava. De certo modo, devia confiar que nem Selena nem Jack atacariam. E, talvez sentisse a nossa força maior em número ante uma ameaça externa.

Talvez tenha percebido que todas aquelas novas interações fascinantes se tornavam mais fáceis com o rosto descoberto.

Jack recebeu uma chamada de Rodrigo pelo rádio, respondendo com uma linguagem militar toda pomposa.

— Não falei que ele era um líder? — Selena quase suspirou. — Ele não é incrível?

Tive a mais estranha impressão de que ela enchia a bola dele para mim. Ou só estava se gabando?

— Fico feliz que tenha visto J.D. com o exército ontem.

Jack tinha dado um discurso inspirador sobre ser uma força do bem, que provia proteção aos sobreviventes. E tinha traçado um plano.

Azey Sul marchava para a Louisiana, para começar a trabalhar na construção de um novo assentamento. Azey Norte iria até o Shrine, para eliminar a infestação de Baggers e garantir todas as provisões.

Depois, os dois exércitos voltariam a se unir para formar a Nova Acadiana.

Jack era como um ímã, dando àquela gente uma nova história para que contar. Esperança era algo palpável. Até a temperatura diminuiu, e a noite persistiu.

Levantei os olhos para o céu nebuloso. — Selena, acha que o sol vai voltar a aparecer? — A pergunta me lembrou das palavras de Jack: “Já pensou que a gente pode merecer mais que o Basin?” Se ele teve a coragem de ter esperança, eu também não deveria ter?

Selena revirou os olhos. — Se o sol pode desaparecer, pode reaparecer. Sério, Evie. Dã. — Ela tirou o cantil, tentando abri-lo, prestes a arrancar a tampa com os dentes.

Eu me inclinei e o tirei de suas mãos. O que ia fazer com aquela garota? — Tome. — Passei o cantil de volta, aberto.

Ela bebeu, passando a manga do casaco no queixo. — Ei, fica um pouco para trás. Quero falar com você.

Finalmente me contaria o que passou? Eu perguntei algumas vezes, mas, ela sempre se recusou a falar. — Estou aqui se quiser conversar sobre qualquer coisa, Selena.

— Não é sobre... isso. Já apaguei esse tempo da cabeça. — Os círculos debaixo de seus olhos traíam a sua indiferença.

— Não pode simplesmente ignorar.

Com a expressão patenteada de vai se danar em seu lugar, ela perguntou, — Pensa nos canibais que matou? Ou na época que quase comeu carne humana? Ou nas vítimas da peste que eliminou? É, fiquei sabendo disso. Você não fica perdendo tempo com coisa ruim. Eu também não vou perder.

Eu não tinha desistido de fazer com que me confidenciasse, mas, recuaria por hora. — Então, o que tem em mente?

— O que está havendo com você e Jack?

Excelente pergunta da Arqueira. — Bem, nós conversamos depois do discurso, sobre os últimos dias e tudo mais. — Sem uma palavra, ele me levou para atrás de uma barraca...

— *Como está aguentando as pontas, peekôn?*

— *Eu queria que não tivesse quebrado a promessa que me fez. — Ele continuava arriscando a vida, indo além disso, e eu não iria aceitar.*

— *Esses soldados do Azey respondem à coragem, e precisam ver coragem em alguém que possam vir a apoiar. Entende o raciocínio?*

Eu entendia. Em inúmeros momentos naquela jornada, me admirei com a bravura de Jack. Embora fosse vulnerável, ele se lançava de cabeça ao perigo. Morte era império, e ainda assim só desejava voltar ao seu santuário.

Contudo... — E no Shrine, Jack? O que foi aquilo?

Suas bochechas ficaram vermelhas. — Provavelmente já fiz coisas mais inteligentes, eu.

— *Se me imagino com você, nos vejo como um time, tomando decisões juntos. Não essa palhaçada de “o Jack vai salvar o dia”. — De outro modo, deveria ficar com Morte. Que ao menos estava melhorando, não piorando...*

Agora eu tirava um pedaço de cinza da roupa, dizendo a Selena, — Falamos da minha avó. Eu ainda quero ir atrás dela, mas, Azey Sul começa a marchar amanhã.

Jack tinha sorrido com minha preocupação. — Posso dar a droga das coordenadas para eles, Evie. Eu e você pegamos alguns homens e vamos para os Outer Banks. Depois que a encontrarmos, vamos nos juntar aos outros na Louisiana. — Ele parecia tão confiante. — Você quer acabar com o jogo, Evangeline? Então a gente vai acabar com ele. Lembra, juntos podemos fazer qualquer coisa...

— Depois tocamos em outros assuntos. — Como sobre ele ter descoberto que sentia algo mais pela beldade ao meu lado.

Ele prendeu meu olhar. — Selena é uma aliada e uma amiga, mas nunca vai ser mais que isso. Porque para mim é só você, peekôn. — Ele colocou um dedo debaixo do meu queixo. — Quando ela está perto, ela não faz tudo dentro de mim acender como a porra de um fogo de artifício. Acha que posso dar meu coração para ela? Depois de já ter dado para você? Não posso oferecer o que eu não tenho mais.

Clareei a garganta, o rosto corando sob o escrutínio de Selena. — E, um, falamos de Morte.

— *Se escolher o Ceifador porque sente mais amor por ele, então vou ter que aceitar isso, eu. Mas, não escolha ele porque tem pena de uma pessoa que teve um destino de merda. — Ele se aproximou, descansando a testa na minha. — O meu também é.*

— *Como assim?*

— *Eu falei que não podia mais seguir vivendo depois do Flash, não sem você. Isso mudou. Eu vou continuar, porque agora tenho um trabalho para fazer, mas, nunca vou ficar bem. Tenho que ter você do meu lado a cada passo que eu dou, Evangeline.*

Eu consegui encolher os ombros de maneira casual para a Arqueira. — Não conseguimos falar muito. Rodrigo precisou dele naquela reunião da incursão no Shrine. — Jack tinha dado um beijo no topo da minha cabeça e me deixado com relutância.

— Anham. E você falou com Morte?

— Brevemente. Ele sumiu a maior parte da noite. — Em toda oportunidade que tinha, ele lia aquelas Crônicas, parecendo mais absorto do que nunca. Traduzir as Crônicas devia ser importantíssimo, porque o seu esforço para me ganhar tinha ficado em segundo plano.

Quando me encontrei com ele, o pressionei para me falar da sua história com o Imperador.

— Não posso negá-la nada, — Aric disse, exalando em derrota. — No penúltimo jogo, ele a matou. Ainda não a tinha encontrado, não tive uma chance de determinar como seria. Ou se poderíamos ficar juntos. — Ele apertou os punhos, os olhos ficando estrelados. — O Imperador assassinou minha esposa.

— Quem o matou?

— Eu. Para vingá-la e puni-lo por nos separar. Naquele jogo, colhi seu ícone dele. — A voz de Aric ficou rouca quando olhou para sua mão. — Eu o observei durante séculos.

Então, o que Aric faria agora se eu escolhesse ficar com Jack?

— Você tem que tomar uma decisão. — Selena me passou o cantil para que o fechasse. — E, francamente, não vejo qual é o problema.

Com toda sinceridade, eu lhe disse, — O problema é que não sei o que se passa no momento com a minha cabeça.

— Bem, pois descubra logo.

Acenei com a mão. — Pronto! Feito. Voilà.

— Sério, se consegue descobrir como fazer o Domīnija e J.D. cavalgarem juntos e serem educados um com o outro, isso deveria ser mamão com açúcar.

Suspirei, prestes a lhe dizer que era complicado, dispensando os seus comentários. Mas, como poderia esperar que confiasse em mim quando não fazia o mesmo em troca? — Eu amo Jack. Mas, tenho uma ligação com Aric. — Uma ligação forjada há mais de mil anos, como uma onda sem fim correndo pela praia.

Hoje, ele tinha me olhado, mas, não com a sua confiança de sempre. Pareceu abalado, como se suspeitasse que estivesse me afastando. Mas, eu não estava. Meu coração continuava dividido. — Eu... acho que também me apaixonei por ele. — Ele foi tão longe, já percorreu uma distância tão longa. Eu acreditava que poderia ser um bom parceiro para mim.

Se não recorresse outra vez à coação. Temia que o fizesse a qualquer momento.

— Merda, garota. Para que foi fazer isso?

Olhei com raiva para ela. — Como se eu pudesse evitar uma coisa dessas? — Meus sonhos com os dois tinham me mostrado como eles se tornaram os homens que eram hoje. Mas, aqueles sonhos não tinham me ajudado a chegar a uma decisão.

Ela tirou uma mecha platinada da bochecha. — Eu admito, Morte é diferente do que eu pensava, mas realmente o escolheria ao invés de J.D.?

— Aric me falou que eu deveria dar minha bênção para você e Jack.

Ela bufou. — Pode nos dar a bênção que quiser, mas, não vai rolar.

Franzi o cenho para ela. — Você me disse que as coisas tinham mudado entre vocês.

— É. Como, tipo, eu aceitar o fato de que nunca vou ficar com ele. A coisa já estava feita entre vocês muito antes de eu aparecer na jogada.

— Por que tem tanta certeza?

— Depois que soube que você não queria mais saber dele, J.D. ficou mal; com a cabeça nas mãos, puxando o cabelo. Então nos embebedamos juntos. contei o que sentia e tentei beijá-lo.

Ciúme me devorou.

— E sabe o que ele fez?

Prendi a respiração.

— Ele me empurrou, me dizendo que as pessoas com o sangue da mãe dele só se apaixonavam uma vez. Elas rezavam para que fosse pela pessoa certa, porque nada poderia ser feito depois. Ele me disse que a mãe amava o pai dele, sem ser correspondida, e como dezenove anos de sofrimento conseguiram abalar esse amor.

A raiz do sofrimento da mãe dele.

Selena olhou para ele. — É por isso que você e J.D. precisam reatar. — Os olhos da Arqueira conseguiam ser tão escuros e mordazes, só para Jack eles se suavizavam. — Não posso admitir que ele sofra daquele jeito.

— Você e ele nunca...?

— Nunca. Ele nem me vê quando você está por perto.

Senti culpa por duvidar dele. Talvez pudesse voltar a lhe dar minha confiança?

— Além disso, não vou me conformar com alguém que não pode me amar inteiramente. Quer dizer, olha bem para mim; eu pareço uma garota que tem que se conformar com pouca coisa? — Ela endireitou os ombros. — Em ser a segunda opção? Sou a primeira em tudo que já fiz na vida.

Normalmente eu teria grunhido ao ouvi-la falar assim. Agora, um pouco da minha preocupação se desfez. Ela superaria os Enamorados; eu acreditava nisso.

— Não vou deixar de ser a número um só por causa de um cara.

— E se o cara for perfeito para você em todos os sentidos?

— Não é no que mais importa. — Ela admitiu. — Eu andei ficando com Finn, na forma de Finn, claro, para me distrair. Mas, o Mago ainda anda obcecado com Lark.

— E quanto a Gabriel? Você não lembra, mas, antes de voltarmos no tempo, fomos perseguidos pelos soldados. A primeira pessoa que ele evacuou foi você. O Arcanjo se apaixonou pela Arqueira.

— Epa, eu estava falando em pegar outra carta. Mas, me apaixonar por um Arcano? — Ela me encarou. — Só um idiota faria isso.

Não discuti. Tinha me apaixonado por Aric, apesar de amar Jack. Idiota parecia um adjetivo bem justo.

CAPÍTULO 42

FORTE ARCANA

— Vocês ensacaram os Enamorados! — Finn mancou pelo pátio para se encontrar conosco, Cyclops o seguindo.

Quando Selena ficou pálida, Jack se adiantou em dizer, — Eles já eram, parceiro. — Ele desmontou e depois a ajudou. — Conto tudo assim que a gente descansar.

Descansar. Tudo o que eu queria era cair de cara no meu colchão. Mas, estava me coçando para ver Matthew.

Além disso, tinha a minha decisão. Olhei para Jack e depois para Morte.

Depois do Flash, a vida era tão precária que o tempo parecia passar de um jeito diferente. Um dia, quem dirá uma semana, era uma eternidade. Não poderia mais ir empurrando com a barriga. De qualquer forma, o exército partiria amanhã de manhã.

Jack precisaria saber se iria com eles, ou se iria para a Carolina do Norte comigo.

Aric já tinha esperado o bastante.

Ele desceu da sela para me ajudar a fazer o mesmo. No chão, dei as costas a ele e a pergunta que queimava em seus olhos ambarinos.

Sim, precisava dar uma resposta aos dois. Eu só queria ter uma.

Encarei Finn. — Onde está todo mundo? Onde está Matthew? — Não ouvi nenhum chamado. Mas também, adormeci na sela do campo minado até aqui.

— Joules e companhia deram no pé tem uns dias. Levaram os traidores que sobraram para o exílio. De acordo com Joules, eles eram uns grandessíssimos filhos da puta.

— Gabriel não se importou de ir embora? — Ele tinha morrido de preocupação com Selena.

Finn deu uma olhada para Morte. — Com todos vocês voltando para casa, e a Sacerdotisa por perto, Matthew alertou uma convergência, foi meio que bem sério a respeito.

Circe ainda estava por ali? No caminho de volta, sempre que eu passava por água, lembranças da Sacerdotisa surgiam. Em uma, ela e eu ríamos tanto que chegamos a chorar. Finalmente paramos, olhamos uma para a outra, só para voltarmos a explodir em gargalhadas...

— Joules e companhia disseram que voltariam lá pelo inverno, — Finn falou. — Talvez venham passar as festas de fim de ano com a gente.

Aquelas festividades ainda existiam? Ok, claro. — Matthew está de cama?

A atitude animada de Finn diminuiu. — Hmm. Ele meio que tipo... vazou, também. Saiu ontem. Não sei para onde.

— Como assim, vazou? — Minhas inscrições começaram a brilhar.

— Calma, loirinha, Matto é um crescidinho, e eu não tinha como impedir.

Tirei o cabelo do rosto, olhando de um lado para outro. — Ele já deve estar bem longe. — *Já estava na estrada quando me visitou naquela visão! Tinha me dito adeus, para sempre?* — Não tenho ideia de como encontrar ele.

— Não vá, — Aric disse em voz baixa.

— Como é?

— O Louco conhece este jogo e este mundo melhor do que qualquer um. É capaz de se cuidar.

— Mas, ele não pode ver o próprio futuro! E estava tão doente. — Olhei para Jack e Selena. Os dois pareciam arrasados.

— Matto estava bem melhor que antes, — Finn me garantiu.

— Sievā, ele viajará ao lado de outra pessoa, lendo o futuro de seu companheiro para salvar o próprio. Você conhece suas fraquezas, mas, ignora seus poderes.

— O que quer dizer?

Suas sobrancelhas loiras se juntaram. — Mais uma vez, Imperatriz, deixe-o descansar.

Eu poderia? Doía para ter a certeza de que estava bem. Mas, não queria ser parte do problema. — Qu-quando ele volta? Alguma vez o verei de novo?

Os olhos de Aric ficaram sérios. — Ele a encontrará quando menos esperar...

* * *

Na barraca de Finn e Selena, caí em um colchão sobressalente, ainda entorpecida pelo desaparecimento de Matthew.

Jack e Aric me seguiram. Os dois eram tão altos e fortes, que pareciam roubar todo o oxigênio da área.

— Coo-yôn vai ficar bem, — falou Jack. — Ele às vezes saía sozinho.

Mesmo se aceitasse que Matthew não corria perigo, não podia aceitar ele ter pegado a estrada sozinho. Meses atrás, saí da casa de Finn sozinha e nunca senti tamanha solidão. Pela primeira vez na vida, não tive amigos nem família com quem conversar, ninguém a me esperar.

Meio que tipo a vida de Aric Domīnija nos últimos dois milênios.

Meus dois dias versus suas eras.

Coisas demais para digerir. — Podemos, por favor, conversar de manhã? — Voltei ao meu velho argumento: ninguém me obrigaria a escolher se não estivesse pronta. — Há uma barraca extra onde Aric possa ficar?

— Ouais. — Jack esfregou a mão nos pelinhos pretos que nasciam na barba. — Mas, Evie, antes que tome uma decisão, precisa levar uma coisa em conta.

— O que?

Ele se virou para Aric quase que com uma expressão de culpa no rosto. — Você salvou a minha vida, Domīnija. Agiu certo comigo. Mas, não posso perder a minha menina de novo.

Aric apertou os punhos, como se soubesse o que Jack ia dizer.

Jack me encarou. — E se não puder parar o jogo? Ele vai continuar girando enquanto mais de um jogador estiver vivo, todos os Arcanos envelhecendo. Ou seja, o Ceifador vai precisar de um bode expiatório.

— Do que está falando?

— Ele vai matar qualquer Arcano que seja uma ameaça. Se vocês forem os dois últimos, um de vocês vai morrer primeiro, fazendo com que o “vencedor” vague como imortal pela Terra. E se você já tiver oitenta quando ele morrer? Não interessa se é Arcano ou não; nessa idade, vai sentir dor, pode ficar doente, e vai passar séculos assim. Como vai lutar no jogo seguinte?

Engoli em seco. Senti-me horrorizada com a ideia de viver por tanto tempo, mais ainda sendo amaldiçoada com doenças e dores eternas.

Olhei para Aric; ele me olhava como se o mundo desmoronasse ao seu redor, e não pudesse fazer nada a não ser deixar que ruísse.

— Ele é esperto o bastante para já ter pensado em todos os detalhes, — continuou Jack. — Ele não vai condenar nenhum de vocês a isso, então vai deixar outro Arcano vivo para carregar esse fardo, para ser o vencedor.

Nunca tinha pensado naquilo. Jack e a sua mente ardilosa. — Aric, como planejou evitar isso?

— Temos a intenção de parar o jogo. Mas, se não conseguirmos, a probabilidade de que cheguemos aos oitenta neste mundo é extremamente mínima.

— Responda a pergunta.

Seus ombros subiram e desceram. — Lark se voluntariou. Ela não precisa de juventude ou força contanto que tenha suas criaturas. Deseja repopular seus números.

Fiquei de boca aberta. — Devia ter me contado. Mais uma vez, você traça a minha existência sem mencionar seus planos para mim.

Com a testa franzida, ele admitiu, — Sim.

Minha cabeça começou a martelar outra vez. Esfreguei as têmporas, me perguntando como tinha me colocado naquela situação. Nenhuma resposta me veio; minha mente mal pegava no tranco. — N-nós conversamos de manhã. Vocês dois, me deem tempo para pensar.

Jack abriu a boca para dizer algo mais, mas desistiu. Na entrada da barraca, ele murmurou, — Peekôn, sempre vai existir Evie e Jack. — E então foi embora.

Aric atravessou a barraca, ajoelhando-se na minha frente. Em um tom baixo, falou, — Eu tinha algo a lhe oferecer que garantiria que me escolhesse. Mas, me acusaria de estrategista, de coação.

Isso explicava a dúvida recente que tinha na expressão. — A carta que tinha debaixo da manga. O seu presente. O que eu temia.

— Faz uma visão hostil de mim. — Ele exalou de maneira cansada. — E tudo por minha culpa. Não tema, não o usarei.

— Me diga o que ia me dar.

Sacudiu a cabeça. — Estou condenado de qualquer maneira. Se ganhá-la desse modo, seria como perder. — Removeu uma luva. Com os olhos brilhantes, colocou a mão em meu rosto, saboreando o toque como se fosse o último. — Imperatriz, descobri mais a seu respeito esses dias. Percebi que não posso forçá-la a ir comigo, ou não teria sentido algum. E que deveria contar-lhe tudo que possa afetar seu futuro. Apreendi, sievā, mas será que foi tarde demais?

Não respondi, me recusando a me comprometer com o que quer que fosse.

— Se me escolher, quero que seja porque corresponde meu amor, — disse com dificuldade, — então, não lhe ofereço nada esta noite. Apenas minha esperança.

Mesmo com toda minha raiva e confusão, Aric ainda mexia com o meu coração. — Significa muito para mim que tenha falado isso.

— Mas, é o suficiente?

Aquele homem era parte de mim, foi durante eras. Eu sentia o laço entre as nossas almas, quase conseguia ouvir aquela onda sem fim se aproximando da praia. Ainda assim, precisei sussurrar, — Não sei.

CAPÍTULO 43

Estava cochilando na minha cama de armar emprestada quando o Mago voltou com Cyclops.

Finn conseguiu sentar na dele, puxando a perna para cima. — Sem conseguir dormir, loirinha? — O lobo deitou no chão ao lado dele. *Thump, thump, thump* fazia o seu rabo gigante.

Sacudi a cabeça. — E Selenia?

— Conversando com Jack. Dando uma animada nele, se eu tiver que adivinhar. Tem que tomar uma decisão, né? O forte inteiro está especulando o assunto. Parece que de qualquer jeito vai embora amanhã.

— É. — Sentei, esfregando os olhos.

— Então, vai ser com qual pretendente?

— Sei quem você escolheria por mim.

Ele assentiu. — O Cajun é um partidão. Morte era aliado de Ogen, que esmagou uma montanha... comigo dentro. Portanto...

— Morte também nos ajudou a resgatar Selenia e salvou a vida de Jack.

Finn coçou atrás das orelhas cheias de cicatrizes do lobo. — Estou sabendo. As coisas mudam. Pessoas mudam. A gente só tem que atualizar o programa.

— Como com Lark?

— Acha que eu devia dar uma chance a ela?

— Acho. Sei que ela tem um bom coração, e que se importa com você.

Cyclops bateu o rabo com mais força. *Então Lark estava ouvindo?*

— É, acho que a minha gata vale uma terapia de casal. Ei, espero que para você tudo bem, o lobo ficar aqui comigo. Assim que puder cavalgar, Cyclops vai me levar até ela.

— Tudo bem. Me sinto melhor sabendo que você tem um plano.

Se escolher Jack, nunca mais verei Finn nem Lark outra vez.

Aric.

Matthew? — Finn, como Matthew estava antes de ir embora? Ele levou umas coisas com ele? Comida? — Ele sempre vivia com fome.

— Uma tonelada de comida.

— Ele se despediu antes de ir?

— Meio que sim. Você conhece Matto. Ele disse um monte de coisa esquisita.

— Como o que? — Coisa esquisita vindo dele poderia ser importantíssimo.

Finn olhou para o teto da barraca. — Ele me disse, “eu vejo além”, e “os deuses marcaram todos nós”. E algo tipo “Nem tudo é o que parece.” Achei que ele estava tirando onda, mas ele não deu risada.

— Algo mais?

Finn estalou os dedos. — Oh, oh, pouco antes de ir, me olhou nos olhos e disse, “Eu fiz as pazes.”

Com o que?

* * *

Muito depois de Finn apagar, continuei acordada, ouvindo o ritmo da sua respiração, seus murmúrios.

Às vezes ele falava de surfe: “Que curva sinistra.” Na maior parte das vezes falava dos pais. “Eles podiam estar vivos. Califórnia seria segura. Cali sempre foi a melhor.”

Estranhamente, Selenia nunca voltou à barraca. Onde estaria a essa hora?

Ainda estava preocupada com ela, e me acostumei a tê-la por perto. Enquanto as horas se arrastavam, não teria negado companhia. Estava meio que tentada a ir atrás de Circe.

Ao invés disso, analisei as minhas alternativas, me preparando para tomar a decisão mais importante da minha vida.

Pensei no rosto de Aric. Ele estava ligado a mim, era a minha alma gêmea. Deixar que se afundasse em infelicidade ia contra tudo que havia dentro de mim. Ele teve mesmo um destino terrível. Mas, não precisava ser assim.

Quando o imaginava andando por entre os corredores de sua mansão, eternamente sozinho, meus olhos ardiam com lágrimas. Mas, um futuro com ele seria repleto de dificuldades.

Imortalidade. Intrigas. Tramoias.

Realmente acreditava que ele estava aprendendo a como me tratar e que mudaria ainda mais; porque estava tentando ser um homem melhor por minha causa, um traço que sempre admirei em Jack.

O quanto foi difícil para Aric ter que salvar a vida do seu rival. *Por minha causa...*

Imaginei o rosto de Jack. Ele foi o meu primeiro amor, e possuímos um ao outro de mais de uma maneira. Mas, havia muito em jogo para ele, muitas coisas que tirariam sua atenção de mim. Tomou o controle de exércitos e se tornou um homem respeitado, como obviamente sempre desejou ser, desde a infância.

Se o escolhesse, teria que achar um jeito de confiar nele. Teria que aceitar que ele jamais me contaria os seus segredos. Teria que jogar tudo para o alto e rezar para que não me decepcionasse.

Desconfiança. Medo. Vulnerabilidade.

Os dois me ajudariam a encontrar minha avó. Aric poderia ser mais rápido, mas talvez vovó quisesse matá-lo quando o visse...

No que deveria ser o amanhecer do dia, os galos cantaram, exigindo a minha resposta.

No que deveria ser o amanhecer do dia, ela me veio.

Imaginei a mim mesma em uma estrada, minha vida uma jornada. De um lado da estrada estava Aric. Do outro lado estava Jack. Quem eu chamaria para se juntar a mim?

Já sabia o que precisava fazer.

CAPÍTULO 44

DIA 382 D.F.

Enquanto corria pelo forte, o ar foi ficando frio, mais frio do que já o senti no pós-Flash, minha respiração condensava. Sempre que tinha que sair da trilha de tábuas, esmagava lama congelada com as botas.

Parei do lado de fora da barraca que foi emprestada a Aric. Podia ouvi-lo lá dentro, andando de um lado para o outro, as esporas batendo no chão. Sabia que não tinha dormido. — Posso entrar?

Ele abriu a abertura, apressando em me deixar passar. Analisou meu rosto. Deu-me uma expressão de descrença. — Escolheu o mortal.

Eu podia sentir que deveria ficar com Aric, mas... — Me apaixonei por Jack antes que você mudasse comigo. Já era uma coisa certa.

Aric fechou os olhos, mas, não antes que eu visse angústia neles.

Escolhi Jack por mais razões do que uma. Decidi o que queria fazer com a minha vida: mandar aquela máquina pelos ares e continuar sendo uma pessoa decente. Acharia um novo propósito, voltaria a Haven, e reconstruiria uma vida com Jack, Vovó, e um dia, Matthew.

Lutaria para tornar a vida de outras pessoas melhor, o que queria dizer que precisaria rodar pelo mundo. Ao invés de me esconder no castelo do tempo perdido de Morte.

Aric abriu os olhos. — Considerando suas ações, questiono se Deveaux ainda sente o mesmo? Tive uma conversa com ele, explicando certas realidades...

— Pare, por favor. Eu vou confiar nele, como ele confia em mim.

— E então estará... acabado? — Aric parecia não conseguir se conformar com aquilo, como se pudesse cair de bruços, ou trucidar alguma coisa. — Senti algo tão forte por você, que acreditei... não tinha dúvidas que sentia o mesmo. — Sua expressão estava desnorteada. Ele nunca se apaixonou antes, não entendia o que o tinha acometido.

Como uma doença? Eliminei esse pensamento. — Aric, eu amo você. Mas, amei Jack primeiro.

— Quanto de sua decisão se baseou no que ele lhe contou ontem?

— Jamais poderia querer que Lark fosse o nosso bode expiatório. — E como esse esquema funcionaria com Finn na jogada? — Se esse é o único jeito de ficar com você... não vê que é errado?

— Era um plano reserva. Caso fôssemos incapazes de dar fim ao jogo.

— Mas, você acredita que podemos?

Um sacudir curto de cabeça. Sincero como sempre.

— Quer que eu vire aquela bruxa terrível, liberando um poder dentro de mim que jamais devia ser trazido à tona. Não posso fazer isso. Não posso viver assim.

Suas pupilas estavam dilatadas, como se estivesse em choque. Trincando os dentes, estendeu o braço para apertar minha nuca. Sua outra mão se fechava com tanta força que o metal grunhia. Com a voz rouca, disse, — Lembra-se de quando o Louco enviou uma visão minha, uma com nada além de escuridão e ruínas?

Assenti, olhando para ele. — Você me disse que era daquele jeito na sua cabeça; me perguntou se eu achava que Morte sonhava em cores.

— Sievā, quando ficamos juntos, eu comecei a sonhar. Banira-me de volta àquele lugar de inexistência?

Meu coração vacilou, meus olhos se encheram d'água.

— Mesmo agora, suas lágrimas me destroem. — Ele baixou a mão, me dando as costas. — Não posso... não posso continuar aqui.

— Espere, podemos só conversar, por favor? Nunca mais vamos nos ver?

Ele se virou. — Acha que posso ficar perto de você? Sabendo que não tenho esperanças? Me amaldiçoaria a isso? Minha vida imortal não foi tempo suficiente para desejar-lhe?

Lágrimas caíram. — Não quero magoar você. — Para ter forças, deslizei a mão para dentro do bolso, esfregando aquela fita. Mudei de ideia sobre devolvê-la a Jack. Estava totalmente decidido.

Então, por que sentia aquele pesar insuportável ao me despedir de Aric? Uma sensação de que algo estava errado. Por que estava destruída por dentro? — Só estou achando difícil aceitar que isso é um adeus. Para sempre.

— Oh, não, não para sempre, — ele falou com rispidez, os olhos ofuscando de dor. — Ganhará este jogo, esposa, garantirei isso. Então você é quem esperará uma eternidade até que eu retorne. — Com um último olhar intenso, disse, — Depois de tanto matar, isso retorna a mim, Imperatriz. Algo morre dentro de mim neste dia. — Ele foi embora.

Por longos minutos, fiquei olhando o nada, meu corpo tremendo. Teria acabado de cometer o maior erro da minha vida?

Aric Domīnija era um homem magnífico e brilhante que me desejava acima de todas as coisas. E eu o amava. Sabia que sempre amaria.

Um amor destinado. Um amor sem fim.

Saí da barraca para a manhã escura. Atordoadas, segui o caminho até Jack. Precisava que me abraçasse, que murmurasse em francês que tudo ia ficar bem.

E queria descobrir o que Aric tinha lhe dito. Que realidades?

Entrei em sua barraca...

Minha respiração acelerou. Vazia? Sua mochila não estava, nem seus livros. Caí de joelhos para espiar debaixo da cama. Tinha levado o estoque de uísque.

Jack me deixou.

CAPÍTULO 45

Estava hiperventilando quando encontrei um bilhete ao lado de um rádio, em cima da sua escrivaninha. Lágrimas caíram no papel enquanto lia:

Evangeline,

Fui embora cedo com o exército.

Sei quem você vai escolher, sei que não vai ser eu. Agora que conheço melhor aquele bastardo, preciso encarar os fatos. Você não ficou com ele porque ele mexeu com a sua cabeça, ficou com ele porque o queria mais do que a mim. Você e Morte têm uma coisa que não entendo, e preciso começar a tentar te esquecer.

Arrancar o seu espinho da pele.

Não quer dizer que não vá olhar por cima do ombro, rezando para que venha correndo atrás de mim. Ou que pegue esse rádio e me diga para voltar correndo atrás de você.

Selena vem com a gente, disse que você vai ficar com ciúmes e vai aumentar a minha chance. Não tenho vergonha de apelar para isso, peekôn.

Mas, não espero que venha. Você vai para o leste, atrás da última pessoa que sobrou da sua família. E, assim que encontrar sua avó, vai precisar que ela fique segura. O lugar dela não é na estrada, muito menos o seu. Vocês duas vão ficar protegidas na casa do Ceifador. Se esconda e plante suas raízes lá.

Lâmpadas ultravioletas, comida e segurança. Parece mais que bom. Quero isso para você.

Porque te amo.

Essa pode ser a coisa mais nobre que já fiz na vida. Nobreza, só para registrar, dói como uma faca fincada no peito.

Je t'aimerai toujours,

Jack

Je t'aimerai toujours. Eu vou te amar para sempre.

Peguei o rádio, apertando no talk. — Jack!

Estática.

— Consegue me ouvir? Estou indo para aí!

Nada.

Com o rádio em mão, enfiei o bilhete na jaqueta e corri de volta a barraca de Finn para pegar minha mochila. Ele ainda dormia.

Sussurrei, — Adeus, Mago. — Cyclops levantou a cabeça e suspirou. Abaixei para coçar seu pelo frisado. — Obrigada por tudo, garoto. Espero que veja você e Lark um dia. — Agarrei a mochila e corri até a minha égua.

A que distância Jack já estaria? Claro que poderia alcançar o exército em algumas horas. O comboio levaria trailers e as estradas eram horríveis. Poderia seguir as marcas dos pneus.

Jack não tinha ideia do quanto eu o amava. Eu nunca nem falei as palavras “eu te amo” para ele. A urgência que sentia de lhe alcançar, de dizer aquelas palavras, me sufocava.

Quando entrei no estábulo, a expressão da coitada da minha égua era de: Ai não, pelo amor de Deus.

Eu a selei em tempo recorde, em seguida saí em disparada pelo portão. *Merda, as minas! Como me desviar delas?* Eu meio que sabia onde elas estavam.

Vi rastros na lama congelada. Os cascos de Thanatos. Usar aquele rastro para chegar até Jack não parecia justo; ainda assim foi o que eu fiz.

Depois das minas e da floresta de pedra, segui o rio na direção da ponte.

Na distância, vi Morte no topo de um monte, os ombros eretos, sem elmo, o cabelo claro soprado pelo vento.

Mesmo de longe, mesmo em meio ao meu pânico, senti a sua tristeza. Em outra vida, poderia ter sido feliz com ele. Em outra vida, talvez serei.

Com lágrimas ameaçando cair mais uma vez, me virei da sua direção. *Não olhe para trás, Evie, não olhe para trás.* Ele veria uma espécie de sinal nisso. Um incentivo. Eu sabia que sim.

Mas, queria olhar pela última vez para o homem que tinha transformado toda a minha existência. Nós prendemos os olhos, os dele iguais à duas estrelas.

O tempo pareceu parar. Pensei nas tatuagens em seu peito e em seus séculos de espera. Agora ele sabia o que estava perdendo. Falou que a semana em que ficamos separados foi extremamente dolorosa; agora eu o deixava pelo resto de sua vida. Banindo sua pessoa para um lugar onde só o nada existia.

Como ele poderia suportar?

Dúvida me encheu. Não, eu amava Jack. Ia ficar com Jack. Concentraria na estrada adiante, no futuro. Ao invés do passado.

Quando tirei os olhos de Aric, seu urro de gelar o sangue ecoou pelo cenário rural.

Pressionei as costas da mão na boca, contendo um choro ao chegar à ponte. Atravessando correndo o abismo de Circe, eu lhe dei lágrimas como pedágio...

Por mais de uma hora cavalguei, checando o sinal do rádio a cada elevação. Estática ininterrupta.

Achei ter visto um floco de neve, caindo como uma pétala. *Provavelmente só mais cinzas...*

Não, apareceu outro. E outro. Neve de verdade! Isso tinha que ser um bom sinal. Se o mundo ainda não conseguisse melhorar, ao menos ele poderia mudar.

Se o sol poderia desaparecer, poderia reaparecer.

Tentei o rádio outra vez. Nada.

Os flocos viraram um surto. Logo uma camada de neve se prendia ao chão, pintando-o de branco. O ar parecia mais fresco? Um veludo cobria a fuligem, e eu o recebi de bom grado, mesmo quando cavalgar se tornou perigoso.

Aric estava vendo a neve? Ela o fazia lembrar seu lar da infância, no norte? Eu não conseguia assimilar direito que jamais o veria novamente.

A cada minuto, um floco de neve caía diretamente em um dos meus olhos, a ardência deixando minha visão turva. Pisquei para clareá-los, e um detalhe de um dos meus últimos encontros com Morte desabrochou em minha mente.

O seu olhar velado ao dizer, “Consegue compreender como é tocá-la depois de tanto tempo? Por esta benção, arriscaria a bala. Levarei o tiro.”

Piscada.

O modo que suas mãos tremeram quando ele tinha me abraçado, como se eu fosse a coisa mais delicada e preciosa no mundo inteiro. “...você precisa saber que tem meu amor. Ele é seu, sievã. Inteiramente confiado a você. Cuide dele.”

Piscada.

Seus murmúrios tarde da noite: “Tem tanto a respeito do jogo que poderia lhe ensinar. Tanto a respeito da vida que poderia me ensinar. Vamos começar, esposinha.”

Piscada. Piscada. Piscada. Minhas lágrimas se misturavam à neve cristalina...

O tempo passou, a paisagem ficou mais rochosa, mais frígida, veludo branco obscurecendo a trilha.

Passei pela entrada de uma mina abandonada, uma coisa que nunca era bem-vinda, e aumentei ainda mais a velocidade. Quanto tempo passei sem checar o rádio? Incitei a égua para subir um caminho mais íngreme. — Vai, vai! — No topo, pressionei o talk. — Jack? Por favor, me responda!

— Evie?... não consigo... você.

— Eu vou com você! — Desci pelo monte escorregadio, os cascos da égua deslizando no gelo. Esporeando o cavalo, subi mais alto. — Pode me ouvir?

Daquele ponto de vantagem, consegui ver o exército a uma longa distância! Eles tinham descido o vale. As luzes do comboio que andava devagar parecia um vagalume atravessando a noite repleta de neve. Mas, eu não vi uma trilha para baixo.

— Bébé? Onde você tá?

— Já vejo os caminhões do Azey! Estou na colina, vendo todo o vale!

— Está vindo atrás de mim, peekôn? — perguntou em voz rouca. — De verdade que escolheu o velho Jack aqui?

— Como se você fosse se livrar de mim assim tão fácil, Cajun. — Sorri como uma louca, convencida que tomei a decisão correta. — Nunca mais quero me separar de você.

Ouvi Selena ao fundo, dizendo, — Falei que ia dar certo, bobão. — Ela parecia estar revirando os olhos. Como sempre, ela estava ao seu lado, sempre o protegendo. — É melhor irmos pegá-la antes que quebre o pescoço idiota.

Era melhor eu me acostumar com a Arqueira, porque, aparentemente, ela viveria em Nova Acadiana comigo e Jack, Matthew e Vovó. — Eu consigo chegar sozinha aí. — Coloquei a mão em cima dos olhos, estreitando a vista por causa da neve. — Só me digam o melhor jeito de descer.

— Non, fique aí! — Jack disse rapidamente. — O caminho está cheio de gelo. Sei onde você tá; a gente vai atrás de você!

— Ok, vou ficar aqui. — Não conseguia parar de sorrir. Era por isso que lutávamos pela sobrevivência. Por amor.

Vincent tinha entendido tudo errado. Eu tinha entendido tudo errado. O amor não era a força mais destruidora do universo.

O universo é o amor. Esse era o sentido de tudo.

Entre inspirações, Jack disse, — Então, neve é assim, hã? — Ele nunca tinha visto neve.

Fiquei animada, e comecei a rir. Apertei o botão do rádio. — Não é incrível? Tudo parece tão limpo.

Acima do barulho dos cascos do seu cavalo, ele disse, — Ainda não acredito que você vem comigo. Vou te levar para casa, Evangeline Greene! — A alegria em sua voz fez o meu coração cantar. — Maldição, eu te amo, mulher.

Abri os lábios para finalmente falar aquelas três palavras...

— TREMAM DIANTE MIM.

Dei um pulo na sela. Chamado Arcano?

Pavor me perfurou. — Jack! — Gritei no rádio. — O Imperador está aqui! Precisa ir embora!

BOOM! BOOM!

Explosões, uma depois da outra, sacudiram o vale. Uma fração de segundo depois...

O chão branco ficou preto quando a terra do fundo no solo subiu. Uma explosão de calor.

Uma onda escaldante me atingiu, queimando meu rosto. Arremessou-me do cavalo. Eu rodei pelo ar. Caí nas costas do monte.

Mergulhei pelo despenhadeiro, apertando o rádio, gritando o nome de Jack.

Até onde ele tinha chegado? Uma pedra bateu na minha cabeça. Ele ficou fora do raio da explosão? O ar estava da cor de enxofre. Onde ele estava?

Caí de cara em uma pedra. Ossos se quebraram. O rádio se despedaçou. Tremores martelavam o chão.

Sangue jorrou da minha boca quando gritei, — Jack! — Lutei para me apoiar nas mãos e nos joelhos. Engatinhei pelo monte que tremia.

Minha visão estava borrada... não podia estar certa. Fumaça subia como uma nuvem no formato de um cogumelo, como se de uma bomba nuclear.

Ele tinha escapado? Berrei, — JACK!

Consegui subir até o topo. Levantei graças a pura determinação. Olhei para o vale.

Para o inferno.

Canais de lava brotavam do solo. Chamas tão quentes que consumiam rochas. Dos topos das montanhas, mais lava se derramava, enchendo o vale. Uma piscina fervente no lugar onde o exército estava.

Lutei com a compreensão de que Jack estava lá embaixo. — Não, NÃO! — Heras brotaram do chão, me seguindo enquanto corria para a tempestade de chamas. O calor me queimava mesmo à distância.

Pouco antes de alcançar uma cortina de fogo, um braço me agarrou pela cintura.

Morte estava atrás de mim? Ele veio atrás de mim?

Com a respiração entrecortada, Aric falou, — Não pode... salvar o mortal. O Imperador... avança. Iremos embora, agora.

— NÃO! Tenho que ir atrás de Jack! — Lutei, mas Aric me segurou contra o peito. Arranhei sua armadura, o metal escaldante. — Me deixa ir atrás dele! Me SOLTA! — Nada poderia me afastar de Jack. Minhas heras se fecharam em volta de Morte, tentando me libertar dos seus braços de aço.

— As chamas a matarão!

— Eu não ligo, não ligo! Você quer Jack morto! Quer que eu não o salve! Posso encontrá-lo.

Morte agarrou meus ombros, me sacudindo até minha cabeça balançar. Ele me virou na direção do vale. — Vê algum sinal de vida? Nenhum humano poderia sobreviver a isso!

— Nunca o subestime! Todo mundo faz isso e ele SEMPRE surpreende. Ele está vivo!

— Observe esta paisagem, Imperatriz! — O chão do vale estava coberto de lava, pelo menos uns dez metros de profundidade. Ondas de lava batiam nas montanhas. — Grave esta imagem. Onde procuraria por ele?

Eu não sabia, só sabia que queria estar com Jack. Enquanto Aric me arrastava para longe, minha luta com ele aumentava.

Os Arcanos gritavam.

— *O Imperador atacou.*

— *Eliminou a Arqueira.*

— *A Lua se põe. A Lua nasce... não mais.*

Aquela última voz era de Matthew.

— *MATTHEW, PRECISO DE VOCÊ! Onde Jack está?*

Silêncio.

— *ME RESPONDA!*

Selena cavalgava bem ao lado de Jack, lhe dando cobertura. Se ela estava morta...

— AHHHHHHHH! — gritei minha dor, minha fúria. A Terra tremeu outra vez, por minha causa.

— Dividirá o túmulo com ele!

— Perfeito! Me solta! — Morte continuou me levando para longe de Jack. Estiquei os braços, os dedos abertos na direção do calor. — Ele não pode estar morto. — Solucei. — Não pode. NÃO, NÃO, NÃÃÃO!

— Quer seguir o mortal? Vingue-se primeiro. O Imperador zomba de sua dor.

Podia ouvir aquele inimigo em minha mente, rindo.

A bruxa vermelha explodiu dentro de mim, uma força que nunca poderia ser contida. Berrei, — Você vai PAGAR!

Enquanto o Imperador ria e ria, Morte murmurou em meu ouvido, — Estou com sua avó, sievã. Era desse presente que falava. Nós a ensinaremos como matar o Imperador. Vingará Deveaux.

— Não entende? Jack não está MORTO! — Gritei isso várias vezes. — Ele está vivo!

Com a mente à beira de um colapso, vi algo no céu acima de nós. Meu queixo caiu em descrença.

Real? Irreal? Pouco antes de apagar, uma montanha de água se curvou acima das nossas cabeças, correndo na direção do inferno de chamas...

* * *